



Boas práticas de Internacionalização nas universidades afiliadas à ABRUEM

**Fábio Antonio Neia Martini
Fábio Henrique Rosa Senefonte
Orlando Maurício de Carvalho Berti
(Organizadores)**



Fábio Antonio Neia Martini
Fábio Henrique Rosa Senefonte
Orlando Maurício de Carvalho Berti

Boas práticas de Internacionalização nas universidades afiliadas à ABRUEM



EdUESPI



Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais

Diretoria da Abruem – Biênio 2024-2026

Cicília Raquel Maia Leite

(Presidente)

reitora Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Nara Lúcia Perondi Fortes

(Vice-presidente)

reitora Universidade de Taubaté

Conselho Deliberativo

Titulares

Leandro Campi Prearo (Universidade Municipal de São Caetano do Sul)

Marco Aurélio Ferreira Centro (Universitário das Faculdades Associadas de Ensino)

Vera Lucia da Rocha Maquêa (Universidade do Estado de Mato Grosso)

Suplentes

Célia Regina Diniz (Universidade Estadual da Paraíba)

Evandro Alberto de Sousa (Universidade Estadual do Piauí)

Clay Anderson Nunes Chagas (Universidade do Estado do Pará)

Conselho Fiscal

Titulares

Augusto de Rezende Campos (Universidade Estadual do Tocantins)

Walter Canales Sant'ana (Universidade Estadual do Maranhão)

Fábio Hernandes (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná)

Suplentes

Amali de Angelis Mussi (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Wagner de Paulo Santiago (Universidade Estadual de Montes Claros)

Julienne Rezende Cunha (Centro Universitário de Mineiros)

Câmara de Internacionalização e Mobilidade Acadêmica da ABRUEM

Presidência: Reitor Fábio Antonio Neia Martini – UENP
Secretaria: Prof. Fábio Henrique Rosa Senefonte – UENP

Integrantes:

Região Norte

UEA: Vanúbia A. Laulate Moncayo
UEPA: André Monteiro Diniz
UNITINS: Patrícia de Aquino Prudente

Região Sudeste

UEMG: Lígia Barros de Freitas
UNESP: José Celso Freire Junior
UNIMONTES: Claudia Luciana Tolentino Santos
UNITAU: Adriana Leônidas de Oliveira
Uni-FACEF: Melissa Franchini Cavalcanti Bando
UNIFAE: Thamiris Cirelli
UENF: Angela Pierre Vitória

Região Sul

UDESC: Julia Vieira Rodrigues
UEL: Viviane Aparecida Bagio Furtoso
UEM: Renato Leão Rego
UERGS: Luiz Gonzaga Lopes
UNESPAR: Marila Annibelli Vellozo
UNICENTRO: Cibele Krause Lemke
UNIOESTE: Rafael Mattiello
UERGS: Luiz Gonzaga Lopes
UNESPAR: Juliane D'Almas
UEPG: Mariza Tulio
UEPG: Sulany Silveira dos Santos

Região Nordeste

UECE: Francisco Edmar Pereira Neto
UEFS: Eneida Soanne Matos Campos de Oliveira
UEMA: Silas Nogueira de Melo
UEMA Sul: Elizabete Rocha de Souza Lima
UEPB: Claudio Simão de Lucena Neto
UERN: Pedro Adrião da Silva Júnior
UESPI: Orlando Mauricio de Carvalho Berti
UNCISAL: Felipe Lima Rebelo
UPE: Igor Lapsky da Costa Francisco
UNEAL: Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima
UNEB: Fernanda Warken Rosa Camelier
UNEB: Paula V. Soares de Freitas
URCA: Carlos K. N. Oliveira
URCA: Maria Daniely Freire Guerra
UVA: Cândice Helen Glenday

Região Centro-Oeste

UEMS: Rosenery Loureiro Lourenço
UNEMAT: Lucio José Dutra Lord
UNEMAT: Anderson M. do Amaral
UNIFIMES: Rodrigo Martins Ribeiro
UniRV: Ricardo Cruz Padilha



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Prof. Dr. Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Prof. Dr. Jesus Antônio de Carvalho Abreu
Vice-Reitor

Profa. Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Profa. Dra. Josiane Silva Araújo
Pró-Reitora Adjunta de Ensino de Graduação

Prof. Dr. Raurys Alencar de Oliveira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Profa. Dra. Fábria de Kássia Mendes Viana Buenos Aires
Pró-Reitora de Administração e Recursos Humanos

Profa. Msc. Rosineide Candeia de Araújo
Pró-Reitora Adjunta de Administração e Recursos Humanos

Prof. Msc. Lucídio Beserra Primo
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Profa. Msc. Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adjunta de Planejamento e Finanças

Profa. Dra. Ivoneide Pereira de Alencar
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto
Diretor da Editora da Universidade Estadual do Piauí – EdUESPI

Universidade Estadual do Piauí

Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina – PI • CEP: 64002-150

Todos os direitos reservados



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI



Rafael Tajra Fonteles
Themístocles de Sampaio Pereira Filho
Evandro Alberto de Sousa
Jesus Antônio de Carvalho Abreu

Governador do Estado
Vice-governador do Estado
Reitor da UESPI
Vice-reitor da UESPI

Conselho Editorial EdUESPI

Marcelo de Sousa Neto
Algemira de Macedo Mendes
Antonia Valtéria Melo Alvarenga
Antonio Luiz Martins Maia Filho
Fábio José Vieira
Hermógenes Almeida de Santana Jr.
Josélia de Carvalho Leão
Laécio Santos Cavalcante
Orlando Maurício de Carvalho Berti
Paula Guerra Tavares
Pedro Vilarinho Castelo Branco
Raimunda Maria da Cunha Ribeiro
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Orlando Maurício de Carvalho Berti
Fábio Henrique Rosa Senefonte
Orlando Maurício de Carvalho Berti
Impressão

Presidente
Universidade Estadual do Piauí
Academia de Ciências do Piauí
Universidade Estadual do Piauí
Universidade do Porto (Portugal)
Universidade Federal do Piauí
Universidade Estadual do Piauí
Academia Piauiense de Letras

Editor
Revisão
Capa/Diagramação
E-book

M386b Martini, Fábio Antônio Neia.

Boas práticas de internacionalização nas universidades
afiliadas à ABRUEM . - Teresina: FUESPI, 2025.
307p. : il.

ISBN Digital: 978-85-8320-271-4.

1. Internacionalização. 2. Relações Internacionais. 3.
Universidade. 4. Brasil. 5. ABRUEM. I. Senefonte, Fábio Henrique
Rosa . II. Berti, Orlando Mauricio de Carvalho . III. Título.

CDD 378

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
JOSÉ EDIMAR LOPES DE SOUSA JÚNIOR (Bibliotecário) CRB-3ª/1512

Editora da Universidade Estadual do Piauí – EdUESPI

UESPI (Campus PoetaTorquato Neto)

RuaJoão Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI

Todos os Direitos Reservados

Agradecimentos

- *À Abruem, seu corpo diretivo, de competentes reitoras e reitoras, e seu corpo administrativo (sempre muito empenhado em organizar essa múltipla e difusa instituição), por todos os apoios;*
- *À todos os membros da Câmara de Internacionalização e Mobilidade da Abruem, pelo apoio e avanço coletivo em debater e fazer acontecer a internacionalização e trazer casos que se tornam base para o conhecer, o vivenciar e o se inspirar;*
- *Ao reitor da UESPI, prof. Dr. Evandro Alberto de Sousa, pelo apoio de sempre e disponibilização da EdUESPI;*
- *Ao prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto, diretor da EdUESPI, pelo empenho e esmero em tornar essa obra mais que possível;*
- *À equipe da Coordenadoria de Relações Internacionais da Universidade Estadual do Norte do Paraná, em especial, à Manuela de Melo Bueno;*
- *A todas as autoras e a todos os autores deste livro que, em todos os momentos se esforçaram para trazer o melhor e tornar esse material atualizado, interessante e inspirador.*

SUMÁRIO

A INTERNACIONALIZAÇÃO NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS, MUNICIPAIS E COMUNITÁRIAS DO BRASIL E O PAPEL DA ABRUEM	11
1 – HUMANIZAÇÃO, RESPONSABILIDADE E ACOLHIMENTO NAS PRÁTICAS DE ACOMPANHAMENTO DOS ESTUDANTES DA MOBILIDADE INTERNACIONAL: UMA ANÁLISE DA UEFS	18
2 – A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E CASOS DE SUCESSO	29
3 – A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO PRÁTICA INSTITUCIONAL: A EXPERIÊNCIA DA UEMG NO PROGRAMA PILA (2023–2025)	40
4 – A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UEMG) COM OS RECURSOS DO EDITAL INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA FAPEMIG	53
5 – DESAFIOS E REFLEXÕES DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ	64
6 – A RELEVÂNCIA DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO E DE MOBILIDADE ACADÊMICA	74

7 – ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ	87
8 – EXPERIÊNCIA DE UMA INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA COM O SUL GLOBAL: UEMA E UST COMPARTILHANDO SABERES	95
9 – A INTERNACIONALIZAÇÃO NA ABRUEM: POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DAS AFILIADAS	103
10 – INOVAÇÃO EM INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA: EXPLORANDO A PERCEPÇÃO DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS NA ESFERA ESTADUAL E FEDERAL	116
11 – INITIATIVES TOWARDS INTERNATIONALIZING THE MUNICIPALITIES OF THE STATE OF AMAZONAS: A CASE STUDY IN MANACAPURU FOCUSING ON THE SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS (SDGS)	125
12 – REPERCUSSÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE DOIS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ	137
13 – ENGAGING TECHNICAL-ADMINISTRATIVE STAFF IN INCLUSIVE AND COMPREHENSIVE INTERNATIONALIZATION: A CASE STUDY FROM UEM	146
14 – CURRICULUM INTERNATIONALIZATION IN GRADUATE PROGRAMS AND ITS IMPACT ON UNDERGRADUATE EDUCATION – AN EXPERIENCE AT THE STATE UNIVERSITY OF MARINGÁ	153

15 – REFLEJO DE LAS ACCIONES ESTRATÉGICAS DE LA UEM CON UNIVERSIDADES LATINOAMERICANAS	160
16 – CALL RADAR: IDENTIFICATION AND PROMOTION OF INTERNATIONALIZATION OPPORTUNITIES	170
17 – O PEC-PLE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ: UMA JORNADA DE CONQUISTAS E DESAFIOS NO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL (PLA)	179
18 – PROFILE OF UNIVERSITY STUDENTS INTERESTED IN OUTBOUND MOBILITY	189
19 – INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA E INGLÊS COMO MEIO DE INSTRUÇÃO NO PARANÁ FALA INGLÊS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ	197
20 – AÇÕES DO CENTRO DE ESCRITA ACADÊMICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA: ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	204
21 – TECNOLOGIAS DIGITAIS E INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: CAMINHOS POSSÍVEIS	214
22 – EVENTOS ACADÊMICOS COMO ESTRATÉGIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM INTEGRADA AOS ODS	225
23 – EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL: CAMINHOS, AÇÕES E RESULTADOS DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UERN	237
24 – PROMOÇÃO CULTURAL E INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNEAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	248

25 – A COOPERAÇÃO UNEMAT-SUSE E O AVANÇO DA INTERNACIONALIZAÇÃO SUL-SUL NO ENSINO SUPERIOR	257
26 – O NÚCLEO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DE MATO GROSSO (NURIMAT) COMO CATALISADOR DA INTERNACIONALIZAÇÃO EM UM CONTEXTO AGROEXPORTADOR	266
27 – EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE UMA ESPECIALIZAÇÃO INTERNACIONAL ENTRE BRASIL, ANGOLA, ARGENTINA E MOÇAMBIQUE PELAS LENTES DA UNESPAR	275
28 – COOPERAÇÃO INTERNACIONAL NA AMAZÔNIA: VIVÊNCIAS ESTUDANTIS NO PROJETO GLOBAL TEAMS INTEGRAMAZ	285
29 – MEDIAÇÕES EM LÍNGUA INGLESA: UMA ESTRATÉGIA MULTIFATORIAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA	293
LISTA DE AUTORES E CONTATOS	302

A INTERNACIONALIZAÇÃO NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS, MUNICIPAIS E COMUNITÁRIAS DO BRASIL E O PAPEL DA ABRUEM

Fábio Antonio Neia Martini¹

Fábio Henrique Rosa Senefonte²

Orlando Maurício de Carvalho Berti³

Desde 1991, a Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (ABRUEM), como um forte sistema de ensino superior, tem alavancado importantes discussões relacionadas a inúmeras demandas da educação superior brasileira frente aos desafios contemporâneos tanto a nível regional como global. Ao longo do tempo, a Associação foi se consolidando significativamente de modo que, atualmente, ocupa um protagonismo expressivo em seu segmento não somente no Brasil, mas internacionalmente.

No contexto brasileiro, a capilaridade da ABRUEM compreende uma representação em 20 estados brasileiros, 46 instituições de ensino superior afiliadas, agregando mais de 40 mil professores, 700 mil alunos e, aproximadamente,

¹ Reitor da UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná e Presidente da Câmara de Internacionalização e Mobilidade da Abruem.

² Coordenador de Relações Internacionais da UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná e Secretário da Câmara de Internacionalização e Mobilidade da Abruem.

³ Coordenador de Relações Internacionais da UESPI – Universidade Estadual do Piauí e membro da Câmara de Internacionalização e Mobilidade da Abruem.

2044 cursos de graduação, 1756 cursos de pós-graduação e 100 hospitais universitários.

Insta pontuar que essa robusta estrutura da associação está intimamente relacionada ao desenvolvimento contínuo das atividades das câmaras temáticas, unidades que estruturam a ABRUEM e que são formadas a partir de eixos temáticos pilares na educação superior, isto é: graduação, pós-graduação, pesquisa, extensão, educação a distância, tecnologias, assuntos estudantis, políticas afirmativas, internacionalização, saúde, hospitais de ensino, gestão, governança e legislação.

Nessa seara, destacamos a Câmara de Internacionalização e Mobilidade, que fomenta discussões balizadoras de diversas ações de internacionalização em cada instituição afiliada, compreendendo tópicos como mobilidade acadêmica nacional e internacional, convênios, projetos, estruturação de setores de relações internacionais, curricularização internacional, captação de recursos e diversas outras políticas. Esta obra, portanto, é fruto dessas atividades desenvolvidas e ilustra como cada instituição membro da ABRUEM se articula no sentido de fortalecer seus processos de internacionalização.

Destaca-se que, apesar da heterogeneidade de perfil das instituições afiliadas, cada uma tem casos de práticas exitosas de internacionalização do ensino superior, aplicadas aos seus contextos, e que serão compartilhadas na obra. Tais práticas abrangem diferentes eixos, como a mobilidade acadêmica (programas, acompanhamento, avaliação etc.), retratada nos capítulos: “*A Internacionalização como Prática Institucional: a experiência da UEMG no Programa Pila (2023–2025)*” (de Daniel Robson Mendes e Lígia Barros de Freitas), “*Humanização, Responsabilidade e Acolhimento nas*

Práticas de Acompanhamento dos Estudantes da Mobilidade Internacional: uma análise da UEFS” (de Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa, Rita Castro, Eneida Soanne Matos Campos de Oliveira e Sidney Pereira dos Santos) e *“Profile of University Students Interested in Outbound Mobility”* (de Mayckel da Silva Barreto, Lilian Fittipaldi Gardin Berdu, Fabiano Burgo e Márcia Marcondes Altimari Samed).

Ainda nesse escopo, aponta-se redes de parcerias interinstitucionais para atividades diversas como ensino, pesquisa e extensão. Nesse contexto, acrescentam-se também práticas integradas de internacionalização, como por exemplo, internacionalização interna e externa. Esse Domínio é relatado nos capítulos: *“Experiência de uma Internacionalização Acadêmica com o Sul Global – UEMA e UST: compartilhando saberes”* (de Stefanie Zerba Monteiro, Ana Carolina Lima e Silas Nogueira de Melo), *“Reflejo de las Acciones Estratégicas de la UEM con Universidades Latinoamericanas”* (de Fabiano Burgo, Luana Cristina de Oliveira Santos, Harumy Mariá Aono da Silva e Leticia Ayumi Hashimoto), *“Repercussões de Internacionalização de Dois Programas de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará”* (de José Airton de Freitas Pontes Junior, Antonio Rodrigues Ferreira Júnior e Francisco Edmar Pereira Neto), *“A Construção do Processo de Internacionalização da Universidade de Taubaté: experiências, desafios e casos de sucesso”* (de Adriana Leonidas de Oliveira, Gilberto Fisch, Monica Franchi Carniello e Letícia Maria Pinto da Costa), *“Initiatives Towards Internationalizing the Municipalities of the State of Amazonas: a case study in Manacapuru focusing on the Sustainable Development Goals (SDGS)”* (de Vanúbia Araújo Laulate Moncayo, André Luis Nunes Zogahib, Kátia

do Nascimento Couceiro e Valentina Cristine Sampaio Carvalho), *“Experiência de Criação de uma Especialização Internacional entre Brasil, Angola, Argentina e Moçambique pelas Lentes da Unespar”* (de Áurea de Andrade Vieira De Andrade, Juliane D’Almas e Marila Annibelli Vellozo), *“A Cooperação UNEMAT-SUSE e o Avanço da Internacionalização Sul-Sul no Ensino Superior”* (de Anderson Marques do Amaral, Lúcio José Dutra Lord, Mariza Pereira da Silva e Dan Xu), *“O Núcleo de Relações Internacionais de Mato Grosso (NURIMAT) como Catalisador da Internacionalização em um Contexto Agroexportador”* (de Anderson Marques do Amaral, Jofran Luiz de Oliveira, Rita de Cássia Oliveira Chiletto e Karina Marcondes Colet), *“Cooperação Internacional na Amazônia: vivências estudantis no projeto Global Teams Integramaz”* (de Fabrinny Pereira Machado, Lívia Zanholo Santos, Myllena de Souza Medrado e Patricia de Aquino) e *“Desafios e Reflexões da Internacionalização Na UESPI – Universidade Estadual Do Piauí”* (de Adriana Reis Monteiro de Oliveira, Francisca das Chagas da Silva, Marco Antônio Silva Almeida e Orlando Maurício de Carvalho Berti).

Inclui-se também o tema de Internacionalização em Casa, por meio de práticas como mobilidade virtual, cursos de idiomas (incluindo docentes, gestores e agentes), testes de proficiência, traduções, currículo internacional, projetos transdisciplinares e outras. É o foco dos capítulos: *“Inovação em Internacionalização em Casa: explorando a percepção de universidades públicas na esfera estadual e federal”* (de Valeska Virgínia Soares Souza e José Celso Freire Junior), *“Engaging Technical-Administrative Staff in Inclusive and Comprehensive Internationalization: a case study from UEM”* (de Renato Leão Rego, Marcio Pascoal Cassandre, Bruno Montanari Razza e Mayckel da Silva

Barreto), *“Curriculum Internationalization in Graduate Programs and its Impact on Undergraduate Education – an experience at the State University of Maringá”* (de Fabiana Andrade Machado, Renato Leão Rego, Márcia Marcondes Altamari Samed e Marcio Pascoal Cassandre), *“O PEC-PLE na Universidade Estadual de Maringá: uma jornada de conquistas e desafios no Português como língua adicional (PLA)”* (de Luana Cristina de Oliveira Santos, Janaina Viana Norat Porta, Lowhaynne Holmem Tuiller Estevam e Neiva Maria Jung), *“A Relevância das Línguas Estrangeiras no Processo de Internacionalização e de Mobilidade Acadêmica”* (de Anelise Copetti Dalla Corte e Cibele Krause Lemke), *“Internacionalização em Casa e Inglês como Meio de Instrução no Paraná Fala Inglês da Universidade Estadual de Maringá”* (de Aline Priscilla Brancalhão Züge, Luciana Cabrini Simões Calvo e Ramon Alves Lima), *“Ações do Centro de Escrita Acadêmica da Universidade Estadual de Ponta Grossa: estratégias para a internacionalização da produção científica”* (de Sulany Silveira dos Santos, Isabel Cristina Vollet Marson e Mariza Tulio), *“Promoção Cultural e Internacionalização na UNEAL: relato de experiência”* (de Aldemir Barros da Silva Júnior, Érica Thereza Farias Abrêu, Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima e Taline Cristina da Silva) e *“Mediações em Língua Inglesa: uma estratégia multifatorial de internacionalização em Casa”* (de Fabrinny Pereira Machado, Lívia Zanholo Santos, Myllena de Souza Medrado e Patricia de Aquino).

Outro eixo abordado envolve a captação de recursos, via agências de fomento, como no caso do capítulo *“A Internacionalização da Pós-Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) com os Recursos do Edital Institucional de Internacionalização da*

FAPEMIG” (de Lígia Barros de Freitas e Vanesca Korasaki).

A participação e/ou organização de eventos estratégicos também foi um tópico ilustrado como ação potencializadora do processo de internacionalização, como mostram os dois capítulos: “*Ensino, Pesquisa, Extensão e Internacionalização: uma experiência de integração na Universidade Estadual do Norte do Paraná*” (de Fábio Henrique Rosa Senefonte) e “*Eventos Acadêmicos como estratégia de Internacionalização: uma abordagem integrada aos ODS*” (de Jorge Luis Queiroz Carvalho, Pedro Adrião da Silva Júnior, Keyla Maria Frota Lemos e Ketúcia Mirlene Duarte de Lima).

Boas práticas de internacionalização também envolveram ações de divulgação, como ilustrado em “*Call Radar: identification and promotion of internationalization opportunities*” (de Bruno Montanari Razza, Mayckel da Silva Barreto, Fabiano Burgo e Fabiana Andrade Machado).

Por fim, a questão em torno de políticas de internacionalização, de forma mais ampla, foi explorada nos capítulos “*A internacionalização na ABRUEM: Políticas Institucionais das Afiliadas*” (de Rosenery Loureiro Lourenço, Cibele Krause Lemke, Fábio Henrique Rosa Senefonte e Viviane Bagio Furtoso), “*Tecnologias Digitais e Internacionalização no Ensino Superior: caminhos possíveis*” (de Pedro Adrião da Silva Júnior, Jorge Luis Queiroz Carvalho, Keyla Maria Frota Lemos e Zaíra Nakala da Silva Câmara) e “*Educação para a Cidadania Global: caminhos, ações e resultados da política de internacionalização da UERN*” (de Pedro Adrião da Silva Júnior e Jorge Luis Queiroz Carvalho).

Dessa forma, esperamos que a obra ofereça uma imersão ímpar ao leitor, por ilustrar, por diferentes vieses,

tantos casos de sucesso no âmbito da internacionalização, por instituições municipais e estaduais presentes em todas as regiões brasileiras. Trata-se de um retrato que, ao mesmo tempo em que é heterogêneo pelas particularidades de cada contexto, demonstra uma causa compartilhada por todos, isto é, o compromisso de seus agentes em promover uma instituição cada vez mais internacionalizada e com um forte anseio de transformação social.

1 – HUMANIZAÇÃO, RESPONSABILIDADE E ACOLHIMENTO NAS PRÁTICAS DE ACOMPANHAMENTO DOS ESTUDANTES DA MOBILIDADE INTERNACIONAL: UMA ANÁLISE DA UEFS

Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa⁴
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana (BA)

Rita Castro⁵
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana (BA)

Eneida Soanne Matos Campos de Oliveira⁶
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana (BA)

Sidney Pereira dos Santos⁷
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana (BA)

Introdução

A internacionalização do ensino superior é uma temática crescente em universidades brasileiras e a mobilidade acadêmica é um de seus principais instrumentos. Na Universidade Estadual de Feira de

⁴ Analista Universitário e Professora Assistente do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professora Permanente do Programa de Doutorado em Difusão do Conhecimento – PPGDC. **E-mail:** karla@uefs.br

⁵ Coordenadora de Pesquisa da Assessoria Especial de Relações Institucionais da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Professora Permanente do Programa de Doutorado em Difusão do Conhecimento – PPGDC. **E-mail:** ritacastro@uefs.br

⁶ Assessora Especial de Relações Institucionais da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). **E-mail:** soanne@uefs.br

⁷ Coordenador de Mobilidade Out da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). **E-mail:** spsantos1@uefs.br

Santana (UEFS), o interesse de estudantes por experiências acadêmicas internacionais tem aumentado, o que exige da instituição uma postura ativa no que diz respeito à preparação e o acompanhamento dos discentes. Mais do que enviar estudantes para o exterior, é necessário criar condições humanas e institucionais para que essa vivência seja segura, enriquecedora e transformadora.

A mobilidade acadêmica internacional é uma estratégia fundamental na internacionalização do ensino superior, proporcionando aos estudantes oportunidades de enriquecimento acadêmico, cultural, pessoal e profissional (Barbosa, 2024). No entanto, para que essa experiência seja efetivamente enriquecedora, é imprescindível que as universidades de origem implementem práticas de acompanhamento contínuo e estruturado dos estudantes durante todo o processo de mobilidade.

A Assessoria Especial de Relações Institucionais (AERI) desenvolve atividades no sentido de orientar os estudantes acerca dos desafios que enfrentarão durante o intercâmbio, além de também fornecer informações atualizadas sobre pagamento de bolsas, critérios de seleção da instituição anfitriã, reconhecimento de créditos através do aproveitamento de estudos, orientações sobre a obtenção de visto.

Neste trabalho, adotou-se uma abordagem de pesquisa qualitativa e reflexiva. Foram coletados dados através da análise de relatórios entregues pelos estudantes após o intercâmbio, ao mesmo tempo que foram observados os registros realizados pelos estudantes através do e-mail institucional da AERI.

Esses materiais ofereceram uma compreensão das práticas de acompanhamento realizadas pela equipe da AERI.

Internacionalização, mobilidade e acompanhamento de estudantes

A internacionalização da educação superior tornou-se uma prioridade estratégica para universidades. Tem se fortalecido na vida acadêmica, oportunizando o atendimento da necessidade de formação de um perfil profissional preparado para atuar em cenários de rápidas transformações, que exigem pensamento crítico e plural (Barbosa, 2023).

Neste sentido, Barreto (2022), Santos (2023) e Pereira (2024) analisaram o acompanhamento antes, durante e após a experiência de mobilidade das IES do Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil conveniadas à FAUBAI e reforçaram a relevância da sistematização do acompanhamento dos estudantes e a necessidade de incluir dimensões psicoculturais, além dos aspectos administrativos e logísticos, no planejamento das ações voltadas à mobilidade internacional.

Entende-se que a preparação detalhada de um plano de estudos antes do período de mobilidade, formalizado no acordo de estudos com aprovação do Colegiado do Curso e o reconhecimento de créditos após a conclusão de um período de mobilidade são alguns dos principais desafios que as universidades enfrentam. Do mesmo modo, é possível observar que muitos dos documentos e formulários exigidos pelas instituições de acolhimento no exterior são novos e, para os estudantes, difíceis de entender no início.

Para superar essas dificuldades, a AERI realiza uma reunião de orientação com estudantes aprovados na fase de encaminhamento das candidaturas para a mobilidade acadêmica internacional. É necessário um engajamento intenso e elevado da equipe da Assessoria para orientar

quanto a documentação necessária, conferir a documentação e dar seguimento para análise dos Colegiados de Curso. Há muita ansiedade e dúvidas dos estudantes nesta fase.

Além disso, a estreita parceria entre os Colegiados de Cursos e a AERI é um aspecto crucial para garantir a consolidação do programa de intercâmbio, desenvolvendo novas oportunidades, parcerias e projetos.

Deste modo, algumas das melhores práticas realizadas pela AERI podem ser resumidas nos seguintes pontos:

- I) Preparação antes do Intercâmbio – O acompanhamento inicia-se antes da partida do estudante. A UEFS oferece orientações que incluem informações sobre a cultura e o sistema educacional do país anfitrião, além de testes de proficiência, se necessário;
- II) Acompanhamento durante a mobilidade – Durante o período de intercâmbio, é essencial que a universidade de origem mantenha canais de comunicação abertos com os estudantes. Esta ação é realizada por meio de contatos por e-mail e rede social. A UEFS através da AERI acompanha o estudante durante sua estadia, garantindo suporte acadêmico e administrativo;
- III) Período pós-mobilidade – Após o retorno, a AERI promove processos de reintegração que permitam aos estudantes compartilhar suas experiências e integrar os conhecimentos adquiridos ao currículo acadêmico, a exemplo da promoção dos eventos: Rodas de Conversa, AERI *Mundus* e Workshop Internacionalização Universitária.

A Humanização como pilar do apoio acadêmico

A mobilidade acadêmica internacional tem crescido significativamente nas últimas décadas. No entanto, essa experiência vai muito além da simples transição geográfica. Envolve desafios emocionais, sociais e culturais que exigem um olhar sensível por parte das instituições de ensino. Nesse contexto, a humanização do apoio acadêmico torna-se um pilar fundamental para garantir que a experiência internacional seja não apenas produtiva, mas também acolhedora e transformadora. A humanização significa reconhecer que cada estudante carrega uma história única, marcada por contextos socioculturais diversos.

A leitura dos relatórios possibilitou observar que, ao se deslocar para outro país, o estudante enfrenta um processo de adaptação que pode ser marcado por sentimentos de solidão, insegurança e choque cultural. A presença de uma rede de apoio humanizada — que valorize o bem-estar emocional, respeite as diferenças e promova o diálogo — é essencial para amenizar esses impactos. O apoio acadêmico não deve se limitar à orientação curricular e burocrática, mas deve também acolher a pessoa em sua totalidade, considerando suas vulnerabilidades, expectativas e necessidades subjetivas.

Responsabilidade institucional e o acolhimento como prática inclusiva

Assumir a responsabilidade pelo sucesso da mobilidade acadêmica significa também criar uma rede de suporte estruturada e responsável. A universidade deve atuar não apenas como mediadora de convênios, mas como agente garantidor de condições adequadas para que os estudantes realizem suas atividades no exterior com

segurança e dignidade. Do mesmo modo, o papel do engajamento entre os atores institucionais para o desenvolvimento da internacionalização encontra suporte na literatura especializada em gestão do ensino superior, especialmente no que se refere à teoria do *stakeholder*.

Sobre isto, cumpre destacar as definições de Castro (2015; 2015a) de internacionalização do ensino superior e as conclusões de sua pesquisa de doutorado, e de *stakeholder* para este contexto:

pessoa singular ou grupo que interessa e tem interesse económico, e/ou social, e/ou político nos propósitos, nas estratégias e benefícios das IES e, por conseguinte, tem capacidade de influenciar e ser influenciado por estes aspetos (Castro, 2015, p. 177).

processo de integração de uma dimensão internacional e intercultural em todos os serviços e propósitos do ensino superior, que considera as motivações, estratégias e benefícios pretendidos, assim como as perspectivas dos contextos inerentes, e as expectativas e a influência dos diferentes *stakeholders* envolvido (Castro, 2015, p. 177).

Por sua vez, o acolhimento vai além do primeiro contato; trata-se de criar um ambiente contínuo de pertencimento e inclusão. Estudantes que participam da mobilidade internacional muitas vezes relatam sentimentos de solidão e deslocamento, o que pode comprometer sua saúde mental e seu rendimento. Nesse sentido, é papel da UEFS criar espaços de escuta, promover encontros de partilha entre ex-intercambistas e aqueles que estão se preparando para viajar, além de desenvolver materiais de orientação com linguagem acessível e sensível às diversidades socioeconômicas e culturais dos discentes.

Propostas para o fortalecimento das práticas de acompanhamento

O fortalecimento das práticas de acompanhamento da mobilidade acadêmica permite que o estudante seja apoiado de maneira contínua, minimizando desafios, facilitando a adaptação e valorizando o processo de reintegração.

Acompanhamento antes da mobilidade

Nesta fase, o foco está em preparar o estudante para os desafios da experiência internacional, considerando aspectos acadêmicos, culturais e emocionais. As propostas incluem:

- Orientações prévias detalhadas: orientações e informações sobre o país de destino, cultura local, sistema acadêmico, formulários e documentos para candidatura, aspectos burocráticos, como vistos e seguros;
- Capacitação linguística: disponibilização de cursos para aprimorar a comunicação na língua do país anfitrião. O Núcleo de Línguas do Idiomas sem Fronteiras na UEFS oferece diversos serviços à comunidade universitária, como cursos gratuitos de línguas em Inglês, Francês, Espanhol e Português como Língua Estrangeira. Os serviços prestados pelo NuLi-IsF/UEFS são para a comunidade universitária em geral, graduandos, pós-graduandos, servidores e terceirizados da Universidade Estadual de Feira de Santana e refugiados;
- Aconselhamento psicológico e acadêmico: identificação e avaliação das expectativas dos estudantes, preparação para possíveis desafios pessoais, emocionais e acadêmicos. A Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE) da UEFS dispõe do Núcleo de Apoio Psicossocial e Pedagógico (NAPP) que, dentre

várias atribuições, objetiva auxiliar o estudante com dificuldade de aprendizagem, prestando-lhe apoio social, psicológico, psicopedagógico e/ou pedagógico;

- Planejamento acadêmico: garantia da compatibilidade dos componentes que serão cursados na IES de acolhimento e aproveitamento curricular após período da mobilidade. Neste item a parceria da AERI com os Coordenadores de Cursos é essencial para a orientação dos estudantes quanto a escolha dos componentes curriculares e seu posterior aproveitamento.

Acompanhamento durante a mobilidade

O acompanhamento durante o intercâmbio visa garantir suporte e especial atenção ao bem-estar do estudante. Essas ações são essenciais para que o estudante se sinta acolhido durante a mobilidade internacional. Desta forma, compreende como principais estratégias:

- Comunicação direta com a instituição de origem: oportunizar o diálogo para apoio nas mais diversas situações;
- Apoio psicossocial: disponibilização de atendimento psicológico remoto ou parcerias com serviços da instituição de acolhimento;
- Monitoramento: reuniões remotas com os estudantes para acompanhamento do desempenho e dificuldades;
- Promoção de redes de apoio: criação de grupos para troca de experiências e apoio mútuo.

Acompanhamento após a mobilidade

O acompanhamento de estudantes após a mobilidade fortalece o aproveitamento e o impacto da

mobilidade na trajetória do estudante; pois, ao retornar, o estudante enfrenta o desafio da reintegração acadêmica e social, sendo importante que a instituição continue o suporte:

- Sessões de acolhimento, escuta e incentivo à divulgação das experiências: espaços para compartilhamento das vivências e identificação de necessidades. Através de eventos e seminários, a UEFS promove contatos e interações de ex-intercambistas com a comunidade acadêmica;
- Validação curricular: processos ágeis e transparentes para o aproveitamento de estudos.

Barbosa (2024) enfatiza que práticas integradas e contínuas são essenciais para que a mobilidade transcenda a dimensão acadêmica e contribua para o desenvolvimento humano global dos estudantes. Desta maneira, o fortalecimento das práticas de acompanhamento dos estudantes de mobilidade acadêmica internacional deve ser uma prioridade das instituições de ensino superior.

Considerações Finais

As práticas de acompanhamento da mobilidade internacional na UEFS devem se ancorar em valores humanos, éticos e inclusivos. Ao adotar políticas que priorizem a humanização, a responsabilidade institucional e o acolhimento, a universidade não apenas cumpre seu papel acadêmico, mas também fortalece sua missão social e formativa. Assim, a mobilidade internacional deixa de ser um privilégio e se torna uma oportunidade concreta de crescimento pessoal e coletivo, enraizada em princípios de equidade e cuidado.

A mobilidade internacional é uma experiência potente e transformadora, mas que também pode acentuar

desigualdades e vulnerabilidades se não for acompanhada de políticas institucionais adequadas. Ao colocar a humanização, a responsabilidade institucional e o acolhimento no centro do processo, a UEFS fortalece seu papel social e contribui para formar cidadãos globalmente conscientes e eticamente comprometidos.

Referências

BARBOSA, K.M.L.F.B. **Entre experiências e saberes: transições de estudantes em mobilidade acadêmica.** Feira de Santana: EdUEFS, 2024.

BARBOSA, K.M.L.F.B. **Novos itinerários, horizontes e fronteiras: as transições desenvolvimentais de estudantes em mobilidade acadêmica internacional.** 2023, 176 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2023.

BARRETO, L.M.P. **Boas práticas de mobilidade estudantil internacional: perspectivas das IES do nordeste brasileiro.** 2022, 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras com Inglês) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.

CASTRO, R.C.S. **A importância e a influência Dos Stakeholders para a internacionalização do Ensino Superior: contribuições para a formação do contabilista.** 2015, 265 f. Tese (Doutorado em Contabilidade). Universidade de Aveiro, Portugal, 2015.

CASTRO, R.; ROSA, M. J.; PINHO, C. A model for stakeholders' influence on internationalization: a contribution from the Portuguese, Brazilian, and Dutch cases. **Journal of studies in international education**, v. 19, n. 2, p. 160- 181, 2015.

PEREIRA, L. S. Boas práticas de acompanhamento da mobilidade estudantil internacional: perspectivas das IES do sul brasileiro. 2024, 61 f. **Trabalho de Conclusão de Curso**. (Licenciatura em Letras com Inglês) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

SANTOS, J.B.B. Boas práticas de acompanhamento da mobilidade estudantil internacional: perspectivas das IES do sudeste brasileiro. 2023, 57 f. **Trabalho de Conclusão de Curso**. (Licenciatura em Letras com Inglês) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

2 – A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E CASOS DE SUCESSO

Adriana Leonidas de Oliveira⁸
UNITAU – Universidade de Taubaté (SP)

Gilberto Fisch⁹
UNITAU – Universidade de Taubaté (SP)

Monica Franchi Carniello¹⁰
UNITAU – Universidade de Taubaté (SP)

Letícia Maria Pinto da Costa¹¹
UNITAU – Universidade de Taubaté (SP)

⁸ Psicóloga (UNITAU, 1992). Mestre (PUC-SP, 2000) e Doutora em Psicologia (PUC-SP, 2005). Pós-Doutorado em Administração de Empresas (EAESP – FGV, 2015). Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNITAU. Coordenadora do Escritório de Relações Internacionais da UNITAU. **E-mail:** adriana.loliveira@unitau.br

⁹ Meteorologista (USP, 1981). Professor Titular da UNITAU. Doutor em Meteorologia pelo INPE (1995). Pesquisador Produtividade do CNPq. Assessor científico do CNPq, CAPES e FAPESP. Professor dos Programas de Pós-Graduação do INPE, ITA e UNITAU. **E-mail:** gilberto.fisch@unitau.br

¹⁰ Graduada em Comunicação Social (PUC-Campinas, 1993), Mestrado em Comunicação e Letras (Universidade Mackenzie, 2000) e Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC-SP, 2005). Pós-doutorado pela Universidade Metodista (2010) e Pós-doutorado pela Universidade do Minho – Portugal (2015). Professora titular da UNITAU. Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação da UNITAU. **E-mail:** monica.carniello@unitau.br

¹¹ Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (1996) e Publicidade & Propaganda (1994) pela UNITAU. Mestre (2002) e Doutora (2007) em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora e atualmente Pró-reitora de Extensão da UNITAU. **E-mail:** leticia@unitau.br

Introdução

A Universidade de Taubaté (UNITAU), ao longo de sua história, tem buscado consolidar-se como uma Instituição de Ensino Superior (IES) comprometida com o desenvolvimento acadêmico, com a formação cidadã e com a transformação social, que estabelece as relações entre global e local em suas práticas acadêmicas. É uma autarquia pública municipal, que possui cursos de graduação e programas de pós-graduação *stricto sensu* nas três grandes áreas. Neste sentido, este texto irá descrever um pouco da história das atividades que a UNITAU tem realizado para alcançar este objetivo principal. O texto será dividido em uma linha do tempo cronológica da criação das ações de internacionalização com o Escritório de Relações Internacionais- ERI e de exemplos de casos de sucessos realizados desde a sua criação.

A história do Escritório de Relações Internacionais da Unitau

A percepção da necessidade de criação do Escritório de Relações Internacionais (ERI) da UNITAU surgiu no início de 2020, durante a participação da universidade em um evento realizado em Londres, no Reino Unido.

Entre os dias 27 e 29 de janeiro, o *British Council*, em parceria com a Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), promoveu um Simpósio Internacional de Educação Superior, reunindo delegações de instituições brasileiras com o objetivo de discutir estratégias de internacionalização. A UNITAU foi uma das universidades convidadas a participar e, a partir dessa experiência, iniciou-se um movimento mais estruturado e estratégico em torno da internacionalização institucional.

Até então, as iniciativas de internacionalização eram conduzidas por iniciativa das unidades administrativas envolvidas de forma isolada. Os programas de pós-graduação mantinham suas relações acadêmicas entre pesquisadores e entres instituições e conduziam, pontualmente, os trâmites administrativos, além das atividades acadêmicas, como coautorias e participação em eventos científicos. As Pró-reitorias conduziram a adesão ao programa Ciência sem Fronteiras, um programa do Governo Federal (Brasil, 2022) iniciado em 2011 e encerrado em 2016. Com a intensificação das oportunidades de internacionalização, a formalização do ERI mostrou-se como uma maneira de fortalecer e criar uma unidade de planejamento de internacionalização.

Após o retorno da missão internacional em Londres, ainda em fevereiro de 2020, tiveram início as discussões internas para a formalização do ERI. No entanto, com o avanço da pandemia de COVID-19 a partir de março do mesmo ano, o processo precisou ser adiado. A efetiva criação do Escritório só pôde ser concretizada ao longo do ano de 2021, marcando um passo importante no processo de internacionalização da UNITAU.

O Escritório de Relações Internacionais – ERI da Universidade de Taubaté (UNITAU) foi criado pela Deliberação CONSUNI no. 148/2021 (Unitau, 2021) e tem por objetivo promover as relações da UNITAU com instituições de ensino e pesquisa estrangeiras.

São atribuições do ERI gerenciar acordos internacionais de cooperação acadêmica, científica e tecnológica, o que permite o avanço na formação de equipes conjuntas de pesquisa entre a Unitau e universidades estrangeiras. Além disso, é realizado pelo ERI o acompanhamento no processo de mobilidade

acadêmica de discentes e docentes para missões de estudo e pesquisa, com a possibilidade de aprofundamento nas diferentes áreas do conhecimento.

Desde então foram renovados e firmados novos Termos de Cooperação com universidades estrangeiras de diferentes países, com ênfase em instituições localizadas em países de língua portuguesa e espanhola, como Portugal, Espanha e México. Essas parcerias têm viabilizado a mobilidade internacional de discentes e docentes da UNITAU, além de fomentar a realização de atividades acadêmico-científicas em diferentes formatos, como pesquisas conjuntas, participação em congressos, publicações e outras iniciativas colaborativas.

Também, uma importante ação foi a inserção da UNITAU no Programa de Intercâmbio Acadêmico Latino-Americano, o PILA-Virtual.

O PILA-Virtual surgiu para promover o intercâmbio de alunos de graduação e pós-graduação em modo virtual e busca promover internacionalização do ensino superior e o fortalecimento dos laços de cooperação acadêmica entre Colômbia, México, Argentina, Nicarágua, Brasil, Cuba, Uruguai, Chile e Paraguai. Criado em 2020, devido às condições de restrição de circulação ocasionadas pela pandemia da COVID-19, sua rede de parcerias foi ampliada em 2021 e as universidades brasileiras, como a UNITAU e muitas outras, puderam integrar o programa por meio da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (ABRUEM).

Outro destaque foi a participação da UNITAU no Edital nº 26/2024 para selecionar bolsistas para o Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), com a seleção dos dois bolsistas dos Programas de Doutorado da UNITAU em 2024, tendo sido realizado

por Editais Públicos internos. Desde sua criação, o Escritório de Relações Internacionais tem atuado no sentido de aprimorar os processos de mobilidade internacional da UNITAU, com a revisão e atualização das Deliberações de Mobilidade Acadêmica, dar maior visibilidade internacional e estimular a cultura da internacionalização na universidade.

Em 2025 foi proposto o Plano Estratégico de Internacionalização (PEI), da Universidade de Taubaté, com o propósito de integrar a internacionalização como um dos pilares fundamentais do desenvolvimento da UNITAU, alinhando-se diretamente ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade. O objetivo geral do PEI é promover a internacionalização de forma estratégica e integrada, com vistas a fortalecer o ensino, a pesquisa, a extensão e a inovação na UNITAU, consolidando sua inserção em redes globais de conhecimento e impactando positivamente sua comunidade acadêmica e a sociedade. São objetivos específicos do PEI:

- (a)** Ampliar a cooperação acadêmica internacional em todas as áreas do conhecimento, priorizando parcerias que contribuam para o desenvolvimento sustentável e inovador;
- (b)** Promover oportunidades de mobilidade internacional para discentes e docentes, em ambos os sentidos (entrada e saída), favorecendo a troca de saberes, culturas e práticas inovadoras;
- (c)** Aumentar o número de atividades relacionadas à internacionalização associadas à pós-graduação *Stricto Sensu*;
- (d)** Expandir o número de pesquisas colaborativas internacionais, incentivando a publicação conjunta de discentes e docentes com pesquisadores estrangeiros em periódicos de alto impacto;

- (e) Incentivar a formação contínua de docentes e técnicos administrativos para atuar em contextos internacionais e multiculturais;
- (f) Buscar a participação em programas nacionais e internacionais de fomento à internacionalização;
- (g) Promover o aprimoramento das competências linguísticas da comunidade acadêmica, com foco em línguas estrangeiras voltadas à atuação em contextos internacionais.

Na próxima seção, serão apresentados três casos de sucesso, que ilustram de forma mais efetiva a atuação do ERI e do processo de construção da internacionalização na UNITAU.

Casos de sucesso

Parceria com a Manchester University do Reino Unido

Como desdobramento da viagem a Londres para participação no evento do British Council sobre Educação Superior, o Prof. Dr. Gilberto Fisch realizou uma visita técnica à *School of Earth, Atmospheric and Environmental Sciences* da Universidade de Manchester, na cidade de Manchester. Na ocasião, manteve reuniões produtivas com o Prof. Dr. Luiz Carreira-Garcia, com quem já havia estabelecido contato desde 2019, quando ambos participaram de um projeto conjunto submetido, em 2018, ao *Natural Environment Research Council* (NERC).

Embora o projeto não tenha sido aprovado na época, as novas conversas permitiram revisar e aprimorar sua proposta original, resultando em sua re-submissão e posterior aprovação pelo NERC, sob o título "*Convective-Scale Impacts of Deforestation on Amazonian Rainfall* –

CIDAR”. O objetivo principal do projeto é avaliar os impactos do desmatamento na Amazônia por meio de uma nova técnica de caracterização do vapor d’água, denominada Convective Permitting Model – CPM, aplicada a projeções futuras (cenário de 2030). Atualmente, o projeto encontra-se em fase final, com a elaboração dos relatórios técnicos e a organização de um workshop técnico que será realizado em Manchester, em setembro de 2025.

Paralelamente ao desenvolvimento do projeto CIDAR, o *British Council* lançou um edital no âmbito do programa STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*), voltado à promoção da participação feminina na ciência. Em razão dos vínculos já estabelecidos por meio do CIDAR, a Universidade de Manchester identificou a UNITAU como instituição parceira estratégica, tendo em vista sua destacada atuação no projeto “*Women in Science*” entre 2021 e 2024, sob coordenação da Profa. Dra. Miroslava Hamzagic.

Cooperação acadêmica Brasil – Portugal: experiência UNITAU e UNESP em colóquio internacional interdisciplinar

Entre os dias 30 de outubro e 1º de novembro de 2023, a Universidade de Taubaté (UNITAU), em parceria com a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), a Academia Portuguesa de História e a Fundação Toyota do Brasil, sediou três importantes eventos científicos de caráter internacional: o XVII Colóquio Internacional do Grupo Raízes Medievais do Brasil Moderno, o VI Colóquio Internacional do Grupo Escritos Sobre os Novos Mundos e o III Encontro do Projeto Águas da Mantiqueira, todos reunidos sob o tema central “Percepções da natureza no tempo”.

O evento contou com a presença de renomados professores e pesquisadores de instituições de ensino superior de Portugal e do Brasil, como a Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra, Universidade do Minho, Universidade de São Paulo (USP), UNESP (Franca) e a própria UNITAU. A Universidade de Taubaté foi representada pelo Prof. Dr. Paulo Fortes Neto.

O evento destacou-se por promover uma rica integração entre docentes da UNITAU de diferentes áreas do conhecimento – como Letras, História, Agronomia e Ciências Ambientais –, além de fortalecer os laços acadêmicos com instituições portuguesas e brasileiras, especialmente com a UNESP.

Conexões científicas Brasil-México

Entre os dias 8 e 10 de maio de 2025, a UNITAU promoveu a atividade de internacionalização “Taubaté, Puebla e Tlaxcala: Conexões Científicas Brasil-México”, com a participação de seis mestrados e dois doutores da BUAP (Benemérita Universidad Autónoma de Puebla), uma doutora da UPAEP (Universidad Popular Autónoma del Estado de Puebla) e um mestre da UATX (Universidad Autónoma de Tlaxcala).

Coordenado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, sob responsabilidade do Prof. Dr. Lourival da Cruz Galvão Junior, com apoio do Escritório de Relações Internacionais e da FAPETI – Fundação de Apoio à Pesquisa Tecnologia e Inovação, o evento teve como foco o intercâmbio acadêmico e científico entre Brasil e México.

A programação incluiu três rodas de conversa sobre: a pós-graduação no México e a internacionalização na América Latina; o percurso do fazer científico; e políticas públicas para ciência, tecnologia e educação no México.

A ação integrou docentes e estudantes da graduação e da pós-graduação da UNITAU, fortalecendo parcerias internacionais e ampliando oportunidades de cooperação científica. Como desdobramento, novos Termos de Cooperação entre as instituições envolvidas estão em fase final de formalização, reforçando os vínculos entre países latino-americanos com realidades educacionais semelhantes.

Considerações finais

As próximas ações de internacionalização da UNITAU estão sendo planejadas com foco na participação no futuro edital CAPES/Global – Programa Redes para Internacionalização Institucional (CAPES-Global.Edu), instituído pela Portaria CAPES nº 74, de 28 de março de 2025 (Brasil, 2025). O Escritório de Relações Internacionais está mobilizando esforços para integrar essa nova iniciativa por meio da construção de redes de colaboração com Instituições de Ensino Superior de outras regiões do Brasil, visando à formação de consórcios para submissão conjunta de propostas.

No segundo semestre de 2025, a UNITAU receberá a visita do Prof. Dr. Augusto Macalalag Jr., da Arcadia University (EUA), como professor visitante vinculado ao programa da Fundação Fulbright. A visita será coordenada pela Profa. Dra. Adriana Leonidas de Oliveira, que atuará como anfitriã acadêmica. Durante sua estadia, o professor desenvolverá uma série de workshops, palestras e rodas de conversa voltadas a docentes e discentes da graduação e da pós-graduação. A visita representa uma oportunidade valiosa de intercâmbio acadêmico e formação internacional, contribuindo significativamente para o fortalecimento da cultura de internacionalização na universidade.

A trajetória recente da internacionalização na UNITAU evidencia avanços significativos, mas também revela desafios importantes. A consolidação de uma cultura institucional voltada ao internacional ainda exige o engajamento contínuo da comunidade acadêmica, o fortalecimento de competências linguísticas, o incentivo à produção científica em parceria com instituições estrangeiras e a ampliação de oportunidades de mobilidade em todas as áreas do conhecimento. Apesar desses desafios, as ações já realizadas e os resultados alcançados demonstram o potencial da UNITAU em se posicionar como uma universidade conectada globalmente, comprometida com a produção de conhecimento em rede e com a formação de cidadãos capazes de atuar em contextos internacionais e multiculturais. Com o fortalecimento do Escritório de Relações Internacionais, a implementação do Plano Estratégico de Internacionalização e o envolvimento crescente de docentes, discentes e gestores, as perspectivas são promissoras. O caminho traçado até aqui indica que a internacionalização, mais do que um objetivo institucional, está se consolidando como um processo transformador, transversal e duradouro no projeto acadêmico e pedagógico da Universidade de Taubaté.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **Portaria nº 74, de 28 de março de 2025.** Institui o Programa Redes para Internacionalização Institucional – CAPES-Global.Edu e dispõe sobre as diretrizes gerais do Programa. Diário Oficial da União, Brasília, DF, nº 61, Seção 1, p. 24, 31 mar. 2025. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo->

detalhar?idAtoAdmElastic=17766#anchor. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Ciência sem Fronteiras**: o programa - que é. 2022. Disponível em <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/apresentacao-1/o-que-e>. Acesso em: 10 jul. 2025.

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ. Conselho Universitário. **Deliberação Consuni nº 148, de 2021**. Cria o Escritório de Relações Internacionais (ERI) da Universidade de Taubaté e aprova seu Regulamento. Taubaté, 2021. Disponível em: <https://unitau.br/a-unitau/orgaos-colegiados-centrais/deliberacoes/Consuni/2021>. Acesso em: 10 jul. 2025.

3 – A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO PRÁTICA INSTITUCIONAL: A EXPERIÊNCIA DA UEMG NO PROGRAMA PILA (2023–2025)

Daniel Robson Mendes

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais (MG)¹²

Lígia Barros de Freitas

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais (MG)¹³

Introdução

No contexto latino-americano, as universidades desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento social e político, atuando como centros de conhecimento e formação qualificada. Essa importância se reflete em iniciativas de internacionalização, que fortalecem a integração regional por meio da cooperação Sul-Sul, promovendo o intercâmbio acadêmico e o desenvolvimento compartilhado (Maciel et al, 2019).

A Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) exemplifica essa tendência ao consolidar-se como referência regional e avançar estrategicamente na internacionalização, especialmente valorizando a relação Sul-Sul como eixo do seu Plano de Internacionalização.

¹² Analista Universitário da Assessoria de Intercâmbio e Cooperação Interinstitucional. Graduado em Letras pela UFMG. Especialização em andamento em Linguagem, Gramática e Ensino (UFMG). **E-mail:** daniel.mendes@uemg.br

¹³ Assessora de Intercâmbio e Cooperação Interinstitucional. Unidade Frutal, Departamento de Ciências Jurídicas; Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação-Profit. Bolsista PQ/UEMG. **E-mail:** ligia.freitas@uemg.br

Assim, a UEMG contribui para democratizar o acesso às experiências acadêmicas globais, alinhando-se ao papel crescente das universidades latino-americanas no fortalecimento da integração e do desenvolvimento regional. Hoje, a internacionalização, com potencialização da relação Sul-Sul, é considerada um eixo estratégico do Plano de Internacionalização da UEMG (RESOLUÇÃO CONUN/UEMG Nº 415, de 25 de outubro de 2018). Ao considerar o contexto da América Latina e do Caribe, a internacionalização deve priorizar o desenvolvimento de uma consciência cidadã voltada para a integração regional, além de formar recursos humanos com excelência acadêmica e compromisso social, capazes de contribuir efetivamente para a solução de desafios locais e regionais (Lucena, Cruz, Boa Sorte, 2020).

A entrada da UEMG no Programa de Intercâmbio Acadêmico Latino-Americano (PILA), em 2022, representou uma inflexão importante nesse processo. Diferente de modelos tradicionais de mobilidade que implicavam altos custos para os estudantes, o PILA possibilita a oferta de bolsas com cobertura de hospedagem, alimentação e isenção de taxas acadêmicas, permitindo a participação de estudantes de diferentes perfis socioeconômicos, especialmente os oriundos do interior e de grupos historicamente sub-representados.

Mais do que um programa de mobilidade, o PILA é uma rede colaborativa de integração regional e fortalecimento da cooperação Sul-Sul, promovendo intercâmbios entre instituições da América Latina com base em solidariedade, reciprocidade e diálogo intercultural.

Este capítulo apresenta a experiência da UEMG no Programa de Intercâmbio Acadêmico Latino-Americano (PILA), entre 2023 e 2025, com foco na mobilidade de

estudantes¹⁴, tanto de ingresso (incoming) quanto de envio (outgoing). São analisados dados quantitativos e qualitativos referentes aos perfis dos participantes, áreas de formação, unidades acadêmicas envolvidas. A iniciativa é compreendida como uma estratégia de internacionalização democrática e descentralizada, voltada à integração acadêmica regional, à valorização da diversidade e ao fortalecimento da cooperação Sul-Sul.

O programa PILA

O PILA é uma iniciativa conjunta de instituições e associações de ensino superior da América Latina e Caribe que visa promover a mobilidade acadêmica entre estudantes, docentes e gestores universitários de países latino-americanos. Criado em 2018, o PILA é resultado da cooperação entre a Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior (ANUIES) do México, o Consejo Interuniversitario Nacional (CIN) da Argentina e a Asociación Colombiana de Universidades (ASCUN), com a adesão progressiva de outros países da região, como Chile, Cuba, Nicarágua, Brasil, Uruguai e Paraguai.

Atualmente, do consórcio participam nove países da América Latina e Caribe e 324 instituições de ensino superior. Especificamente no Brasil, a primeira instituição associar-se ao PILA foi a Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (ABRUEM). A UEMG, através da ABRUEM, aderiu ao PILA no primeiro semestre 2022, inicialmente participando da modalidade virtual, na qual são oferecidas disciplinas de forma remota pelas universidades participantes e todos os

¹⁴ A UEMG também aderiu ao PILA Presencial para docentes, no segundo semestre de 2024. Porém, pela pequena quantidade de dados, o artigo tratará apenas do PILA Presencial para estudantes.

seus estudantes podem se inscrever em quaisquer disciplinas ofertadas. A adesão ao formato presencial ocorreu no segundo semestre de 2022, para aplicação dos estudantes no primeiro semestre 2023.

A coordenação do PILA na UEMG é feita pela Assessoria de Intercâmbio e Cooperação Interinstitucional (AICI), que atua em articulação com unidades acadêmicas, coordenações de curso e núcleos de assistência estudantil.

Perfil dos estudantes incoming

A participação da UEMG no Programa PILA resultou na recepção de estudantes internacionais de diversos países da América Latina.

Essa mobilidade incoming representa uma importante oportunidade de internacionalização para os campi da universidade, promovendo a interculturalidade, o diálogo entre saberes e o fortalecimento das relações acadêmicas sul-sul.

TABELA 1 – Número de Estudantes Incoming na UEMG participantes do PILA por Semestre (2023–2025)

Semestre	Número de Estudantes
2023.1	7
2023.2	7
2024.1	11
2024.2	2
2025.1	6
2025.2	6
TOTAL	39

FONTE: Os autores (2025).

Segundo *Tabela 1*, foram recebidos 39 estudantes estrangeiros através do PILA, dos quais, 38 eram da graduação. Desconsiderando o segundo semestre de 2024,

que foi impactado com a greve que ocorreu no primeiro semestre daquele ano, atrasando o início do segundo semestre, em média, a cada semestre são recebidos 7 estudantes através do PILA.

A *Tabela 2* aponta uma predominância dos estudantes estrangeiros intercambistas provenientes de universidades argentinas e colombianas. Isso se deve por diferentes fatores:

1 – pelo número de universidades argentinas e colombianas participantes, 61 e 90 instituições respectivamente;

2 – seguindo as regras do PILA, é possível ofertar vagas com parceiros diretamente; assim, muitas das vagas trocadas por acordo foram consideradas a boa experiência com a universidade na edição anterior do PILA.

TABELA 2 – Origem Geográfica dos Estudantes Incoming na UEMG participantes do PILA (2023-2025)

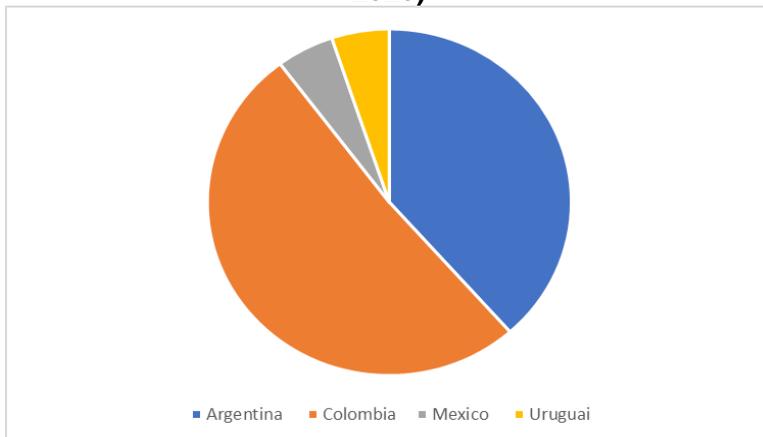
País de Origem	Número de Estudantes
Colômbia	20
Argentina	15
México	2
Uruguai	2
TOTAL	39

FONTE: Os autores (2025).

O *Gráfico 1*, apresentado a seguir, ilustra essa distribuição. Observa-se que os estudantes provenientes da Argentina e da Colômbia representam, juntos, quase 90% do total.

As instituições com maior número de alunos são a Universidad del Tolima (Colômbia), com cinco estudantes, e a Universidad Nacional del Nordeste (Argentina), com três estudantes.

GRÁFICO 1 – Origem Geográfica dos Estudantes Incoming na Universidade Estadual de Minas Gerais participantes do PILA (durante os anos de 2023, 2024 e 2025)



FONTE: Os autores (2025).

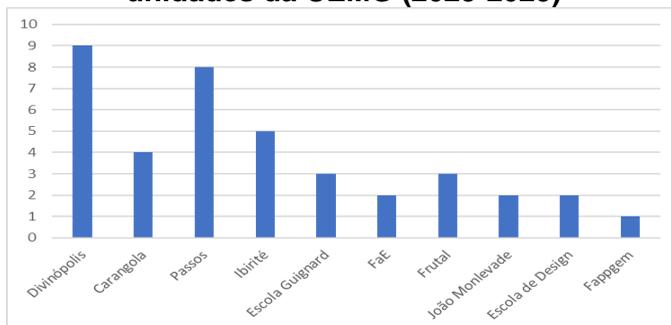
Áreas de formação dos estudantes incoming

Os estudantes intercambistas incoming cursaram um semestre em diferentes áreas do conhecimento, a saber: Engenharia Agrônômica, Artes, Letras, Psicologia, Pedagogia, Engenharia Civil, Jornalismo, Administração, Geografia, Ciências Biológicas, Engenharia da Computação, Enfermagem, Comunicação Social, Matemática, Design, Engenharia Mecânica, Engenharia Ambiental, Turismo, Medicina e Direito.

Unidades receptoras dos intercambistas

As unidades da Universidade Estadual de Minas Gerais que receberam estudantes internacionais foram diversas, refletindo os interesses e as áreas de conhecimento indicadas por cada candidato no momento da aplicação à mobilidade.

GRÁFICO 2 – Número de alunos incoming pelo PILA por unidades da UEMG (2023-2025)



FONTE: Os autores (2025).

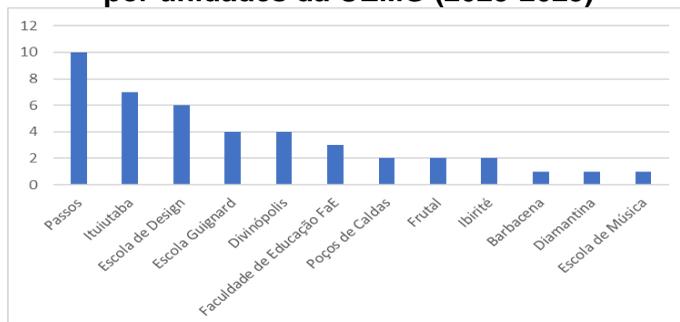
Perfil da mobilidade outgoing

A participação de estudantes da UEMG em mobilidades internacionais por meio do Programa PILA tem se consolidado como uma importante estratégia de formação acadêmica e cidadã.

A possibilidade de vivenciar experiências em outras instituições latino-americanas amplia horizontes, promove o intercâmbio de saberes e fortalece a identidade regional sul-americana.

Segundo o *Gráfico 3* (como será visto na página seguinte), os estudantes UEMG que realizaram intercâmbio através do PILA, no período de 2023 a 2025, são 46 de graduação e 7 de pós-graduação. A UEMG tem ofertado maior quantitativo de vagas para a graduação, já que os programas de pós-graduação contam com outros programas de internacionalização. Ainda, apesar de serem vagas por reciprocidade, uma vez acordadas, ainda que haja desistência ou não preenchimento da vaga, a Universidade se compromete em receber os estudantes, o que explica a diferença de números dos estudantes incoming (39) e outgoing (53).

GRÁFICO 3 – Número de alunos outgoing pelo PILA por unidades da UEMG (2023-2025)

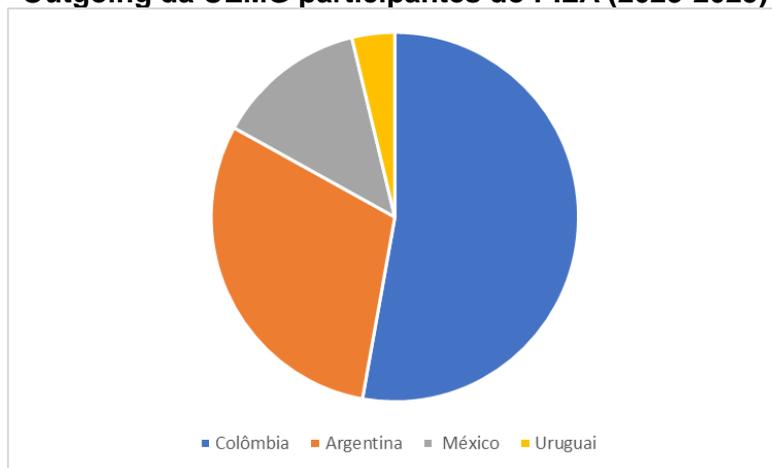


FONTE: Os autores (2025).

Países de destino

De forma similar aos estudantes incoming, os estudantes Uemg se destinaram majoritariamente para as universidades da Colômbia (28 alunos) e Argentina (16). Para as universidades mexicanas, foram seis alunos, e para Uruguai, um estudante.

GRÁFICO 4 – Destino Geográfico dos Estudantes Outgoing da UEMG participantes do PILA (2023-2025)



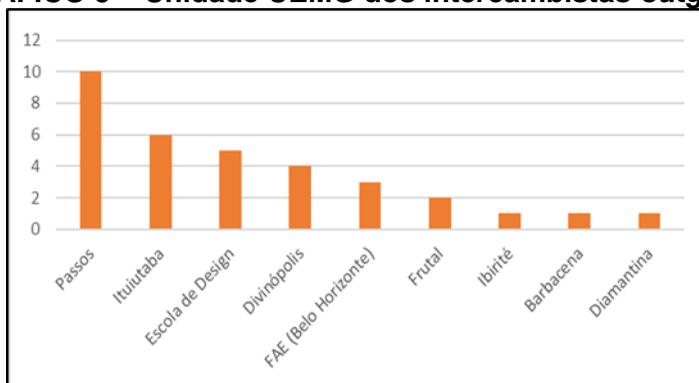
FONTE: Os autores (2025).

Cursos dos estudantes *outgoing*

Os estudantes da UEMG que participaram do programa PILA e realizaram intercâmbio são oriundos de diversos cursos e unidades. No entanto, observou-se maior concentração nos cursos de graduação em Direito, Design e Psicologia, com 9, 7 e 5 alunos, respectivamente. No que diz respeito à pós-graduação, participaram três estudantes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, dois do Programa em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, um do Programa em Artes e um do Programa em Educação.

Unidades envolvidas no intercâmbio *outboing*

GRÁFICO 5 – Unidade UEMG dos intercambistas *outgoing*



FONTE: Os autores (2025).

Gênero e representatividade: mulheres na ciência e na internacionalização

Um dos aspectos mais significativos da experiência da UEMG com o PILA é a expressiva participação de mulheres na mobilidade acadêmica, em especial em áreas historicamente dominadas por homens, como Engenharia, Ciências Biológicas, Ciências Agrárias e Matemática.

Entre 2023 e 2025, dos 39 intercambistas *incoming*, 26 são mulheres, e dos intercambistas *outgoing*, 36 dos 53 estudantes são mulheres, muitas das quais estudantes de primeira geração no ensino superior, oriundas de unidades do interior e de famílias de baixa renda.

Essas experiências de intercâmbio contribuíram para o fortalecimento da autonomia feminina, ampliando o acesso ao conhecimento científico e criando referências positivas para outras estudantes. A internacionalização, nesses casos, não apenas gerou impactos acadêmicos, mas também empoderamento social e afirmação de protagonismo feminino.

Estratégias de acolhimento e integração

A UEMG, por meio da Assessoria de Intercâmbio e Cooperação Interinstitucional (AICI), tem desenvolvido desde 2023 uma política ativa de acolhimento para estudantes *incoming* e *outgoing*, com apoio das unidades, dos Núcleos de Assistência ao Estudante (NAE) e dos representantes locais de internacionalização. O objetivo é garantir uma experiência inclusiva, acolhedora e intercultural. As principais ações incluem:

- Grupos no WhatsApp para facilitar a comunicação e o suporte entre estudantes e equipes institucionais.
- Perfil “Internacionalização UEMG” no Instagram, com divulgação de editais, eventos, vídeos e relatos de intercambistas.
- “Café com Intercambistas” e rodas de conversa, promovendo espaços informais de escuta e troca de experiências.
- Acompanhamento direto dos representantes de internacionalização nas unidades, articulando apoio acadêmico e logístico.

- Atuação do NAE, oferecendo suporte psicossocial e organizando eventos de integração.
- Programa “Casa Mundo”, criado em 2024, com a indicação de moradia segura e acessível para estudantes internacionais.

Essas ações fortalecem o pertencimento institucional, promovem o diálogo intercultural e reafirmam o compromisso da UEMG com uma internacionalização ética, inclusiva e centrada nos estudantes.

Resultados e impactos institucionais

A participação da UEMG no Programa PILA (2023–2025) gerou impactos expressivos, consolidando a internacionalização como um eixo estratégico da universidade. Os principais resultados incluem:

- Internacionalização democrática e descentralizada, com maior acesso à mobilidade por estudantes de diferentes perfis e campi do interior.
- Maior visibilidade e inserção da UEMG em redes latino-americanas, fortalecendo sua presença em espaços regionais de ensino, pesquisa e extensão.
- Estímulo à produção científica colaborativa, especialmente em temas como meio ambiente, educação e direitos humanos.
- Protagonismo feminino na ciência, com aumento da participação de mulheres em áreas acadêmicas e intercâmbios internacionais.
- Aprimoramento administrativo e pedagógico, com melhoria nos fluxos institucionais, acolhimento e suporte aos intercambistas.
- Criação de redes de apoio intercultural, valorizando a convivência, o respeito à diversidade e a escuta ativa dos estudantes.

O PILA tem se consolidado como um laboratório de boas práticas institucionais, indo além da mobilidade acadêmica ao fomentar uma cultura universitária mais aberta, crítica e comprometida com os desafios regionais.

Considerações finais

A experiência da UEMG com o PILA demonstra que a internacionalização pode ser inclusiva, regional e transformadora. Por meio da cooperação entre países latino-americanos, da gratuidade e da valorização da diversidade, o programa permite que estudantes historicamente excluídos tenham acesso à formação internacional.

A trajetória da UEMG no PILA demonstra que, com visão estratégica e políticas bem estruturadas, a internacionalização pode ser um direito universal e não um privilégio. A continuidade e expansão de iniciativas como essa são essenciais para fortalecer uma universidade pública mais justa, comprometida com a transformação social e conectada com a cooperação internacional solidária.

Referências

BRASIL. Universidade do Estado de Minas Gerais. **Resolução CONUN/UEMG Nº 415, de 25 de outubro de 2018**. Disponível em: <https://uemg.br/downloads/Plano-Internacionalizacao-UEMG.pdf>. Acesso em 10.jun2025.

LUCENA, S. CRUZ, M. B. BOA SORTE, P. (orgs.). **Espaço de aprendizagem em redes colaborativas e na era da mobilidade**. Aracaju/SE: EDUNIT, 2020.

MACIEL, R. F.; SIUFI, B; TABILO, F.; LEIVA, M. Internacionalización Sur-Sur: desafios y potencialidades de la Red Universitaria de la Carretera Bioceánica. **Interações**

(Campo Grande), Campo Grande, v. 20, n. especial, p. 297–306, 2019. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/2639>. Acesso em: 6 jul. 2025.

PROGRAMA DE INTERCAMBIO ACADÉMICO Latinoamericano. **Presentación Programa de Intercambio Académico Latinoamericano.** Disponível em: <https://www.programapila.lat/presentacion/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

4 – A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UEMG) COM OS RECURSOS DO EDITAL INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA FAPEMIG¹⁵

Lígia Barros de Freitas¹⁶

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais (MG)

Vanesca Korasaki¹⁷

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais (MG)

Introdução

A internacionalização do ensino superior inclui políticas e práticas adotadas pelas instituições (Altbach; Knight, 2007) e tem se consolidado como um vetor estratégico para o fortalecimento institucional, para a produção científica de excelência e para a inserção global das universidades. O crescimento de docentes, pesquisadores e estudantes no século XX foi impressionante, tornando a educação superior um dos setores mais internacionais, por ser global (Prieto-Gutiérrez, 2024). Na década de 1980-1990 as atividades

¹⁵ Apoio da Fapemig, por meio da Chamada Fapemig 09/2023.

¹⁶ Assessora de Intercâmbio e Cooperação Interinstitucional. Unidade Frutal, Departamento de Ciências Jurídicas; Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação-Profit. Bolsista PQ/UEMG. **E-mail:** ligia.freitas@uemg.br

¹⁷ Unidade Frutal, Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas, Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais. **E-mail:** vanesca.korasaki@uemg.br

internacionais nas universidades expandiram-se drasticamente (Altbach; Knight, 2007). Nesse contexto, as agências de fomento desempenham um papel central, não apenas como fontes de financiamento, mas como articuladoras de políticas públicas que viabilizam e estimulam a cooperação acadêmica internacional.

Esse tema ganhou destaque nas universidades públicas brasileiras, especialmente após o programa Ciência sem Fronteiras (2011), financiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelo Ministério da Educação (MEC), via Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O programa era focado na mobilidade acadêmica, principalmente da graduação, com maior número e destaque, mas também com fomento para a mobilidade na pós-graduação. Em 2017, o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt), iniciativa da Capes, voltado à pós-graduação, incentivou as instituições a criarem planos estratégicos de internacionalização, com foco na adesão ao programa (Neves; Barbosa, 2020; Souza et al, 2020).

Apesar das dificuldades enfrentadas, as políticas governamentais recentes impulsionaram a internacionalização nas universidades brasileiras, refletida no aumento de publicações em bases como *Web of Science* e em colaborações internacionais (Souza et al., 2020). A atuação das agências de fomento é crucial para superar barreiras estruturais e financeiras que limitam a mobilidade acadêmica, pesquisas em redes internacionais e parcerias estrangeiras. Por meio de editais de fomento de bolsas, e recursos para passagens e diárias, auxílio instalação e seguro, além apoio ao desenvolvimento de

projetos, como apoio à infraestrutura laboratorial, essas instituições viabilizam a participação de docentes, discentes e pesquisadores em projetos transnacionais, fortalecendo a ciência globalmente.

Na pós-graduação *stricto sensu*, avaliada pela CAPES, a inserção internacional é um indicador de excelência, o que intensificou as ações de internacionalização por parte dos órgãos de fomento e das Fundações e Apoio à Pesquisa (FAPs). Estas últimas têm papel fundamental na formação de redes, qualificação de recursos humanos e visibilidade da ciência brasileira.

Este capítulo apresenta a experiência da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) no processo de aprovação da proposta submetida ao edital institucional de internacionalização da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e seus resultados parciais. A proposta foi direcionada ao fortalecimento da internacionalização em quatro programas específicos de pós-graduação acadêmicos da UEMG, representando um marco significativo no avanço das ações estratégicas da instituição voltadas à inserção internacional de seus programas acadêmicos e de pesquisa.

FAPEMIG e a internacionalização

A FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) é uma das principais agências de fomento à pesquisa científica e tecnológica no Brasil, vinculada à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico (SEDE). Sua missão é apoiar o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação em diversas áreas do conhecimento, promovendo o avanço da ciência e contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do estado.

Nos últimos anos, a FAPEMIG tem ampliado sua atuação na internacionalização da pesquisa por meio de editais específicos. Destacam-se os Editais de Cooperação Internacional, que apoiam projetos entre pesquisadores mineiros e instituições estrangeiras, prevendo recursos para mobilidade acadêmica, eventos bilaterais, pesquisas conjuntas e publicação de artigos em periódicos internacionais.

Um exemplo dessa iniciativa é a Chamada FAPEMIG 09/2023¹⁸, lançada em maio, com o objetivo de fortalecer a internacionalização das ICTMGs, respeitando suas especificidades.

O edital visava ampliar o apoio à pesquisa internacional, estimular redes de cooperação, promover a mobilidade de docentes e doutorandos, fomentar planos estratégicos de internacionalização, apoiar a participação em eventos científicos internacionais e contribuir para a formação de recursos humanos e o aprimoramento das competências institucionais.

Para isso, a FAPEMIG destinou um aporte de mais de 40 milhões, embora na chamada previa inicialmente o investimento de R\$ 23 milhões, para financiar os projetos institucionais que estimulassem e desenvolvessem ações de cooperação internacional em diversas áreas do conhecimento.

As propostas deveriam ter como valores solicitados no mínimo R\$ 500.000,00 e no máximo R\$ 2.500.000,00.

A chamada contemplou diversas modalidades de apoio, a serem executados em até 36 meses, incluindo:

- 1 – Bolsa Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação (BDCTI);
- 2 – Bolsa Doutorado-Sanduíche (BDSS);

¹⁸ <https://encurtador.com.br/6eMGg>

- 3 – Bolsa Estágio Pós-Doutoral (BEPD);
- 4 – Bolsa Pesquisador-Visitante (BPV);
- 5 – Passagens, mensalidade e diárias para visitas técnicas de pesquisador estrangeiro e para os docentes e discentes participarem de eventos técnico-científico internacional;
- 6 – Recurso para publicação e tradução de artigos científicos.

Em outubro de 2023, a FAPEMIG divulgou o resultado da Chamada 09/2023, aprovando inicialmente nove projetos de ICTs, dentre eles o da UEMG. Para o projeto aprovado da UEMG, intitulado “A consolidação da Pós-Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG” foram destinados R\$ 1.910.335,53, praticamente o valor total solicitado.

A construção da proposta “a consolidação da pós-graduação da universidade do estado de Minas Gerais – UEMG”

Por se tratar de um edital institucional, apenas o(a) Pró-Reitor(a) de Pós-Graduação, o(a) Diretor(a) de Relações Internacionais ou representante correlato vinculado à ICTMG podiam atuar como coordenadores. Na UEMG, a proposta foi elaborada em conjunto pela Assessora de Intercâmbio e Cooperação Interinstitucional e pela Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, que definiram, de forma articulada, as estratégias de internacionalização da Universidade.

Até 2017, a UEMG era composta, majoritariamente, por docentes temporários, o que dificultava a criação de programas de pós-graduação e ações de internacionalização mais estruturadas. A partir de então, por meio dos inúmeros concursos docentes, cenário mudou. A internacionalização, antes, restrita a iniciativas

pontuais de cursos mais antigos, como o do Programa de Pós-graduação em Design, passou a ser tratada de forma estruturada com a implementação da Política de Internacionalização em 2018 e sua inclusão no Plano Estratégico Institucional.

Diante desse contexto, optou-se por priorizar os programas de pós-graduação acadêmicos existentes, com base em critérios como a relevância da internacionalização na avaliação quadrienal da Capes, participação de docentes em eventos internacionais, inserção em redes de pesquisa e interesse por mobilidade e parcerias internacionais. O projeto focou na consolidação da internacionalização da UEMG, especialmente nos quatro programas então vigentes: Artes, Design, Educação e Ciências Ambientais. Além disso, propôs contribuir para a criação de doutorados em Educação e Ciências Ambientais, e para o fortalecimento dos doutorados já existentes em Artes e Design, visando à elevação de suas notas junto à CAPES.

Foi realizada uma reunião com os coordenadores dos quatro Programas de Pós-Graduação da UEMG. O objetivo foi convidá-los a participar da construção da proposta, por meio do preenchimento de um formulário destinado aos docentes vinculados aos programas. O instrumento coletou informações sobre diferentes aspectos relacionados à internacionalização, como: indicação de pesquisadores estrangeiros com os quais já mantêm parcerias de pesquisa, envolvimento em projetos e redes internacionais, participação em grupos de pesquisa no exterior e interesse na realização de estágios de Pós-Doutorado fora do país.

Com as respostas obtidas, foram construídos objetivos específicos para os Programas. Os Programas de Design e Artes buscam ampliar os trabalhos conjuntos já

realizados com redes e programas internacionais, por meio da mobilidade de pesquisadores e doutorandos. Os Programas de Pós-Graduação em Educação e na Ciências Ambientais visam ampliar as atividades de internacionalização, principalmente com o envio de seus professores para Universidades parceiras para o aprimoramento de suas competências, por meio de programas de Pós-Doutorado. Em comum, em todos os Programas participantes, o objetivo é promover a mobilidade de docentes, estimular as redes de pesquisas já existentes e a participação dos professores da UEMG em eventos científicos e novos grupos de pesquisa internacional.

Além da coordenação e da subcoordenação, o projeto conta com 18 professores doutores dos quatro Programas de Pós-Graduação selecionados e 11 pesquisadores estrangeiros. Com a execução do projeto, há demanda por novos integrantes, especialmente novos pesquisadores estrangeiros.

O projeto apresentado e aprovado permitirá a concessão de:

- 1 Bolsa Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação (BDCTI);
- 4 bolsas de Doutorado Sanduíche, com fomento de passagens, seguro saúde e auxílio instalação;
- 10 bolsas de Estágio Pós-Doutoral no Exterior, com o fomento de passagens e seguro saúde;
- 10 visitas para professores estrangeiros visitantes, com o fomento de passagens, até 15 diárias e seguro saúde;
- 12 Participações dos professores membros da UEMG em eventos internacionais e visitas técnicas, com pagamento de taxa de inscrição, quando o caso, passagens, diárias e seguro saúde;

- 4 traduções e/ou revisão de artigos.

O projeto teve início em novembro de 2023, com término previsto para outubro de 2026, podendo ser prorrogado com aprovação da FAPEMIG. No momento, duas professoras estão em estágio pós-doutoral: uma do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais na Universidade de Aveiro (Portugal) e outra do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade de Lisboa. Estão previstos novos estágios pós-doutorais para uma professora de Ciências Ambientais, quatro do Programa de Artes e duas do Programa de Design.

No Programa de Artes, já houve apresentação no *Congresso Anual da Nordic Society for Aesthetics*, na Islândia, e visita técnica à Universidade da Islândia. Em julho de 2025, haverá participação no Congresso Mundial da INSEA (*International Society of Education through Art*), na República Tcheca, com visita técnica em Portugal para encontro com a presidente da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual – APECV. Outra docente participará do Congresso IASPM (*Internacional Association for the Study of Popular Music*) em Paris, no mesmo mês.

No período de 13 a 28 de outubro de 2025, ocorrerá a visita técnica de professor do Programa de Ciências Ambientais à Universidade de Coimbra. Na mesma universidade, ainda, ele fará parte da Comissão Organizadora do IV Encontro Internacional em Democracia Ambiental.

Em junho de 2025, a coordenadora do projeto participou de Missão Internacional promovida pela Abruem, visitando oito universidades da Nova Zelândia para firmar convênios e fomentar parcerias com foco nos cursos contemplados pelo projeto. As instituições visitadas foram:

University of Auckland; Auckland University of Technology; University of Waikato; Lincoln University; University of Canterbury; University of Otago; Massey University; University of Wellington. Os primeiros resultados da missão já estão acontecendo, com as conversas iniciais para realizar um convênio de cooperação técnica com *Auckland University of Technology*, resultante de interesses em comum de pesquisas entre o pesquisador da referida universidade e professor do Programa em Ciências Ambientais.

Pesquisadores estrangeiros têm visitas técnicas à UEMG agendadas, incluindo três que participarão do Congresso Internacional da Escola de Design, em outubro de 2025. Além disso, por meio da coordenadora do projeto, docentes da UEMG estão em contato com universidades da Nova Zelândia para convidar mais dois professores visitantes.

No momento, duas professoras pesquisadoras estrangeiras, integrantes do projeto, estão em visitas técnicas na UEMG e desenvolvem uma série de atividades acadêmicas. Uma delas, professora da Universidade do Porto- Portugal, encontra-se no Programa de Pós-Graduação em Educação. No Programa de Pós-Graduação em Artes, encontra-se uma professora da *Georgetown University*-Estados Unidos.

Considerações finais

O Edital da FAPEMIG tem sido estratégico na formação de pesquisadores com visão global, na visibilidade internacional da ciência mineira e na promoção de inovação tecnológica via parcerias com centros de ponta. A Chamada 09/2023 marcou um avanço na internacionalização da UEMG, focando no fortalecimento

da Pós-Graduação por meio do aprimoramento das competências de docentes e discentes, visando à qualificação da produção acadêmica. Espera-se que iniciativas semelhantes sigam ampliando a cooperação internacional e a excelência da pesquisa em Minas Gerais.

Ademais, a Universidade do Estado de Minas Gerais, considerando a relevância estratégica da internacionalização, fomenta a internacionalização da pós-graduação por meio de recursos próprios, como exemplo, fomento para bolsas de mestrado para estrangeiros, fomento para inscrição, diárias e passagens internacionais para docentes participarem de eventos técnicos-científicos, fomento de diárias e passagens para visitas técnicas no exterior e fomento ao pagamento de artigos em revistas internacionais de alto impacto.

Referências

ALTBACH, P. G; KNIGHT, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, n. 3-4, 2007, p. 290-305. <https://doi.org/10.1177/1028315307303542>

NEVES, C. E. B.; BARBOSA, M. L. O. Internacionalização da educação superior no Brasil: avanços, obstáculos e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 22, n. 54, 2020, p. 144-175

OLIVEIRA, L. Internacionalização da ciência no Brasil e mobilidade internacional. In: **Abordagens em ciência, tecnologia e sociedade**, 2013.

PRIETO -GUTIÉRREZ, J. J The internationalization of higher education beyond 2030. **Journal of Higher Education Policy and Leadership Studies**, 5 (3), 2024, 193-198. <https://dx.doi.org/10.61186/johepal.5.3.193>

SILVA JÚNIOR, J.; KATO, M. A internacionalização como política no PNPQ. **Educação e Pesquisa**, 2016.

SOUZA, C. D. et al. El papel de la internacionalización de la Educación Superior em la producción científica brasileña. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.28, n.108, 2020.

5 – DESAFIOS E REFLEXÕES DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Adriana Reis Monteiro de Oliveira¹⁹
UESPI – Universidade Estadual do Piauí (PI)

Francisca das Chagas da Silva²⁰
UESPI – Universidade Estadual do Piauí (PI)

Marco Antônio Silva Almeida²¹
UESPI – Universidade Estadual do Piauí (PI)

Orlando Maurício de Carvalho Berti²²
UESPI – Universidade Estadual do Piauí (PI)

¹⁹ Secretária-executiva da Coordenação de Relações Internacionais da UESPI, com experiência em relações internacionais há quase uma década e meia. Graduada do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês do IFPI – Instituto Federal do Piauí. Realiza atendimentos a toda a comunidade acadêmica em relação aos intercâmbios, assessoria para visto, emissão de passaporte. Organiza eventos internacionais como palestras, oficinas, e apoio em projetos e programas de extensão. **E-mail:** adrianareis@uespi.br

²⁰ Bolsista de Língua Espanhola da Coordenação de Relações Internacionais da UESPI. Graduada do curso de Letras – Espanhol da UESPI. Realiza atendimentos, ajuda em traduções e na organização de eventos e projetos. **E-mail:** fcsilva@aluno.uespi.br

²¹ Estagiário na área de Direito da Coordenação de Relações Internacionais da UESPI. Realiza atendimentos, ajuda em acordos de cooperação internacional e na organização de eventos e projetos. Coordenador de Comunicação do Centro Acadêmico Miguel Almeida Lira, do curso de Bacharelado em Direito da UESPI. **E-mail:** marcoalmeida@aluno.uespi.br

²² Professor da UESPI. Coordenador de Relações Internacionais da instituição. Pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UMESP, com estágio doutoral na UMA – Universidad de Málaga, na Espanha. Bolsista de Produtividade Tecnológica da UESPI/FAPEPI. Diretor do LIAJ – Laboratório de Inteligência Artificial em Jornalismo da UESPI. **E-mail:** berti@uespi.br

Uma universidade que cobre um território maior do que todo o Reino Unido

A UESPI, Universidade Estadual do Piauí, é uma das duas instituições públicas que oferecem ensino superior mantidas pelo Governo do Estado do Piauí. Além da UESPI, há a PIT – Piauí Tecnologia, instituição especializada em tecnologias e em Inteligência Artificial, inaugurada em 2025.

A Universidade Estadual do Piauí é sediada na capital do estado, Teresina, sendo a instituição de ensino superior que tem a maior presença nos 224 municípios piauienses, com cursos de graduação presenciais (bacharelados e licenciaturas) ou a distância (bacharelados, licenciaturas e tecnólogos – em quatro grandes projetos: a UAPI – Universidade Aberta do Piauí, a UAB – Universidade Aberta do Brasil, o PRIL [Programa de Incentivo à Licenciatura] e o PARFOR [Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica])²³.

A Universidade Estadual do Piauí, segundo seu site institucional (2025), tem mais de 15.000 alunos, matriculados em 104 cursos em regime regular, sendo 59 licenciaturas e 45 bacharelados, distribuídos em 13 unidades universitárias, estando presente e oferecendo cursos regulares e presenciais nas cidades de: Teresina (campi: Clóvis Moura [na zona Sudeste] e Poeta Torquato Neto [na zona Norte] – que é sua sede e tem oito centros: CCHL – Ciências Humanas e Letras; CCSA – Ciências

²³ Desses quatro programas vinculados à UESPI, o primeiro é subvencionado totalmente pelo Tesouro Estadual (em conjunto com a Secretaria Estadual de Educação e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí) e os outros três são programas subvencionados pelo Governo Federal e oferecidos na estrutura da Universidade. A UESPI, via essas modalidades de ensino superior chega a 98% dos municípios do estado.

Sociais Aplicadas; CCN – Ciências da Natureza; CCECA – Ciências da Educação, Comunicação e Artes; CTU – Tecnologia e Urbanismo; CCS – Ciências Médicas; CEFAF – Formação Antonino Freire e CCA – Ciências Agrárias); Barras (no Norte do estado, a 128 quilômetros da capital, com Núcleo vinculado ao campus da cidade de Campo Maior); Bom Jesus (na região Sul do estado, a 603 quilômetros da capital, com o campus Dom José Vasquez Dias); Campo Maior (no Norte do estado, a 83 quilômetros da capital, com o campus Heróis do Jenipapo); Corrente (no Extremo Sul do estado, a 842 quilômetros da capital, com o campus Deputado Jesualdo Cavalcanti); Floriano (no Oeste do estado, a 245 quilômetros da capital, com o campus Dra. Josefina Demes); Oeiras (no Sertão Central do estado, a 282 quilômetros da capital, com o campus Possidônio Queiroz); Piripiri (no Norte do estado, a 164 quilômetros da capital, com o campus Professor Antônio Giovanni Alves de Sousa); Parnaíba (no litoral do estado, a 343 quilômetros da capital, com o campus Professor Alexandre Alves de Oliveira); Picos (no Sertão Central do estado, a 307 quilômetros da capital, com o campus Professor Barros Araújo); São Raimundo Nonato (no Sertão Sul do estado, a 522 quilômetros da capital, com o campus Professor Ariston Dias Lima) e Uruçuí (na região dos Cerrados, a 436 quilômetros da capital).

A responsabilidade por toda a internacionalização da instituição é da CRI – Coordenação de Relações Internacionais.

A CRI – Coordenação de Relações Internacionais da UESPI

A CRI é um órgão complementar da reitoria da Universidade Estadual do Piauí que foi instalada

oficialmente em 16 de outubro de 2017. Desde os primeiros anos da instituição, a internacionalização era mediada por assessores especiais da reitoria, inclusive, realizando papéis também sobre as questões das mediações de língua estrangeira.

O órgão tem as missões de: promover a inserção internacional da UESPI por meio da cooperação e do intercâmbio científico, tecnológico, cultural, acadêmico e de inovação; assessorar a Administração Superior e toda a comunidade acadêmica composta pelos docentes, discentes e servidores técnico-administrativos nestas articulações de relações internacionais; e colaborar com a missão expressa desta IES, que é de formar profissionais competentes e éticos, detentores de uma visão crítica, reflexiva e humanística acerca da sociedade a que pertencem, tanto no âmbito nacional como internacional, difundindo os conhecimentos em relação à pesquisa que inclui ciência e inovação, extensão, gestão, além dos conhecimentos culturalmente relevantes.

O setor é composto por cinco membros: coordenador, secretária-executiva, membro de Língua Inglesa, membro de Língua Espanhola e membro de Direito, cada um com funções convergentes para vivenciar as respectivas atribuições do órgão.

Atuações da CRI/UESPI – casos emblemáticos

A Universidade Estadual do Piauí (UESPI), por meio da sua Coordenação de Relações Internacionais (CRI), tem avançado de forma estratégica na promoção da internacionalização institucional, em consonância com sua missão de formar profissionais éticos, críticos e socialmente comprometidos, com atuação local e visão global. Como órgão suplementar da Reitoria, a CRI atua tanto na

articulação de parcerias quanto no assessoramento da comunidade acadêmica – docentes, discentes e técnico-administrativos – em iniciativas de cooperação internacional, intercâmbio e mobilidade acadêmica.

Entre as ações recentes de maior destaque está a implementação do Escritório *EducationUSA*, fruto de parceria com o Consulado dos Estados Unidos, com sede em Recife (PE). Essa conquista representa um marco para o Piauí, tornando-se o primeiro centro da rede global de orientação acadêmica *EducationUSA* no estado, possibilitando acesso direto e gratuito a informações oficiais, atualizadas e confiáveis sobre oportunidades de estudo nos Estados Unidos.

O processo de instalação contou com a assinatura de um Plano de Trabalho e de um Memorando de Entendimento entre a UESPI e o Departamento de Estado Americano, devidamente aprovado pela Procuradoria-Geral do Estado e pelas pró-reitorias envolvidas. O escritório foi inaugurado no segundo semestre de 2023, no Centro de Ciências de Saúde da UESPI, um espaço de grande circulação e acessibilidade, atendendo não apenas à comunidade acadêmica, mas a toda a população do estado interessada em formação internacional.

Outro exemplo exitoso de internacionalização envolve a inserção de estudantes piauienses em programas de estágio fora do país. Em 2023, a CRI divulgou e acompanhou a candidatura de estudantes ao Programa Internacional de Estágio no Japão, realizado pela Embaixada do Brasil em Tóquio, em parceria com o “Advanced Telecommunications Research Institute International (ATR)”, em Keihanna. O estágio, com duração de 6 a 12 meses, é voltado a estudantes de graduação e pós-graduação em Ciência da Computação. Na UESPI,

quatro estudantes se inscreveram, e um deles, Edilson Moraes Brito, do Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, de Parnaíba (litoral do estado), foi aprovado em todas as etapas, recebendo o Certificado de Elegibilidade (COE), emitido pelo Departamento de Imigração do Ministério da Justiça do Japão, e sendo oficialmente admitido para início do estágio em setembro de 2023, que foi transformado em Pesquisa. O programa foi recentemente renovado até julho de 2025, o que reafirma a excelência da formação oferecida pela UESPI e o potencial de seus alunos em ambientes acadêmicos e de pesquisa de ponta.

Outro programa de destaque na internacionalização da UESPI foi sua inserção na Fundação Botín (da Espanha), que lançou em 2010 o Programa de Fortalecimento da Função Pública, uma iniciativa inovadora que visa identificar e apoiar estudantes de alto potencial e vocação para o serviço público. O objetivo é impulsionar o desenvolvimento da região por meio de uma rede de servidores públicos capacitados e comprometidos com o interesse coletivo. A cada edição, são selecionados entre 30 e 40 dos melhores estudantes de mais de 650 universidades da América Latina.

A Universidade Estadual do Piauí (UESPI) tem se destacado nesse programa, com um aluno do Curso de Direito do Campus Poeta Torquato Neto sendo selecionado em 2021 como um dos quatro brasileiros dentre os 32 selecionados da América Latina. O aluno Raian Mateus Castelo Branco Costa, então do 6º período do curso de Direito (campus Poeta Torquato Neto, em Teresina), foi um destaque nesse processo, tornando-se o primeiro piauiense a entrar para o Programa da Fundação Botín. Ele enfrentou um processo seletivo rigoroso, que incluiu redações, relatos

de experiências pessoais e escolares, vídeos e entrevistas. Além disso, os candidatos tiveram que demonstrar suas habilidades de liderança e pensamento crítico, imaginando-se como presidente do seu país no início da pandemia e defendendo medidas para combater o problema.

Em 2023, a UESPI teve quatro candidatos inscritos no programa, e uma aluna do Curso de Direito do campus de Parnaíba (no litoral) passou na primeira etapa de seleção e participou da modalidade online. Essa participação é um testemunho do potencial dos estudantes da UESPI em concorrer com os demais alunos da América Latina e destaca a importância do programa em fomentar o desenvolvimento de habilidades e competências nos estudantes.

A seleção desses estudantes é realizada por meio de um Edital interno, que permite identificar os mais brilhantes alunos da instituição e prepará-los para competir com os melhores da região. A experiência da UESPI nesse programa é um exemplo de como as instituições de ensino superior podem contribuir para o desenvolvimento da região, formando profissionais capacitados e comprometidos com o interesse público.

O Programa de Fortalecimento da Função Pública da Fundação Botín é uma oportunidade valiosa para os estudantes da UESPI se destacarem e desenvolverem suas habilidades e competências. A instituição pode continuar a apoiar e incentivar a participação de seus estudantes neste programa, contribuindo para o desenvolvimento da região e formando profissionais capacitados e comprometidos com o interesse público. Além disso, a participação no programa pode ser um diferencial para os estudantes, que ganham experiência e habilidades valiosas para suas carreiras futuras.

Outro grande exemplo foi a inserção da UESPI no Programa de Intercâmbio Educacional e Cultural do Governo dos Estados Unidos da América, que foi criado pelo Senador J. William Fulbright, em 1946, como método de estreitar laços entre os Estados Unidos da América e outros países, dentre eles o Brasil, por meio do qual oferece bolsas de estudo, pesquisa e ensino a participantes do mundo todo.

A Comissão Fulbright, representante e administradora da organização internacional e com ligação aos governos estadunidense e brasileiro, beneficia universidades brasileiras com o programa CAPES-Fulbright de Assistente de Ensino de Língua Inglesa (English Teaching Assistant – ETA) Para Projetos Institucionais. Como objeto, ele viabiliza a recepção de dois assistentes de ensino de inglês por ano em cada instituição selecionada, por três anos. Seu intento é somar suporte ao ensino de inglês nos cursos de Licenciatura Intercultural e Pedagogia Intercultural Indígenas, Licenciatura em Educação do Campo, Licenciatura em Educação Escolar Quilombola e Licenciatura em Educação Bilíngue de Surdos.

A UESPI foi uma das contempladas pelo Programa, por meio da seleção do projeto “A Língua Inglesa em Nossas Mãos”, o único de uma universidade estadual brasileira a ser aceito. Ele foi arquitetado em busca do fomento de experiências na metodologia e prática docente, mediante a inclusão dos assistentes de língua inglesa no Projeto Político Pedagógico do Curso de Educação Especial Inclusiva do Programa Nacional de Fomento à Equidade na Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR EQUIDADE. Em quatro municípios do interior do Piauí, o PARFOR EQUIDADE, com o auxílio das

ETA's, tornou possível uma maior valorização da formação e relevância social dos profissionais formados nos cursos mencionados, de modo a oferecer uma extensa troca de conhecimentos e experiências com profundas interações entre inglês-português / EUA – Brasil.

Vasti Cruz e Christina Bertrand, as assistentes designadas à Universidade Estadual do Piauí, chegaram no mês de março de 2025 e, desde então, tiveram suporte da Coordenação de Relações Internacionais para mobilizar programas institucionais de apoio ao ensino de inglês para os membros da UESPI. A atividade principal, até o momento implementada, foi o “English Club Conversation”, encontros que acontecem semanalmente para alunos de todos os cursos e campi, de modo híbrido, em busca de aprimorar a oralidade e compreensão auditiva em inglês dos alunos, além da troca cultural e linguística entre as assistentes e os discentes. Além disso, a instituição concretizou o “Office Hours com as ETA's”, oportunidade em que docentes e pesquisadores podem contar com o auxílio para orientação em traduções de artigos acadêmicos, dicas e práticas para aprimorar a pronúncia em inglês e quaisquer outras necessidades idiomáticas, facilitando o acesso dos assistidos à comunidade acadêmica e científica globais.

É possível perceber, portanto, que esta oportunidade de intercâmbio cultural e linguístico contribuiu significativamente para todos os uespianos, momento em que alunos, professores, pesquisadores e funcionários puderam estreitar laços com o aprendizado eficiente da língua estrangeira e, enfim, passaram a ter maiores expectativas diante das oportunidades de internacionalização.

Reflexões sobre o fazer internacionalização em uma universidade estadual

Em uma universidade multicampi e que forma os filhos das famílias mais pobres do estado, muitas vezes a Internacionalização é um fato secundário, sendo que, ao menos contemporaneamente, seus principais desafios são da instalação de uma política oficial institucional sobre a área, já que há um amplo apoio, mas não há um documento sobre essa política, que está em construção há alguns anos. Outro ponto é a própria inserção do alunado, do professorado e do corpo técnico-administrativo em editais internos e externos para esse fim. Na UESPI há uma inserção mais forte de docentes, principalmente no sentido de realizarem intercâmbios fora, com pouca recepção de intercambistas docentes (o que vem sendo uma meta para o ano de 2026), bem como a mesma situação entre discentes, no sentido de enviarmos muito mais do que recebemos.

Atualmente, identifica-se áreas estratégicas, em conjunto com as áreas de desenvolvimento capitaneadas pelo Governo do Estado do Piauí e seus setores no sentido de atrair mais intercambistas e ampliar os acordos internacionais que, em 2025, deram um salto de quase 40% relacionados a todo o tempo de existência da Coordenação de Relações Internacionais da UESPI.

Referência

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Dados sobre a UESPI**. Disponível em: <https://uespi.br/campi/>. Acesso em: 03.jun.2025.

6 – A RELEVÂNCIA DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO E DE MOBILIDADE ACADÊMICA

Anelise Copetti Dalla Corte²⁴

UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste (PR)

Cibele Krause Lemke²⁵

UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste (PR)

Introdução

Este capítulo tem por objetivo discutir o papel da oferta e da aprendizagem de línguas estrangeiras para o processo de internacionalização. Trata-se da observação de que a cooperação e a mobilidade internacional nas Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil têm se desenvolvido a partir de diversas ações e por meio de

²⁴ Professora colaboradora na Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro. Possui Graduação em Língua Estrangeira – Espanhol, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí (2002), e em Letras – Português, pelo Centro Universitário Internacional – Uninter (2022). Possui Mestrado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – Unicentro (2016), e Doutorado em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL – Unicentro (2024). **E-mail:** anelise@unicentro.br

²⁵ Doutora em Educação. Professora Associada C da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Lidera o grupo de pesquisa Língua, Imigração e Identidade. Docente do Curso de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICENTRO (PPGE). Tem experiência na área de Letras e Educação, com destaque para o ensino de línguas e políticas linguísticas. Coordenadora Geral da Coordenadoria de Relações Internacionais da UNICENTRO-PR. **E-mail:** cklemke@unicentro.br

diferentes modalidades de projetos e programas. Uma das ações mais significativas no sentido de promover a mobilidade acadêmica foi a criação do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), em 2011, por meio do Decreto n. 7.642, sancionado pelo Governo Federal (Brasil, 2011). A partir da criação e implementação do CsF, passou a haver um incremento nas demandas relacionadas à mobilidade Internacional (Pereira; Silva; Guimarães, 2020), bem como uma grande adesão ao programa. Isso fez com que a questão da língua estrangeira para fins de internacionalização do Ensino Superior passasse a ser discutida nas IES com maior ênfase a partir de 2012.

O Programa Inglês sem Fronteiras e o ensino de línguas estrangeiras nas universidades públicas brasileiras

Após a implementação do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), em 2011, e da constatação de que o aspecto linguístico seria um importante elemento na consolidação do programa, o Governo Federal, a partir da Portaria n. 1.466, de 2012, instituiu o Programa Inglês sem Fronteiras (IsF), que tinha como objetivo capacitar linguisticamente nesse idioma os participantes do Programa Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2012). O Inglês sem Fronteiras foi criado, portanto, em atendimento a uma exigência de desenvolvimento linguístico dos alunos participantes dos programas de mobilidade acadêmica promovidos pelo Programa Ciências sem Fronteiras (Santos; Gomes; Rodrigues, 2022).

Naquele momento, entendia-se a importância do programa Inglês sem Fronteiras na preparação dos alunos interessados em participar dos programas de mobilidade acadêmica, a fim de dar conta dos objetivos do Ciência

sem Fronteira. Mais tarde, em 2014, o Governo Federal instituiu o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), a partir da publicação da Portaria Normativa n. 973/ 2014 (Brasil, 2014), que foi ampliado pela Portaria n. 30, de 26 de janeiro de 2016, passando a ofertar mais seis idiomas além do inglês (Brasil, 2016).

Foram incluídos ao Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF): o espanhol o francês, o alemão, o italiano e o japonês, além do português como língua estrangeira/adicional.

Em 2017, por exigência do Programa Idiomas sem Fronteiras, as Instituições de Ensino Superior que quisessem proceder ao credenciamento deveriam obrigatoriamente apresentar uma política linguística aprovada em seus conselhos superiores (Santos; Gomes; Rodrigues, 2022).

A partir dessa exigência, as Universidades se viram obrigadas a pensar formas e meios de implementar a oferta do ensino de línguas estrangeiras nos seus programas de internacionalização e mobilidade acadêmica.

O edital de credenciamento previa objetivos ambiciosos, como o de envolver toda a comunidade acadêmica no processo de internacionalização, mediante o desenvolvimento linguístico de todos. A fim de orientar as instituições em relação às ações que respondessem aos objetivos previstos no edital, algumas sugestões em relação à construção do texto a respeito das políticas linguísticas foram apresentadas às IES, tendo como destaque a valorização da diversidade linguística e cultural por meio da oferta de cursos, oficinas, formação e atendimento em diferentes idiomas; processos formativos, definições de idiomas a serem aceitos para os trabalhos acadêmicos, entre outros.

A partir da publicação do edital, e da necessidade de organização de políticas linguísticas que dessem conta dessas exigências, as discussões acerca da internacionalização e da importância e do papel das línguas estrangeiras nesse processo se intensificou, congregando pesquisadores num trabalho de compreensão do contexto e de projeções para o futuro. No entanto, ainda em 2017, o Programa Ciência sem Fronteiras acabou extinto e, mais tarde, em 2019, o Ministério da Educação (MEC) afirmou não ter mais interesse em dar continuidade também ao Programa Idiomas sem Fronteiras (Santos; Gomes; Rodrigues, 2022).

Ao longo dos anos em que ambos os programas – CsF e IsF – vigoraram, os movimentos de internacionalização, impulsionados por eles, foram responsáveis por evidenciar as lacunas existentes em termos de proficiência em língua estrangeira no contexto das IES brasileiras, conforme conclusão de estudo realizado por Finardi, Guimarães e Mendes (2020). Os autores afirmam que “[...] existe una brecha entre los principios y las políticas (lingüísticas) para guiar a las instituciones brasileñas de enseñanza superior en sus procesos de internacionalización”²⁶ (Finardi; Guimarães; Mendes, 2020, p. 18). As lacunas demonstradas pelos movimentos de internacionalização das IES, e comprovadas pelos estudos de Finardi, Guimarães e Mendes (2020), por exemplo, nos colocam diante de uma necessidade urgente de elaboração e implementação de políticas linguísticas que venham ao encontro dessa demanda.

²⁶ “[...] existe una lacuna entre os princípios e as políticas (linguísticas) para orientar as instituições de ensino superior brasileiras em seus processos de internacionalização” (Finardi; Guimarães; Mendes, 2020, p. 18, tradução nossa).

Políticas linguísticas e internacionalização do ensino superior

Os estudos relacionados às políticas linguísticas nesse contexto têm sido ampliados nas últimas décadas, especialmente devido às recentes discussões e ações voltadas à internacionalização do Ensino Superior. Sendo assim, uma das ações convergentes às políticas de internacionalização das IES está relacionada ao ensino de línguas estrangeiras, visando a preparação dos acadêmicos para os programas de mobilidade nas IES internacionais.

No contexto paranaense, por exemplo, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) do estado criou, em 2014, o Programa Paraná Fala Idiomas²⁷ (PFI), com o intuito de apoiar o processo de internacionalização das Universidades Estaduais do Paraná. O programa PFI está presente nas 7 (sete) IES do estado e se tornou referência em políticas linguísticas para a internacionalização, ofertando cursos de idiomas gratuitos para toda a comunidade acadêmica dessas IES. Os idiomas ofertados pelo programa PFI são o inglês, o francês e o espanhol e, mais recentemente, o português para estrangeiros, sendo que esse último foi interrompido no decorrer de 2025, por conta de demandas internas da SETI, com possibilidade de retomada *a posteriori*.

A formação nesses idiomas visa dar aos alunos que realizam os cursos as condições linguísticas para participarem dos programas de mobilidade acadêmica promovidos pelas IES. Além disso, o programa também trabalha na articulação de parcerias e ações em favor da internacionalização do Ensino Superior público paranaense,

²⁷ Mais informações sobre o Programa Paraná Fala Idiomas (PFI) podem ser acessadas em: <https://www.seti.pr.gov.br/paranafalaidiomas>

o que tem trazido muitos resultados ao processo de internacionalização das IES do Paraná, com forte adesão dos estudantes em programas de mobilidade internacional. Com isso, comprova-se que o fomento à aprendizagem de línguas pode promover mudanças e resultados positivos.

Por outro lado, a falta de domínio de uma língua estrangeira acaba, muitas vezes, sendo um empecilho para que mais alunos da graduação e da pós-graduação sejam aprovados nos editais de mobilidade acadêmica internacional (Sousa; Fuza, 2020). Ademais, por seu caráter hegemônico, o inglês tem dominado os espaços acadêmicos e científicos (Sousa; Fuza, 2020). No entanto, outras línguas estrangeiras, especialmente o espanhol, já têm encontrado espaço nas IES e se tornado opção de idioma aos que pretendem se candidatar a bolsas de intercâmbio internacional. Assim, a valorização das línguas estrangeiras/adicionais representa uma estratégia que visa a melhoria dos índices de internacionalização das IES, uma vez que “[...] los idiomas tienen un papel clave para la internacionalización de las instituciones de enseñanza superior”²⁸ (Finardi; Guimarães; Mendes, 2020, p. 18).

No que se refere às publicações científicas em língua estrangeira, existe uma predominância maior de pesquisas publicadas em inglês. De acordo com Rajagopalan (2005), estudos como os de Canagarajah (2002) já alertavam para o fato de que

[...] os próprios pesquisadores dos países não anglófonos, em especial países “periféricos” do chamado terceiro mundo, são vítimas das políticas discriminatórias impostas pelas revistas científicas –

²⁸ “[...] as línguas desempenham um papel fundamental na internacionalização das instituições de ensino superior” (Finardi; Guimarães; Mendes, 2020, p. 18, *tradução nossa*).

publicadas, em sua grande maioria, em inglês –, que sumariamente rejeitam trabalhos submetidos pelo simples motivo de não terem sido escrito em inglês digno de um “nativo” (Rajagopalan, 2005, p. 136).

Em mesa-redonda realizada no dia 28 de setembro de 2023²⁹, durante o 2º Encontro Brasileiro sobre Internacionalização e Inovação em Estudos Linguísticos e Literários e Formação de Professores de Línguas, promovido pelo Departamento de Letras da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS, o professor e pesquisador Dr. Waldenor Moraes, ao ser questionado a respeito de quais aspectos de nosso modelo de Ensino Superior impactam negativamente na escolha das nossas IES por estudantes internacionais, respondeu que, dentre vários aspectos, os principais empecilhos destacados por estudantes de outros países, que excluem o Brasil como opção de mobilidade acadêmica, são: o nosso modelo curricular, com carga horária excessiva em sala de aula; mas, principalmente, o idioma. Dessa forma, a barreira linguística ainda é, de acordo com Moraes, o maior entrave à expansão do acesso às nossas IES por alunos internacionais.

Se para os estudantes que vêm de fora o português se constitui em dificuldade, e até mesmo em fator determinante para a não escolha do Brasil como destino de intercâmbio acadêmico, podemos dizer que para os estudantes brasileiros um dos principais obstáculos também é de ordem linguística.

No contexto do Ensino Superior brasileiro, as políticas linguísticas que orientam e definem a presença das línguas estrangeiras e o seu posicionamento nos

²⁹

Mesa-redonda disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=iGnokKMzN_k

em:

cursos e instituições estão relacionadas às dimensões que essas línguas podem ocupar no contexto acadêmico. Finardi, Guimarães e Mendes (2020) sugerem a análise das políticas linguísticas institucionais a partir de seis diferentes dimensões no Ensino Superior, a saber: “[...] 1) língua de entrada; 2) ensino de línguas; 3) idioma de instrução; 4) linguagem de pesquisa; 5) idioma de administração e 6) idioma de comunicação externa” (Finardi; Guimarães; Mendes, 2020, p. 13). Nos interessa aqui focar nas dimensões 2 – ensino de línguas e 3 – língua de ensino. Os autores descrevem essas dimensões da seguinte forma:

La enseñanza de idiomas (2) debe tener en cuenta los idiomas que se consideran valiosos para que las universidades y los estudiantes logren sus objetivos, especialmente los relacionados con la internacionalización. El idioma de instrucción (3) es el idioma (o idiomas) que se utiliza para educar a los estudiantes, dependiendo de su campo de estudio³⁰ (Finardi; Guimarães; Mendes, 2020, p. 13).

No âmbito do ensino de línguas estrangeiras, a língua de instrução, ou também chamada de língua veicular, é a língua utilizada

[...] como medio de comunicación entre interlocutores (básicamente, profesor y alumnos) que hablan diferentes lenguas primeras y tienen un conocimiento escaso de la lengua meta. Esa lengua vehicular puede

³⁰ “O ensino de idiomas (2) deve levar em conta as línguas consideradas valiosas para que as universidades e os estudantes atinjam os seus objetivos, especialmente os relacionados com a internacionalização. A língua de instrução (3) é o idioma (ou idiomas) que se utiliza para ensinar os estudantes, dependendo da sua área de estudo” (Finardi; Guimarães; Mendes, 2020, p. 13, tradução nossa).

ser la **lengua materna** de los estudiantes, en el caso de un grupo monolingüe, o bien, en el caso de un grupo plurilingüe, una lengua conocida por todos los miembros del grupo, por ejemplo, el inglés [...]”³¹ (Peris *et al.*, 2008, p. 327, *grifo do autor*).

Assim sendo, Peris *et al.* (2008) afirmam que a língua veículo nas aulas de língua estrangeira, em alguns momentos, pode ser a língua materna do aluno, funcionando como estratégia metacognitiva. Acerca dessa função e do objetivo desse uso, Peris *et al.* (2008, p. 328) afirmam que “[...] el objetivo de la lengua vehicular es facilitar la comunicación, sobre todo, en niveles principiantes, a la hora de dar instrucciones. Es también la lengua que suelen emplear los estudiantes cuándo están realizando actividades metacognitivas”³². Todavía, Finardi, Guimarães e Mendes (2020) nos apresentam uma definição mais ampla desse conceito, entendendo a língua de instrução como a língua utilizada para ensinar os alunos, de acordo com sua área de estudo.

A língua estrangeira, por sua vez, se refere ao idioma objeto de aprendizagem, língua que é diferente da materna do aluno, sujeito esse que já possui uma determinada competência comunicativa anterior, advinda de sua primeira língua³³ (Peris *et al.*, 2008). Para Finardi,

³¹ “[...] como meio de comunicação entre interlocutores (basicamente, professor e alunos) que falam línguas maternas diferentes e têm pouco conhecimento da língua-alvo. Essa língua vehicular pode ser a **língua materna** dos estudantes, no caso de um grupo monolíngue, ou, no caso de um grupo plurilíngue, uma língua conhecida por todos os membros do grupo, por exemplo, o inglês [...]” (Peris *et al.*, 2008, p. 327, grifo do autor, tradução nossa).

³² “[...] o objetivo da língua vehicular é facilitar a comunicação, principalmente em nível básico, na hora de dar instruções. É também a língua que os alunos costumam usar quando realizam atividades metacognitivas” (Peris *et al.*, 2008, p. 328, tradução nossa).

³³ Língua primeira, aqui entendida como sinônimo de língua materna.

Guimarães e Mendes (2020), a língua estrangeira é a língua considerada valiosa para que as universidades e os acadêmicos atinjam seus objetivos, especialmente aqueles relacionados à internacionalização e à mobilidade acadêmica, por isso, mostra-se indispensável pensarmos e discutirmos as questões relacionadas ao processo de mobilidade acadêmica e internacionalização dessas instituições pelo prisma das políticas linguísticas.

Pesquisadores da área da Linguística Aplicada têm se dedicado a discutir os aspectos relacionados ao ensino de línguas estrangeiras para a internacionalização do ponto de vista das políticas linguísticas. Um exemplo desses esforços foi a realização do evento já mencionado anteriormente, o 2º Encontro Brasileiro sobre Internacionalização e Inovação em Estudos Linguísticos e Literários e Formação de Professores de Línguas, por iniciativa do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS.

O evento, que ocorreu entre os dias 25 e 28 de setembro de 2023, contou com a participação de conferencistas, palestrantes e pesquisadores de todo o país, e debateu temas como: ensino-aprendizagem e formação de professores de línguas para contextos de internacionalização; estudos linguísticos e internacionalização na Educação Superior; políticas e planejamento linguístico para o Ensino Superior e Educação Básica; entre outros tópicos relevantes para a área.

Um evento dessa natureza, promovido por um curso de Letras, especialmente em uma universidade pública, demonstra o engajamento dos pesquisadores da área na busca por soluções para os problemas que têm surgido, além de ser importante para que se reflita sobre a

internacionalização a partir de uma perspectiva linguística e geopolítica, lançando luz à contribuição da Linguística Aplicada e da Sociolinguística a esse campo do conhecimento e da ação. Espera-se que esses esforços se reflitam em políticas linguísticas mais presentes, efetivas e plurilíngues no contexto da internacionalização das IES, fortalecendo, também, os estudos dedicados ao ensino de línguas estrangeiras, bem como os cursos de formação de profissionais – professores de idiomas.

Considerações finais

Tendo em vista que, em muitos casos, a falta de proficiência em língua estrangeira se constitui em um significativo entrave aos acadêmicos que se interessam em participar dos programas de mobilidade internacional, podemos reafirmar a relevância e a essencialidade da oferta e da aprendizagem de línguas estrangeiras para o processo de internacionalização nas IES no Brasil.

Por outro lado, com o investimento na área de oferta de línguas estrangeiras e de financiamento para a internacionalização, na UNICENTRO – PR, além do trabalho sistemático da equipe de relações internacionais, acompanhamos a ampliação do desenvolvimento mobilidades acadêmicas para diferentes países, com destaque para o Canadá e países do Mercosul.

Programas como o Paraná Fala Idiomas (PFI), no contexto paranaense e o Rede de Especialistas Andifes Idiomas sem Fronteiras (Rede Andifes IsF), em âmbito nacional, demonstram que a internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras têm se desenvolvido a partir de políticas linguísticas focadas em promover a proficiência necessária aos acadêmicos interessados na mobilidade internacional.

Além disso, essas ações e iniciativas relacionadas ao ensino de línguas estrangeiras demonstram o compromisso das IES brasileiras com a ampliação das parcerias e da cooperação entre as instituições de diferentes países, no sentido de fomentar a adesão cada vez maior de acadêmicos de graduação e pós-graduação a programas de mobilidade acadêmica internacional promovidos em nosso país.

Referências

BRASIL. **Decreto n. 7.642, de 13 de dezembro de 2011.** Institui o Programa Ciência sem Fronteira. Brasília, DF, 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. **Portaria n. 1.466, de 18 dezembro de 2012.** Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://isf.mec.gov.br/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf. Acesso em: 14 jun.

BRASIL. **Portaria n. 973, de 14 de novembro de 2014.** Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras e dá outras providências. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://isf.mec.gov.br/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf. Acesso em 10 jun. 2025.

BRASIL. **Portaria n. 30, de 26 de janeiro de 2016.** Amplia o Programa Idiomas sem Fronteiras. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Port-MEC-030-2016-01-26.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FINARDI, K. R.; GUIMARÃES, F. F.; MENDES, A. R. Pensando la internacionalización (crítica) de la enseñanza superior brasileña. **Revista Internacional de Educação**

Superior, Campinas, SP, v. 6, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://blog.ufes.br/kyriafinardi/files/2019/11/8655312-Texto-do-artigo-61095-2-10-20191107.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2025.

PEREIRA, L. S. M.; SILVA, K. A.; Guimarães, R. M. Internacionalização da educação como prática translíngue: parâmetros e proposições para a formação crítica de professores de línguas. **Revista X**, v. 15, n. 1, p. 202-226, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/70827>. Acesso em: 14 jun. 2025.

PERIS, E. M.; CEREZO, E. A.; MORENO, M. C.; ARGUELLO, M. V. G.; FERRERO, C. L.; CASTELLS, S. T. **Diccionario de términos clave de ELE**. Madrid: SGEL/Instituto Cervantes, 2008.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. In: Lacoste, Y; RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do inglês**. São Paulo, Parábola, 2005. p. 135-159.

SANTOS, E. M; GOMES, R. B.; RODRIGUES, B. G. Internacionalização do ensino superior pelas línguas estrangeiras: algumas considerações. In: Santos, E. M; Gomes, R. B.; Rodrigues (orgs.). **Políticas linguísticas ensino de línguas e o processo de internacionalização do ensino superior no Brasil**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2022. E-book Kindle.

SOUSA, M.S.C; FUZA, A. F. A temática da internacionalização e sua relação com o contexto acadêmico. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, TO, v. 7, n. 8, p. 206-221, mar. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/2435-Texto%20do%20artigo-10048-2-10-20200522.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

7 – ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ

Fábio Henrique Rosa Senefonte³⁴
UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná (PR)

Introdução

Em tempos atuais, muito se tem discutido sobre a internacionalização no ensino superior, em especial, na interface com os diferentes pilares que edificam uma universidade, isto é, a pesquisa, o ensino, a extensão e a gestão. Nessa seara, entende-se que a internacionalização não é um pilar apartado, mas integrado às práticas de ensino, pesquisa e extensão, seja a nível de graduação ou pós-graduação (Miranda; Fossatti; 2018; Palma, 2010).

Nesse aspecto, a transversalidade inerente ao processo de internacionalização do ensino superior se dá não somente pelo diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, mas também pelo trânsito em diferentes esferas do ambiente universitário e, portanto, envolvendo diferentes atores desse contexto. Esse modelo, conhecido como Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2014), tem

³⁴ Doutor em Estudos da Linguagem. Professor adjunto, da subárea de Linguística Aplicada/Línguas Estrangeiras e Coordenador de Relações Internacionais, na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Tem experiência no ensino, aprendizagem e formação de professores de língua inglesa, com interesses de pesquisa em Linguística/Sociolinguística (aplicadas), políticas linguísticas, internacionalização do ensino superior e metodologia de pesquisa qualitativa. **E-mail:** fabiosenefonte@uenp.edu.br

se mostrado muito promissor na consolidação de políticas de internacionalização e, desse modo, tem se expandido cada vez mais em diferentes instituições na esfera global.

Ademais, uma instituição internacionalizada requer fundamentalmente um grande comprometimento de sua governança (Barros, 2020; Carvalho; Stallivieri, 2023; Neves; Barbosa, 2020), que, por sua vez, articula diretamente seu plano estratégico de internacionalização. Tal plano implica, portanto, toda a comunidade acadêmica, ou seja, docentes, discentes, agentes e gestores.

Dito isso, uma instituição cujo processo de internacionalização esteja avançado significa que suas atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão, de algum modo, são internacionalizadas. Com isso em mente, a Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, como parte de seu plano estratégico de internacionalização (abrangente), tem implementado anualmente o Encontro de Integração³⁵, que congrega atividades de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização, na graduação e pós-graduação, desenvolvidas no âmbito de sua comunidade acadêmica.

Este relato tem a finalidade, portanto, de apresentar a experiência do Encontro de Integração na UENP, com discussão acerca de tal modelo integrativo/abrangente na expansão e consolidação do processo de internacionalização da Universidade.

O Encontro de Integração da Universidade Estadual do Norte do Paraná

O Encontro de Integração da UENP, que é realizado anualmente, teve sua primeira versão em 2015. À época, o evento congregou atividades de pesquisa, a nível de

³⁵ Página eletrônica: <https://sge.uenp.edu.br/site/integracao9/2023/1>

graduação, por meio da V Jornada de Iniciação Científica (JOIC), atividades de extensão pelo I Seminário de Extensão e Cultura e o I Encontro de Internacionalização da UENP que reuniu trabalhos sobre as experiências diretamente relacionadas à internacionalização, como mobilidade, idiomas e outros.

Na sua versão de 2017, o evento incorporou também atividades de ensino e, desde então, contempla as esferas de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização na graduação e pós-graduação. Dessa maneira, a coordenação do evento fica a cargo, majoritariamente, das Pró-reitorias de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação e Extensão e Cultura, bem como da Coordenadoria de Relações Internacionais da UENP.

A partir de 2018, o evento implementa a atividade '*Hot Science*', que consiste na apresentação oral, em língua inglesa, de atividades em andamento ou concluídas que abarcam os eixos contemplados no evento, isto é, pesquisa, ensino, extensão e internacionalização.

Ademais, as apresentações passam por escrutínio de banca avaliadora que examinam tanto a proficiência linguística do candidato quanto o conteúdo de suas comunicações.

O Encontro de Integração acontece de dois a três dias e contempla diferentes tipos de atividades, tais como oficinas integrativas, minicursos, palestras de abertura e encerramento, atividades culturais, reuniões técnicas, rodas de conversas, comunicações orais incluindo o Hot Science e outras.

A imagem a seguir ilustra, a título de exemplificação, a programação do último dia de evento da sua nova edição (em 2023):

FIGURA 1 – Programação de 08/12/2023 do IX Encontro de Integração da UENP

Manhã
07h30 - Saída de ônibus de Cornélio Procópio 07h30 - Saída de ônibus de Jacarezinho 08h00 às 08h30 - Credenciamento 08h30 às 10h30 - Apresentação de trabalhos 10h30 às 11h00 - Intervalo e Apresentação Cultural 11h00 às 12h30 - OFICINAS Oficina:Â Oficina Maker - carrinhos movidos a ar Ministrante:Â Professor André Luiz Salvat Moscato Â Oficina:Â Grafite "Tom de cor preta" Ministrante: Carlão GrafitiÂ
Tarde
14h00 às 15h30 - OFICINAS Oficina:Â Oficina Maker - carrinhos movidos a ar Ministrante:Â Professor André Luiz Salvat Moscato Â Oficina: Grafite "Tom de cor preta" Ministrante: Carlão Grafiti 14h00 às 15h30 - Concurso Hot Science 14h00 às 15h30 - Reunião do RAPEE 14h00 às 15h30 - Roda de Conversa 15h30 às 16h00 - Intervalo e Apresentação Cultural 17h00 às 18h00 - Menção Honrosa eÂ Encerramento - Canal Oficial da UENP no Youtube 18h00 - Retorno dos ônibus de Cornélio Procópio e Jacarezinho

FONTE: UENP (2025).

O evento ainda conta em sua programação com uma menção honrosa dedicada aos melhores trabalhos apresentados em cada categoria do evento. Cada trabalho submetido para apresentação é avaliado pela comissão avaliadora do evento, em uma escala de 0-10.

Dessa forma, os trabalhos com as melhores notas, dentro de sua categoria, recebem uma menção honrosa e, em algumas edições, premiações diversas. Pontua-se, ainda, que o evento dispõe de comissão avaliadora própria, bem como uma externa, sobretudo para os trabalhos financiados por agências de fomento externa, como por exemplo a Fundação Araucária, a nível estadual (Paraná) e em nível federal, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Desse modo, ao longo de suas 10 edições, o Encontro de Integração da UENP tem ocorrido de forma itinerante, conforme os três campi da UENP (Cornélio Procópio, Bandeirantes e Jacarezinho) e tem reunido toda sua comunidade acadêmica, além de docentes e discentes estrangeiros em mobilidade, bem como pesquisadores de diferentes instituições brasileiras. Em média, desde sua primeira edição, o evento tem mobilizado aproximadamente 500 inscritos e mais de 300 trabalhos apresentados anualmente.

Discussões e considerações finais

Inicialmente, o Encontro de Integração reuniu diferentes subeventos das frentes de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização. Embora se tratasse de uma iniciativa de transversalizar esses domínios, ainda se configurava, majoritariamente, como um grande evento congregando atividades setorializadas e, portanto, com uma integração incipiente. É importante resgatar esse traço histórico para se evidenciar como, ao longo do tempo, o evento foi se tornando cada vez mais integrativo, de fato. No entanto, destaca-se que esse movimento é um processo e que ainda há um caminho a ser percorrido para que a internacionalização transversalizada esteja fortemente imbricada no ensino, pesquisa, extensão e gestão.

Desde as primeiras edições, sempre houve a preocupação com as palestras de abertura e encerramento no sentido de abordarem temáticas transversais de modo a contemplarem as frentes do evento. Essa temática integrativa já se alinhava, portanto, a uma perspectiva de internacionalização abrangente. Também, insta salientar que o evento, capitaneado majoritariamente por pró-

reitorias acadêmicas, é uma articulação direta da administração universitária e reflete seu plano de desenvolvimento institucional, o que inclui o plano estratégico de internacionalização, com perspectiva transversal (Barros, 2020; Carvalho; Stallivieri, 2023; Neves; Barbosa, 2020).

A partir da edição de 2018, o Hot Science possibilitou uma estratégia a mais para consolidar a integração dos diferentes domínios do evento. Nesse aspecto, os projetos de ensino, pesquisa e extensão puderam ganhar uma roupagem mais internacional, não somente pelo fato de serem apresentados em língua inglesa, mas por agregarem experiências internacionais, sobretudo (inter) mediadas pela Coordenadoria de Relações Internacionais. Na edição de 2018, por exemplo, com a participação de intercambistas norte-americanos, pelo programa de professor assistente da Fulbright (ETA³⁶), inúmeras atividades de ensino, pesquisa e extensão, de modo internacionalizado, puderem ser desenvolvidas e apresentadas no Encontro de Integração.

Na mesma esteira, com o tempo, as oficinas e minicursos disponíveis no evento deixaram de ser oferecidas de modo compartimentalizado e ganharam uma natureza mais integrativa. Nas últimas edições, a título de exemplificação, o evento incorporou oficinas sobre pesquisa internacionalizada e sobre práticas de ensino e internacionalização.

Além disso, o evento, embora seja grandemente regionalizado, dialoga com pesquisadores e estudantes de outros estados brasileiros, bem como de outros países.

³⁶ U.S. Student: English Teaching Assistantship (ETA), disponível em: <https://fulbright.org.br/awards-for-us-citizens/english-teaching-assistantship-eta/>

Em consonância com a política de internacionalização da instituição, esse diálogo entre local/regional e global promovido pelo evento visa a diminuir tais barreiras geográficas (FASENFEST, 2010; WANG, 2014). Desse modo, em uma perspectiva de via de mão dupla, o regional pode incorporar uma natureza internacional ao passo que o global também pode se beneficiar de aspectos regionais.

Por fim, o Encontro de Integração da UENP, ao longo de uma década, vem fortalecendo as ações de internacionalização de forma abrangente, isto é, imbricada no ensino, pesquisa e extensão de modo a consolidar as práticas já existentes e avançar no processo de internacionalização da Universidade. Mais que uma amostra de atividades, o evento simboliza um espaço de compartilhamento de experiências internacionalizadas, além de servir como balizador para metas futuras, já que ele oportuniza experiências de reflexão e avaliação das atividades desenvolvidas ao longo do ano.

Referências

BARROS, M. J. F. *et al.* Internacionalização da Educação por Instituições de Ensino Superior. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 1, n. 45, p. 365-393, abr. 2020.

CARVALHO, S. B. R. DE; STALLIVIERI, L. Internacionalização da Educação Superior: O Estudo de Caso como Estratégia de Pesquisa. *In*: Colóquio Internacional De Gestão Universitária, 21., 2023, Loja, Equador, **Anais do XXI Colóquio Internacional de Gestão Universitária**, Florianópolis: UFSC, 2023, v. 1, p. 1-120.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ. **Encontro de Integração**. Jacarezinho, 2025. Disponível em

<https://sge.uenp.edu.br/site/integracao9/2023/1>. Acesso em 10 de jun. 2025.

FASENFEST, D. Neoliberalism, globalization and the capitalist world order. **Critical Sociology**, v. 36, n. 5, p. 627-631, 2010.

HUDZIK, J. K. **Comprehensive Internationalization: Institutional pathways to success**. London: Routledge, 2014.

MIRANDA, J. A. DE; FOSSATTI, P. Gestão da Internacionalização da Educação Superior: Desafios para o Desenvolvimento do Estudante Global. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 273-289, mai/ago 2018.

NEVES, C.E.B; BARBOSA, M. L. O. Internacionalização da educação superior no Brasil: avanços, obstáculos e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 22, n. 54, maio-ago 2020, p. 144-175.

PALMA, C. **A Gestão Estratégica da Internacionalização no Ensino Superior: Contributos do Gabinete de Relações Internacionais**, 2010, 210f, Dissertação de Mestrado - Universidade de Évora, Évora, 2010.

U.S. STUDENT: English Teaching Assistantship (ETA). **Fulbright Brasil**. Brasília, 2025. Disponível em: <https://fulbright.org.br/awards-for-us-citizens/english-teaching-assistantship-eta/>. Acesso em 12 de jun. 2025.

WANG, X *et al.* Globalization in the margins: toward a re-evaluation of language and mobility **Applied Linguistics Review**, v. 5, n. 1, p. 23-44, 2014.

8 – EXPERIÊNCIA DE UMA INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA COM O SUL GLOBAL: UEMA E UST COMPARTILHANDO SABERES

Stefanie Zerba Monteiro³⁷

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão (MA)

Ana Carolina Lima³⁸

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão (MA)

Silas Nogueira de Melo³⁹

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão (MA)

Introdução

A internacionalização da educação superior tem sido um tema controverso nos debates acadêmicos e institucionais nas últimas décadas, especialmente entre gestores universitários e pesquisadores da temática. Há grupos de pesquisadores que acreditam em políticas de internacionalização acadêmica voltadas para os rankings internacionais e, portanto, tratam-se de performances mais

³⁷ Chefe da Divisão de Mobilidade Internacional da UEMA. Bacharela em Relações Internacionais pela UNIFESP, especialista em Docência no Ensino Superior pela UNICID, especialista em Propaganda e Marketing pela UNICID e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional da UEMA. **E-mail:** stefaniemonteiro@uema.br

³⁸ Chefe da Divisão de Cooperações Internacionais, bacharela em Relações Internacionais pela UFG e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional da UEMA. **E-mail:** analima@uema.br

³⁹ Superintendente de Relações Internacionais e Licenciado e Bacharel em Geografia pela UNESP, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP e doutor em Geografia pela UNICAMP. **E-mail:** silasmelo@professor.uema.br

autônomas. Enquanto isso, outros pesquisadores defendem uma prática mais equilibrada e que sirva a objetivos mais amplos, como a reciprocidade nas parcerias e a busca da diminuição de assimetrias entre as instituições do chamado Sul Global e do Norte Global.

Porém, em contextos marcados por profundas desigualdades históricas, políticas e socioeconômicas, como ocorrem nos países do Sul Global, esse processo não pode ser compreendido unicamente sob a lógica de uma internacionalização que promove a mobilidade presencial, o ranqueamento universitário ou o fortalecimento do uso da educação superior como *commodity*. Pelo contrário, requer uma abordagem crítica e decolonial, que valorize a cooperação solidária, o intercâmbio de saberes, a inclusão de múltiplas epistemologias e a democratização do acesso a oportunidades de experiência acadêmica internacional.

Sendo assim, este texto tem o objetivo de apresentar uma experiência exitosa de internacionalização acadêmica em casa, através da parceria entre a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), no Brasil, e a Universidad Santo Tomás (UST), no Chile. Trata-se de uma cooperação que perpassa diferentes frentes, desde cursos virtuais de línguas até projeto de intercâmbio virtual premiado, promovendo o fortalecimento institucional mútuo, a produção conjunta de conhecimento e a democratização do acesso à internacionalização para estudantes e docentes.

Para compreender o sentido e a relevância dessa experiência para as instituições, é necessário situá-la dentro do escopo de uma prática de internacionalização crítica e proveniente da periferia do mundo, como defendem os autores Heleta; Chasi (2023), Leal (2023) e

Ribeiro (1969). Tais perspectivas rejeitam a visão eurocêntrica e mercantil aplicada tanto à universidade quanto à internacionalização, defendendo uma abordagem que reconhece e valoriza os saberes locais, promove justiça epistemológica, fortalece as instituições do Sul Global e reafirma o papel social da universidade.

Contextualização da parceria UEMA–UST

A parceria entre a UEMA e a UST tem raízes em valores compartilhados: ambas são universidades comprometidas com a inclusão, o desenvolvimento regional, a inovação pedagógica e a formação cidadã. A UEMA, como instituição pública estadual do Brasil, e a UST, como universidade confessional chilena de projeção nacional, reconheceram na cooperação mútua uma oportunidade para expandir suas fronteiras acadêmicas e, ao mesmo tempo, preservar seus compromissos com os territórios que representam.

A parceria com a UST iniciou a partir da adesão da UEMA ao programa INILATmov+, no segundo semestre de 2021, pois a instituição chilena é responsável pela gestão do programa. Nesse mesmo contexto, ambas IES concordaram que seria importante trocar cursos de português brasileiro e espanhol, e, assim, disponibilizá-los para as comunidades acadêmicas correspondentes. No entanto, a parceria foi formalizada por meio de um memorando de entendimento em 15 de julho 2021, que estabeleceu intenções para intercâmbios acadêmicos, desenvolvimento de projetos conjuntos e colaboração em programas de ensino, pesquisa e extensão. Posteriormente, um Plano de Trabalho foi elaborado, trazendo diretrizes mais específicas dentro da parceria. Desde então, a cooperação tem se fortalecido e

diversificado, alcançando resultados concretos e inovadores para ambas as instituições.

Cursos bilaterais de português e espanhol: reciprocidade e aprendizagem intercultural

Como mencionado anteriormente, um dos primeiros marcos da parceria foi a implementação de cursos bilaterais de português brasileiro e espanhol como línguas estrangeiras, oferecidos de forma virtual e gratuita para estudantes, docentes e técnicos de ambas as instituições. Esta iniciativa representou uma prática de internacionalização em casa, ou seja, ações que promovem o contato intercultural e o desenvolvimento de competências internacionais sem necessidade de mobilidade física. A reciprocidade foi um princípio-chave desde o início: professores da UEMA ministraram o curso de português para a comunidade da UST, enquanto docentes da UST ofereceram o curso de espanhol para o público da UEMA. Essa dinâmica não apenas ampliou o acesso à aprendizagem de línguas, mas também promoveu a valorização das identidades linguísticas e culturais de cada país, pois os cursos se baseiam em uma abordagem intercultural para o ensino de língua estrangeira.

Intercâmbio virtual e reconhecimento com o Prêmio ODS

Outro ponto alto da parceria para os cursos bilaterais de línguas foi a realização de um intercâmbio virtual no segundo semestre de 2021, entre estudantes de diversos cursos das IES, que ocorreu de modo paralelo aos cursos. O intercâmbio teve como premissa o estudo dos aspectos culturais, históricos e geográficos do Brasil e do Chile, visando reforçar a aprendizagem de língua

estrangeira, por meio do estudo comparativo dos países. Esta iniciativa consistiu na formação de duplas mistas de estudantes chilenos e brasileiros – estudantes dos cursos de português e espanhol – trabalhando juntos na elaboração de textos e vídeos específicos em língua estrangeira, discorrendo sobre futebol, artes e política, por exemplo.

A carga horária total proposta para o curso e o intercâmbio juntos foi cerca de 120 horas – sendo 100 horas-aula do curso e 20 horas de intercâmbio. Durante essas horas, o casamento entre o curso de língua estrangeira e o intercâmbio virtual cumpriu com o objetivo prático de aumentar a convivência dos pares de alunos em decorrência das várias horas trabalhadas em conjunto e de maneira síncrona para a produção do texto e do vídeo temáticos. Ademais, esse quantitativo de horas representou além de ganhos objetivos, demonstrando uma parte subjetiva que apontou grande similaridade com um intercâmbio presencial, pois englobou também o conhecimento da cultura específica do país e a convivência pessoal, como técnicas adicionais de aquisição de linguagem.

Essa prática notadamente ocorreu durante a pandemia de COVID-19, um momento de fragilidade para a mobilidade internacional de pessoas. No entanto, foi nesse contexto que a internacionalização do ensino superior conheceu e reconheceu a possibilidade de utilizar os meios digitais como um aliado, pois a internet abriu oportunidades para o acesso da comunidade acadêmica de IES do Sul Global – especialmente aquelas inseridas em contextos de maior vulnerabilidade socioeconômica – a situações de enriquecimento e trocas acadêmicas que antes eram inacessíveis a esse público.

A experiência foi tão impactante que recebeu um reconhecimento institucional na forma de um prêmio chamado Reconhecimento Selo ODS Educação 2023, em reconhecimento pelo compromisso com o desenvolvimento sustentável e a colaboração dessa ação da UEMA, que contribuiu para a outorga do Selo ODS Educação 2023 para a instituição, conferido pela Organização das Nações Unidas.

Participação ativa no INILATMOV+

A parceria entre UEMA e UST também se manifesta na participação ativa da UEMA no programa INILATmov+⁴⁰ (Iniciativa Latino-Americana de Movilidad Virtual), como já mencionado, é coordenada pela UST. O INILATmov+ é um programa que surge da Iniciativa Latino-Americana para a Internacionalização da Educação Superior (INILAT), formada por redes nacionais de internacionalização de seis países: Brasil (FAUBAI), Chile (Learn Chile), Colômbia (RCI-ASCUN), Equador (REIES), México (AMPEI) e Peru (REDIPERÚ). Seu principal objetivo é promover e facilitar a mobilidade virtual e presencial de estudantes de nível técnico, graduação e pós-graduação, bem como incentivar a colaboração acadêmica entre as instituições dos países membros. A iniciativa entende que promover a mobilidade virtual é uma forma de democratizar os intercâmbios educacionais. As instituições que compõem a rede estão comprometidas com a inovação em cooperação e mobilidade acadêmica, buscando uma maior integração entre as IES latinas, ao passo que forja uma identidade latina de educação superior internacional.

A UEMA tem sido uma das instituições brasileiras que contribuem ativamente para a rede, já que oferta

⁴⁰ Para maiores informações, acessar: <https://www.learnchile.cl/INILATmov/>

disciplinas e abre editais internos semestrais para a sua comunidade acadêmica cursar disciplinas em IES da rede. Desde 2021, a UEMA, oferta em média 50 vagas para que seus alunos possam acessar as oportunidades nas instituições parceiras e cursar disciplinas de graduação ou pós-graduação na América Latina. Nossa performance ativa na rede reforça a orientação da política de internacionalização da UEMA, que vai ao encontro dos nossos princípios decoloniais já expostos neste relato. Além disso, também participa de reuniões de governança online e workshops presenciais, como ocorre durante as conferências anuais da FAUBAI.

A experiência de cooperação entre a UEMA e a UST ilustra de forma concreta como a internacionalização da educação superior pode ser ressignificada a partir de uma perspectiva crítica, decolonial e comprometida com a justiça social e epistemológica. Ao priorizar ações como o intercâmbio virtual, a oferta recíproca de cursos de línguas e a participação ativa em redes como o INILATmov+, a parceria rompe com a lógica dominante dos rankings e da mobilidade elitizada, para afirmar uma internacionalização com “alma” – pautada pela solidariedade, pela inclusão e pelo reconhecimento dos saberes locais e das realidades periféricas. Trata-se de um modelo que, além de ampliar o acesso às experiências internacionais, também fortalece institucionalmente as universidades envolvidas e promove o empoderamento de suas comunidades acadêmicas.

Considerações finais

A parceria entre a UEMA e a UST é um exemplo concreto de como a internacionalização da educação superior pode ser reconfigurada a partir de uma perspectiva crítica, decolonial e situada no Sul Global. Longe de

reproduzir assimetrias históricas, essa experiência mostra que é possível construir pontes que não apenas conectam instituições, mas também pessoas, saberes e projetos de futuro. Inspiradas por autores como Samia Chasi, Savo Heleta, Fernanda Leal e Darcy Ribeiro, as ações desenvolvidas por ambas as universidades demonstram que internacionalizar é, antes de tudo, um ato político e ético – uma escolha por uma educação superior mais justa, inclusiva e transformadora. Ainda, favorece a pluralidade na produção do conhecimento, difundindo saberes a partir de línguas que são frequentemente preteridas no *mainstream* da produção científica, e transformando os ganhos ocorridos a partir das parcerias em ganhos mais recíprocos, com maior autonomia para estabelecer diretrizes e objetivos comuns que sejam mais alinhados aos contextos locais dos países localizados na América Latina.

Referências

HELETA, S; CHASI, S. Rethinking and redefining internationalisation of higher education in South Africa using a decolonial lens. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 45, n. 3, p. 261–275, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/xnyB>. Acesso em: 3 jul. 2025.

LEAL, F. G. Confronting Colonial Imaginaries: The Limits of the Eurocentric Critique to ‘Internationalization of Higher Education’ and the Possibilities of Decolonial Inflection. *In*: SILVA, Kléber Aparecido da; PEREIRA, Lauro Sérgio Machado (org.). **Decolonizing the Internationalization of Higher Education in the Global South: Applying Principles of Critical Applied Linguistics to Processes of Internationalization**. Londres: Routledge, 2024. p.23-38. DOI: 10.4324/9781003409205-2.

RIBEIRO, D. **A Universidade Necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

9 – A INTERNACIONALIZAÇÃO NA ABRUEM: POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DAS AFILIADAS

Rosenery Loureiro Lourenço⁴¹

UEMS – Univ. Estadual de Mato Grosso do Sul (MS)

Cibele Krause Lemke⁴²

UNICENTRO – Univ. Estadual do Centro-Oeste (PR)

Fábio Henrique Rosa Senefonte⁴³

UENP – Univ. Estadual do Norte do Paraná (PR)

Viviane Bagio Furtoso⁴⁴

UEL – Univ. Estadual de Londrina (PR)

⁴¹ Doutora em Ciências Contábeis. Professora da UEMS no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos (PPGDRS) e no Curso de Ciências Contábeis. Diretora da Diretoria de Relações Internacionais da UEMS. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Contabilidade Gerencial, atuando principalmente nos temas controle gerencial, gestão pública, Internacionalização no ensino superior, abordagens interpretativas e críticas de pesquisa. **E-mail:** rosenery@uems.br.

⁴² Doutora em Educação. Professora Associada C da UNICENTRO. Lidera o grupo de pesquisa Língua, Imigração e Identidade. Docente do Curso de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICENTRO (PPGE). Coordenadora Geral da Coordenadoria de Relações Internacionais da UNICENTRO-PR. **E-mail:** cklemke@unicentro.br.

⁴³ Doutor em Estudos da Linguagem. Professor adjunto e Coordenador de Relações Internacionais, na UENP. **E-mail:** fabiosenefonte@uenp.edu.br.

⁴⁴ Doutora em Estudos Linguísticos e pós-doutorado com Bolsa Capes/Fulbright. Professora Associada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Assessora de Relações Internacionais (gestão 2022-2026). Desenvolve pesquisas na área de Linguística Aplicada, com ênfase em Avaliação, Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. **E-mail:** viviane@uel.br

Introdução

Em um cenário global cada vez mais interconectado, a internacionalização da educação superior não é mais uma opção, mas uma necessidade estratégica para transformação e fortalecimento das instituições. Nas universidades estaduais e municipais brasileiras, espalhadas por diferentes regiões do país, com realidades socioeconômicas e culturais singulares, a busca pela internacionalização tem sido marcada por desafios, inovações e estratégias institucionais diversas (Fossatti; Miranda; Moehlecke, 2015).

Foi a partir da reflexão sobre essas questões que quatro diretores/coordenadores de Relações Internacionais de diferentes universidades estaduais se uniram para investigar como as instituições de seus respectivos estados, e de forma mais ampla, as instituições representadas na Câmara de Internacionalização e Mobilidade da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (ABRUEM) estão posicionadas em termos de internacionalização, mais especificamente, com base no modelo teórico-metodológico de Internacionalização Abrangente, idealizado por Hudzik (2015).

Para tal finalidade, realizamos um levantamento dos principais documentos institucionalizados que norteiam as atividades de internacionalização das 22 instituições participantes da pesquisa, isto é, planos estratégicos de internacionalização, políticas de internacionalização, políticas linguísticas entre outros. Os resultados parciais foram apresentados no 72º Fórum Nacional da ABRUEM, realizado na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), em outubro de 2024, e permitiram compreender como as diferenças regionais também estão expressas nos aparatos

de internacionalização de cada universidade participante do levantamento realizado.

É importante destacar que a internacionalização na ABRUEM caracteriza-se por um processo que envolve a integração sistemática e estratégica da internacionalização de suas filiadas em diferentes áreas das instituições de ensino superior da rede. A ABRUEM defende a internacionalização e promove ações como missões ao exterior, acordos de cooperação e encontros diplomáticos. Para a ABRUEM, que visa fortalecer a educação superior brasileira, a internacionalização deve servir como meio de integrar as universidades estaduais e municipais brasileiras com o cenário internacional através de intercâmbio de estudantes, professores e pesquisadores, além da colaboração em projetos de pesquisa e extensão e desenvolvimento de tecnologias (ABRUEM, 2025).

Desta forma, este Relato de Experiência tem por objetivo apresentar marcadores relativos ao levantamento de dados acerca da internacionalização de instituições afiliadas à ABRUEM, o qual foi estruturado a partir de uma contextualização teórica da proposta de se internacionalizar instituições do ensino superior, objetivos, amostra de participantes, abordagem teórico-metodológica e resultados parciais, com proposição de uma reflexão sobre a importância de olhar a internacionalização a partir de uma abordagem abrangente.

Este capítulo está estruturado em quatro partes, incluindo a introdução. Na segunda seção, discorreremos sobre o papel das universidades estaduais e municipais na internacionalização do ensino superior e nos detemos sobre alguns argumentos teóricos relacionados à internacionalização abrangente. A terceira seção apresenta, de forma sintética, os achados da pesquisa

apresentados no 72º Fórum da ABRUEM, ao passo que a última, oferece as reflexões finais deste relato.

A internacionalização abrangente e o papel de IES estaduais e municipais

O conceito de internacionalização abrangente (*comprehensive internationalization*), proposto por Hudzik (2015), refere-se à integração sistemática e deliberada da dimensão internacional em todas as funções centrais de uma instituição – ensino, pesquisa, extensão, gestão, comunicação e políticas de pessoal. Diferente de ações pontuais, essa abordagem exige planejamento, liderança institucional, comprometimento de toda a comunidade acadêmica e sustentação em políticas públicas.

O processo de internacionalização abrangente envolve um comprometimento organizacional com a internacionalização, não apenas em atividades acadêmicas, mas também nas operações institucionais, incluindo administração, políticas, governança e engajamento comunitário.

Em outras palavras, a internacionalização não se constitui como um processo apartado da governança universitária e isso implica não somente a articulação de diferentes setores universitários, bem como a mobilização dos diferentes atores desse contexto, como discentes, agentes, docentes e gestores (Carvalho; Stallivieri, 2023; Fossatti; Miranda; Moehlecke, 2015).

A *Figura 1*, traduzida do Conselho Americano de Educação (ACE), mostra os elementos que compõem a Internacionalização abrangente. Na perspectiva da ACE (2025), a internacionalização abrangente é uma **estrutura estratégica e coordenada que integra** políticas, programas, iniciativas e indivíduos para tornar faculdades e

universidades mais orientadas globalmente e conectadas internacionalmente (ACE, 2025).

FIGURA 1 – Modelo de Internacionalização Abrangente



FONTE: ACE (2025).

A internacionalização precisa ser compreendida não apenas como mobilidade, mas como transformação estrutural, pedagógica e identitária das universidades (Knight, 2004). Nesse sentido, o conceito de internacionalização abrangente de forma crítica – para utilizar a abordagem de internacionalização significativa e crítica de Stein (2021) – ganha relevância na medida em que nos adverte que práticas de internacionalização, se descontextualizadas e sem propósitos alinhados com especificidades regionais, podem reforçar assimetrias de poder e invisibilizar epistemologias locais.

Para as universidades estaduais e municipais brasileiras, que estão situadas em contextos de menor visibilidade internacional e com recursos mais escassos que as universidades federais, a internacionalização

abrangente é mais do que desejável – é estratégica. Ela permite que essas instituições ampliem suas redes, fortaleçam a formação cidadã de seus estudantes e coloquem suas pesquisas em diálogo com desafios globais.

As universidades estaduais estão presentes em todas as regiões do Brasil e, as municipais, em algumas regiões, e muitas vezes inseridas em contextos urbanos e rurais onde o ensino superior federal não chega.

São instituições que têm forte enraizamento territorial e papel fundamental na formação de professores, profissionais da saúde, lideranças comunitárias e pesquisadores comprometidos com o desenvolvimento regional.

Nesse contexto, a internacionalização não pode ser entendida apenas como um caminho de projeção institucional, mas como um instrumento de transformação social. Quando uma universidade estadual ou municipal promove um intercâmbio com instituições do Cone Sul, ou insere a Agenda 2030 da ONU em seus currículos, está não apenas se internacionalizando, mas contribuindo para a formação de uma cidadania global.

A literatura já aponta que a internacionalização das universidades do Sul Global deve ter outras prioridades (Leal, Moraes e Oregioni, 2020). Acreditamos que é preciso romper com o paradigma colonial da internacionalização baseada na emulação de modelos do Norte, e valorizar práticas como: cooperações solidárias, redes Sul-Sul, produção científica multilíngue, justiça linguística e cognitiva, valorização de saberes indígenas, latinos e afro-brasileiros (Lourenço, Correa, 2024). Alguns desses elementos de valorização das relações sul-sul têm sido cada vez mais incorporados pelas universidades estaduais, sobretudo nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

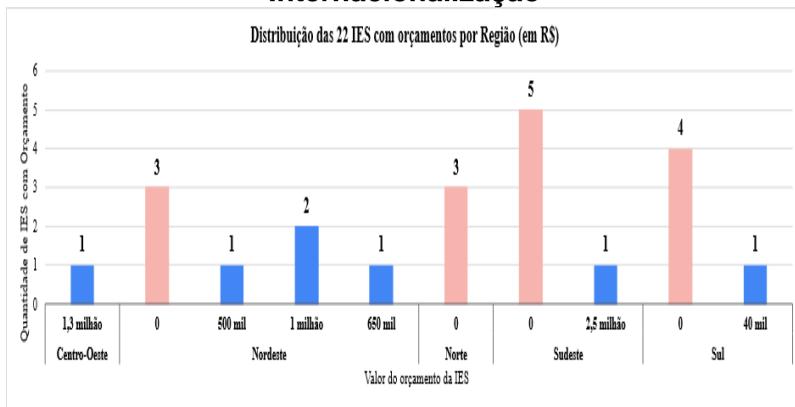
Resultados iniciais da pesquisa junto às afiliadas ABRUEM

O nascimento dessa pesquisa colaborativa sobre as afiliadas ABRUEM surgiu da ideia de que os diretores e/ou coordenadores percebem muitos desafios enfrentados por suas instituições, outrossim, tanto os desafios quanto os êxitos nas soluções eficientes de gestão da internacionalização, por vezes, não são compartilhados. O grupo dividiu tarefas e se reuniu em diferentes formatos a fim de desenhar o levantamento que buscou mapear o grau de institucionalização da internacionalização em universidades estaduais e municipais brasileiras. Para o registro de resultados para este escrito, as categorias de Liderança e Estrutura e Políticas e Compromisso Institucional, do modelo de Internacionalização Abrangente (*Figura 1*), foram priorizadas.

Das 46 universidades afiliadas à ABRUEM, 22 responderam à pesquisa realizada, houve representantes das 5 regiões brasileiras. Para estas IES a designação do setor de internacionalização na instituição é: Assessoria (7), Coordenadoria (6), Diretoria (4), Escritório (1), Secretaria (1), Superintendência (1), Núcleo de Intercâmbio e Cooperação (1), Pró-Reitoria de Extensão (1). Quanto ao vínculo do setor de internacionalização, as universidades estaduais e municipais estão vinculadas à Pró-Reitorias (4%), Vice-reitoria (14%) e à Reitoria (82%). Destas instituições, 55% (12 IES) possuem comitês de internacionalização e 45% (10 IES) responderam que não possuem. Em complemento, o levantamento buscou a situação orçamentária e financeira destinada às ações de internacionalização.

A *Figura 2* mostra a distribuição orçamentária para a internacionalização nessas instituições:

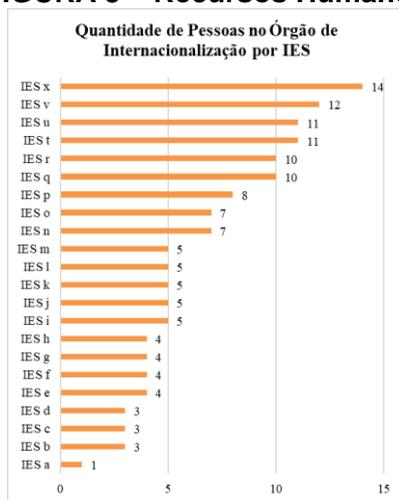
FIGURA 2 – Distribuição Orçamentária da Internacionalização



FONTE: Os Autores (2025).

Em relação aos recursos humanos disponíveis e atuantes no setor, a *Figura 3* (como trazido na próxima página) mostra a quantidade de pessoas vinculadas em cada setor de internacionalização.

FIGURA 3 – Recursos Humanos



FONTE: Os Autores (2025).

Como parte da metodologia da pesquisa, para compreender as Dimensões da Internacionalização Abrangente presentes nas universidades avaliadas foram identificados, a partir dos documentos institucionais, a presença ou ausência dos seguintes elementos:

- (a) Política de Internacionalização;
- (b) Plano Estratégico de Internacionalização;
- (c) Objetivos e Metas de Internacionalização no PDI;
- (d) Comitês com responsabilidades sobre a internacionalização;
- (e) Política Linguística;
- (f) Política de Acolhimento Internacional;
- (g) Websites institucionais internacionais e de internacionalização;
- (h) Sistemas Informatizados para Acompanhamento da Internacionalização;
- (i) Avaliação e Monitoramento da Internacionalização;
- (j) Documentos que orientam as ações de internacionalização.

Nesse aspecto, a *Figura 4* ilustra os documentos institucionais que orientam a internacionalização dessas universidades.

FIGURA 4 – Documentos Norteadores da Internacionalização



FONTE: Os Autores (2025).

Além desses documentos que orientam a internacionalização, constatamos que em apenas 28,6% das universidades o setor de internacionalização tem representação junto aos Conselhos Superiores e 71,4% não tem representação. Outrossim, 58,7% não possuem websites institucionais internacionais e de internacionalização. Quando questionados quanto aos principais desafios do setor de internacionalização e as demandas de melhorias, estas instituições informaram que necessitam, principalmente, de criação de escritórios e cargos (4), estrutura física e organizacional (4), aumento de equipe (6), parcerias e mobilidade (6), planejamento estratégico e políticas (7), aumento de orçamento (8). Os dados sinalizam que, embora exista compromisso e esforço por parte das instituições estaduais e municipais, a internacionalização ainda não está plenamente consolidada como política pública sistêmica nas afiliadas à ABRUEM. Tais resultados, de certo modo, ratificam o cenário, em linhas gerais, de internacionalização do ensino superior brasileiro, ou seja, um contexto caracterizado por uma fase ainda inicial ou com ações mais incipientes, como aponta Miranda (2015).

Considerações finais

Como se trata de uma investigação ainda em andamento e, portanto, com resultados parciais, nosso recorte para este escrito compreendeu, sobretudo, as categorias de Liderança e Estrutura e Políticas e Compromisso Institucional, do modelo de Internacionalização Abrangente (*Figura 1*). Todavia, a análise dos dados coletados junto a 22 universidades estaduais e municipais afiliadas à ABRUEM revela que, embora a internacionalização ainda não esteja plenamente

consolidada como política pública sistêmica, há sinais consistentes de aprendizado institucional em direção à internacionalização abrangente. A vinculação da maioria dos setores de internacionalização à Reitoria demonstra compromisso da alta gestão, mas também evidencia uma importante fragilização: pouca autonomia e falta de orçamento específico para a internacionalização.

Além disso, a existência de comitês institucionais em mais da metade das instituições aponta para tentativas de transversalizar a internacionalização nas instituições. Notamos o esforço de algumas universidades em elaborar documentos orientadores, políticas linguísticas e ações de acolhimento internacional, ainda que com variações significativas entre elas. As demandas recorrentes por planejamento estratégico, estrutura física, ampliação de equipe e orçamento indicam que as instituições reconhecem as lacunas existentes e desejam avançar em direção a práticas mais estruturadas e abrangentes.

Para nós, quatro pesquisadores diretamente envolvidos com a internacionalização em nossas instituições, esse processo de análise foi também um exercício de escuta, reconhecimento e autocrítica. Ao observarmos os dados, ainda que parciais, nos vemos refletidos nos desafios relatados: a sobrecarga de equipes pequenas, o trabalho das equipes pela destinação de orçamento específico para a internacionalização, bem como, a necessidade de legitimação institucional, em alguns casos.

Por outro lado, também nos reconhecemos nas conquistas relatadas por outras universidades – na criatividade e esforço diante das limitações, na busca por redes de cooperação, na aposta na internacionalização em casa como caminho de inclusão.

Ademais, entendemos a necessidade de avançarmos cada vez nessa investigação, com vistas a explorar as outras categorias do modelo de Internacionalização Abrangente e, assim, conseguirmos delinear com mais precisão o estágio (e suas nuances) do processo de internacionalização das instituições de ensino superior no escopo pesquisado.

Por fim, compreendemos, de forma ainda mais profunda, que avançar em direção à internacionalização abrangente não é apenas uma questão de estrutura, mas de cultura institucional. E esse aprendizado coletivo reforçou em nós o compromisso de seguir atuando não apenas como gestores, mas como agentes (trans)formadores de uma internacionalização crítica, democrática e alinhada às realidades das universidades estaduais e municipais brasileiras.

Referências

ABRUEM – **Associação Brasileira dos Reitores e Reitoras das Universidades Estaduais e Municipais**. Disponível em: <https://www.abruem.org.br/>. Acesso em: 10 mai.2025.

ACE – **American Council on Education**. Disponível em: <https://abrir.link/KdgdK>. Acesso em: 10 mai.2025.

CARVALHO, S. B. R.; ARAÚJO, G. C. Gestão da internacionalização das instituições de ensino superior. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 25, n. 01, p. 113-131, 2020.

CARVALHO, S. B. R. DE; STALLIVIERI, L. Internacionalização da Educação Superior: O estudo de caso como estratégia de pesquisa. *In*: Colóquio Internacional de Gestão Universitária, 21., 2023, Loja, Equador, **Anais do XXI Colóquio Internacional de Gestão Universitária**, Florianópolis: UFSC, 2023, v. 1, p. 1-120.

HUDZIK, J. K. **Comprehensive internationalization: Institutional pathways to success**. Routledge & American Council on Education, 2015.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004. DOI: 10.1177/1028315303260832

LEAL, F.; MORAES, M.C.B.; OREGIONI, M. S. Questionando o discurso e a prática de internacionalização da educação superior predominantes na América Latina. **Education policy analysis archives**, v. 28, p. 132-132, 2020.

LOURENÇO, R. L.; NERES, C. C. Práticas sociais para uma internacionalização crítica e decolonial na universidade pública. *Educar em Revista*, v. 40, 2024.

MIRANDA, J. A. A. de. Gestão da Internacionalização nas Universidades da Associação Internacional das Universidades Lassalistas (IALU): Estrutura e Pessoas. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA*, 14, 2014, Florianópolis, **Anais do IX Colóquio Internacional de Gestão Universitária**, Florianópolis: UFSC, 2015, v. 101, p. 1-13.

MIRANDA, J. A. DE; FOSSATTI, P. Gestão da Internacionalização da Educação Superior: Desafios para o Desenvolvimento do Estudante Global. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 273-289, mai/ago 2018. <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0870v23n2a3811>

STEIN, S. Critical Internationalization Studies at an Impasse: Making Space for Complexity, Uncertainty, and Complicity in a Time of Global Challenges. **Studies in Higher Education**, 46, 2021, 1771-1784.

10 – INOVAÇÃO EM INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA: EXPLORANDO A PERCEPÇÃO DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS NA ESFERA ESTADUAL E FEDERAL

Valeska Virgínia Soares Souza⁴⁵
UFU – Universidade Federal de Uberlândia (MG)

José Celso Freire Junior⁴⁶
UNESP – Universidade Estadual Paulista (SP)

Introdução

Este capítulo apresenta um recorte dos resultados da análise de uma pesquisa de mapeamento de práticas inovadoras de internacionalização em casa na perspectiva de *stakeholders* da internacionalização da educação superior brasileira.

⁴⁵ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, Diretora de Relações Internacionais – UFU. Ministra aulas na Graduação e na Pós-graduação no Instituto de Letras e Linguística (ILEEL). Completou estágio pós-doutoral sob supervisão do Professor José Celso Freire Junior na Unesp, com o tema: Conhecendo práticas inovadoras e educativas de ‘internacionalização em casa’ no contexto da Educação Superior brasileira. Coordena o Programa de Formação para a Internacionalização (ProInt/UFU) desde 2018. **E-mail:** valeskasouza@ufu.br

⁴⁶ Doutor em Ciência da Computação pela Université Grenoble Alpes, Assessor Chefe de Relações Externas – Unesp. Desenvolveu e é responsável pela estratégia de internacionalização da universidade e tem trabalhado em sua implementação, estabelecendo parcerias e vínculos com várias IES em todo o mundo. Freire é o atual Presidente da Associação Brasileira de Educação Internacional – Faubai. Participou como palestrante em numerosos eventos focados na internacionalização do ensino superior, tais como Going Global, EAIE, AIEA, CAIE e NAFSA. **E-mail:** josecelso.freire@unesp.br

Os resultados e informações apresentados contribuem de forma concreta para uma análise das ações de internacionalização em casa em curso nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. A pesquisa abordada permitiu analisar o ponto de vista dos maiores responsáveis pelo processo de internacionalização das instituições. Eles responderam a um questionário semiestruturado que incluiu questões relacionadas às concepções institucionais acerca de inovação e práticas inovadoras de internacionalização em casa. O intuito da pesquisa foi contribuir para o planejamento de curto e longo prazo que diversas IES brasileiras devem desenvolver para avançar em seus processos de internacionalização.

A definição utilizada de internacionalização em casa (IaH) nesta proposta tem sido a mais recorrente e foi apresentada por Beelen e Jones (2015) como: “integração intencional das dimensões internacional e intercultural no currículo formal e informal para todos os estudantes dentro dos ambientes de aprendizagem domésticos”. Compreendemos que a internacionalização pode se manifestar de diversas formas e não apenas em termos de mobilidade física de estudantes e pesquisadores para outros países. Faz-se necessário o reconhecimento das possibilidades e potencialidades do internacional e global, para a sua formação humana e principalmente para o seu pleno exercício da cidadania (Santos; Reis, 2020).

Para explicitar o que entendemos como inovação, recorreremos aos pesquisadores Degraff e Degraff (2017), que explicam que nós inovamos quando perturbamos o sistema. Eles partem de um sistema de identificação, compreensão e combinação das diferentes visões de mundo dominantes de pensadores e líderes criativos para delinear um código da inovação, ou seja, para definir a

concepção do que é ser inovador. Há o que se entende por inovação disruptiva, revolucionária e de avanços com alto grau de novidade e de complexidade. Existe também a inovação incremental, que envolve um risco mais baixo e uma dimensão menos revolucionária.

Neste contexto, deve-se considerar que tipo de inovação podemos alcançar na internacionalização. Primeiramente, faz-se necessário atentar para uma visão de internacionalização não centrada na mobilidade física, que se denomina Internacionalização em Casa (Internationalisation at Home – IaH). Nesta linha, Missere Mihas (2021) aponta que considerando que a internacionalização se tornou um componente importante dos planos estratégicos de muitas instituições, as universidades talvez queiram expandir os esforços para aumentar as iniciativas de IaH, com a criação de interações intencionais através de atividades extracurriculares para todos os estudantes, bem como de atividades cocurriculares. Nesta pesquisa, se considera que existe uma oportunidade de aumentar a compreensão dos estudantes nacionais e internacionais sobre questões globais e seu impacto nas sociedades em todo o mundo. Claramente a ótica da IaH se torna cada vez mais presente.

Neste recorte da pesquisa macro, se compartilha ideias de duas Instituições de Educação Superior brasileira: a Universidade Estadual Paulista – Unesp e a Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Essas instituições estão vinculadas a duas associações, no caso das instituições federais, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES⁴⁷, e as instituições estaduais à Associação Brasileira dos Reitores

⁴⁷ Para mais informações, acesse: <https://www.andifes.org.br/>.

das Universidades Estaduais e Municipais – ABRUEM⁴⁸. Segundo informações nos sites das associações, a ANDIFES congrega 71 instituições e a ABRUEM 48.

O questionário semiestruturado que foi respondido incluiu 22 questões, sendo que as mais amplamente exploradas nesta proposta são aquelas presentes nas seções 05 e 06, respectivamente, “Estrutura Conceitual de Inovação”, e “Socialização de Práticas de ‘Internacionalização em Casa’ da Instituição”. Pôde-se desta forma analisar o ponto de vista dos maiores responsáveis pelo processo de internacionalização das IES.

Primeiramente foi importante conhecer como os dois participantes da pesquisa, representantes dos escritórios de internacionalização concebiam o processo de IaH. Para o participante da UFU, IaH é, ao mesmo tempo uma forma de preparar todos os estudantes para demandas da sociedade do conhecimento e a integração de perspectivas de cidadania global nos currículos formal e informal. A participante da Unesp acrescentou às duas definições anteriores que se trata, ainda, de caminhos alternativos para superar as limitações da mobilidade internacional no exterior. Essas três definições foram colocadas como possibilidades para os respondentes.

A respondente da instituição estadual apontou que “A Unesp possui um plano estratégico com a formação de talentos globais como um dos seus pilares. As atividades de internacionalização em casa são entendidas como ferramentas para atingir os objetivos”. Já o respondente da UFU complementou que a IaH é vista, institucionalmente, “como ação necessária e fundamental, mas ainda incipiente por falta de cultura institucional e de orçamento”.

⁴⁸ Para mais informações, acesse: <http://abruem.org.br/>.

Exemplificou que outras ações, como “Geração de documentos em língua estrangeira; sinalização do campus; sites traduzidos e atraentes para o internacional” também podem ser considerados como ações de IaH.

Para que os respondentes estivessem esclarecidos da visão de inovação adotada para esta pesquisa, foi apresentada a eles a definição de Raffaelli e Glynn (2015): “uma mudança nova, útil e legítima que perturba em graus variados os pilares cognitivos, normativos ou reguladores de um campo organizacional”. No intuito de conhecer o perfil de inovação das instituições participantes, a seguinte pergunta foi proposta: “Qual dos apontamentos dos autores retrata o perfil de sua instituição no que se refere a inovação?”

Para o respondente da UFU, a inovação institucional é um desafio e muitas vezes é recebida com atrito, resistência e contestação devido à tensão dinâmica entre a estabilidade institucional e a mudança inovadora. A respondente da Unesp também entende que esse apontamento retrata o perfil da instituição que representa, mas acrescentou que a inovação institucional ocorre nas instituições à medida que elas se adaptam para enfrentar novas oportunidades, ambientes alterados ou novas sensibilidades culturais.

Além disso, para embasar as opiniões dos respondentes acerca do perfil de inovação de suas instituições, o trecho a seguir de Gibson (2015) foi apresentado no questionário para introduzir os quatro padrões de pensamento que o autor indica que podem ser considerados pilares para a inovação:

1. Desafiar convenções – Questionar crenças e suposições profundamente arraigadas e explorar respostas novas e altamente não-convencionais;

2. Aproveitar tendências – Reconhecer o potencial futuro e os desenvolvimentos emergentes e usar essas tendências para abrir novas oportunidades;
3. Alavancar recursos – Entender nossa capacidade ilimitada de reutilizar habilidades e bens de formas, em combinações ou em contextos diferentes;
4. Compreender necessidades – Prestar atenção aos problemas e frustrações que outros ignoraram e experimentar novas soluções para os problemas.

Ao serem perguntados como suas instituições se posicionam em relação a esses quatro padrões, ambos os respondentes pontuam que entendem a importância desses pilares e estão comprometidos com uma postura de desafio às convenções, ao aproveitamento de tendências, à alavancagem de recursos e à compreensão de necessidades.

Uma questão aberta com os seguintes dizeres foi apresentada para que os respondentes elaborassem suas opiniões de inovação institucional em relação às concepções e as estratégias de IaH: “Como você explicaria o perfil de sua instituição no que se refere a inovação em termos de 'internacionalização em casa’?”

A respondente da Unesp explica que a instituição está “disposta a superar barreiras e promover mudanças com vistas a internacionalização abrangente”. Já o respondente da instituição federal informa que “temos inovado, mas entendo que para haver impacto na instituição tem que haver na UFU, uma ampliação de escala e maior investimento das unidades acadêmicas, da administração e da comunidade universitária”.

Para permitir um compartilhamento de propostas inovadoras de IaH, os respondentes tiveram um espaço aberto para inserir até 3 práticas de IaH que eles

compreendessem como inovadoras em suas instituições. Para balizar as respostas, o texto a seguir foi adicionado ao questionário:

Selecione até três práticas de 'internacionalização em casa' da sua instituição que podem ser compreendidas como práticas inovadoras e conte-nos um pouco sobre elas. Escreva sobre o tipo de atividade e seu objetivo. Por que pode ser considerada uma prática de 'internacionalização em casa'? Por que pode ser considerada uma prática inovadora?

A responde da Unesp lista duas ações, a saber: (1) Programa de intercâmbio virtual – BRaVE e (2) Projetos de extensão como base para o desenvolvimento de programas de verão/inverno. A primeira ação mencionada está relacionada à maior recorrência na socialização de propostas, que foi a utilização de ferramentas do ambiente virtual para atividades de IaH. Segundo os respondentes, as instituições públicas brasileiras de educação superior têm aproveitado os recursos da Internet para ações de mobilidade e de intercâmbio virtual (COIL, BRaVE, Destino Brasil ANDIFES, dentre outros) e para ampliar a visibilidade das instituições e das ações sendo desenvolvidas localmente. É importante mencionar que a experiência da Unesp com a metodologia de intercâmbio virtual está registrada na obra de Salomão e Freire Junior (2020).

O respondente da UFU menciona três ações, sendo essas: (1) Curso de idiomas e de cultura para jovens da comunidade, (2) Programa de Formação de alunos para à internacionalização nos moldes Programa de Educação Tutorial (PET), (3) Programa de recepção de alunos internacionais. A segunda ação citada materializa a passagem de concepções para práticas de IaH, quando

eventos com o propósito de integração entre a comunidade local e internacional acontecem na instituição, conforme Souza, Córdula, Paula e Moraes Filho (2023).

Percebemos que, mesmo com as barreiras mencionadas pelos respondentes, ambas as instituições se comprometem com ações de IaH, a partir das singularidades de seus contextos, contribuindo para uma visão mais abrangente do processo de internacionalização. O compromisso com práticas de IaH é acompanhado de uma postura ética e criativa, o que colabora para a internacionalização inovadora de cada instituição, seja na esfera estadual ou na federal.

Referências

BEELEN, J.; JONES, E. Redefining internationalization at home. In: CURAJ, A et. al. (Ed.) **The European Higher Education Area**, 2015. p. 59-73.

DEGRAFF, J.; DEGRAFF, S. **The innovation code: the creative power of constructive conflict**. Oakland: Berrett-Koehler Publishers, 2017.

GIBSON, R. **The 4 lenses of innovation: a powerful tool for creative thinking**. New Jersey: Wiley, 2015.

MISSERE MIHAS, T. Intercultural Encounters: creating purposeful interactions between domestic and international students. **The Organizational Improvement Plan at Western University**, 2021. 129 p.

RAFFAELI, R.; GLYNN, M. A. Institutional Innovation: novel, useful and legitimate. In: Shalley, C. E.; Hitt, M. A.; Zhou, J. (Ed.) **The Oxford Handbook of Creativity, Innovation and Entrepreneurship**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 407-420.

SALOMÃO, A. C. B.; FREIRE JUNIOR, J. C. **Perspectivas de Internacionalização em Casa**: intercâmbio virtual por meio do programa BRAVE/UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

SANTOS, G. M. T.; REIS, J. P. C. COVID-19 e internacionalização em casa: potencialidades para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Superior. **Boletim de Conjunturas**, v. 4, n. 11, 2020. p. 19-27.

SOUZA, V. V. S.; CÓRDULA, M. S. M.; PAULA, V. A. F.; MORAES FILHO, W. B. De concepções a práticas de internacionalização: o caso do Programa de Formação para a Internacionalização (ProInt-UFU). In: Chagas, L. A.; Coelho, J. P. P. **Estudos linguísticos e Internacionalização na Educação Superior**: Interdisciplinaridade, Inovações e Práxis. Cassilândia (MS): CLUEMS/UUC, 2023. p. 47-64.

11 – INITIATIVES TOWARDS INTERNATIONALIZING THE MUNICIPALITIES OF THE STATE OF AMAZONAS: A CASE STUDY IN MANACAPURU FOCUSING ON THE SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS (SDGS)

Vanúbia Araújo Laulate Moncayo⁴⁹

UEA – Universidade do Estado do Amazonas (AM)

André Luis Nunes Zogahib⁵⁰

UEA – Universidade do Estado do Amazonas (AM)

Kátia do Nascimento Couceiro⁵¹

UEA – Universidade do Estado do Amazonas (AM)

⁴⁹ Vanúbia Moncayo holds a PhD in English: Linguistics and Literary Studies from the Federal University of Santa Catarina (UFSC), and completed a doctoral internship at the University of Sydney, Australia (USYD). At present, Dr. Moncayo is the Head of the International Relations Office and an Associate Professor at the UEA. **E-mail:** vmoncayo@uea.edu.br

⁵⁰ André Zogahib has degrees in Business Administration, Public Administration and Law. He holds a Master's degree and a Doctoral degree in Public Administration. At present, Dr. Zogahib is the Rector of the UEA. He is an Associate Professor at UEA and has an extensive experience in coordinating undergraduate/graduate courses and entrance exams. As an experienced manager, Dr. Zogahib is also a representative member of ABRUEM. **E-mail:** zogahib@uea.edu.br

⁵¹ Kátia Couceiro holds a PhD in Tropical and Infectious Diseases from the Amazonas State University. She is a cardiologist with specialization in implantable electronic cardiac stimulation. She holds a Master's degree in Medical Education from the Federal University of São Paulo. At present, she is the Vice-Rector of the UEA. She is a Fellow of the European Society for Cardiology. She was the President of the Society for Amazonas Cardiology (2020-2021). **E-mail:** kcouceiro@uea.edu.br

Valentina Cristine Sampaio Carvalho⁵²
UEA – Universidade do Estado do Amazonas (AM)

Initial Considerations

Bearing in mind that a more updated definition for internationalization conceives interculturality and collaboration between institutions and communities aspects deemed within the scope of a new understanding of international dimensions (Knight, 2006), that “the growing international dimension of higher education is an agent of change itself” (p.208), and that the internationalization of education represents a possible pathway to gain planetary awareness (Brito; Campos; Mercado, 2020), the Amazonas State University (In Portuguese: Universidade do Estado do Amazonas, UEA), by means of its International Relations Office, launched the project “De-foreignizing to Internationalize: UEA Preparing Citizens for the World”. Proposed by Dr. Vanúbia Moncayo, approved by the scientific committee of the Pro-Rector of University Outreach and Community Affairs (PROEX-UEA), and supported by UEA’s senior management, this project aims at fostering actions of internationalization in the form of subprojects being carried out by students of Technology-Mediated On-Campus Course in English Language and Literature from seven out of the fifteen municipalities where the course is offered.

⁵² Valentina Cristine is a student of Technology-Mediated On-Campus Course in English Language and Literature at UEA. Also, she studies Law at a private university. She is a trainee at the Public Defenders Office in Manacapuru. She participated in the project “Shiroi Sakura”, aimed at the teaching of Japanese in Manacapuru. Valentina is starting her career in academic research, focusing on languages and environment. She is interested in topics related to internationalization of education. **E-mail:** vcsc.lin22@uea.edu.br

The subprojects integrating “De-foreignizing to Internationalize: UEA Preparing Citizens for the World” are of cross-disciplinary strategies. The point of departure of these subprojects relates to using the English language, which in alignment with other areas of knowledge as referred to the potentials of the municipalities, such as tourism, sustainable tourism, indigenous culture and arts, contribute to the development of proposals whose aim is to help raise some awareness towards the 17 SDGs.

Of the seven municipalities with subprojects under the supervision of the International Relations Office and of the corresponding local teacher, this experience report intends to depict the experience lived by Valentina Cristine Carvalho, student of Technology-Mediated On-Campus Course in English Language and Literature, in the city of Manacapuru, 98,8 km away from Manaus, capital of the state of Amazonas.

Valentina’s writing and speaking skills along with research strategies enabled the creation of a six-folded leaflet focusing on the historical and culture backgrounds of Manacapuru as well as on tips of sustainable practices aimed at foreign visitors.

Still under revision, the material will be available at the Center for Support of Tourists in Manacapuru, a sector within the Secretary of Tourism for Manacapuru, with the purpose of being distributed to foreign visitors during the Cirandas⁵³ Festival, which is the attraction of greater cultural expression in Manacapuru and in the state of Amazonas.

⁵³ Ciranda, the most expressive culture manifestation in Manacapuru, is a round dance which became the main Folk Festival of the city.

The methodological framework to the experience report

The subproject Sustainable Practices Guides, which is part of the larger and overreaching project “De foreignizing to Internationalize: UEA Preparing Citizens for the World”, is a case study carried out by Valentina Cristine about the municipality of Manacapuru. On the basis of the insights from the case study method proposed by Yin (2005), it is possible to ensure that the six-folded leaflet drawn on Manacapuru is a result of an empirical investigation about the daily life context within the communities of the city, mainly during the Cirandas festivities.

This observational process along with a survey of the theoretical accounts of the historical and cultural backgrounds of the city and of the sustainable development issues enabled the register of the information in a leaflet format headed for foreign visitors.

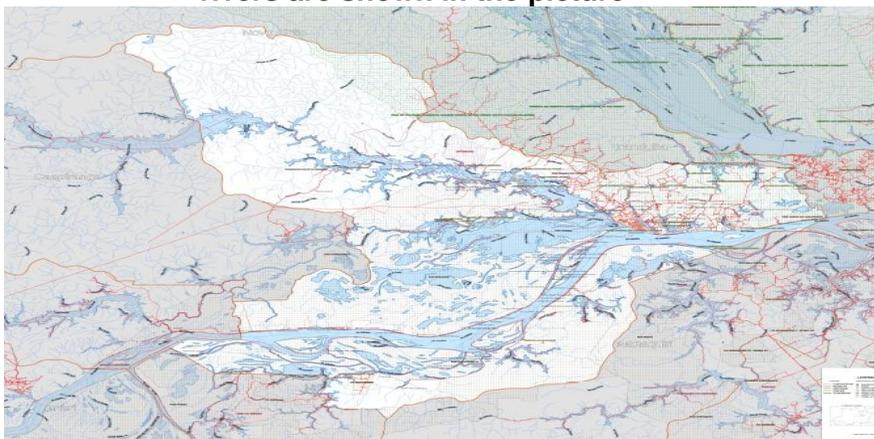
The municipality of Manacapuru as object of the subproject

The municipality of Manacapuru is part of the Metropolitan Region of Manaus, situated on the banks of the Solimões River, at a confluence with the Manacapuru River, about 80-93 km west of Manaus, via Highway AM 070.⁵⁴ Of an area of approximately 7336 km², Manacapuru is the house of 101 883 inhabitants according to the 2022 Census record⁵⁵. (*SEE IMAGE I*).

⁵⁴ Available at sema.am.gov.br+12en.wikipedia.org+12pt.wikipedia.org+12. Access: June 28th, 2025.

⁵⁵ Available at pt.wikipedia.org+2pt.wikipedia.org+2en.wikipedia.org+2;en.wikipedia.org+1pt.wikipedia.org+1. Access June 28th, 2025.

IMAGE 1 – The municipality of Manacapuru occupying an area of approximately 7336 Km². The boundaries and rivers are shown in the picture



SOURCE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Carta Municipal-Manacapuru, Amazonas. Escala 150.000. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Available at https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colacao_de_mapas_municipais/2022/AM/manacapuru/A0_1302504_MM.pdf. Access: 8 jul. 2025

Recognized for its popular manifestations, of which the traditional Cirandas Festival is part, Manacapuru mobilizes hundreds of residents and foreign visitors, strengthening local identity and the creative economy. Since the municipality is defined as holding a unique environmental context located between floodplain areas and extensive hydrographic networks, activities of artisanal fishing, plant extractivism as well as ways of being closely attached to nature are favored. Inspired by the insights of Sachs (2002), we can say that these aspects make the municipality a privileged territory of fostering integrated actions that articulate environment, economy efficiency and social justice, three core dimensions as a pathway to sustainable development.

A case study in the municipality of Manacapuru focusing on the SDGS

Relying on the conception that internationalization also conceives initiatives which privilege the diversity of cultures within nations, communities and institutions upon which interculturality plays a crucial role (Knight, 2006), the subproject “Sustainable Practices Guide”, developed by Valentina Cristine, departs from the English language use aiming at fostering awareness raising towards sustainable tourism in the city of Manacapuru.

The activities of the “Sustainable Practices Guide” were carried out throughout the year 2024 within the scope of the theoretical accounts of tourism itself, sustainable tourism, human actions and cultural aspects pertaining Manacapuru as an attempt to figure out the context of situation of the investigated city. Because Valentina was born in Manacapuru and has lived there ever since, her views shaped from those accounts go beyond mere interpretations or hasty conclusions, thus contributing to thinking and rethinking the ways in which tourism aligned with sustainability can be communicated to the point of appealing to the sensibility of the inhabitants of that region.

Profiting from the advantage of learning English and embracing the opportunity to living its linguistic skills out, mainly speaking and writing, Cristine draws on a six-folded leaflet intended to raise awareness of residents and visitors towards the environmental preservation in Manacapuru. This material encompasses historical background, including the etymological explanation for the word Manacapuru, cultural aspects and tips of sustainable practices. With regard to cultural aspects, the Cirandas Festival, nationally and internationally renowned as the most expressive cultural manifestation in Manacapuru, is highlighted (*SEE*

IMAGE I)). Scanning the QR code on the last page of that leaflet with a cell phone camera, a video is played with Valentina and her friend speaking not only about the city of Manacapuru, but also about sustainability. Still about the aforementioned last page, a seed of biribá, regional fruit commonly found in Manacapuru and popular in Brazil for its rich nutrients, is provided along with some general and nutritional information as a way to stimulate planting and thereby social responsibility about ecological prudence (SEE IMAGE II).

IMAGE 2 – The six folded leaflet encompassing the historical and cultural backgrounds of Manacapuru as well as tips of sustainable practices



SOURCE: Valentina Cristine, maio/2025.

IMAGE 3 – A seed of biribá, a regional fruit in the Amazon commonly found in Manacapuru, provided along with the six folded leaflet to be distributed to visitors for planting as a symbol of sustainable practice



SOURCE: Valentina Cristine, maio/2025.

Focusing on the leaflet cover design (IMAGE II), the central image in there draws on buildings and energy

panels with a high degree of saturation. Kress and Van Leeuwen (1996, [2006]) advocate that color saturation, size of the participants, which can be humans or inanimate things, cleanness and focus in composing a given image indicate that the participants are being highlighted and that the image carries some sense of "relevant psychology" to the point of impacting the reader. From this perspective, in the cover design under analysis, it is possible to assume that the participants in evidence are the colorful buildings, wooded area and energy panels which altogether convey the idea of what a sustainable city must be. The energy panels positioned in a very clear and focused way opposite the buildings draw attention to the importance of investing in clean and renewable energy. Needless to say that the ways the participants are combined in that cover design lead the reader to reflect upon his attitudes and behavior towards the environment.

Once the leaflet is proofread, which is due the second fortnight of this July, the material will be available at the Support Center for Tourists, a sector within the Secretary of Tourism for Manacapuru, to be distributed to foreign visitors at the Cirandas Festival taking place in August. This initiative is believed to contribute to raising awareness towards the following Sustainable Development Goals: 04 (Quality Education); 07(Clean Water and Sanitation); 11 (Sustainable Cities and Communities); 12 (Responsible Consumption); 16 (Peace and justice) and 17 (Partnerships for the Goals).

As can be seen, the Sustainable Practices Guide has proven being helpful for fostering knowledge building, that knowledge strengthening network and collaboration between institutions within which cultural diversity and interculturality of Manacapuru are at play for the well-being

of the environment and the quality of life of Macapuru's residents, thus contributing to raising not only local, but also planetary awareness towards the SDGs. Since the material produced is headed for foreign visitors, a global dimension, in some sense, is also brought into play. On the basis of that more updated definition, we can assume that this experience report is an instance of internationalization in the higher school education.

Concluding remarks

Although the interpretations for internationalizing may vary, the internationalization in this experience report is that related to the enhancement of the diversity of cultures and interculturality within which institutions and communities go on mutual collaboration for fostering awareness towards the SDGs in local and global dimensions: the Amazonas State University – the Secretary of Tourism for Manacapuru and, in some sense, the residents of Manacapuru – foreign visitors in there.

The results from the subproject Sustainable Practices Guide have proven being fruitful for all social actors, and especially for the municipality of Manacapuru. Written in English, which is the global language of communication, science and business, the material, which is under revision, encompassing aspects of history, culture and relevant tips of sustainable practice, promises to reach a majority audience at the festivities, especially at the Cirandas Festival, when Manacapuru welcomes hundreds of visitors, including foreigners.

Of paramount importance is to say that that six-folded leaflet is not intended to accomplish the SDGs. Nevertheless, we do believe that this is an important initiative to start the first steps towards environmental

awareness raising and thus behavioral change in relation to the ways in which the environment is managed. Actually, the first steps towards these issues are already given when the project enables the mutual collaboration between UEA and the Secretary of Tourism for Manacapuru.

Thus, the development of the Sustainable Practices Guide aims to provide some environmental awareness raising towards the 17 SDGs. Judging from the nature of the subproject, the SDGs 4 (Quality Education); 7(Drinking Water and Sanitation); 11 (Sustainable Cities and communities); 12 (Responsible Consumption); 16 (peace and justice) and 17 (Partnerships for the goals) are the Goals being highlighted in the material produced.

A last aspect to highlight is that by immersing students into research about global thematic priorities, giving them the opportunity to generating knowledge and strengthening knowledge network, and by integrating social actors by means of mutual collaboration in the pursuit of a better quality of the environment and of the human life, the Amazonas State University fulfills its role in training students, involving communities and institutions from a local to a global dimension, preparing them thereby to be not only local, but also global citizens. This is what the project De foreignizing to Internationalize: UEA Preparing Citizens for the World”, of which the Sustainable Practices Guide is part, is concerned about. Perhaps, this is one of the reasons why Knight (2005) advocates that “the growing international dimension of higher education is an agent of change itself” (p.208).

References

BRITO, R.; DE O.; CAMPOS, A. F. M.; MERCADO, L. P. L. **A Internacionalização da Educação como meio para a Formação da Consciência Planetária.** In:

internacionalização da educação básica e superior: desafios, perspectivas, experiências / Renato de Oliveira Brito, Organizador -- Brasília: 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Carta Municipal-Manacapuru, Amazonas*. Escala 150.000. Rio de Janeiro:IBGE, 2022. Available at https://geofpt.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2022/AM/manacapuru/A0_1302504_MM.pdf. Acesso em: 8 jul. 2025.

KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: The grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

KNIGHT, J. **Internationalization: Concepts, Complexities and Challenges**. In: International Handbook of Higher Education. James J.F. Forest and Philip G. Altbach (organizadores). Pp. 207–227. Springer, 2006.

MANACAPURU. Disponível em sema.am.gov.br+12en.wikipedia.org+12pt.wikipedia.org+12/pt.wikipedia.org+2pt.wikipedia.org+2en.wikipedia.org+2;en.wikipedia.org+1pt.wikipedia.org+1 Acesso em 28 de junho de 2025.

SACHS, I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Garamond, 2002.

WIKIPEDIA. **Manacapuru**. Disponível em sema.am.gov.br+12en.wikipedia.org+12pt.wikipedia.org+12. Acesso em: 28 de junho, 2025.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

12 – REPERCUSSÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE DOIS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

José Airton de Freitas Pontes Junior⁵⁶
UECE – Universidade Estadual do Ceará (CE)

Antonio Rodrigues Ferreira Júnior⁵⁷
UECE – Universidade Estadual do Ceará (CE)

Francisco Edmar Pereira Neto⁵⁸
UECE – Universidade Estadual do Ceará (CE)

O contexto da internacionalização da pós-graduação

A Portaria nº 220, de 3 de novembro de 2017 que instituiu o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES – PrInt) (Brasil, 2017) foi um grande estímulo para que a Universidade Estadual do Ceará (UECE) buscasse conhecer melhor as ações de internacionalização até então realizadas pelos seus Programas de Pós-Graduação (PPGs). Conduzida pelo seu Escritório de Cooperação Internacional (ECInt), a autoavaliação da

⁵⁶ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE) e bolsista de Produtividade do CNPq. **E-mail:** jose.airton@uece.br

⁵⁷ Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual do Ceará (PPSAC/UECE) e bolsista de Produtividade do CNPq. **E-mail:** arodrigues.junior@uece.br

⁵⁸ Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará, Coordenador do Escritório de Cooperação Internacional (ECInt) e Recensador Educacional da Universidade Estadual do Ceará. **E-mail:** edmar.pereira@uece.br

internacionalização da pós-graduação permitiu fundamentar políticas institucionais que levaram à produção de planos e metas de cooperação internacional nos programas de pós-graduação da UECE. A internacionalização sempre foi uma dimensão estratégica na avaliação conduzida pela CAPES na busca de excelência do sistema de pós-graduação nacional. Ela não se constitui em um objetivo novo das universidades, mas um meio, uma estratégia para alcançar maior qualidade no ensino, na pesquisa e na extensão (Witt, Altbach, 2021).

A autoavaliação foi feita com base em ações e desafios institucionais históricos da UECE no âmbito da internacionalização. Instituição multicampi, estava presente em mais de 30 municípios cearenses com cursos presenciais e de EaD com forte atuação na formação de professores. Na pós-graduação, as ações de cooperação com instituições e pesquisadores internacionais eram fortemente dependentes dos recursos do Governo Federal. A falta de uma política interna para a internacionalização, incluindo-se uma política de aprimoramento linguístico, base para as ações de cooperação internacional, levavam a ações dispersas e não-sistemáticas, como a ausência de formalização de parcerias estratégicas e a dispersão dos poucos recursos em ações descoordenadas dos objetivos institucionais maiores.

Nesse âmbito, o Plano Institucional de Internacionalização da UECE foi discutido e aprovado pela Resolução nº 1415/2018 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) em 07 de maio de 2018, potencializando a candidatura da UECE ao CAPES-PrInt. Mesmo não sendo contemplada em tal edital, a universidade avançou nesta seara, pois promoveu a autoavaliação e o planejamento para ações dos Programas

de Pós-Graduação nos eixos estratégicos: a) Pesquisa; b) Ensino de Graduação e Pós-Graduação; c) Experiências acadêmicas para o multiculturalismo; e d) Qualificação linguística.

A Resolução da UECE de 2018 apresenta os seguintes objetivos:

I. Promover o aumento da qualidade das atividades de educação superior por meio da cooperação com parceiros estrangeiros.

II. Criar espaço de interculturalidade por meio das trocas entre pessoas de diferentes países e culturas.

III. Ampliar o espírito de cooperação científica entre pesquisadores da UECE e pesquisadores de parceiros estrangeiros.

IV. Estimular parcerias produtoras de inovação tecnológica e social para desenvolvimento do Estado do Ceará”.

De olho nesses objetivos, foram desenvolvidos o Plano de Internacionalização da UECE (Resolução 4260/2018 – CEPE) e os Planos de Internacionalização de cada PPGs. O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPSAC) já apresentavam no quadriênio 2013-2016 diversas ações isoladas e pouco sistemáticas de internacionalização, com foco em publicações em língua estrangeira e participação de docentes em eventos no exterior.

No entanto, a potencialidade de internacionalização desses dois programas era muito maior, visto, por exemplo, que muitos de seus docentes realizaram suas formações de doutorado e/ou pós-doutorado no exterior e mantinham, mesmo que de modo informal e isolado, contato com seus colaboradores estrangeiros.

A política e o plano da UECE de 2018 foram de grande ajuda no desenvolvimento da internacionalização dos PPGs no período de 2017-2020. A pandemia de COVID-19, iniciada em março de 2020, trouxe outra modalidade até então pouco explorada: o intercâmbio virtual. Essa “nova” possibilidade pouco utilizada passou a ser a principal ação de manutenção dos trabalhos da Pós-Graduação e várias colaborações de internacionalização em casa foram estimuladas, tais como bancas com participantes estrangeiros, organização de eventos e disciplinas com convidados de instituições de outros países e colaboração em redes de pesquisa de grupos de diversos países.

Com isso, esse relato visa apresentar as repercussões da internacionalização no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPSAC) no quadriênio 2021-2024.

Mobilidade discente e docente

Com o retorno às atividades presenciais, principalmente em 2021, as mobilidades de discentes e as Missões no Exterior se destacam como atividades de intensa relação com docentes estrangeiros, refletindo em articulações iniciais importantes, como bancas e trabalhos conjuntos. Quanto à mobilidade discente, de 2017-2020, o PPGE e o PPSAC receberam um aluno estrangeiro como aluno regular e um pós-doutorando estrangeiro, e enviaram ao exterior dois discentes via bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES) e não havia acordo de cotutela assinado.

Com isso, o PPGE e o PPSAC revisaram seus planos e iniciativas de internacionalização e passaram a

realizar diversas atividades de divulgação e orientação de informações tanto em reuniões de Colegiado, temática nos Seminários de Introdução aos Cursos de Mestrado e Doutorado, quanto por meio do envio de e-mails com oportunidades, promoção de “lives”, plantão tira-dúvidas e de manual específico de orientações para o PDSE. No quadriênio 2021-2024, os dois programas enviaram um total de 14 discentes de doutorado com bolsa do PDSE/CAPES.

Quanto à mobilidade docente, os Programas passaram a organizar missões ao Exterior no lugar de financiar apenas a ida a eventos científicos. No período de 2017-2020 foram apenas quatro missões somadas dos dois PPGs, mas entre 2021-2024 foram 29 ao todo, com destaque a missão de 2024 para a Universidade do Minho (UMinho, Portugal) e a Universidade de Santiago de Compostela (USC, Espanha) realizada em parceria dos dois PPGs, com discentes de ambos os Programas. Observamos a inserção de diversos docentes em redes internacionais de colaboração em pesquisa, tais como:

* Centro Internacional de Pesquisa em Inteligência Artificial *AI WORLDWIDE: Education, Language & Society*, constituído por 25 pesquisadores de 12 países, com representação em todos os continentes;

* Associação para o Desenvolvimento da Investigação em Psicologia da Educação (Adipsieduc), com sede em Portugal, que agrega pesquisadores de Angola, Brasil, Espanha, Moçambique e Portugal;

* *Red de Investigadores sobre Factores Psicosociales en el Trabajo (RIFAPT)*, rede de pesquisa com sede no México que envolve pesquisadores da América Latina.

* *International Health Literacy Association (IHLA)*, organização não governamental com sede nos Estados

Unidos, que agrega pesquisadores da área de Letramento em Saúde;

* *NCD Risk Factor Collaboration*, uma rede de cientistas que atua em colaboração com a OMS e com seus principais resultados publicados na Nature e Lancet;

* *Reconciliation of Cohort data in Infectious Diseases (ReCoDID)*, Consórcio Internacional de Pesquisa que envolve pesquisadores de seis países no compartilhamento de informações de estudos realizados sobre arboviroses com projeto liderado pela UECE em parceria com Universidade de Heidelberg, Alemanha;

* *No Evidence Synthesis for Components of Childhood Obesity Prevention Effectiveness*, rede de pesquisadores sobre intervenções de prevenção da obesidade e redução de iniquidades em saúde na escola, com financiamento do National Institute for Health and Care Research, do Reino Unido.

Internacionalização em casa

Um grande desafio foi tornar os dois PPGs espaços de referência para a formação de mestres e doutores. Com isso, via ampla concorrência, registrou-se em 2017-2020, apenas uma aluna de Guiné-Bissau que finalizou seu curso em 2022. Também de Guiné-Bissau, ingressou em 2024, um mestrando via ampla concorrência.

Em 2023, a UECE aderiu ao Edital do GCUB Mobilidade Internacional. O GCUB é o Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras, associação da sociedade civil, sem fins lucrativos, de caráter acadêmico, científico e cultural. Houve mais de 50 inscritos para o PPGE de diversas partes do mundo e foram aprovados um candidato para o mestrado e outro para o doutorado.

No âmbito da Cotutela, foram assinados dois acordos entre 2021-2024, sendo um doutorando da área da Educação da Universidade do Minho (Portugal) e uma doutoranda da área da Saúde Coletiva da Universidade da Corunha (Espanha).

Em 2024, a UECE aderiu ao Edital do Move La America da Capes que selecionava estudantes de mestrado e doutorado da América Latina para cursar de dois a seis meses de mestrado ou doutorado sanduíche no Brasil. O PPGE ofereceu três vagas de mestrado e cinco de doutorado e todas foram contempladas na primeira rodada de inscrições com discentes do Chile, Argentina e Uruguai.

Um grande desafio era a ampliação de recursos para internacionalização que foi parcialmente resolvido por meio do Edital 08/2023 de internacionalização da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) que contemplou tanto o PPSAC quanto o PPGE, bem como outros programas na UECE. Os recursos provenientes deste edital permitiram a ampliação na quantidade de projetos com participação de pesquisadores de instituições estrangeiras, com foco em tradução e publicação de artigos desenvolvidos em conjunto e mobilidade de pesquisadores estrangeiros para atividades presenciais nos Programas. Além desses editais, foram mais de 3 milhões de reais em 16 projetos entre 2021-2024 aprovados que favoreceram diretamente ações de internacionalização aos dois PPGs.

Essas ações também proporcionaram a inserção de quatro docentes em projetos de financiamento no exterior e sete coorientadores de doutorado aos nossos discentes. Além disso, o número de qualificações e defesas dos dois PPGs com membros estrangeiros saiu de seis no período de 2017-2020 para 41 em 2021-2024.

Cada PPG organizou três eventos internacionais na UECE nesse período. Em relação à oferta de disciplinas, no período de 2017-2020, o PPGE e o PPSAC tiveram cinco disciplinas com professores estrangeiros e/ou em língua estrangeira. De 2021 a 2024, já foram 11 disciplinas com essas características, sendo três realizadas no exterior.

Próximos desafios

Observa-se nesse relato que as repercussões de internacionalização do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPSAC) no quadriênio 2021-2024 foram muito fortes no âmbito da mobilidade e da internacionalização em casa.

Esses dois programas ainda mantiveram grande quantidade de produções de trabalhos em língua estrangeiras e/ou bilíngue (mais de 90) e participação em eventos internacionais (mais de 30).

Ressaltamos que a perspectiva de internacionalização empregada pelos dois PPGs evidencia os potenciais da UECE para ser um centro de formação e colaboração de pesquisadores, tanto com o Norte Global quanto com os países da América Latina e Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Percebemos que os principais desafios para mobilidade e a internacionalização em casa continuam sendo os recursos financeiros para a execução dessas ações, bem como a formação permanente de docentes e discentes para perceberem que essas articulações são fundamentais para o desenvolvimento dos Programas, da Universidade e da sociedade cearense.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria nº 220, de 3 de novembro de 2017**. Institui o Programa Institucional de Internacionalização de Instituições de Ensino Superior e de Institutos de Pesquisa do Brasil e dispõe sobre as diretrizes gerais do Programa. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 nov. 2017. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=156#anchor>. Acesso em: 7 jul. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Conselho Universitário. **Resolução nº 1415/2018 – CONSU, de 07 de maio de 2018**. Institui a Política de Internacionalização da UECE. Fortaleza: UECE, 2018. Disponível em: <https://www.uece.br/wp-content/uploads/2019/04/RES-1415-CONSU.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 4260/2018 – CEPE, de 6 de dezembro de 2018**. Aprova o Plano de Internacionalização da UECE. Fortaleza: UECE, 2018. Disponível em: <https://www.uece.br/wp-content/uploads/2019/04/RES-4260-CEPE.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2025.

WIT, H.; ALTBACH, P. G. Internationalization in Higher Education: global trends and recommendations for its future. **Policy Reviews in Higher Education**, v. 5, n. 1, 28-46, 2021.

13 – ENGAGING TECHNICAL- ADMINISTRATIVE STAFF IN INCLUSIVE AND COMPREHENSIVE INTERNATIONALIZATION: A CASE STUDY FROM UEM

Renato Leão Rego⁵⁹

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Marcio Pascoal Cassandre⁶⁰

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Bruno Montanari Razza⁶¹

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Mayckel da Silva Barreto⁶²

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Introduction

In alignment with its strategic planning goals for comprehensive and inclusive internationalization, the State

⁵⁹ International Relations coordinator, full professor, Department of architecture and Urbanism, CNPq researcher. <http://lattes.cnpq.br/7396642409919663>. <https://orcid.org/0000-0003-1822-2907>. **E-mail:** rlrego@uem.br

⁶⁰ International relations director, associate professor, Department of Administration, Fundação Araucária researcher. <http://lattes.cnpq.br/0155135313155112>. <https://orcid.org/0000-0001-9415-4315>. **E-mail:** mpcassandre@uem.br

⁶¹ Head of the International Projects Division, associate professor, Department Design and Fashion. <http://lattes.cnpq.br/5782802530044927>. <https://orcid.org/0000-0002-5818-9518>. **E-mail:** bmrazza@uem.br

⁶² Division of Mobility, assistant professor, Department of Nursing. <http://lattes.cnpq.br/2365601117038009>. <https://orcid.org/0000-0003-22908418>. **E-mail:** msbarreto@uem.br

University of Maringá (*Universidade Estadual de Maringá – UEM*) recognized the need to engage technical-administrative staff in the internationalization process. To this end, the International Cooperation Office (*Escritório de Cooperação Internacional – ECI*) developed and implemented, in 2025, a training course specifically tailored for staff from graduate program secretariats, academic departments and administrative units (see Rego et al, 2025). Two editions of the course have been completed so far.

The course aimed to build institutional capacity by informing participants about internationalization processes at UEM in teaching, research, and outreach, and its strategic and operational levels. Spanning twelve hours over three sessions, the course was offered both in-person and remotely, contributing to career progression and reinforcing internationalization as an institutional policy. Notably, UEM prizes international academic outputs in faculty promotion criteria and the allocation of undergraduate research scholarships – policies often underrecognized within the institution as stimulus for internationalization.

The curriculum began with an overview of the evolution and current stage of internationalization at UEM, emphasizing its commitment to inclusive and comprehensive approaches. Internationalization was contextualized as a response to global transformations in higher education driven by economic, technological, and cultural integration (Knight, 2004; Altbach & Knight, 2007; Crowther et al, 2000; Woicolesco et al, 2022).

The impact of the higher education internationalization in scientific collaboration, international publication networks, and employment opportunities –

particularly for graduates capable of navigating multicultural contexts – was stressed. Then, institutional strengths, weaknesses, and challenges were examined and key concepts such as internationalization at home, curriculum internationalization, virtual exchange, mirror classes, COIL (Collaborative Online International Learning), and EMI (English as a Medium of Instruction) were introduced.

The ECI's four divisions – International Agreements, International Projects, Mobility, and Internationalization at Home – presented their services and institutional mechanisms. Regarding the Agreements, the course addressed various types of international agreements, including general cooperation, mobility, co-supervision, double degree, and international internship. UEM's participation in international networks such as Zicosur Universitario, PILA, INILAT, FAUBAI, and ABRUEM was discussed, as was its strategic focus on strengthening South-South partnerships, especially with Latin American and African institutions. Advantages of interaction with South American universities were signalized.

Opportunities for technical staff, such as participation in international courses, technical visits, and mobility programs, were presented alongside available scholarships and funding mechanisms, with an emphasis on the mentoring support provided by ECI. The training also covered the Sergio Vieira de Mello Chair (UNHCR), through which UEM extends its internationalization activities to external communities.

Within the scope of internationalization at home, international activities developed in campus were reported. UEM's free language programs – *Paraná Fala Idiomas* and courses offered by the Institute of Japanese Studies (IEJ)

and the University Language Institute (ILG) – were presented as key tools for supporting internationalization.

The course highlighted the role of local initiatives in embedding global and intercultural dimensions into the curriculum (Knight, 2004; Clifford, 2016; Leask et al, 2021), thereby enhancing student preparation for global professional and social environments. Considering curriculum internationalization, it was stated that an internationalized curriculum aims to develop intercultural and international knowledge and skills in order to prepare students to operate (professionally, socially, and emotionally) in an international and multicultural context. It was also observed that several activities related to internationalization are not always recognized as such or do not have their relevance acknowledged – especially those related to curriculum internationalization. Among these activities, one can note the occurrence and use of theoretical references in foreign languages in undergraduate courses; the use of international materials/references in other languages for lesson planning; and the use in class of academic and scientific materials published by the institution's own faculty in international journals, among others. Raising awareness of the international role of these activities and changing attitudes towards them are important factors in the process of internationalization at home.

Thus, participants recognized practices already present in the classroom, such as international literature, global-local interrelations, globally recognized technical terminology, and international comparative case studies. The course encouraged a reconceptualization of course design and teaching practices to intentionally align with global competencies.

The training addressed academic and administrative procedures for inbound and outbound mobility, as well as student support programs including scholarships, free meals at the in-campus restaurant, academic mentoring, special admissions for refugees and migrants, Portuguese-language instruction, and proficiency testing. Translated institutional materials – such as certificates, student guides, and multilingual glossaries – were introduced as tools to facilitate integration.

Understanding the challenges faced by international students was emphasized as a means of improving service provision and fostering inclusive practices. Initial guidance on cultural norms, rights, and responsibilities was framed as essential to overcoming sociocultural barriers.

A session focused on supporting graduate program secretariats in preparing internationalization activity reports, aligning with UEM's institutional policies on language and internationalization. Often, reports prioritize local actions while neglecting broader institutional strategies. This gap underscores the importance of integrating centralized and decentralized initiatives.

The course also promoted ECI's other training programs – Building an International Profile and Global Competencies (open to faculty and students) and Faculty Training for Virtual Exchange – as part of its broader outreach efforts.

Dissemination of these opportunities through newsletters, social media, translated website content, and multilingual materials aims to enhance the visibility and effectiveness of internationalization. The final session featured international students sharing their experiences at UEM, thereby humanizing the internationalization process and challenging perceptions of it as purely bureaucratic.

In conclusion, the course contributed to institutional development by raising awareness of internationalization across teaching, research, and outreach. Participants gained insight into UEM's current internationalization landscape, familiarized themselves with key terminology and procedures, and were equipped to enhance institutional practices. The initiative also served to align technical staff with strategic goals set by the ECI and the university's Permanent Internationalization Committee.

Participant feedback, collected anonymously, informed improvements in course delivery for subsequent cohorts. Moreover, suggestions from secretariat staff contributed to refining ECI's policies and procedures, ensuring greater consistency and standardization.

Ultimately, this initiative affirmed that the internationalization of higher education is inherently collaborative. By recognizing technical-administrative staff as key actors in this process, UEM strengthens its institutional mechanisms for fostering global competencies and advancing its internationalization agenda.

References

ALTBACH, PH. G. & KNIGHT, J. The internationalization of higher education: motivations and realities. **Journal of Studies in International Education**, 11, 3-4, 2007, 290-305. DOI: 10.1177/1028315307303542.

CLIFFORD, V. A. Exploring internationalization of the curriculum through the lens of global citizenship. In J. M. F. LUNA (Org.). **Internacionalização do currículo. Educação, interculturalidade, cidadania global** (13-32). Campinas: Pontes, 2016.

CROWTHER, P., JORIS, M., OTTEN, M., NILSSON, B., TEEKENS, H. & WÄCHTER, B. **Internationalisation at**

home. A position paper. Amsterdam: European Association for International Education, 2020.

KNIGHT, J. Internationalization remodelled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, 8, 1, 2004, 5-31. DOI: 10.1177/1028315303260832.

LEASK, B., TORRES-HERNÁNDEZ, A. M., BUSTOS-AGUIRRE, M. L. & DE WIT, H. **Reimaginar la internacionalización del currículo. Mejores prácticas y posibilidades prometedoras.** Jalisco: Universidad de Guadalajara, 2021.

REGO, R. L. et al. **Capacitação em internacionalização para servidores técnicos.** Paper presented at the FAUBAI Conference 2025, Brasília.

WOICOLESCO, V. G., CASSOL-SILVA, C. C. & MOROSINI, M. Internationalization at home and virtual: a sustainable model for Brazilian higher education. **Journal of Studies in International Education**, 26, 2, 2022, 222-239. DOI: 10.1177/10283153221076898.

14 – CURRICULUM INTERNATIONALIZATION IN GRADUATE PROGRAMS AND ITS IMPACT ON UNDERGRADUATE EDUCATION – AN EXPERIENCE AT THE STATE UNIVERSITY OF MARINGÁ

Fabiana Andrade Machado⁶³
UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Renato Leão Rego⁶⁴
UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Márcia Marcondes Altimari Samed⁶⁵
UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Marcio Pascoal Cassandre⁶⁶
UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

⁶³ Division of Internationalization at Home, associate professor, Department of Physical Education. <http://lattes.cnpq.br/8566659647834874>. <https://orcid.org/0000-0003-2235-577X>. **E-mail:** famachado@uem.br

⁶⁴ International Relations coordinator, full professor, Department of Architecture and Urbanism, CNPq researcher. <http://lattes.cnpq.br/7396642409919663>. <https://orcid.org/0000-0003-1822-2907>. **E-mail:** rlrego@uem.br

⁶⁵ Division of Internationalization at Home, associate professor, Department of Production Engineering. <https://lattes.cnpq.br/6466847592181748>, <https://orcid.org/0000-0002-7398-9054>. **E-mail:** mmasamed@uem.br

⁶⁶International relations director, associate professor, Department of Administration, Fundação Araucária researcher. <http://lattes.cnpq.br/0155135313155112>. <https://orcid.org/0000-0001-9415-4315>. **E-mail:** mpcassandre@uem.br

Introduction

The internationalization of higher education has become one of the most relevant and strategic topics in the global academic landscape. At the State University of Maringá (*Universidade Estadual de Maringá - UEM*), this trend has taken shape especially within Graduate Programs (PPGs) that have achieved the highest evaluation scores from *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) scores 6 and 7. Motivated by the significance of this phenomenon, we conducted a qualitative study in 2024 aimed at understanding how the internationalization efforts of these programs reflect on the undergraduate courses within the same departments.

From the specialized literature, we understand that internationalization can be approached from two complementary perspectives: the internationalization *of* higher education institutions, which relates to institutional strategies and academic policies; and the internationalization *in* higher education institutions, which materializes in pedagogical and curricular practices that incorporate international and intercultural dimensions into the educational experience (Brandalise & Heinzle, 2022). It is in this second perspective that the concept of Internationalization of Curriculum (IoC) is situated, defined by Leask (2015) as the deliberate integration of international, intercultural, and global perspectives into course content, methodologies, assessments, and learning outcomes.

Complementarily, Beelen and Jones (2015) introduce the concept of Internationalization at Home (IaH), which seeks to ensure that all students, regardless of

mobility opportunities, can access internationalized experiences.

To understand how these dimensions are present – or absent – in undergraduate training, we organized a focus group with faculty members representing Postgraduate Programs (PPGs) rated 6 and 7 at UEM. This sample was chosen based on the expectation that high-achieving graduate programs would exhibit potentially inspiring internationalization strategies – or at least highlight existing challenges and opportunities. The focus group was carefully structured: clear rules were established, such as time limits for responses and rotational participation among faculty members, ensuring a fluid and equitable discussion. The session followed a script with guiding questions, designed to explore various dimensions of the topic, while also paying attention to non-verbal communication and interpersonal dynamics.

The discussion immediately revealed an interesting contradiction: although none of the participants believed their undergraduate programs were formally internationalized, all reported former students currently working abroad – in both academic and corporate settings. This indicates that, despite the absence of explicit IoC policies, these programs have, to some extent, enabled the development of global competencies. According to the participants, such outcomes emerge more from informal accumulations of experiences and individual initiatives than from any coordinated curricular direction. As one faculty member noted, “We have former students working in Europe and the U.S. That shows they left here with internationally valued skills – even without a formally internationalized curriculum”.

Another recurring point in the discussion was the use of international academic materials in undergraduate teaching. Although this practice is not systematic across all disciplines, it is more prevalent in areas such as Languages, where reading in a foreign language is integral to training. In programs like Biology and Ecology, scientific articles in English are often used as teaching materials, particularly in audiovisual components. This strategy not only exposes students to global scientific production but also familiarizes them with technical vocabulary in another language. In some courses, instructors reported drawing comparisons between local and international examples, thereby enriching classroom discussions with diverse cultural and environmental perspectives.

However, when asked about undergraduate involvement in partnerships with international collaborators, faculty members acknowledged that such opportunities are rare and usually limited to specific research groups – often at the graduate level only. The limited undergraduate participation in international activities, whether in person or virtual, was identified as a significant barrier to advancing IaH. One professor shared, “When we host visiting professors from abroad, interactions tend to be confined to our graduate research groups. It’s difficult to include the undergraduate cohort.”

Another issue that emerged strongly was the lack of communication between graduate faculty and undergraduate students regarding international academic experiences. Conferences, publications in foreign journals, academic exchanges, and institutional agreements are often not shared with undergraduates. This absence represents a missed opportunity to inspire and broaden students’ academic horizons. “Sometimes we return from

international conferences with great ideas and valuable contacts, but we don't have the habit – or time – of sharing those with undergrads,” admitted one participant.

Faculty perceptions of internationalization still largely revolve around physical mobility. While valid, this interpretation is limited and aligns with a traditional conception of internationalization, as discussed by Kirk et al. (2018). Encouragingly, some professors are beginning to recognize other forms of internationalization, particularly those made more accessible by technology. The recent pandemic served as a turning point in this regard. One participant noted, “During the pandemic, we organized webinars with international guests, and some undergraduate students participated. It was a great success – something that would have been much harder to do in person.”

Among the main challenges to implementing IoC, the rigidity of curricula and excessive classroom hours were frequently mentioned. This lack of flexibility restricts the inclusion of extracurricular activities, extension projects, and interdisciplinary pedagogical innovations with an international dimension. “Our curricula are very rigid. It's hard to introduce anything new without disrupting the schedule of core courses,” one faculty member pointed out.

Despite the limitations, the participants highlighted the value of strengthening relationships with Latin American institutions. They emphasized that regional similarities make these collaborations more relevant and contextually meaningful than partnerships with institutions in the Global North.

Exchanges with universities in Argentina, Colombia, or Chile, for example, can provide students with experiences that resonate more directly with their realities.

As one professor remarked, “We have a lot to learn from our Latin American neighbours, who face similar challenges. An exchange with a university in Colombia can sometimes be more valuable than one in Germany, depending on the area and the student’s profile.”

After analysing the focus group discussion, it became clear that internationalization within undergraduate programs connected to high-performing PPGs occurs in a fragmented and mostly unintentional way. The absence of clear IoC policies and the restricted view of internationalization as mobility impede more meaningful progress. However, some existing practices – such as the use of foreign-language academic resources, the success of alumni abroad, the comparison of local and global contexts, and the occasional use of online international events – suggest fertile ground for more structured strategies.

Rather than demanding major reforms, what appears necessary is a shift in mindset: faculty and administrators must understand that the internationalization of curriculum does not depend exclusively on language proficiency or physical exchange. It involves fostering critical, plural, and globally engaged education.

Involving students in activities that promote intercultural dialogue, encouraging comparative analysis between diverse realities, and integrating multiple perspectives into course content are essential steps toward this goal.

We conclude that although the internationalization of top-rated graduate programs at UEM is underway, its influence on undergraduate education still requires better articulation. The expansion of IoC depends not only on

raising faculty awareness but also on adapting curricula and providing institutional support for innovative practices.

The university thus faces the challenge of making visible and intentional what is currently diffuse and sporadic – ultimately transforming students' academic experiences into truly international journeys, even without leaving home.

References

BEELEN, J., & JONES, E. Redefining Internationalization at Home. In A. Curaj, L. Matei, R. Pricopie, J. Salmi, & P. Scott (Eds.), **The European Higher Education Area: Between Critical Reflections and Future Policies**, 2015 (pp. 59-72). Springer.

BRANDALISE, G. C. M., & HEINZLE, M. R. S. Internacionalização da e na Educação Superior: conceitos e abordagens. **Revista Internacional de Educação Superior**, 9, 2022, e023024.

LEASK, B. **Internationalizing the Curriculum**. Routledge. New York: Routledge, 2015.

15 – REFLEJO DE LAS ACCIONES ESTRATÉGICAS DE LA UEM CON UNIVERSIDADES LATINOAMERICANAS

Fabiano Burgo⁶⁷

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Luana Cristina de Oliveira Santos⁶⁸

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Harumy Mariá Aono da Silva⁶⁹

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Leticia Ayumi Hashimoto⁷⁰

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

⁶⁷ Encargado de los Acuerdos Internacionales del ECI/UEM, Doctorando en Arquitectura y Urbanismo en el PPU-UEM/UEL. <http://lattes.cnpq.br/1085389969772929>. <https://orcid.org/0000-0002-4063-2753>. **Correo electrónico:** fburgo@uem.br

⁶⁸ Colaboradora en el ECI/UEM en la División de Internacionalización en Casa, Doctoranda en Estudios Lingüísticos en el PLE/UEM. <https://lattes.cnpq.br/4630979359393077>. <https://orcid.org/0000-0002-3861-429X>. **Correo electrónico:** luaoliveirasantos@gmail.com

⁶⁹ Pasante del Equipo de Comunicación del ECI/UEM. Estudiante de la carrera de Comunicación y Multimedia en la UEM. <http://lattes.cnpq.br/5497244838262828> <https://orcid.org/0009-0007-1270-6034>. **Correo electrónico:** ra139167@uem.br

⁷⁰ Becaria del Equipo de Comunicación del ECI/UEM. Estudiante de la carrera de Comunicación y Multimedia en la UEM. <https://lattes.cnpq.br/5150092434432044> <https://orcid.org/0009-0006-4546-4046>. **Correo electrónico:** ra138165@uem.br

Introducción

Desde 2020, la Oficina de Cooperación Internacional (Escritório de Cooperação Internacional – ECI) de la Universidad Estatal de Maringá (UEM) ha asumido un rol estratégico. Su enfoque principal es valorar el contexto latinoamericano e impulsar una internacionalización que priorice las relaciones entre países del Sur Global.

En 2022, esta postura se tradujo en acciones específicas: el lanzamiento del sitio web internacional de la UEM en español, la adhesión al Programa de Intercambio Académico Latinoamericano Virtual (PILAvirtual) y la participación en el evento Brazilian Association for International Education (FAUBAI – Regional Sur). El ECI también se integró al Programa de Movilidad Académica Regional para Carreras Acreditadas en el Sistema Arcu-Sur (MARCA), lo que permitió la recepción de dos estudiantes de Bolivia y Uruguay, y el envío de otros dos a Argentina y Colombia (ECI, 2022a, 2022b; Teixeira, 2022).

En octubre de 2022, la nueva gestión de la UEM instruyó al ECI a reforzar las relaciones bilaterales con países de América Latina, brindando soporte institucional para desarrollar e implementar acciones. En ese momento, Europa y América Latina eran las regiones con mayor distribución de acuerdos internacionales vigentes, representando cada una el 37,04 % del total de 54

TABLA 1 – Convenios Internacionales Vigentes de la UEM | 2022

Continente/Región [1]	Cantidad de Convenios Vigentes	% del total de Convenios Vigentes
África	3	5,56%
América Central y el Caribe	2	3,70%
América del Norte	12	22,22%
América del Sur	15	27,78%
Asia	1	1,85%
Europa	20	37,04%
Medio Oriente	1	1,85%
Total	54	100,00%

[1] Clasificación de los países en continentes/regiones conforme lo estipulado por el Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE) (s.f.).

Fuente: ECI (2025a).

convenios (*Tabla 1 y Tabla 2*).

TABLA 2 – Convenios Internacionales Vigentes de la UEM con América Latina y Europa | 2022

Región	Cantidad de Convenios Vigentes	% del total de Convenios Vigentes
América Latina [1]	20	37,04%
Europa	20	37,04%
Total	40	74,07%

[1] Se contabilizaron los países hispanohablantes de América del Sur, Central y del Norte.

Fuente: ECI (2025a).

En 2023, se intensificaron las acciones con instituciones de educación superior de América Latina: presencia de la UEM en la 33ª Plenaria de Rectores Universitarios de la Zona de Integración del Centro Oeste de América del Sur (ZICOSUR Universitario), oferta de plazas exclusivas para estudiantes peruanos de la Universidad Nacional de San Martín (UNSM) en el Programa de Agroecología (PROFAGROEC), participación en el evento Latin American COIL Network – LatAm COIL, promoción de una convocatoria específica de movilidad internacional con universidades latinoamericanas por parte del ECI/UEM, que resultó en el envío de 4 estudiantes a Chile y Perú, participación en el encuentro de FAUBAI – Regional Sur y en la mesa redonda “Conversatorio: Acogida y acompañamiento de refugiados migrantes e indígenas desde la perspectiva del diálogo intercultural – El papel de la universidad en estos procesos” en la Universidad Pedagógica Nacional (UPN), México, además de 4 nuevas movidades apoyadas por MARCA (Correa, 2023; ECI, 2023a, 2023b).

Al final de 2023, hubo cambios en la distribución de los convenios internacionales de la UEM: Europa representaba el 33,73 % de los 83 convenios vigentes,

mientras América Latina era responsable del 39,76 %, con un total de 33 (*Tabla 3* y *Tabla 4*).

TABLA 3 – Convenios Internacionales Vigentes de la UEM | 2023

Continente/Región	Cantidad de Convenios Vigentes	% del total de Convenios Vigentes
África	1	1,20%
América Central y el Caribe	3	3,61%
América del Norte	17	20,48%
América del Sur	27	32,53%
Asia	5	6,02%
Europa	28	33,73%
Medio Oriente	2	2,41%
Total	83	100,00%

Fuente: ECI (2025a).

TABLA 4 – Convenios Internacionales Vigentes de la UEM con América Latina y Europa | 2023

Región	Cantidad de Convenios Vigentes	% del total de Convenios Vigentes
América Latina	33	39,76%
Europa	28	33,73%
Total	61	73,49%

Fuente: ECI (2025a).

Ya en 2024, las acciones relacionadas con países de América Latina incluyeron: el evento “¡Bienvenidos a la UEM!”, que presentó la ciudad de Maringá y la UEM como destino para estudiantes provenientes de universidades latinoamericanas asociadas; la traducción de 20 tótems en inglés y en español para puntos turísticos de Maringá; la participación en el 35º Encuentro del ZICOSUR Universitario y en el 4º LatAm COIL – México; otras 2 movilidades a través del programa MARCA; y 10 becas otorgadas por la UEM para la llegada de estudiantes de universidades de Paraguay, Perú, Argentina y Colombia (ECI, 2024a, 2024b, 2024c).

El número de convenios vigentes en ese mismo año alcanzó los 106, con América Latina representando el

40,57 % (43 convenios) y Europa, el 34,91 % (Tabla 5 y Tabla 6).

TABLA 5 – Convenios Internacionales Vigentes de la UEM | 2024

Continente/Región	Cantidad de Convenios Vigentes	% del total de Convenios Vigentes
África	1	0,94%
América Central y el Caribe	4	3,77%
América del Norte	19	17,92%
América del Sur	36	33,96%
Asia	6	5,66%
Europa	37	34,91%
Medio Oriente	3	2,83%
Total	106	100,00%

Fuente: ECI (2025c).

TABLA 6 – Convenios Internacionales Vigentes de la UEM con América Latina y Europa | 2024

Región	Cantidad de Convenios Vigentes	% del total de Convenios Vigentes
América Latina	43	40,57%
Europa	37	34,91%
Total	80	75,47%

Fuente: ECI (2025c).

Es posible observar una variación bastante importante tanto en el número como en la distribución de los acuerdos vigentes de la UEM, según se presentan en la Tabla 7 y la Tabla 8.

TABLA 7 – Evolución de la distribución de los Convenios Internacionales Vigentes de la UEM | 2022 - 2024

Continente/Región	2022	2023	2024
África	5,56%	1,20%	0,94%
América Central y el Caribe	3,70%	3,61%	3,77%
América del Norte	22,22%	20,48%	17,92%
América del Sur	27,78%	32,53%	33,96%
Asia	1,85%	6,02%	5,66%
Europa	37,04%	33,73%	34,91%
Medio Oriente	1,85%	2,41%	2,83%
Total	100%	100%	100%

Fuente: ECI (2025a, 2025b, 2025c).

TABLA 8 – Evolución de la distribución de los Convenios Internacionales Vigentes de la UEM con América Latina y Europa | 2022 - 2024

Continente/Región	2022	2023	2024
América Latina	37,04%	39,76%	40,57%
Europa	37,04%	33,73%	34,91%
Total	74,07%	73,49%	75,47%

Fuente: ECI (2025a, 2025b, 2025c).

En resumen, en el año 2022, las regiones de Europa y América Latina eran responsables de aproximadamente el 74 % del total de los acuerdos internacionales vigentes de la UEM (20 convenios cada región); ya en 2023, este valor correspondiente a América Latina pasó a ser del 39,76 % de los acuerdos (33), mientras que Europa era responsable del 33,73 % (28); al final de 2024, América Latina representaba el 40,57 % del total de acuerdos vigentes (43), y Europa presentaba un 34,91 % (37).

A partir de estos números, se concluye que entre 2022 y 2024 América Latina obtuvo un crecimiento real en el número general de acuerdos: tomando como referencia el año 2022, la región registró un aumento de aproximadamente el 9,53 % en la distribución de los

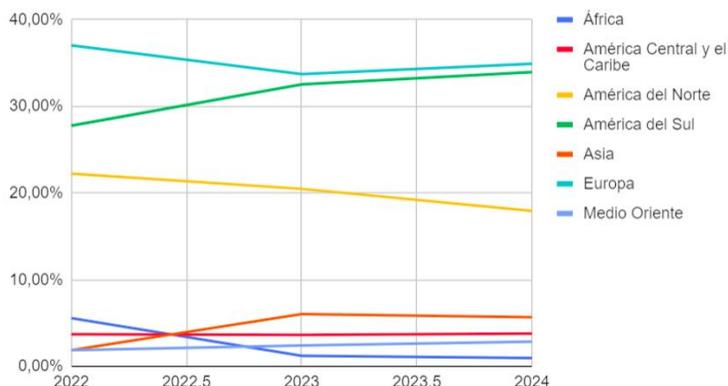
acuerdos internacionales vigentes en la UEM, consolidándose en primer lugar, mientras que Europa tuvo una disminución de cerca del 5,75 %, estabilizándose en segundo lugar.

Con base en lo presentado, es posible concluir que la definición de la internacionalización como una posición estratégica trajo consecuencias perceptibles en la distribución de las relaciones internacionales de la institución con respecto a América Latina.

Los reflejos de la gestión estratégica del ECI, especialmente entre 2022 y 2024, demuestran cómo las orientaciones gerenciales y las acciones prácticas generan resultados efectivos en la distribución regional de las relaciones internacionales, especialmente en lo que se refiere a la mejora de vínculos con universidades latinoamericanas.

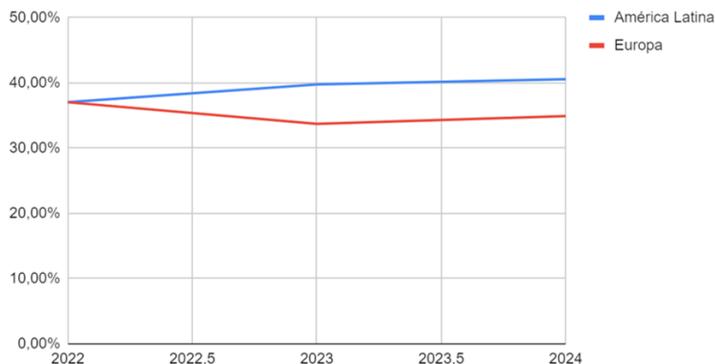
Esto se percibe principalmente por el aumento de acuerdos vigentes con países latinoamericanos, como se muestra en el *Gráfico 1* y el *Gráfico 2*.

GRÁFICO 1 – Evolución de la distribución de los Convenios Internacionales Vigentes de la UEM| 2022 - 2024



Fuente: ECI (2025a, 2025b, 2025c)

GRÁFICO 2 – Evolución de la distribución de los Convenios Internacionales Vigentes de la UEM con América Latina y Europa| 2022 - 2024



Fuente: ECI (2025a, 2025b, 2025c).

Se resalta, sin embargo, que las definiciones estratégicas deben concretarse mediante acciones alineadas con las directrices institucionales, acompañadas del control de resultados y del debido registro. De este modo, es posible verificar su asertividad en el sentido de adoptar orientaciones también estratégicas.

Por último, se considera que, al establecer la internacionalización como estratégica, es importante orientar los esfuerzos institucionales hacia acciones prácticas que respalden su implementación. Este enfoque puede generar resultados reales en corto tiempo, como en el caso de la UEM, evidenciado por el inicio de una nueva perspectiva de relaciones horizontales entre el sur global, específicamente con países latinoamericanos, impulsada por la propia UEM.

Referencias

CORREA, A. L. **ECI lança editais de mobilidade acadêmica para professores e estudantes**. Notícias UEM. [S. l.: s. n.], 3 maio 2023. Portal de Notícias Institucional. Disponível em:

https://noticias.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=27674:eci-lanca-editais-de-mobilidade-academica-para-professores-e-estudantes&catid=986&Itemid=211. Acesso em: 29 maio 2025.

ECI, Escritório de Cooperação Internacional. Newsletter do ECI - Ano 3, nº 4 - Abril. Escritório de Cooperação Internacional | UEM. [S. l.: s. n.], abr. 2022a. **Site institucional**. Disponível em: <https://eci.uem.br/br/inicio/newsletter/303-newsletter-do-eci-ano-3-n-4-abril>. Acesso em: 29 maio 2025.

ECI, Escritório de Cooperação Internacional. Newsletter do ECI - Ano 3, no 6 - Junho. **Escritório de Cooperação Internacional** | UEM. [S. l.: s. n.], jun. 2022b. Site institucional. Disponível em: <https://eci.uem.br/br/inicio/newsletter/301-newsletter-do-eci-ano-3-n-6-junho>. Acesso em: 29 maio 2025. ECI, Escritório de Cooperação Internacional. Newsletter do ECI – Ano 4, no 3 – Março. Escritório de Cooperação Internacional | UEM. [S. l.: s. n.], mar. 2023a. Site institucional. Disponível em: <https://eci.uem.br/br/inicio/newsletter/267-newsletter-do-eci-ano-4-n-3-marco>. Acesso em: 29 maio 2025.

ECI, Escritório de Cooperação Internacional. Newsletter do ECI – Ano 4, no 11 – Novembro/Dezembro. **Escritório de Cooperação Internacional** | UEM. [S. l.: s. n.], dez. 2023b. Site institucional. Disponível em: <http://www.cpr.uem.br/eci-comunica/index.php/br/iec/newsletter/291-newsletter-do-eci-ano-4-n-11-novembro-dezembro>. Acesso em: 29 maio 2025.

ECI, Escritório de Cooperação Internacional. Newsletter do ECI – Ano 5, no 1 – Janeiro/Fevereiro. **Escritório de Cooperação Internacional** | UEM. [S. l.: s. n.], fev. 2024a. Site institucional. Disponível em: <https://eci.uem.br/br/inicio/newsletter/324-newsletter-do-eci-ano-5-n-1-janeiro>. Acesso em: 29 maio 2025.

ECI, Escritório de Cooperação Internacional. Newsletter do ECI – Ano 5, no 3 – Abril/Maio. **Escritório de Cooperação Internacional** | UEM. [S. l.: s. n.], maio 2024b. Site institucional. Disponível em: <https://eci.uem.br/br/inicio/newsletter/349-newsletter-do-eci-ano-5-n-3-abril>. Acesso em: 29 maio 2025.

ECI, Escritório de Cooperação Internacional. Newsletter do ECI – Ano 5, no 9 – Outubro/Novembro. **Escritório de Cooperação Internacional** | UEM. [S. l.: s. n.], nov. 2024c. Site institucional. Disponível em: <https://eci.uem.br/br/inicio/newsletter/384-newsletter-do-eci-ano-5-n-9-outubro-novembro>. Acesso em: 29 maio 2025.

ECI, Escritório de Cooperação Internacional. **Relação de Acordos Vigentes por Ano – 2022**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 17 abr. 2025a. Acesso em: 29 maio 2025.

ECI, Escritório de Cooperação Internacional. **Relação de Acordos Vigentes por Ano – 2023**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 17 abr. 2025b. Acesso em: 29 maio 2025.

ECI, Escritório de Cooperação Internacional. **Relação de Acordos Vigentes por Ano – 2024**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 17 abr. 2025c. Acesso em: 29 maio 2025.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Continentes e Regiões do Mundo**. Atlas Geográfico Escolar. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://atlasescolar.ibge.gov.br/continentes-e-regioes-do-mundo.html>. Acesso em: 29 maio 2025.

TEIXEIRA, M. **Universidade lança site internacional em inglês, espanhol e português**. Notícias UEM. [S. l.: s. n.], 12 fev. 2022. Portal de Notícias Institucional. Disponível em:

https://noticias.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=26386:universidade-lanca-site-internacional-em-ingles-espanhol-e-portugues&catid=986&Itemid=211. Acesso em: 29 maio 2025.

16 – CALL RADAR: IDENTIFICATION AND PROMOTION OF INTERNATIONALIZATION OPPORTUNITIES

Bruno Montanari Razza⁷¹
UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Mayckel da Silva Barreto⁷²
UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Fabiano Burgo⁷³

⁷¹ Head of the International Projects Division, associate professor, Department Design and Fashion. <http://lattes.cnpq.br/5782802530044927>. <https://orcid.org/0000-0002-5818-9518>. **E-mail:** bmrazza@uem.br

⁷² Division of Mobility, assistant professor, Department of Nursing. <http://lattes.cnpq.br/2365601117038009>. <https://orcid.org/0000-0003-22908418>. **E-mail:** msbarreto@uem.br

⁷³ Head of International Agreements, assistant professor, Department of Design and Fashion. <http://lattes.cnpq.br/1085389969772929>. <https://orcid.org/0000-0002-4063-2753>. **E-mail:** fburgo@uem.br

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Fabiana Andrade Machado⁷⁴

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Introduction

The internationalization of higher education in Brazil is a topic of growing relevance, driven by the need for higher education institutions (HEIs) to position themselves in a globalized and competitive environment. However, this process faces inherent challenges such as limited financial resources, language barriers, and low academic mobility (Knight, 2015). These obstacles are increased by specific characteristics of the Brazilian context, including currency devaluation, high cost of living abroad, and the belief that international experiences are unattainable for many students (Neves; Barbosa, 2020).

In this context, the search for strategies to foster internationalization becomes imperative, especially given the budget constraints affecting Brazilian Higher Education Institutions (HEIs). International mobility and experiences are widely recognized as key factors for the personal and professional development of university students, as emphasized by Mellors and Vicencio (2025). Although the literature on internationalization in higher education is extensive, most studies focus on mobility flows or the outcomes of established programs. In contrast, this work focused on a previous stage – the institutional identification, filtering, and dissemination of opportunities – contributing to a broader understanding of strategies to support mobility and international engagement in Brazilian universities.

⁷⁴ Division of Internationalization at Home, associate professor, Department of Physical Education. <http://lattes.cnpq.br/8566659647834874>. <https://orcid.org/0000-0003-2235-577X>. **E-mail:** famachado@uem.br

This paper aims to present the "Call Radar," an initiative of the International Cooperation Office (ECI) at the State University of Maringa (UEM), as a tool to mitigate these barriers and expand internationalization opportunities. Managed by the International Projects Division, the Call Radar focuses on identifying, systematizing, and disseminating international opportunities such as calls, announcements, funding, scholarships, and grants. The initiative seeks to democratize access to information and overcome traditional dissemination limitations, thereby contributing to a culture of internationalization within the university.

The active search for international opportunities relies on partner universities, recognized institutions, and specialized dissemination networks, including INILAT and Zicosur. Identified opportunities are assessed and filtered to meet the needs of UEM's academic community, encompassing undergraduate and graduate students, faculty, and staff. The first filter excludes full degree programs abroad or those that do not require institutional affiliation. Likewise, opportunities without financial support, aid, or scholarships are not included. Summer schools and events are also excluded from this metric.

A survey of the opportunities disseminated by the Call Radar was conducted over a two-year period, from May 2023 to April 2025. It is important to emphasize that the count refers to the number of calls and announcements, not the number of individual openings. Thus, opportunities offering multiple openings through a single channel were counted only once.

The data revealed a significant increase in the number of calls: 70 opportunities were identified between May 2023 and April 2024, and 122 between May 2024 and

April 2025. This increase can be understood as a reflection of the post-pandemic recovery, as noted in OECD (2025) and UNESCO IESALC (2024) reports which mentioned an increase in students' mobility. The growth may also reflect improvements in the active search method, such as an increased number of sources and higher efficiency.

The regional distribution of opportunities also varied across periods, with Europe remaining the main mobility hub (42.9% in 2023/24 and 48.4% in 2024/25). Latin America, despite a percentage decrease (34.3% in 2023/24 and 23.8% in 2024/25), showed a numeric increase and remains a key axis of regional cooperation, driven by networks like INILAT and Zicosur. North America was the third region with the most calls (10.0% in 2023/24 and 16.4% in 2024/25). This pattern is also supported by OECD (2025) reports that point to Europe as the main destination for international research funding.

Regarding the types of opportunities, there was a notable shift. In 2023/24, most openings were for postdoctoral research (31.4%), doctoral studies (30.0%), and visiting professors (28.6%). In 2024/25, there was a significant increase in undergraduate (41.0%) and master's level (26.2%) opportunities, reflecting a global trend prioritizing the recovery of first- and second-cycle student mobility after pandemic-related declines (European Commission, 2023).

Most of the opportunities covered all fields of knowledge (71.4% in 2023/24 and 68.0% in 2024/25), with emphasis on sustainability-related projects (7.4% for the entire period), humanities, language, and social sciences (5.7% in 2023/24), and humanities, engineering, and business administration (6.6% in 2024/25).

The increase in opportunities disseminated between 2023/24 and 2024/25 may be attributed to both the global resurgence of mobility and the increased efficiency of ECI's active search process, supported by broader integration into international networks. This service, aligned with UEM's institutional policy for internationalization, has encouraged the academic community to invest in international careers by making opportunities visible and increasing demand for support and information. It is important, however, to acknowledge that the data presented in this study reflects institutional interest, as the opportunities are filtered to serve the internal UEM community. Therefore, they may not represent the full spectrum of global mobility opportunities and cannot be directly used to infer global patterns of internationalization funding in higher education.

The dissemination and promotion strategies implemented by ECI were a key factor in the repercussion of the Call Radar, which occur in three levels. The first channel of communication is the Call Radar webpage on the institutional ECI website (<https://eci.uem.br/br/projetos/radar-de-editais>), which aggregates all published opportunities, maintains a searchable history, and consolidates approved opportunities. In addition to the webpage, the ECI adopts an active promotion strategy. For undergraduate, graduate, and postdoctoral students, dissemination is conducted through social media, such as Instagram (@ECI.UEM). The third strategy consists of an international opportunities bulletin, in which calls targeted at faculty, graduate programs, or institutional initiatives such as research projects and funding schemes are periodically sent via email to relevant sectors.

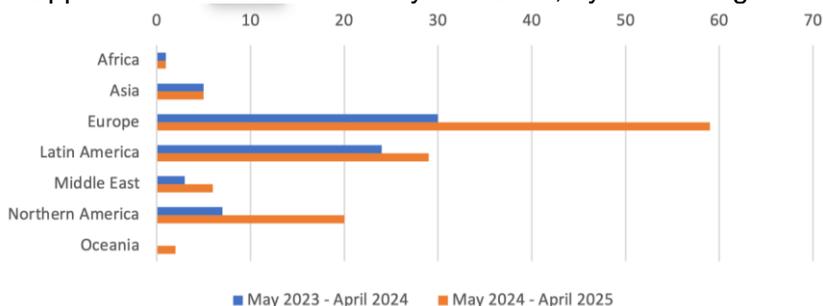
This multichannel approach has proven effective, distinguishing itself from models that rely solely on the webpages of international offices. The effectiveness of this methodology is supported by studies such as Silva (2024), which highlights that limited dissemination strategies are one of the barriers to internationalization, especially when information depends on periodic self-access and risks missed deadlines.

Studies such as those by Hajdu et al (2024) and Mellors & Vicencio (2025) reinforce that financial issues are among the main barriers to international mobility, even in contexts where students do not report direct financial hardship. Disseminating subsidized opportunities helps both to support and encourage first-time international experiences, demystifying the process and reducing barriers. Additionally, the study by Drugă (2024) indicates that the dissemination of scholarships and funding opportunities, combined with testimonial campaigns, is one of the most effective strategies for promoting internationalization in universities. This supports the ECI's approach to active promotion. The active search process, though limited by available human resources, is essential to maintaining the database and strengthening connections with international institutions. But also making sure that the information reaches the right audience makes a difference in promoting a culture of internationalization at the HEIs. As Knight (2015) points out, internationalization goes beyond mobility, involving the integration of international, intercultural, and global dimensions into all university functions.

In conclusion, the Call Radar has proven to be a valuable tool for fostering internationalization at UEM. Its consistent dissemination process, which includes daily

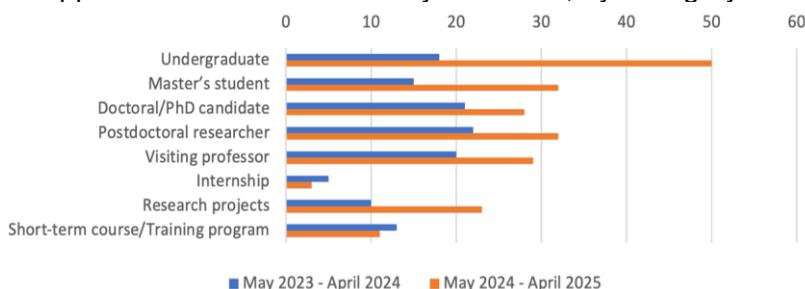
communication of opportunities, calls, scholarships, and internationalization information, combined with the additional support offered by the International Projects Division at ECI, has been fundamental in creating a culture of internationalization within the university.

FIGURE 1: International Research and Scholarship Opportunities Disseminated by ECI/UEM, by World Region



Source: The Author (2025).

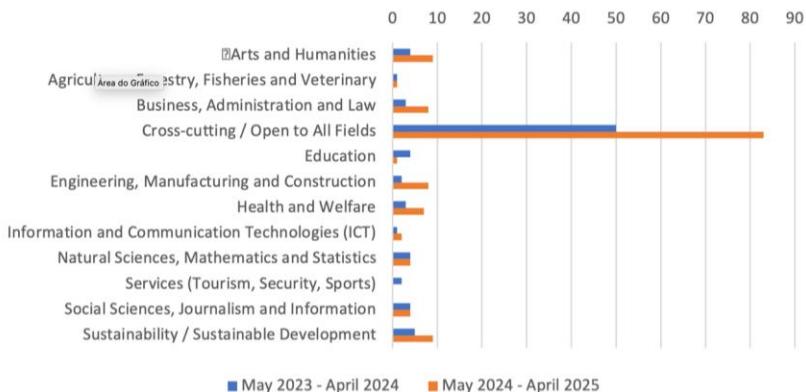
FIGURE 2: International Research and Scholarship Opportunities Disseminated by ECI/UEM, by Category



Source: The Author (2025).

FIGURE 3: International Research and Scholarship Opportunities Disseminated by ECI/UEM, by Field of Knowledge

Boas práticas de Internacionalização nas universidades afiliadas à ABRUEM



Source: The Author (2025).

References

DRUGĂ, R.I. Students' attitude towards international mobility programmes. Centre for European Studies (CES) **Working Papers**, v. 16, n. 2, 2024.

EUROPEAN COMMISSION. **Statistics on International Student Mobility in the EU**. Luxembourg: Eurostat, 2022. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Learning_mobility_statistics. Acesso em: 24 jun. 2025.

HAJDU, Z. et al. The Impact of Sociodemographic and Socioeconomic Variables on Students' International Mobility Decisions. In: **1ST BUDAPEST INTERNATIONAL CONFERENCE ON EDUCATION-BICE 2024**. <https://doi.org/10.3311/BICE2024-012>

KNIGHT, Jane. International universities: Misunderstandings and emerging models? **Journal of studies in international education**, v. 19, n. 2, p. 107-121, 2015.

MELLORS, J; VICENCIO, A. Widening participation in outward student mobility: Successes, challenges and opportunities. **British Educational Research Journal**, 2025. financial

constraints emerged as a major barrier, exacerbated by the need to balance part-time work and academic responsibilities.

NEVES, C. E. B. N; BARBOSA, M. L. O. Internacionalização da educação superior no Brasil: avanços, obstáculos e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 22, n. 54, p. 144-175, 2020.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Education at a Glance 2023: OECD Indicators**. Paris: OECD Publishing, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/e13bef63-en>. Acesso em: 4 jun. 2025.

SILVA, G. F. F. **Mobilidade acadêmica internacional: proposta de um banco de oportunidades em uma IES brasileira**. Orientador: Dr. Yanko Marcius de Alencar Xavier. 2024. 84f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Processos Institucionais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

UNESCO. International Institute for Higher Education in Latin America and the Caribbean. **COVID-19 and Higher Education: Today and Tomorrow**. Caracas: UNESCO-IESALC, 2024. Disponível em: <https://www.iesalc.unesco.org/en/publications/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

UNESCO. **International Standard Classification of Education: Fields of Education and Training 2013 (ISCED-F 2013) – Detailed Field Descriptions**. Montreal: UNESCO Institute for Statistics, 2015. Disponível em: <http://uis.unesco.org/en/topic/international-standard-classification-education-isced>. Acesso em: 4 jun. 2025.

**17 – O PEC-PLE NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE MARINGÁ: UMA JORNADA
DE CONQUISTAS E DESAFIOS NO
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL
(PLA)**

Luana Cristina de Oliveira Santos⁷⁵
UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Janaina Viana Norat Porta⁷⁶

⁷⁵ Colaboradora no ECI/UEM na Divisão de Internacionalização em Casa, Doutoranda em Estudos Linguísticos no PLE/UEM. <https://orcid.org/0000-0002-3861-429X>. <https://lattes.cnpq.br/4630979359393077>. **E-mail:** luaoliveirasantos@gmail.com

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Lowhayne Holmem Tuiller Estevam⁷⁷

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Neiva Maria Jung⁷⁸

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Introdução

Em 2024, a Universidade Estadual de Maringá (UEM) tornou-se Centro Aplicador do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) e recebeu estudantes do Programa de Estudante-Convênio de Português como Língua Estrangeira (PEC-PLE), curso introdutório de língua portuguesa ofertado aos participantes do PEC-G. Essas ações integram o processo de internacionalização da universidade, que envolve mudanças organizacionais, inovação curricular, desenvolvimento profissional de docentes e equipes administrativas, além do incentivo à mobilidade acadêmica com foco em intercâmbios voltados à pesquisa, docência e demais atividades institucionais (Rudzki, 1998).

⁷⁶ Graduanda, Letras Inglês com Bacharelado em Tradução - UEM. <https://orcid.org/0009-0006-7830-7442>.

<http://lattes.cnpq.br/1211944927007807>. **E-mail:** janainanorat@gmail.com

⁷⁷ Graduanda, Letras Português/Inglês com Bacharelado em Tradução - UEM, Graduanda, Relações Internacionais - Uninter, Colaboradora no ECI/UEM na Divisão de Internacionalização em Casa. <http://lattes.cnpq.br/1249437318103453>. **E-mail:** lowhayne.ht.estevam@gmail.com

⁷⁸ Professora Associada no Departamento de Língua Portuguesa (DLP). Coordenadora da preceptoría de Português como Língua Adicional no Programa de Integração Estudantil (PROINTE) e do Programa PEC-PLE na instituição. <https://orcid.org/0000-0002-7249-7816>. <https://lattes.cnpq.br/9923668188972592>. **E-mail:** neiva.jung@gmail.com

No presente trabalho, temos como objetivo apresentar o curso de português, conforme planejado e realizado, procurando refletir sobre o que consideramos avanços e desafios do PEC-PLE na UEM. As atividades de PLA começaram como Projetos de Extensão, com aulas para migrantes e refugiados da comunidade externa. Atualmente, o PLA está vinculado ao Programa de Integração Estudantil (PROINTE), pela Pró-Reitoria de Ensino (PEN), com coordenação e implementação de atividades por docentes e acadêmicos de Letras, além do apoio do Escritório de Cooperação Internacional (ECI) da universidade.

As atividades desenvolvidas são voltadas tanto para a comunidade interna (estudantes internacionais) quanto externa, abarcando a oferta de cursos de português do nível básico ao intermediário, além de atender remotamente estudantes de universidades que possuem parcerias com a UEM. Ainda, em 2024, a universidade se tornou Centro Aplicador do Celpe-Bras e, pela primeira vez, recebeu estudantes do Programa de Estudante-Convênio de Português como Língua Estrangeira (PEC-PLE).

Na UEM, na primeira edição do curso de português para PEC-PLE, recebemos 10 estudantes, com idades entre 20 e 30 anos, vindos de diferentes países, e falantes, além de línguas locais, do francês, espanhol e inglês. Esses estudantes chegaram em março e tivemos, assim, até outubro, quando realizaram o exame, sete meses, para ensinar o português. As aulas ocorreram de segunda a quinta-feira, com duração de duas horas e meia por encontro em uma sala na Biblioteca Central, sob a orientação de duas preceptoras.

A língua como prática social: uma perspectiva epistemológica

Trabalhar o português em termos de práticas socioculturais e ideológicas é compreender que a língua não é neutra, tampouco apenas estrutura linguística. É reconhecer que ela é ESTRUTURA, USO e IDEOLOGIAS. Trabalhamos com a linguagem formada por recursos linguísticos e semióticos, e a noção de “língua” como construto da modernidade e da colonialidade, que serviu para a formação dos Estados-nação.

Como discutem Hobsbawm (1990) e Anderson (2008), essa associação entre língua e nação constituiu um projeto político que buscou forjar identidades nacionais a partir da homogeneização e exclusão da diversidade. Nacionalismo, monolinguismo e padronização são elementos centrais dessa ideologia que impõe fronteiras simbólicas e materiais para grupos minoritarizados, como migrantes, refugiados e falantes de línguas consideradas “menores”.

Além das fronteiras impostas pelas ideologias de língua, monolinguismo e padronização, destaca-se a ideologia da mercantilização da linguagem. No capitalismo tardio, a língua circula como mercadoria em um mercado de habilidades, vista como investimento e promessa de mobilidade, sucesso e lucro (Heller; Duchêne, 2012; Garcez; Jung, 2021). Essa lógica, porém, obscurece as desigualdades entre os sujeitos que acessam o curso: enquanto estudantes internacionais vinculados ao PEC-PLE geralmente chegam motivados por projetos acadêmicos, migrantes e refugiados acessam o curso em contextos de deslocamento forçado, buscando inserção e sobrevivência em meio à vulnerabilidade social.

Desse modo, reconhecer a linguagem como prática social e espaço de tensões e disputas simbólicas, políticas e econômicas nos obriga a pensar um curso que vá além da transmissão de competências linguísticas, articulando repertórios diversos e enfrentando criticamente ideologias que silenciam práticas, sujeitos e histórias (Oliven; Garcez, 2020; Gasparin, 2023).

Consideramos o português como prática social, reconhecendo os diferentes modos de falar dos estudantes, marcados por deslocamentos, exclusões, resistências e criação. Compreender os processos ideológicos da linguagem como produtores de fronteiras, apagamentos e hierarquias sociais, raciais e linguísticas (Irvine; Gal, 2000) exige um posicionamento crítico: ou reproduzimos lógicas excludentes da padronização e da colonialidade ou criamos espaços de escuta, diálogo e construção conjunta do saber. A sala de aula é, assim, um espaço de disputa e acolhimento, onde saberes e práticas linguísticas diversas devem ser legitimados como parte do processo formativo (Heller, 2011; Gasparin, 2023).

Planejamento das aulas e realização do curso

O curso para os estudantes do PEC-PLE foi planejado com o objetivo de trabalhar práticas socioculturais e de letramento, com ênfase na preparação para o exame Celpe-Bras. As aulas foram estruturadas a partir de noções introdutórias de língua e cultura brasileiras, considerando que a fluência está intrinsecamente relacionada ao conhecimento sociocultural e histórico. Como material-base, adotou-se o livro *Samba! Curso de língua portuguesa para estrangeiros – A1/A2* (Ferraz & Pinheiro, 2020), que propõe atividades contextualizadas que favorecem o trabalho com gêneros textuais autênticos e diversos.

Também foram propostas reflexões sobre aspectos culturais, pensando sobre o que o olhar do outro revela sobre o “meu” mundo e sobre as representações do outro e de si a partir desse olhar. As preceptoras constantemente avaliavam as atividades, questionando se as metas eram atingidas ou se deveriam ser retomadas, além de promover reflexões com os estudantes sobre os seus aprendizados construídos ao longo do processo.

Dessa forma, a compreensão da língua como prática social permitiu que os estudantes fossem expostos a múltiplas formas de produção e recepção textual, utilizando slides, músicas, vídeos e áudios provenientes de diferentes registros e contextos discursivos.

As preceptoras também trabalharam com provas anteriores do Celpe-Bras, disponibilizadas no Acervo Celpe-Bras da UFRGS, o que possibilitou aos estudantes familiarizarem-se com a estrutura e o estilo exigido pelo exame. Essa familiarização foi essencial, considerando que o Celpe-Bras avalia a proficiência por meio de tarefas comunicativas reais, que integram leitura, escuta, produção escrita e oral e que exigem posicionamentos dos avaliados, diante de práticas sociais reais que circulam na sociedade brasileira.

Além disso, dois simulados foram realizados ao longo do ano pela equipe de PLA. No primeiro, realizado em julho de 2024, muitos ainda apresentavam dificuldades com a prova oral. No segundo, aplicado no início de outubro, observamos que 70% dos participantes atingiram ao menos o nível Intermediário, de acordo com a correção da equipe, evidenciando avanços significativos em relação ao exame.

As atividades integraram-se a outras experiências formativas, como a integração com o curso de Letras,

especialmente pela disciplina Oficina de Leitura e Produção Textual em Língua Portuguesa, ministrada pela professora Neiva Jung. Desenvolveram-se ações interdisciplinares com estudantes do PEC-PLE, como troca de cartas com alunos de Letras e um encontro presencial. Essas práticas favoreceram o uso significativo da língua, o contato intercultural e o fortalecimento de vínculos.

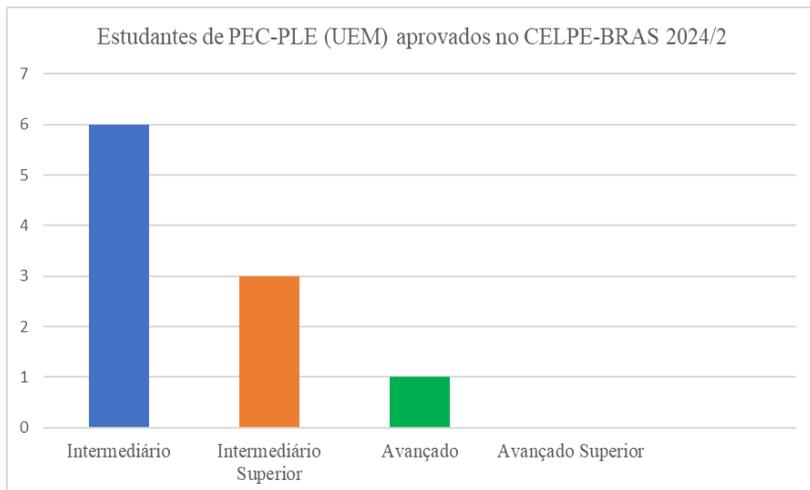
Destaca-se, ainda, o diálogo promovido entre os estudantes PEC-PLE e estudantes da disciplina de Práticas de Extensão em Língua Portuguesa I. Além de participações em aulas, os estudantes de extensão atuaram com ações de extensão, como oficina de música, e como monitores de grupos de estudantes, trabalhando suas maiores dúvidas e dificuldades com a língua portuguesa.

Em síntese, reconheceu-se a importância de adaptar as práticas pedagógicas ao ensino de PLA, considerando os diferentes objetivos de aprendizagem e as vivências socioculturais dos estudantes. Valorizou-se uma abordagem dialógica, na qual a troca de saberes possibilitou uma aprendizagem significativa, pautada na transculturalidade e no diálogo. A elaboração de materiais contextualizados, com textos autênticos conectados à realidade dos estudantes, mostrou-se eficaz para estimular interação, participação e reflexão crítica sobre práticas culturais brasileiras.

Avanços e desafios: a realidade além da sala de aula

Sem dúvida, uma das conquistas mais expressivas foi a aprovação dos 10 estudantes no exame Celpe-Bras e os excelentes níveis de proficiência alcançados, conforme apresentado no *gráfico* a seguir:

GRÁFICO 1: Estudantes de PEC-PLE (UEM) aprovados no CELPE-BRAS 2024/2



Fonte: As autoras (2025).

Além disso, cinco deles permaneceram na UEM e os outros cinco estão em outras universidades, e temos a satisfação de constatar que o português aprendido durante o curso não serviu apenas para a aprovação no exame, mas para que eles sigam e acompanhem seus cursos de graduação sem grandes percalços linguísticos.

Mas lidar com o PLA, especialmente nas turmas do PEC-PLE, vai muito além de “dar aula de português”. Esses estudantes vivem uma imersão, mas também enfrentam a distância da família, de suas culturas e o contato com realidades brasileiras que muitas vezes geram choques culturais. Como professores, precisamos ser mediadores interculturais, lidando com questões de ética, leis, religião, sexualidade, culinária, música e outros aspectos distantes de suas vivências. No Sul do país, enfrentamos ainda o desafio de prepará-los para lidar com o racismo, que infelizmente alguns vivenciaram.

Além disso, por mais que o programa exija que os estudantes tenham condições de se manterem no país, percebemos que muitos não possuem os recursos suficientes.

Faltam-lhes informações básicas sobre educação financeira, saúde e até mesmo sobre o Brasil. Sem mencionar que a grande maioria são jovens estão sob uma pressão imensa pela prova que definirá seus futuros, com dúvidas sobre o que fazer de suas vidas e expectativas familiares que, por vezes, os impeliram a cursos que não eram de seu real interesse.

Algumas considerações finais: o futuro do PLA no Brasil

Esta foi a nossa primeira turma PEC-PLE, e a certeza que nos acompanha é de que muito ainda precisa ser feito nos processos de internacionalização das universidades brasileiras. É imperativo que se desenvolvam mais pesquisas sobre o ensino de PLA. Precisamos investir em pesquisas aprofundadas, na criação de materiais didáticos contextualizados, no aprimoramento das formas de avaliação e na capacitação de professores.

Afinal, o PEC-PLE é apenas a ponta do iceberg quando pensamos na quantidade de migrantes que chegam ao Brasil anualmente e naqueles que já vivem aqui, incluindo as milhares de crianças estrangeiras em nossas escolas, como os 12 mil alunos estrangeiros na rede estadual do Paraná. Nosso maior desafio, portanto, é transformar o olhar dos cursos de Letras, para que o PLA seja plenamente integrado aos currículos, reconhecendo-o como parte intrínseca das metas de sustentabilidade das ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável).

A experiência com o PEC-PLE na UEM foi e é um aprendizado contínuo, um mergulho em desafios e a celebração de conquistas que nos impulsionam a continuar.

Referências

ANDERSON, B. **Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism**. Londres: Verso. Tradução brasileira: Anderson, B. Comunidades imaginadas (D. Bottman, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FERRAZ, A.; PINHEIRO, I. M. **SAMBA! Curso de língua portuguesa para estrangeiros**. Vol. 1 (A1–A2 Básico). Belo Horizonte: Autêntica, 1. ed., 2020, p. 272.

GARCEZ, P. DE M., & JUNG, N. M. **Mercantilização da Linguagem no Capitalismo Recente: Diversidades e Mobilidades**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 60(2), 2021 p.338–346. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/9JC77yQzN5NbkhtwfmK3v7r/?lang=pt>. Acesso em 16 de junho de 2025.

GASPARIN, M. N. **“Vai ter que traduzir de novo para o nosso guarani”**: ideologias de linguagem em práticas de letramento em uma escola de educação básica no Paraguai. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá. PR, 2023.

HELLER, M. **Paths to post-nationalism: A critical ethnography of language and identity**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

HELLER, M., & DUCHÊNE, A. **Pride and profit: Changing discourses of language, capital and nation-state**. In A. Duchêne & M. Heller (orgs.), *Language in late capitalism: Pride and profit* (pp. 1-21). New York: Routledge, 2012.

HOBSBAWM, E. **Nations and nationalism since 1780**. Cambridge, RU: Cambridge University Press. Tradução

brasileira: Hobsbawm, E. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. (M. C. Paoli e A. M. Quirino, Trans.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IRVINE, J. T.; GAL, S. **Language ideology and linguistic differentiation.** In P. V Kroskrity (org.), Regimes of language: Ideologies, politics, and identities (pp. 35-84). Santa Fe, NM, EUA: School of American Research Press, 2000.

OLIVEN, R. G.; GARCEZ, P. de M. **A mudança social se desenrola conflituosamente no terreno da linguagem: entrevista com Monica Heller (Professora da University of Toronto).** Horizontes Antropológicos (online), v. 26, p. 315-359, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000200011>. Acesso em: 5 de junho de 2025.

RUDZKI, R. E.; **The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice.** Thesis submitted for the Degree of Doctor of Philosophy at the School of Education. University of Newcastle upon Tyne, United Kingdom, 1998.

18 – PROFILE OF UNIVERSITY STUDENTS INTERESTED IN OUTBOUND MOBILITY

Mayckel da Silva Barreto⁷⁹

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Lilian Fittipaldi Gardin Berdu⁸⁰

⁷⁹ Division of Mobility, assistant professor, Department of Nursing. <http://lattes.cnpq.br/2365601117038009>. <https://orcid.org/0000-0003-22908418>. **E-mail:** msbarreto@uem.br

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Fabiano Burgo⁸¹

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Márcia Marcondes Altimari Samed⁸²

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Introduction

The internationalization of higher education stems from the globalization of geopolitical, socioeconomic, and cultural systems, incorporating an international, intercultural, or global dimension into the objectives, functions, or services of higher education (Teixeira, 2021). Additionally, available information technologies have made it easier to explore the world in greater depth, enabling expanded professional opportunities. Skills for engaging with multiple cultures and navigating complex international, national, regional, and local issues are essential in today's globalized and interconnected labour market.

In this context, public universities play a central role – not only as facilitators of academic mobility but also as spaces for social inclusion and critical education, responsible for ensuring that internationalization is genuinely a democratic, broad, and accessible process for

⁸⁰ Division of Mobility, Italian language teacher, International Cooperation Office. <https://orcid.org/0000-0002-8165-9848>. **E-mail:** mobility@uem.br

⁸¹ Head of International Agreements, Department of Design and Fashion. <http://lattes.cnpq.br/1085389969772929>. <https://orcid.org/0000-0002-4063-2753>. **E-mail:** fburgo@uem.br

⁸² Division of Internationalization at Home, associate professor, Department of Production Engineering. <https://lattes.cnpq.br/6466847592181748>, <https://orcid.org/0000-0002-7398-9054>. **E-mail:** mmasamed@uem.br

the entire university community – and not a privilege of a few (Lourenço e Neres, 2022).

However, despite progress, the reality of internationalization in Brazilian universities – especially public ones – still faces several obstacles, such as budget limitations, language barriers, and structural inequalities across courses and academic centres. In Latin America, the scenario is similar to Brazil's: the process is more modest and uneven compared to regions like Europe or North America, necessitating more equitable institutional policies and strategies adapted to local contexts (Lourenço e Neres, 2024).

The State University of Maringá (UEM) has worked to promote the internationalization of its student body in a broad, comprehensive, and inclusive manner. To that end, understanding the profile of students seeking international mobility is relevant, so that strategies can be designed to include the underrepresented students, courses, and departments in this process, while simultaneously strengthening institutional partnerships that are being consolidated.

To identify the personal and academic profile of UEM students interested in international mobility, a descriptive, cross-sectional quantitative study was conducted, with data collected via a mandatory online instrument completed by students who participated in the international academic mobility selection process at UEM. The analysis covers responses submitted between October 2022 and August 2024. During this period, 154 students applied for outbound mobility, and their data were analysed below.

Most applicants were female (89 cases – 57.8%) and chose to participate in in-person mobility (152 cases – 98.7%). The most popular destination countries were

Canada (32 – 20.8%), Italy (31 – 20.2%), Germany (26 – 16.9%), Portugal (21 – 13.6%), and the United States (16 – 10.4%). Additionally, most candidates were full-time students (102 cases – 66.3%) and were in the third (59 cases – 38.3%) or fourth year (42 – 27.3%) of their programs, as shown in *Table 01*.

TABLE 01: Personal and educational characteristics of mobility applicants

Variables	N	%
Sex		
Male	65	42,2
Female	89	57,8
Type of mobility		
In person	152	98,7
Virtual	02	1,3
Destiny		
Canada	32	20,8
Italy	31	20,1
Germany	26	16,9
Portugal	21	13,6
United States	16	10,4
Spain	09	5,8
France	07	4,5
Colombia	06	3,8
England	02	1,3
Australia	01	0,6
Argentina	01	0,6
Paraguay	01	0,6
China	01	0,6
Course time		
Morning	27	17,5
Afternoon	02	1,3
Evening	23	14,9
Integral	102	66,3
Stage		
Year 1	03	1,9
Year 2	28	18,2
Year 3	59	38,3
Year 4	42	27,3
Year 5	22	14,3

Source: ECI 2025.

According to *Table 02*, the faculties with the most participants were the College of Technology (60 cases – 38.6%), College of Applied Social Sciences (39 cases – 25.3%), and College of Health Sciences (23 cases – 14.8%).

TABLE 02: Colleges of UEM students who participated

College	N	%
College of Technology	60	38,6
College of Applied Social Sciences	39	25,3
College of Health Sciences	23	14,8
College of Humanities, Languages and Arts	14	8,9
College of Agricultural Sciences	08	5,0
College of Exact Sciences	07	4,5
College of Biological Sciences	03	1,9

Source: ECI, 2025.

Regarding academic programs, students represented 35 different courses, with the majority enrolled in Law (25 cases – 16.2%), Mechanical Engineering (23 cases – 14.9%), Business Administration (10 cases – 6.5%), Civil Engineering (8 cases – 5.2%), and Production Engineering (8 cases – 5.2%). Only one student (0.6%) was from a distance education program (EAD); the rest were from on-campus programs at UEM (see *Table 03*).

Thus, the profile of students seeking international academic mobility at UEM is characterized by a female majority, reflecting the broader predominance of women in higher education. This is linked to their majority in secondary education and the earlier workforce entry and university dropout of male students (Mariuzzo, 2023).

Another notable point is the preference for European and North American countries-referring to the Global North. Universities in these regions stand out in internationalization via educational services, distance learning, and well-established exchange programs. Their gains include increased revenue, new technology development, and strengthened institutional partnerships (Hudson, 2016). Moreover, most of UEM's current agreements are with institutions in Europe, Australia, and North America, which also influences student choices.

TABLE 03: Degree programs attended by mobility applicants

Course	N	%
Law	25	16,2
Mechanical Engineering	23	14,9
Administration	10	6,5
Production Engineering	08	5,2
Civil Engineering	08	5,2
Nursery	07	4,5
Architecture	07	4,5
Chemical Engineering	07	4,5
Odontology	06	3,9
Psychology	06	3,9
Agronomy	04	2,5
Electrical Engineering	04	2,5
Physical Education	04	2,5
Mathematics	03	1,9
Biochemistry	02	1,3
Accounting Sciences	02	1,3
Economy	02	1,3
Medicine	02	1,3
Pharmacy	02	1,3
History	02	1,3
Communication and Multimedia	02	1,3
Chemistry	02	1,3
Veterinary Medicine	02	1,3
Physics	02	1,3
Biomedicine	02	1,3
Agricultural Engineering	01	0,6
Food Engineering	01	0,6
Computer Science	01	0,6
Fashion	01	0,6
Geography	01	0,6
Biotechnology	01	0,6
Language	01	0,6
Education	01	0,6
Language (Online)	01	0,6
Animal Science	01	0,6

Source: ECI, 2025.

In Europe, internationalization is central to the higher education agenda, mainly driven by the Bologna Process. This initiative created a higher education area that facilitates student and faculty mobility, promotes European socio-economic development, and enhances competitiveness with

systems like those in the U.S. and Japan. In Latin America, in contrast, internationalization is more incipient – often delayed by national and institutional costs and barriers – although there is growing concern for including it in university agendas (Berry e Taylor, 2014).

Concerning academic fields and undergraduate programs, technological areas do indeed lead internationalization efforts. Besides rapid knowledge advances in these fields, Brazil's 2011 Science Without Borders program prioritized international academic mobility in science, technology, and innovation disciplines (Batista et al, 2020). Furthermore, internationalization in teacher education remains an emerging context, requiring further development in its conceptions, intentions, and challenges (Dalla Corte, 2017).

Taken together, the data show that while internationalization at UEM is already established in certain areas and student profiles, the process still needs expansion in equity and diversity. The predominance of technology courses, low participation by distance education students, and limited involvement of teacher education programs point to an urgent need for institutional rebalancing. It is essential to include actions aimed at strengthening partnerships with Global South countries, introducing new mobility formats (such as virtual exchange), and providing technical and financial support for underrepresented groups in the institution's strategic agenda – so as to foster a more democratic, accessible internationalization aligned with local educational and social realities.

Broadening the findings outlined here, understanding the profile of students accessing internationalization opportunities allows reflection on mechanisms of inclusion,

retention, and incentives for global education. Internationalization should not be viewed merely as an institutional asset or prestige instrument but as part of a public education project committed to social transformation. In this light, promoting student mobility in a critical, reflective, and inclusive way can significantly contribute to preparing professionals who are more aware, ready to operate in multicultural environments, and dedicated to local and global development.

References

BATISTA, S. S. S., FREIRE, E. E DELGADO, D. M. Cursos superiores de tecnologia no contexto da internacionalização e da expansão da educação profissional e tecnológica no Estado de São Paulo. **Sér.-Estud.**, v. 25, n. 54, p. 193-221, maio, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v25i54.1381>.

BERRY, C.; TAYLOR, J. Internationalisation in higher education in Latin America: policies and practice in Colombia and Mexico. **Higher Education**, v. 67, n. 5, p. 585-601, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10734-013-9667-z>.

DALLA CORTE, M. G. Um estudo acerca dos contextos emergentes nos cursos de licenciatura no Brasil: em destaque a internacionalização. **Educação**, v. 40, n. 3, septiembrediciembre, pp. 357-367, 2017.

HUDSON, R. Dominated by economics? Evidence of changing drivers of internationalization and Its Funding Within Higher Education Institutions in Europe. **Higher Education Policy**, California, v. 29, p. 1-19, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/hep.2015.4>.

LOURENÇO, R. L.; NERES, C. C. Práticas sociais para uma internacionalização crítica e decolonial na universidade

pública. **Educ. Rev.** Curitiba, v. 40, e94759, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.94759>.

LOURENÇO, R. L.; NERES, C. C. Balanced Scorecard como modelo para implementar a internacionalização na universidade pública: um olhar interpretativo a partir da pesquisa participante. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 19, n. 50, p. 122-142, jan./mar., 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2022.e78993>

MARIUZZO, P. Novas cores e contornos na Universidade - o perfil do estudante universitário brasileiro: país avança na inclusão de estudantes no ensino superior, mas políticas públicas precisam de aperfeiçoamentos, especialmente as de permanência. **Cienc. Cult.**, v. 75, n.1, jan./mar., 2023.

TEIXEIRA, L. et al. Internacionalizar para quê? As razões de instituições públicas de ensino superior no Ceará. **Avaliação**, v. 26, n. 03, p. 800-821, nov., 2021.

19 – INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA E INGLÊS COMO MEIO DE INSTRUÇÃO NO

PARANÁ FALA INGLÊS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Aline Priscilla Brancalhão Züge⁸³

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Luciana Cabrini Simões Calvo⁸⁴

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Ramon Alves Lima⁸⁵

UEM – Universidade Estadual de Maringá (PR)

Introdução

Este capítulo tem por objetivo relatar a experiência sobre o modo como os cursos de formação para Inglês como Meio de Instrução (EMI) têm se configurado no Programa Paraná Fala Idiomas-Inglês (PFI) na

⁸³ Aline Priscilla Brancalhão Züge é Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá e Professora Adjunta do Departamento de Letras Modernas na mesma instituição. Atua, ainda, como orientadora pedagógica do PFI-Inglês da UEM. Sua pesquisa é voltada para práticas de ensino-aprendizagem de língua inglesa, incluindo contextos de EMI. **E-mail:** apbzuge2@uem.br

⁸⁴ Luciana Cabrini Simões Calvo é Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Professora Associada do Departamento de Letras Modernas e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, com financiamento do CNPq. **E-mail:** lcsimoes@uem.br

⁸⁵ Ramon Alves Lima é graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), o pesquisador é mestrando em Estudos da Linguagem (PLE-UEM / CAPES Conceito 6). Sua pesquisa visa investigar a formação de professores para o Inglês como Meio de Instrução (EMI) e as perspectivas dos participantes sobre o EMI no contexto acadêmico e na internacionalização. **E-mail:** ramonlima103@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob o ponto de vista dos autores, que têm se envolvido nas atividades do programa executando diferentes funções, nos papéis de ministrantes dos cursos, coordenação institucional e orientação pedagógica.

O programa visa contribuir para o processo de internacionalização das universidades estaduais paranaenses, por meio do ensino de línguas adicionais, do fortalecimento de parcerias internacionais, da promoção da formação de grupos de pesquisa, programas conjuntos e capacitação acadêmica e do apoio à criação de uma política linguística estadual para ampliar o ensino de línguas e a atuação internacional de professores e alunos (Rios, 2021).

Uma das modalidades de internacionalização acadêmica para qual o PFI contribui é a Internacionalização em Casa (IeC), que consiste no desenvolvimento de um ambiente internacional no contexto de aprendizagem e atuação dos estudantes e da comunidade acadêmica, por meio da integração de dimensões interculturais e internacionais em atividades curriculares e extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão, sem a necessidade de deslocamento físico para outros países. Assim, busca-se permitir que mais pessoas possam vivenciar experiências internacionais, promovendo uma internacionalização mais acessível, crítica e menos excludente (Beelen; Jones, 2015; Baumvol; Sarmiento, 2016).

As línguas desempenham um papel fundamental nos processos de internacionalização, tanto na mobilidade acadêmica quanto na IeC, ao possibilitarem a interação e a conexão entre indivíduos de diferentes comunidades e culturas (Sarmiento; Baumvol; Martinez, 2019). Nesse

contexto, o EMI configura-se como um dos instrumentos que promovem a internacionalização, sobretudo a leC.

O EMI é compreendido como o uso da LI (Língua Inglesa) em contextos educacionais para ministrar aulas em áreas que não contemplam o ensino da língua em si, considerando a diversidade linguística dos aprendizes, que podem ser tanto falantes nativos de inglês quanto de outras línguas (Murata; Iino, 2018). Assim, docentes podem adotar a LI para ministrar seus conteúdos em suas próprias universidades, oportunizando aos discentes a vivência de um ambiente internacional de ensino. Diante disso, EMI pode ser uma valiosa estratégia para impulsionar tanto a leC quanto a política linguística institucional, por permitir reflexões acerca do uso das línguas para as ações desenvolvidas no âmbito acadêmico.

Apesar dessas potencialidades das ações em EMI, há também inúmeros desafios de cunho linguístico, institucional, metodológico e identitário a serem enfrentados em sua adoção e implementação (Martinez, 2016). Nas seções seguintes, apresentamos nosso relato de experiência sobre a configuração dos cursos de formação para EMI no PFI da UEM. Esses cursos têm como principal objetivo apoiar a preparação de docentes para ministrar seus conteúdos em inglês, buscando contribuir para a superação de alguns desses desafios, principalmente aqueles relacionados ao uso das línguas e a aspectos metodológicos.

EMI no PFI da UEM

A implementação do curso de EMI no PFI da UEM ocorreu em 2019, como um *workshop* para docentes que já ministravam suas disciplinas em língua inglesa. O objetivo era aprimorar as práticas pedagógicas e linguísticas desses

professores, buscando expandir a oferta do ensino de disciplinas em inglês na instituição. Após essa experiência, a formação em EMI foi incorporada às ofertas dos cursos regulares do PFI. A partir de 2020, o curso de EMI passou para a modalidade *online* em resposta à pandemia de COVID-19. Essa transição permitiu a continuidade da formação e expandiu seu alcance, possibilitando a participação de docentes de outras Instituições de Ensino Superior (IES) do estado do Paraná. Desde então, o curso é ofertado anualmente ou semestralmente, mantendo-se na modalidade remota para incluir um público mais amplo.

O curso de EMI tem a carga horária de 30 horas, com atividades distribuídas entre módulos síncronos e assíncronos. Ministrada em inglês, a formação tem como público-alvo docentes universitários e discentes de pós-graduação. Os tópicos abordados no curso vão desde a Internacionalização, a IeC e seus impactos nas IES, o papel das línguas nas aulas de EMI, incluindo o multilinguismo, a translíngua e o Inglês como Língua Franca (ILF), até a questão das metodologias ativas aplicadas ao ensino em LI. Além disso, os alunos são convidados a refletir sobre abordagens e estratégias de ensino para aulas em inglês, uso de diferentes ferramentas tecnológicas e, a partir de 2025, foi incorporada a discussão sobre o uso de Inteligência Artificial como suporte pedagógico para as aulas. Por fim, os participantes discutem planejamento de *syllabus* e de aulas em contextos de EMI, estratégias de *feedback* e avaliação.

A trajetória de implementação de cursos de EMI no PFI da UEM acompanha as oportunidades de formação continuada da comunidade acadêmica em relação à internacionalização do ensino superior, integrando o aspecto linguístico como um dos componentes essenciais

para o desenvolvimento acadêmico e científico. Ao longo desse processo, esses cursos têm se consolidado como referência para os docentes da universidade, conforme já apontado por Züge *et al.* (2021).

Impactos dos cursos de formação em EMI

Levando em consideração os diferentes papéis desempenhados pelos autores nos cursos de EMI ofertados PFI, desde o seu início na UEM, apresentamos, nesta seção, nossa visão sobre alguns de seus impactos tanto para os formadores (coordenadoras e ministrantes dos cursos), quanto para os participantes (docentes e acadêmicos da pós-graduação).

Para os formadores, o curso tem possibilitado ensino conjunto, trabalho em rede e parcerias com outros ministrantes, formadores e especialistas nas temáticas abordadas. Além disso, o curso tem se configurado como um lócus para a realização de pesquisas acadêmicas, principalmente as desenvolvidas no contexto do Programa de Pós-graduação em Letras da UEM. Ademais, devido à atuação das coordenadoras no curso de graduação em Letras da instituição, questões teórico-práticas de EMI têm sido incorporadas nas aulas/no currículo desse curso, visando expandir o campo de atuação dos licenciandos em Letras para também incluir práticas de internacionalização em variados contextos.

Em relação aos participantes, observamos que novas disciplinas em inglês foram propostas pelos docentes nos programas de pós-graduação nos quais atuam. Ainda, muitos relataram que o curso teve impacto em suas formações continuadas tanto para ministrar aulas em inglês quanto em português. Outra constatação que podemos realizar se refere ao fato desses participantes terem a

oportunidade de rever e desmistificar várias questões que envolvem o inglês na atualidade; principalmente ao se discutir o tópico ILF nas aulas. Por fim, para muitos, o curso tem sido um espaço para refletir sobre suas motivações para ensinar em inglês e para vislumbrar a forma como o EMI irá se configurar em seus contextos.

Para formadores e participantes, os cursos de EMI do PFI também possibilitam uma rede de *networking*, uma forma de ampliar as relações com outros colegas da universidade, de modo a compartilharem, trocarem ideias e conhecimentos a respeito de questões que envolvem docência, internacionalização e atuação no contexto de ensino superior.

Com base nessas visões, consideramos que a oferta de cursos de formação para EMI na UEM tem sido bem-sucedida, pois, por meio dela, os participantes ampliam suas visões sobre os tópicos trabalhados, além de terem a possibilidade de implementarem uma iniciativa de leC nos currículos de seus cursos e programas de pós-graduação. Apesar dessa constatação, também lidamos com desafios, principalmente em relação ao engajamento e à participação dos docentes nessas oportunidades. Tal desafio nos obriga a pensar e propor configurações e dinâmicas alternativas para que mais pessoas possam se beneficiar desta iniciativa de formação.

Referências

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S. A internacionalização em casa e o uso de inglês como meio de instrução. *In*: BECK, S. B.; MORITZ, M. E.; MARTINS, M. L. M.; HEBERLE, V. (Org.) **Ecohes – Further Reflections on Language and Literature**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 65-82, 2016.

BEELEN, J.; JONES, E. Redefining internationalization at home. *In*: CURAI, A, MATEI, L, PRICOPIE, R. (Org.) **The European Higher Education Area: Between Critical Reflections and Future Policies**. Dordrecht, Springer, p. 59-72, 2015.

MARTINEZ, R. English as Medium of Instruction (EMI) in Brazilian Higher Education: Challenges and Opportunities. *In*: FINARDI, K. (Org.). **English in Brazil: Views, Policies and Programs**. Londrina, Eduel, p. 191–228, 2016.

MURATA, K.; IINO, M. EMI in higher education: an ELF Perspective. *In*: JENKINS, J.; BAKER, W., DEWEY, M. (Ed.). **The Routledge Handbook of English as a Lingua Franca**. Abingdon, Routledge, 2018.

RIOS, E. S. O Paraná Fala Idiomas: um programa estratégico da Superintendência Geral da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. *In*: RIOS, E. S.; NOVELLI, J.; CALVO, L. C. S. (Org.). **Paraná Fala Idiomas – Inglês: pesquisas, práticas e desafios de uma política linguística de Estado**. Campinas, Pontes Editores, 2021.

SARMENTO, S.; BAUMVOL, L. K.; MARTINEZ, R. O papel das línguas na internacionalização da educação. **Organon**, Porto Alegre, v. 34, n. 66, p. 4-8, 2019.

ZÜGE, A.P.B. NOVELLI, J.; CALVO, L.C.S.; SILVESTRE, N.A.C. Reflexões sobre a Segunda Fase do Paraná Fala Inglês na universidade Estadual de Maringá. *In*: RIOS, E. S.; NOVELLI, J.; CALVO, L. C. S. (Org.). **Paraná Fala Idiomas – Inglês: pesquisas, práticas e desafios de uma política linguística de Estado**. Campinas, Pontes Editores, 2021.

20 – AÇÕES DO CENTRO DE ESCRITA ACADÊMICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA: ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Sulany Silveira dos Santos⁸⁶

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR)

Isabel Cristina Vollet Marson⁸⁷

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR)

Mariza Tulio⁸⁸

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR)

⁸⁶ Professora Adjunta de Língua Inglesa no Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR (UEPG). Possui Doutorado em Letras UFRGS, Mestrado em Letras – Linguística Aplicada pela PUC-RS. Coordenadora do Projeto de Pesquisa The Effect of ChatGPT on Student Writing in Multiple Languages: A Systemic Functional Linguistics Analysis. **E-mail:** sssantos@uepg.br

⁸⁷ Professora Adjunta de Língua Inglesa no Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR (UEPG). Possui Doutorado em Letras UFPR, Mestrado em Educação, Universidade Tuiuti, PR. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Formação de Professores, Inglês como Língua Franca e Translinguagem. **E-mail:** imarson@uepg.br

⁸⁸ Professora Adjunta de Língua Inglesa no Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR (UEPG). Possui Doutorado em Letras UFPR, Mestrado em Letras e Literatura UFSC. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Using ChatGPT in higher education from the perspective of Students and faculty members at State University of Ponta Grossa. Diretora do Escritório de Relações Internacionais, UEPG. **E-mail:** mtulio@uepg.br

Introdução

A expansão das fronteiras do conhecimento desafia as universidades a expandirem suas relações culturais e sociais em esferas internacionais. Nesse contexto, a internacionalização do conhecimento científico desempenha papel crucial e tem a língua inglesa como a língua franca da ciência. A classificação do grau de internacionalização das instituições de ensino superior (IES) é também determinada pelo volume de publicações internacionais de pesquisas científicas desenvolvidas por suas comunidades (Jordão *et al.*, 2020).

No que tange à visibilidade da pesquisa científica, a publicação de artigos em uma língua de alcance global como o inglês confere maior projeção e reconhecimento ao autor. Nesse sentido, a proficiência na escrita acadêmica em inglês pode constituir um diferencial competitivo para muitos pesquisadores. Lillis e Curry (2010, p. 45) destacam que “a publicação em inglês tornou-se um requisito quase obrigatório para pesquisadores que buscam visibilidade internacional”. Gordin (2015, p. 178) revela que “entre 1980 e 2010, a proporção de artigos científicos publicados em inglês saltou de 65% para 95% nas principais bases de dados”, evidenciando essa tendência irreversível. Essa realidade é corroborada por Hyland (2016, p. 60) ao afirmar que “o inglês funciona como moeda acadêmica global, determinando não apenas a circulação do conhecimento, mas também o prestígio institucional”.

Contudo, novos pesquisadores não-nativos enfrentam desafios na produção e publicação de textos em inglês: embora dominem o idioma, nem sempre estão familiarizados com os mecanismos retóricos e linguísticos empregados em contextos acadêmicos. A formação voltada ao letramento acadêmico, sobretudo em língua inglesa,

ainda é recente no Brasil (Martinez, 2024), mais escassas ainda são as discussões sobre a escrita científica em contextos internacionais. Além disso muitos pesquisadores acreditam que autores não-nativos de inglês não têm seus textos aceitos devido a preconceito linguístico de editores e revisores de periódicos internacionais (Hyland, 2016).

A escrita acadêmica, além de complexa, exige do autor familiaridade com convenções linguísticas da comunidade discursiva de sua área, conhecimento das especificidades da escrita científica e do gênero artigo científico e sua variação estilística e cultural em diferentes culturas; o que funciona em um contexto, por exemplo, pode não ser aplicável em outros (Leijen *et al*, 2024).

Com o objetivo de apoiar pesquisadores e promover a difusão internacional do conhecimento científico produzido nas IES paranaenses, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI) implementou o Programa *Academic Writing and Research Development* (AWARD). Em parceria com o Centro de Assessoria de Produção Acadêmica (CAPA) da UFPR e com o Programa RELO da Embaixada dos Estados Unidos, foram criados, em 2022, Centros de Escrita (CE) nas sete IES paranaenses⁸⁹.

Este relato apresenta um panorama das ações implementadas pelo CE-UEPG entre 2022 e 2024, destacando seus impactos na formação acadêmica e na internacionalização da produção científica. As atividades realizadas contribuíram para o fortalecimento da

⁸⁹ Integram o Programa AWARD a Universidade Estadual de Londrina (UEL), a Universidade Estadual de Maringá (UEM), a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), a Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), a Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e a Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

internacionalização da instituição, ofereceram para a comunidade universitária discussões sobre letramento acadêmico em língua inglesa, emprego de inteligência artificial na escrita científica e ampliaram a formação de estudantes de licenciatura em português/inglês. Em contexto mais amplo, as IES paranaenses criaram uma rede de apoio interinstitucional para publicações internacionais por meio de ações conjuntas de letramento acadêmico.

Ações desenvolvidas pelo CE-UEPG

Os CE paranaenses buscaram promover o letramento acadêmico em inglês como língua adicional, oferecer suporte na tradução de artigos científicos para o inglês, além de serviços especializados de revisão com vistas a viabilizar publicações em periódicos internacionais⁹⁰. Em 2022, foi criado o Centro de Escrita Acadêmica da UEPG (CEA)⁹¹, cuja equipe constituiu-se de três docentes de inglês, vinculadas ao Departamento de Estudos da Linguagem, um bolsista-profissional graduado (40h), dois bolsistas de graduação (20h) e voluntários. Bolsistas e voluntários foram selecionados para atuar como tutores com base em sua proficiência em inglês e conhecimento de estrutura textual, revisão e reescrita de textos em português e inglês.

Estratégias de formação da equipe

Realizada em etapas distintas, a formação da equipe constituiu-se em: (1) seminários ministrados pelo

⁹⁰ Os CE do Paraná diferenciam-se dos estadunidenses, uma vez que esses atuam em contextos em que o inglês é a língua de instrução e cujo foco principal é dar suporte para a escrita de textos que estudantes produzem para disciplinas do currículo.

⁹¹ <https://www2.uepg.br/escrita-academica/>

CAPA, que abordaram aspectos técnicos pertinentes a processos e estratégias de tradução, ao emprego de tecnologias diversas aplicadas à tradução e à revisão textual, estratégias de assessoria a autores e troca de experiências entre os participantes; (2) seminários ministrados pela coordenação do CEA-UEPG, que abordaram o processo de produção de textos que circulam no universo letrado da academia, buscando compreender a escrita acadêmica como prática social; identificação de estruturas de artigos científicos das diferentes áreas do conhecimento e reconhecimento das estruturas léxico-gramaticais do texto científico escrito em língua inglesa.

Na etapa seguinte, os tutores sistematizaram o conhecimento compartilhado por meio da produção vídeos didáticos sobre a escrita de artigos científicos e os disponibilizaram para a comunidade acadêmica da UEPG. Na próxima etapa, foi traduzido o Guia do Estudante (PRAE, 2021), que possibilitou o emprego de estratégias aprendidas e a análise crítica do resultado da tradução à luz das discussões conduzidas na etapa inicial de formação. Além dessas etapas, a formação da equipe deu-se de forma continuada por meio de participação em seminários sobre letramento acadêmico e tradução oferecidos regularmente pelos CE paranaenses e de reuniões internas semanais que abordaram o letramento acadêmico e questões pontuais surgidas no processo de tradução dos artigos.

O processo de tradução de artigos

A partir de fevereiro de 2022, foram lançados editais bimensais de chamada para tradução e revisão de textos científicos em inglês⁹².

⁹² <https://www2.uepg.br/escrita-academica/editais/>

O fluxo de trabalho incluía triagem; revisão inicial; assessoria com autores; tradução; revisão final (Emilio, 2023; Vettorazzi, 2024). O processo de tradução desenvolvia-se ao longo de dois meses a partir do lançamento de cada edital.

Na *triagem*, a dupla responsável pelos respectivos textos avaliava sua adequação às normas do edital vigente, à macroestrutura textual do gênero “artigo científico”, às normas do periódico internacional indicado pelos autores para publicação do artigo e verificavam eventual plágio em plataformas antiplágio. Os textos aprovados passavam para a *revisão inicial*, na qual avaliava-se a microestrutura textual, sugeria-se reescrita de partes do texto em vista dos padrões da linguagem acadêmica em inglês, elaborava-se glossário bilíngue português/inglês dos termos técnicos do texto; finalmente, o texto era discutido com a coordenação para eventuais mudanças. Na *assessoria com os autores*, esclareciam-se eventuais dúvidas, discutiam-se as propostas de reescrita e a pertinência do glossário técnico em vista dos termos consagrados pela comunidade científica. Após essas fases, desenvolvidas com a versão do texto ainda em português, era realizada a primeira *tradução do texto*, posteriormente revisada pela coordenação e por membros da equipe que haviam trabalhado em texto diferente. Na sequência, realizavam-se *assessorias com os autores* para discutir o texto traduzido e assegurar a qualidade final da tradução. O texto passava por uma *revisão final*, era adequado ao formato do periódico internacional e entregue aos autores.

Resultados

No período 2022-2024, o CEA traduziu 47 textos, sendo 44 artigos científicos da comunidade acadêmica e

três textos de outros setores da UEPG: o Guia do Estudante (PRAE, 2021); o Relatório de Ações dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (PROPLAN, 2021)⁹³; o livro “Árvores e Aves do Campus Uvaranas”⁹⁴ (Editora da UEPG, 2024), cuja revisão final do português foi também realizada pelo CEA.

As áreas beneficiadas pela tradução foram Agronomia; Biologia e Biologia Evolutiva; Educação; Educação Física; Engenharia; Farmácia; História; Jornalismo; Letras; Odontologia; Química Tecnológica e Turismo. Nos artigos traduzidos, foram atendidos 117 membros da comunidade acadêmica da UEPG entre professores e alunos de pós-graduação.

Entre bolsistas e voluntários, 12 alunos do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês foram beneficiados com a formação oferecida pelo CEA.

Resultados para além da tradução

O CEA integrou-se à comunidade acadêmica da UEPG por meio de estratégias como: criação de canais de comunicação com a comunidade acadêmica da UEPG⁹⁵ (2022); locais para atendimento presencial na Biblioteca Central e na Escola de Línguas da UEPG (2022); parceria com a Revista de História Regional (RHR)⁹⁶, do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG (2023-2024). A tradução de artigos para a RHR contribuiu para ampliar a internacionalização do periódico e possibilitou o alcance global das publicações.

Como resultado das ações de formação, a equipe participou de eventos acadêmicos: *em 2022*, apresentou o

⁹³ <https://www2.uepg.br/proplan/avaliacao-institucional/ods-agenda-2030/>

⁹⁴ <https://www.uepg.br/arvores-aves-uvaranas/>

⁹⁵ <https://www2.uepg.br/escrita-academica/>

⁹⁶ <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr>

webinário “How to present your research” no V SETEDI⁹⁷ a convite do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UEPG; em 2022, apresentou no XVIII ENFOPLE⁹⁸ a comunicação “(Re)Pensar a Escrita Acadêmica e a Formação de Professores na Contemporaneidade: Contribuições do Centro de Escrita Acadêmica da Universidade Estadual de Ponta Grossa”⁹⁹; em 2024, apresentou no XX ENFOPLE a comunicação “As complexidades da era digital e a ética na escrita acadêmica: os desafios na identificação de conteúdos produzidos por IA”¹⁰⁰. Em 2024, juntamente com o Escritório Internacional da UEPG, o CEA organizou o Seminário “Boas Práticas de Internacionalização”¹⁰¹, no qual discutiu o “Letramento digital – inteligência artificial (IA) e Escrita Acadêmica”. Em 2023, um integrante da equipe desenvolveu trabalho de conclusão de curso sobre o CEA UEPG (Emilio, 2023). Em 2025, uma ex-bolsista Renata Vettorazzi desenvolve a pesquisa de iniciação científica “Olhar crítico do uso da inteligência artificial no processo de escrita e tradução num centro de escrita acadêmica”.

O CEA integrou a equipe docente da disciplina transversal “Escrita Acadêmica em Inglês”, ofertada pela UFPR, ministrando aulas no curso em 2023 e 2024. Também, nesse período, o CEA ofereceu suporte à disciplina Seminários II do Curso de Pós-Graduação em Agronomia da UEPG: ministrou seminário sobre apresentação oral de trabalhos em inglês, discutiu ética na

⁹⁷ Seminário de Teses e Dissertações e II Seminário Internacional de Teses e Dissertações.

⁹⁸ Encontro de Formação de Professores de Línguas, Universidade Estadual de Goiás, UEG.

⁹⁹ Kássia R. Takasugi; Marcos A. Pereira; Sulany S. Santos.

¹⁰⁰ Renata Vettorazzi; Isabel C. V. Marson; Sulany S. Santos

¹⁰¹ <https://www.uepg.br/atividades-internacionais-eri/>

escrita acadêmica em vista da inteligência artificial e assessorou discentes na apresentação em inglês de projetos de doutorado e mestrado.

Em 2024, foi produzido material instrutivo sobre os procedimentos operacionais de tradução para formação de novos bolsistas do CEA (Vettorazzi, 2024). O material tornou-se referência para novos integrantes dos CE. Além disso, ao longo de 2023 e 2024, a equipe discutiu extensivamente o uso de inteligência artificial como ferramenta auxiliar na escrita acadêmica e tradução de textos em inglês.

Considerações finais

A constante participação da comunidade acadêmica da UEPG nos editais lançados para tradução de textos corroborou a demanda institucional pelos serviços prestados pelo CEA. Os artigos traduzidos contribuíram para incentivar a comunidade acadêmica da UEPG a divulgar suas pesquisas em contextos internacionais, para incrementar a posição da instituição em *rankings* nacionais e internacionais e para dar visibilidade internacional da ciência desenvolvida no Paraná. Além disso, os autores atendidos não recorreram a serviços particulares de tradução e revisão de artigos, possibilitando a otimização de recursos públicos. Outro benefício identificado foi a formação acadêmica dos estudantes envolvidos no projeto: a experiência no CEA ofereceu-lhes uma variedade de possibilidades de inserção profissional, além da formação recebida na graduação.

Finalmente, o Programa AWARD fomentou uma rede de apoio interinstitucional ao letramento acadêmico em inglês, alinhando-se às demandas contemporâneas de internacionalização das IES paranaenses.

Referências

EMILIO, M.A.P. **Perspectivas dos bolsistas e voluntários sobre o processo de tradução num centro de escrita paranaense**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português/Inglês) – UEPG/DEEL. Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <<https://ri.uepg.br/monografias/handle/123456789/315>> Acesso em 26/JUN/2025.

GORDIN, M.D. **Scientific Babel: How science was done before and after global English**. University of Chicago Press, 2015.

HYLAND, K. Academic publishing and the myth of linguistic injustice. In: **Journal of Second Language Writing**, v. 31, p. 58-69, 2016.

JORDÃO, C.M.; FIGUEIREDO, E.H.D.; LAUFER, G.F.; FRANKIW, T.C. Internacionalização em inglês: sobre esse tal de *unstoppable train* e como abordar a sua locomotiva. **ÑEMITYRÁ**, v.1, n.2, p. 30-43, 2020.

LEIJEN, D.A.J.; HINT, H.; JÜRINE, A. **Academic Writing tradition and how to model it**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.5108632>> Acesso em: 12/JUN/2025.

LILLIS, T.; CURRY, M.J. **Academic writing in a global context**. Routledge, 2010.

MARTINEZ, R. The Idea of a Writing Center in Brazil: A Different Beat. **Writing Center Journal**. v. 41, n.3. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.7771/2832-9414.2032>. Acesso em: 12/JUN/2025.

VETTORAZZI, R. **Introdução ao Centro de Escrita Acadêmica**. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Paraná, 2024, 29 pp.

21 – TECNOLOGIAS DIGITAIS E INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: CAMINHOS POSSÍVEIS

Pedro Adrião da Silva Júnior¹⁰²

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

Jorge Luis Queiroz Carvalho¹⁰³

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

Keyla Maria Frota Lemos¹⁰⁴

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

Záira Nakala da Silva Câmara¹⁰⁵

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

¹⁰² Doutorado em Língua Espanhola pela Universidade de Salamanca. Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UERN. Professor da UERN, no Departamento de Letras Estrangeiras, Faculdade de Letras e Artes do Campus Central – Mossoró. Atua na área de Letras, Língua Espanhola e Linguística Aplicada. **E-mail:** pedroadriao@uern.br

¹⁰³ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Chefe do Setor de Apoio a Eventos e Tradução de Documentos Institucionais da DIRI/UERN. Professor da UERN, no Departamento de Letras Estrangeiras, Faculdade de Letras e Artes do Campus Central – Mossoró. Atua na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, Linguística e Ensino de Línguas. **E-mail:** jorgecarvalho@uern.br

¹⁰⁴ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Chefe do Departamento de Assuntos Internacionais e Interinstitucionais da UERN. Docente do Departamento de Letras Estrangeiras, Faculdade de Letras e Artes do Campus Central – Mossoró. Atua na área de Letras, Língua Inglesa, Linguística e Ensino de Línguas. **E-mail:** keylafrota@uern.br

¹⁰⁵ Mestrado em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Secretária da DIRI/UERN. **E-mail:** zairanakala@uern.br

Introdução

O avanço no desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) alargou os horizontes da internacionalização das instituições de ensino superior. Especialmente com advento da pandemia, passamos a utilizar os recursos oferecidos pelas TIC's como forma de respeitar o indispensável distanciamento físico. A pandemia que, no início, parou as universidades do mundo inteiro, acabou por evidenciar novas oportunidades de uso das TIC's para o ensino. E, com a internacionalização, não foi diferente.

Diante disso, a Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DIRI) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) redefiniu suas atividades com a finalidade de impulsionar as ações de internacionalização. Com isso, foi dado início ao planejamento do projeto “Guarda-chuva Tecnológico”, com foco em ações virtuais como: a) Programa de Intercâmbio Latino-americano virtual (PILA); b) o Projeto UERN – Conexão Global; c) Cursos de idiomas e d) Atividades acadêmicas virtuais em parceria com IES estrangeiras.

Embora a Diri já conduzisse importantes iniciativas de internacionalização, tornou-se necessário avançar no fortalecimento da internacionalização em casa, por meio da criação de um ambiente institucional que favoreça a inserção internacional, o desenvolvimento de competências interculturais e o acesso ampliado a experiências formativas globais.

Partindo do princípio de que a internacionalização tem início no engajamento interno da comunidade universitária, foram desenvolvidas ações como o UERN - Conexão Global e a oferta de cursos de idiomas, que fortalecem a internacionalização em casa ao superar

barreiras conceituais e linguísticas. Com o apoio das TICs e a adesão ao PILA, a UERN ampliou sua inserção internacional por meio da mobilidade virtual de estudantes e docentes com instituições da América Latina. Nesse contexto, apresentamos algumas dessas experiências, que ilustram os avanços alcançados nesse processo.

Conceitos e perspectivas

A internacionalização das Instituições de Ensino Superior, embora não seja um conceito novo, vem ganhando força no Brasil nas últimas décadas. Diversas são as iniciativas que evidenciaram a importância de estabelecer redes de cooperação com universidades e centros de pesquisa, tanto nacionais quanto internacionais.

Entendemos a internacionalização como um movimento transversal que afeta a instituição como um todo: discentes, docentes, técnicos administrativos, e todas as estruturas da universidade, suas referências, parcerias e relações.

Adotando o conceito de internacionalização abrangente de Hudzik (2011, p. 06), acreditamos que o mundo globalizado, onde a economia, a pesquisa, a comunicação e tantos outros aspectos da vida local são impactados e expandidos, a internacionalização se torna “um imperativo institucional, não apenas uma desejada possibilidade”. Alinhados a esse conceito de *internacionalização abrangente*, ganham destaque também as estratégias voltadas à aceleração da internacionalização, entendida como a intensificação planejada e estratégica de ações voltadas à inserção internacional das instituições.

De acordo com Hollnagel, Maccari e Rodrigues (2021, on-line):

A aceleração da Internacionalização Institucional é, em essência, a realização de um conjunto de atividades em direção à internacionalização plena da Instituição de Ensino Superior – IES brasileira ou Institutos de Pesquisa – IP brasileiros, com início na PG/SS. Sintetizamos os processos em quatro níveis distintos: a) Conhecimento e Compromisso, b) Implementação, c) Consolidação, e d) Internacionalização Plena.

Tomando no modelo proposto, identificamos em nossa IES os processos referentes ao primeiro nível, “Conhecimento e Compromisso”, e ao segundo nível, “Implementação”. Acreditamos que a Uern se encontra no terceiro nível, “Consolidação”. A seguir, apresentamos o relato das ações desenvolvidas em cada um dos níveis.

Conhecimento e compromisso

No Nível de “Conhecimento e Compromisso”, no que diz respeito ao passo “Consulta e validação” (HOLLNAGEL *et al*, 2020), foi considerado o interesse da comunidade em fazer internacionalização. Muitas ações de internacionalização já vinham sendo realizadas há anos na instituição, como a oferta de cursos para servidores técnicos acerca da internacionalização, a aplicação de testes TOEFL como um meio para a melhoria no trabalho com o desenvolvimento da nossa política linguística, mas ainda era preciso formalizar e documentar de forma mais oficial esses esforços.

A formalização do desejo de internacionalização veio com a elaboração de uma seção dedicada à internacionalização no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UERN. Nesse documento, são apresentadas as diretrizes e metas para a internacionalização na IES até o ano de 2026.

No passo seguinte, de “Sistematização”, promovemos a organização e análise dos dados referentes às atividades de internacionalização na instituição em retrospectiva, a fim de identificar pontos positivos, lacunas e oportunidades de melhoria. Essa etapa foi fortalecida com a implementação do projeto “Guarda-chuva Tecnológico”, que utilizou as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para consolidar e ampliar as ações já existentes e anteriormente sistematizadas. Por meio de plataformas digitais, realizamos o mapeamento das iniciativas e o compartilhamento de informações entre os diferentes setores da universidade, facilitando o planejamento e a tomada de decisões estratégicas.

Implementação

Para a preparação da implementação da internacionalização na UERN, foram elaborados documentos essenciais que norteariam nosso caminho rumo à uma internacionalização plena. Um deles foi a Política Linguística, importante documento para a Política de Internacionalização da UERN, regulamentada pela RESOLUÇÃO Nº 020/2019 – CONSEPE. A DIRI em parceria com docentes dos cursos de Letras lotados nos campi Central, de Assu, Patu e Pau dos Ferros, um representante discente e um representante da Diretoria de Ações Inclusivas, conseguiu formar comissão para elaborar a Política Linguística da UERN.

Também foi elaborado o “Plano Estratégico de Internacionalização da Uern”, através da contribuição da comunidade acadêmica, com a participação de representantes do Fórum de Chefes e Diretores, representantes das pró-reitorias, docentes, discentes e servidores técnico-administrativos. Esse documento se vale

de documentos basilares para nortear suas ações, como o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), a Agenda 2030, a carta Programa Somos UERN (2021-2025), e a agenda estratégica da DIRI. Nesse plano, são determinados os objetivos estratégicos, as metas e as ações da Diretoria (2021-2025).

Dentro desse cenário, ações de implementação de autoria da própria Diretoria começaram a surgir, como a promoção do projeto “UERN – Conexão Global”. O evento, que acontece de forma on-line, conta com a presença de palestrantes envolvidos com a internacionalização. A realização desse evento permite que trabalhem a internacionalização em casa, tornando o tema da internacionalização cada vez mais familiar aos nossos alunos e funcionários, abrindo os caminhos para ações cada vez mais efetivas de mobilidade ativa.

Paralelamente, a UERN ampliou sua participação em programas internacionais, aderindo ao Programa PILA e institucionalizando, por meio da Pró-Reitoria de Extensão, o Programa Idiomas Sem Fronteiras (IsF). Essas ações, viabilizadas e potencializadas pelas TICs, ampliam o alcance das iniciativas de internacionalização, superando barreiras físicas e consolidando a presença da UERN no cenário global.

Consolidação

Acreditamos que a UERN se encontra no terceiro nível de internacionalização, “consolidação”. Neste nível de internacionalização, a IES já deve realizar mobilidade ativa e possuir infraestrutura para o acolhimento de alunos estrangeiros.

Embora muito ainda tenhamos que crescer no que diz respeito à infraestrutura, a UERN já oferta

semestralmente vagas no edital de mobilidade acadêmica virtual da ABRUEM, na modalidade de Educação a Distância – EaD e também participa do PILA, oportunizando que alunos cursem disciplinas em universidades estrangeiras vinculadas ao programa e que alunos estrangeiros cursem disciplinas na UERN.

Na UERN, desde a adesão ao PILA, 72 alunos, aproximadamente, cursaram disciplinas em universidades da América-Latina e 15 alunos de diferentes países latinos cursaram disciplinas na UERN. Além disso, através do Projeto Rede IsF – UERN, vinculado à Rede Andifes IsF, ofertamos disciplinas de língua inglesa voltadas para a internacionalização. Ainda no âmbito da nossa Política Linguística, através do convênio entre FAPERN e UERN, foi possível realizar a tradução em inglês e espanhol dos sites de pós-graduação da UERN.

Disciplinas de português como língua estrangeira também foram ofertadas na modalidade online. Em 2020, foi ofertado em sua primeira edição, no formato online, o Curso de Português para Estrangeiros. Em 2021, o curso foi reformulado e passou a ser Português como Língua adicional. Em 2022, devido ao grande número de inscritos, foram ofertadas duas turmas. Ainda em 2022, foi ofertada a primeira edição do Curso de Espanhol Básico.

Interpretação das ações realizadas

A execução das ações propostas pela DIRI/UERN para impulsionar a internacionalização enfrentou diversos desafios e envolveu múltiplos atores. A natureza das ações, focadas na utilização de plataformas tecnológicas para promover intercâmbio acadêmico e atividades virtuais, trouxe um cenário complexo, que exigiu adaptação, coordenação e novas abordagens para alcançar os

objetivos propostos anteriormente. Os principais atores sociais beneficiados por essas ações foram os alunos de graduação e da pós-graduação, docentes, técnicos, e as próprias IES estrangeiras parceiras que participaram dos programas supramencionados, como o PILA virtual.

Essa variedade de envolvidos trouxe a necessidade de pensar propostas que atendessem a necessidades distintas. Um dos principais desafios foi a rápida transição para o ambiente virtual. A equipe da DIRI/UERN precisou desenvolver a capacidade de utilizar ferramentas online, garantindo experiências educacionais interativas e de qualidade. Em um contexto em que a familiaridade com as TIC era limitada nas IES públicas, a necessidade de dominar essas ferramentas se tornou crucial. Os envolvidos nesse processo foram profundamente afetados por essa transição, pois foi preciso reconfigurar as abordagens pedagógicas e lidar com desafios técnicos e operacionais inéditos para alguns.

As ações virtuais se tornaram a ponte para manter a internacionalização viva na UERN. No entanto, a transição não foi isenta de desafios, como a necessidade de treinamento para docentes, alunos e servidores. A superação desses obstáculos testemunhou a capacidade da universidade de se adaptar e inovar. Essa capacidade de adaptação na DIRI/UERN foi fundamental para que a internacionalização não apenas continuasse, mas prosperasse. O sucesso alcançado na execução das ações virtuais, no entanto, serviu como um roteiro para a replicabilidade de algumas dessas ações que permanecem até hoje.

Outro desafio relevante foi a coordenação das atividades em um contexto envolvendo 6 campi avançados e 15 polos de ensino a distância da UERN. A necessidade

de garantir a acessibilidade e igualdade de oportunidades para todos os participantes, independentemente de sua localização, demandou uma organização detalhada.

Os principais aprendizados dessa experiência foram diversos e a adaptação ágil diante das adversidades foi fundamental para a execução desses projetos. A DIRI/UERN percebeu que a tecnologia oferece um vasto potencial para alcançar os objetivos de internacionalização em momentos de restrições físicas. Estas restrições, que emergiram no contexto pandêmico, persistem atualmente em parte devido à carência de projetos de financiamento para iniciativas como programas de mobilidade. A falta de projetos de financiamento para a mobilidade acadêmica, tradicionalmente vista como pilar da internacionalização, trouxe à tona a necessidade de encontrar alternativas resilientes, como as que integraram o projeto “Guarda-chuva tecnológico”. Diante disso, as ações virtuais, como o PILA virtual, o UERN Conexão Global e os cursos de idiomas, emergiram como soluções inovadoras. É nesse contexto que a DIRI tem praticado o que tem se chamado de “internacionalização em casa”.

Essa reconfiguração estratégica representa não um mero ajuste operacional, mas, uma tentativa de se aprofundar no potencial do ambiente virtual.

O PILA virtual se destacou como um marco nesse caminho de reimaginação da internacionalização. Esse programa proporcionou uma mobilidade acadêmica sem precedentes, permitindo o engajamento com diferentes perspectivas, mesmo que à distância. O UERN – Conexão Global, por sua vez, desempenhou um papel crucial na disseminação de conhecimento e experiências no âmbito internacional, ao mesmo tempo em que conectou os diversos campi da IES e polos EaD.

Em resumo, a Diri demonstrou capacidade de adaptar-se ao cenário desafiador da pandemia e redefinir suas estratégias. Ao aproveitar as tecnologias disponíveis e engajar múltiplos atores, conseguiu oferecer ações virtuais inovadoras, contribuindo de forma significativa para o processo de implementação e expansão da internacionalização.

Conclusão

A internacionalização permite que os estudantes tenham acesso a uma formação mais ampla e globalizada, possibilitando que eles adquiram competências e habilidades relevantes para atuar em um mundo cada vez mais conectado e multicultural. Através de programas de mobilidade estudantil, convênios e parcerias internacionais, os alunos têm a oportunidade de realizar intercâmbios e vivenciar diferentes realidades acadêmicas, ampliando seus horizontes e enriquecendo sua formação. Além disso, a internacionalização fortalece a reputação da UERN no cenário acadêmico brasileiro e internacional.

Para que a internacionalização seja efetiva, é essencial que seja estrategicamente planejada, considerando as demandas da comunidade acadêmica e as potencialidades institucionais. No contexto descrito, as TICs assumiram papel central, ampliando o acesso a experiências internacionais. Além disso, é fundamental que haja investimentos em infraestrutura, capacitação de docentes e discentes, incentivo à pesquisa e a criação de programas e políticas que promovam a mobilidade internacional. Desse modo, é possível garantir uma formação de qualidade e promover o intercâmbio de conhecimentos e culturas.

Referências

FERNANDES, A.G. (Org.). **Plano de Desenvolvimento Institucional – Projetando o futuro da universidade: 2016/2026**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: Mossoró, 2016.

HUDZIK, J. **Comprehensive Internationalization: From Concept to Action**, NAFSA: Association of International Educators, 2011, Washington, DC.

HOLLNAGEL, H.C.; MACCARI, E.A.; Rodrigues, L.C. **Guia para Aceleração da Internacionalização Institucional com foco na Pós-graduação *Stricto sensu***. Diretoria de Relações Internacionais – DRI: Dezembro, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/23122020_Guia_para_Aceleracao_da_Internacionalizacao_Institucional.pdf

UERN. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2026**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN 2016. Disponível em: <<https://portal.uern.br/wp-content/uploads/2023/04/PDI-UERN-2016-2026.pdf>>. Acesso em: 14-09-2023.

_____. **Política Linguística da UERN. Resolução no 020/2019 – CONSEPE**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, 2019. Disponível em: <<https://portal.uern.br/download/resolucao-no-020-2019-consepe/?wpdmdl=33700&refresh=65031932c45f81694701874>>. Acesso em: 14-09-2023.

_____. **Plano Estratégico de Internacionalização da UERN (2022-2025). Resolução no 02/2023 – CONSEPE**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, 2022. Disponível em: <<http://portal.uern.br/wp-content/uploads/2023/02/Resolucao-No-02-2023-CONSEPE-Anexo.pdf>>. Acesso em: 14-09-2023.

22 – EVENTOS ACADÊMICOS COMO ESTRATÉGIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM INTEGRADA AOS ODS

Jorge Luis Queiroz Carvalho¹⁰⁶

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

Pedro Adrião da Silva Júnior¹⁰⁷

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

Keyla Maria Frota Lemos¹⁰⁸

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

Ketúcia Mirlene Duarte de Lima¹⁰⁹

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

¹⁰⁶ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Chefe do Setor de Apoio a Eventos e Tradução de Documentos Institucionais da DIRI/UERN. Professor da UERN, no Departamento de Letras Estrangeiras. Atua na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, Linguística e Ensino de Línguas. **E-mail:** jorgecarvalho@uern.br

¹⁰⁷ Doutorado em Língua Espanhola pela Universidade de Salamanca. Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UERN. Professor da UERN, no Departamento de Letras Estrangeiras. Atua na área de Letras (Língua Espanhola e Linguística Aplicada). **E-mail:** pedroadriao@uern.br

¹⁰⁸ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Chefe do Departamento de Assuntos Internacionais e Interinstitucionais da UERN. Professora da UERN, no Departamento de Letras Estrangeiras do Campus Central – Mossoró. Atua na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, Linguística e Ensino de Línguas. **E-mail:** keylafrota@uern.br

¹⁰⁹ Mestrado em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Técnica-Administrativa da DIRI/UERN. **E-mail:** ketuciamirlene@uern.br

Introdução

A execução de eventos acadêmicos representa uma ação estratégica fundamental para o avanço da internacionalização nas instituições de ensino superior. Esses eventos funcionam como espaços privilegiados para a troca de conhecimentos e fortalecimento de parcerias internacionais, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o ODS 4, que visa garantir uma educação de qualidade inclusiva e equitativa. Ao integrar planejamento e execução com uma abordagem voltada para os ODS, as instituições potencializam o impacto dessas atividades, contribuindo para a formação globalizada de alunos, professores e técnicos, além de promover o desenvolvimento científico e cultural em um contexto cada vez mais conectado e colaborativo.

Na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), a execução de eventos acadêmicos voltados à internacionalização é uma prática fundamentada no Plano de Internacionalização da instituição e alinhada ao seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Esses eventos são concebidos como ações estratégicas para fortalecer a inserção global da universidade, promovendo a troca de conhecimentos, a cooperação internacional e o desenvolvimento acadêmico e cultural.

Este texto apresenta um relato de experiência sobre o planejamento e a execução dessas iniciativas, ressaltando sua integração com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o impacto positivo na formação de alunos, professores e técnicos-administrativos, consolidando a UERN como um espaço de educação superior cada vez mais conectado e internacionalizado.

Eventos

Os eventos que abordaremos a seguir estão alinhados com o PDI da UERN, especificamente em relação às ações de internacionalização. Esse plano contempla iniciativas de acordo com as Diretrizes I (Consolidação da internacionalização acadêmica), incluindo metas como *A2) Criar e divulgar material informativo sobre a importância da internacionalização acadêmica*. Também estão previstas ações como *C1) Convidar instituições como The British Council, AECD, ICEF, Fullbright, DAAD, FAUBAI e outras, além de especialistas na área, para participar de eventos que discutam a relevância da internacionalização*. Além disso, há a meta *E2) Realizar cursos de idiomas gratuitos para oferecer a estudantes e docentes da UERN a oportunidade de aprender línguas estrangeiras*. Finalmente, *F3) Preparar a comunidade universitária para acolher estudantes internacionais por meio de campanhas de conscientização*.

Apresentamos, a seguir, algumas iniciativas que colocam em prática essas diretrizes:

Capacitação para discentes e técnico-administrativos sobre internacionalização do ensino superior

A Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DIRI) promoveu dois encontros de capacitação sobre internacionalização do ensino superior, intitulados “Internacionalização na UERN: Ampliando Perspectivas”.

A primeira edição, realizada em 21 de novembro de 2023, foi direcionada aos técnicos-administrativos da instituição, enquanto a segunda edição, em 29 de agosto de 2024, focou nos discentes.

Na edição voltada aos técnicos, foram discutidos o papel central desses profissionais na internacionalização da universidade, destacando suas responsabilidades e os desafios administrativos e operacionais envolvidos. Além disso, a capacitação apresentou redes e projetos internacionais em que eles podem se integrar, ampliando sua participação nos processos de mobilidade acadêmica, convênios e parcerias.

Já a edição direcionada aos discentes concentrou-se nas oportunidades de internacionalização disponíveis para os estudantes da UERN. Foram discutidos programas de mobilidade acadêmica, bolsas de estudo, intercâmbios culturais e acadêmicos, além dos benefícios da internacionalização para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos.

Este evento é uma continuidade de ações da DIRI na promoção do intercâmbio de informações sobre a internacionalização na UERN. Ações de capacitação, em conformidade com PDI da UERN orienta suas ações de internacionalização com base na Diretriz I, que trata da consolidação da internacionalização acadêmica, especialmente nos itens A2 e C1. Além disso, a Diretriz III, voltada para o fortalecimento das parcerias existentes e a celebração de novos convênios, fundamenta as ações nos itens A1 e D1.

UERN – Conexão Global

O “UERN – Conexão Global”, projeto consolidado com mais de 20 edições, foi iniciado em setembro de 2021 e realiza-se de forma gratuita desde a sua primeira edição. Contribui para ampliar a compreensão dos desafios e estratégias de internacionalização, proporcionando um espaço para o diálogo aberto e a disseminação do

conhecimento. O projeto contribui para fortalecer parcerias e promover a troca de conhecimento entre estudantes, professores e profissionais de instituições nacionais e internacionais.

O evento ocorre majoritariamente no formato virtual, através da plataforma digital *Google Meet*, mas recentemente (2023 e 2024) realizamos duas edições presenciais nos *campi* da UERN em Mossoró e em Pau dos Ferros.

A realização de edições presenciais do evento tem o objetivo de engajar diretamente a comunidade acadêmica, proporcionando uma experiência mais acolhedora e interativa para os participantes. Esse formato possibilita fortalecer vínculos entre alunos, professores e profissionais, promovendo um espaço de troca de ideias. Além disso, busca-se alcançar alunos de campi descentralizados e em cidades do interior do Rio Grande do Norte, garantindo que as ações de internacionalização cheguem a todas as regiões e ampliem as oportunidades de acesso a conhecimentos e experiências globais, incentivando a inclusão e a participação ativa de estudantes de diferentes contextos.

O UERN – Conexão Global atende ao ODS 4 (Educação de Qualidade), ODS 5 (Igualdade de Gênero) e ODS 17 (Parcerias e Meios de Implementação), fortalecendo o diálogo e as parcerias acadêmicas internacionais.

O PDI da UERN, no que toca às ações de internacionalização, prevê tais ações baseada nas Diretrizes I (Consolidação da internacionalização da academia) em suas metas A2, C1, bem como a Diretriz III (Fortalecimento das parcerias existentes e celebração de novos convênios), referente aos objetivos A1 e D1.

Feira de internacionalização do ensino superior da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

A I Feira de Internacionalização do Ensino Superior da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), realizada de 23 a 25 de outubro de 2024, representou um avanço significativo nas estratégias de internacionalização da instituição, promovendo uma ampla programação que reuniu acadêmicos, representantes de agências internacionais e membros da comunidade universitária.

A feira teve início na noite do dia 23 no auditório da FAEF, com credenciamento seguido de uma apresentação cultural de Yanne Caetano, que trouxe um momento de valorização da cultura local, internacional e intercultural. Às 19h30, a palestra de abertura foi conduzida pelo Dr. Marcelo Henrique Carneiro Camilo, do IFRN, que destacou as perspectivas e desafios da internacionalização no contexto nordestino.

O coquetel de abertura foi uma oportunidade para networking, facilitando o diálogo entre convidados e participantes.

No dia 24, a programação iniciou com a Mesa-redonda 1: Oportunidades de Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, com especialistas como o Dr. Wanderley Silva (NEEL/UERN), Dra. Kátia Peres Gramacho (UFERSA), Me. Geraldo Máximo da Silva (IFRN) e a moderadora Dra. Keyla Lemos (UERN/IsF). Este painel explorou a importância do domínio de idiomas para o intercâmbio acadêmico, incentivando a comunidade a investir em capacitação linguística. Em seguida, a Dra. Maria Elias Soares (UFC) apresentou uma palestra, abordando os desafios e oportunidades do ensino superior em um mundo globalizado.

À tarde, a programação continuou de forma virtual com a palestra do Dr. Abdeljalil Akkari, da Universidade de Genebra, que discutiu o impacto da globalização na educação. A sessão foi seguida pela Exposição Virtual 1, que contou com representantes de organizações internacionais, como EducationUSA, Erasmus+, Chevening, British Council e representante da IETLS. O Dr. Jorge Luis Queiroz Carvalho (UERN) moderou a exposição, apresentando aos participantes possibilidades concretas de financiamento e apoio para estudos no exterior. À noite, uma segunda exposição virtual abordou as Oportunidades de Mobilidade Acadêmica no Exterior, com a participação de representantes de embaixadas e consulados, oferecendo uma visão privilegiada sobre programas de mobilidade.

No último dia, 25 de outubro, a programação incluiu uma apresentação cultural instrumental com Gibson Alves e Melquiades Vasconcelos, seguida pela Mesa de Encerramento, onde a Dra. Ana Lúcia Aguiar, Dra. Ana Líria Feitosa Nogueira Alvino, Ma. Ana Carolina Santiago e Estelle Shaya compartilharam suas experiências de mobilidade acadêmica e os impactos transformadores dessas vivências em suas trajetórias. Com moderação do Dr. Pedro Adrião da Silva Júnior (UERN), este painel enfatizou a importância da internacionalização como um catalisador de oportunidades e desenvolvimento pessoal.

Ao final, o evento foi encerrado com uma homenagem ao Prof. Me. Luis Alberto de Lima (UERN), do Departamento de Letras, docente do curso de Língua Inglesa do Campus de Assu, pela sua contribuição ao ensino de línguas na região e, sobretudo, na UERN. O docente foi homenageado pelo compromisso com a formação acadêmica dos discentes desta IES e pela

dedicação à promoção da internacionalização do ensino superior.

A Feira foi mais que um evento acadêmico; representou uma verdadeira plataforma para inspirar e capacitar a comunidade acadêmica e local a explorar o cenário global. Ao trazer palestrantes de renome e instituições de diferentes estados e países, o evento reforçou o compromisso da UERN com a internacionalização e a educação de qualidade.

A Feira de Internacionalização do Ensino Superior está alinhada ao ODS 4 (Educação de Qualidade) e ODS 17 (Parcerias e Meios de Implementação), promovendo oportunidades globais para a comunidade acadêmica.

Seminários temáticos: diálogo e formação para a internacionalização

Os seminários temáticos promovidos pela DIRI-UERN têm como objetivo fomentar a troca de conhecimentos, práticas e experiências voltadas à internacionalização do ensino superior, da pesquisa e da cultura acadêmica. A seguir, destacam-se algumas edições recentes que refletem a diversidade e a relevância dos assuntos abordados.

Oportunidades de financiamento internacional para a pós-graduação

No dia 18 de junho de 2024, realizou-se o seminário “Oportunidades de Financiamento Internacional para a Pós-Graduação”, ministrado pelo professor Dr. Hugo Sarmento, da Universidade de Coimbra. O evento foi direcionado a professores e pesquisadores de programas de pós-graduação que buscam impulsionar suas carreiras e projetos de pesquisa por meio de recursos internacionais.

O financiamento internacional desempenha um papel essencial no fortalecimento da pesquisa acadêmica, proporcionando não apenas os recursos financeiros necessários, mas também ampliando o acesso a redes globais de conhecimento e inovação. Essas oportunidades possibilitam colaborações entre instituições, promovem a diversidade nas abordagens de pesquisa e permitem que pesquisadores trabalhem em projetos de impacto global. Por meio desse seminário, os participantes tiveram acesso a informações estratégicas e práticas sobre como identificar e captar financiamentos que podem transformar suas iniciativas, consolidar suas carreiras e contribuir para o avanço científico em um cenário cada vez mais conectado e competitivo.

Técnicas de escrita científica

Realizado no dia 18 de junho de 2024, com o objetivo de aprimorar as habilidades de escrita acadêmica e científica dos alunos de pós-graduação, o seminário sobre técnicas de redação foi conduzido pelo professor Dr. Hugo Sarmiento, da Universidade de Coimbra. O evento ofereceu aos participantes ferramentas e metodologias essenciais para produzir trabalhos acadêmicos de alta qualidade, fundamentais para o avanço da pesquisa científica e para o desenvolvimento de uma comunicação clara e eficaz no meio acadêmico.

A escrita acadêmica é uma habilidade crucial que impacta diretamente a capacidade dos pesquisadores de compartilhar seus conhecimentos, apresentar seus achados de forma precisa e contribuir significativamente para suas áreas de estudo. Ao capacitar os alunos para superar os desafios da escrita científica, o seminário buscou não apenas elevar o padrão de seus trabalhos, mas

também ampliar suas oportunidades de publicação e reconhecimento em ambientes de pesquisa internacional.

Celebrando a China no Brasil: pontes acadêmicas

No dia 15 de agosto, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) celebrou o Dia da Imigração Chinesa no Brasil e os 50 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a China, reforçando a importância dos laços históricos e acadêmicos entre os dois países. Como parte das celebrações, a UERN realizou um evento online que reuniu membros da comunidade acadêmica para refletir sobre a trajetória dessas relações e sobre o impacto dos recentes acordos de cooperação firmados entre a UERN e duas universidades chinesas.

O evento contou com a participação da Prof^a Dr^a Ana Berenice Peres Martorelli, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que abordou temas como a evolução das relações sino-brasileiras e suas implicações no cenário acadêmico e cultural. Outro destaque foi a presença do Prof. Dr. Francisco Chagas Lima Júnior (DI/FANAT/UERN), que participou diretamente de Pequim, onde se encontrava desenvolvendo um projeto de cooperação com a Universidade Agrícola da China.

Este evento simbolizou não apenas uma homenagem às comunidades chinesas no Brasil e a meio século de diplomacia, mas também reafirmou o compromisso da UERN em fortalecer os intercâmbios internacionais e ampliar sua atuação global.

O gótico latino-americano e histórias insustentáveis

Foi realizado o seminário “O Gótico Latino-Americano e Histórias Insustentáveis”, que contou com a participação de professores da Brunel University,

especializados em literatura comparada. O evento abordou as nuances do gênero gótico na América Latina, explorando suas influências culturais e impacto na crítica social contemporânea abordando representações culturais globais do gótico. O evento abordou a escrita de mulheres em que participaram a Dra. Kate Houden (Brunel), Me. Carol da Silveira Costa Santiago (PPFL-CAPF), Dr. Jorge Luis Queiroz Carvalho (UERN), Dr. Max Kinnings (Brunel University), Dr. Emílio Ribeiro (UERN) e Dr. Emily Horton (Brunel University).

Rede de saberes: cooperação acadêmica Brasil-África na contemporaneidade

A Diri também realizou o seminário “Rede de Saberes: Cooperação Acadêmica Brasil-África na Contemporaneidade”, com a participação das professoras Dra. Lenilda Duarte, da Universidade de Santiago (Cabo Verde), e Dra. Simone Cabral Marinho dos Santos, da UERN/REDE-TER, sob moderação do Prof. Dr. Jorge Luis Queiroz Carvalho (UERN). O evento contou com alta adesão, lotando a sala do Google Meet com mais de 100 participantes simultâneos. Durante o seminário, promoveu-se uma reflexão sobre as dinâmicas atuais da cooperação acadêmica entre Brasil e países africanos, destacando a troca de conhecimentos, experiências e pesquisas que fortalecem laços interculturais e científicos. Por meio de um diálogo aberto, foram abordadas estratégias para ampliar parcerias, os desafios enfrentados e o potencial transformador dessas redes no cenário contemporâneo da internacionalização do ensino superior.

Todas essas capacitações sobre internacionalização do ensino superior contribuem para o ODS 4 (Educação de Qualidade), ampliando a compreensão de alunos,

professores e técnicos-administrativos acerca das oportunidades internacionais e fortalecendo a formação acadêmica integrada à dimensão global.

Referências

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development**. New York: United Nations, 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/2030agenda>. Acesso em: 08 de julho de 2025.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN). **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2016–2026**. Aprovado pela Resolução nº 34/2016 – CONSUNI. Mossoró: UERN, 2016.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN). **Plano Estratégico de Internacionalização: 2022–2025**. Mossoró: UERN, 2022.

23 – EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL: CAMINHOS, AÇÕES E RESULTADOS DA POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UERN

Pedro Adrião da Silva Júnior¹¹⁰

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

Jorge Luis Queiroz Carvalho¹¹¹

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN)

Introdução

A internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) ganhou relevância nas últimas décadas por efeito da globalização, do avanço tecnológico e cultural. A Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DIRI) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) tem atuado para tornar a internacionalização um movimento que afeta a UERN em todas as suas estruturas, parcerias e relações.

¹¹⁰ Doutorado em Língua Espanhola pela Universidade de Salamanca. Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (DIRI/UERN). Professor da UERN, no Departamento de Letras Estrangeiras, Faculdade de Letras e Artes do Campus Central – Mossoró. Atua na área de Letras, com ênfase em Língua Espanhola e Linguística Aplicada. **E-mail:** pedroadriao@uern.br

¹¹¹ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Chefe do Setor de Apoio a Eventos e Tradução de Documentos Institucionais da DIRI/UERN. Professor da UERN, no Departamento de Letras Estrangeiras, Faculdade de Letras e Artes do Campus Central – Mossoró. Atua na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, Linguística e Ensino de Línguas. **E-mail:** jorgecarvalho@uern.br

As ações da DIRI são pautadas pelo Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UERN para o período de 2016-2026, bem como pela Carta Programa 2021-2025 e a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) que visa assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem para todos os indivíduos.

Além disso, a internacionalização é concebida como uma ferramenta para a construção de uma cidadania global, a valorização da diversidade cultural e acadêmico-científica. Cidadania global é o conceito que define o compromisso e a responsabilidade de indivíduos em relação a questões que ultrapassam fronteiras nacionais, como justiça social, direitos humanos, sustentabilidade, diversidade cultural, paz e cooperação internacional (UNESCO, 2015).

Os eixos estratégicos estabelecidos no Plano Estratégico de Internacionalização da Uern são o alicerce das principais atividades implementadas em macropolíticas com vistas a fortalecer o processo de internacionalização. O objetivo é ampliar a inserção internacional da instituição, promover a cooperação acadêmica e científica com parceiros estratégicos, estimular o intercâmbio de conhecimentos e experiências, bem como a mobilidade acadêmica. Este planejamento foi conduzido com rigor acadêmico e metodológico visando à identificação de demandas e oportunidades de internacionalização no contexto institucional.

Este relato de experiência apresenta um conjunto de ações realizadas pela DIRI ao longo do ano de 2024 que ilustram como a internacionalização vem sendo colocada em prática na Uern. Embora o universo de iniciativas seja amplo, destacamos aqui apenas um recorte daquelas que

melhor evidenciam o alinhamento entre planejamento institucional, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a promoção de uma cultura acadêmica internacionalizada e visando uma educação para a cidadania global.

Ações desenvolvidas pela DIRI no ano de 2024

Este relato apresenta um recorte das principais ações promovidas pela DIRI ao longo de 2024, evidenciando como a internacionalização tem sido efetivada na UERN de forma planejada, inclusiva e alinhada aos ODS.

Participação nas semanas pedagógicas dos departamentos

No ano de 2024, a participação ativa da DirI nas Semanas Pedagógicas dos cursos de graduação em Letras – Língua Portuguesa, Letras – Língua Inglesa, Letras – Espanhola, bem como nos cursos de Música e de Turismo, no Campus de Mossoró, foi marcada por exposições sobre as ações desenvolvidas. Durante o evento, apresentamos nossa equipe, discutimos a regulamentação que norteia nossas atividades e compartilhamos detalhes do plano estratégico da diretoria. A transparência e a busca constante pela melhoria foram ressaltadas, promovendo assim um ambiente colaborativo e centrado no desenvolvimento acadêmico e institucional. Almejamos estender esse tipo de ação para outros departamentos.

Tal atividade se vincula ao Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 – Educação de Qualidade: Promover a internacionalização na UERN visa ampliar a qualidade da educação superior e a capacitação de docentes e discentes, uma vez que visa a sensibilização

da comunidade acadêmica sobre a internacionalização, fortalecendo o ensino e o aprendizado global. Está igualmente alinhada ao PDI, no que toca à seção de Políticas de Internacionalização, na Diretriz III (Fortalecimento das parcerias existentes e celebração de novos convênios), Meta C, pois contribui para a conscientização sobre a importância da internacionalização na formação acadêmica.

Reunião com os programas de pós-graduação

A reunião com os programas de pós-graduação da UERN foi um marco significativo em nosso calendário acadêmico no ano de 2024. Durante esses encontros, estabelecemos uma plataforma de diálogo aberta e construtiva, proporcionando um espaço vital para a discussão de estratégias. Exploramos oportunidades de aprimoramento na qualidade dos programas de pós-graduação concernentes, discutimos iniciativas para fortalecer a pesquisa e promover a internacionalização.

Também pudemos apresentar diretrizes propostas pela CAPES, bem como ações da Diretoria que podem beneficiar os programas.

Não podemos deixar de destacar, também, reuniões voltadas para orientar os programas a participarem do Edital voltado para programas de pós com nota 3, com o objetivo de incentivar a melhoria da qualidade e da excelência desses programas, o edital proporciona recursos financeiros e apoio para capacitação para os programas que apresentem propostas de fortalecimento de sua reputação tanto nacionalmente quanto internacionalmente. Nas reuniões pudemos contar com a presença dos coordenadores dos PPGs, representantes da DIRI, bem como da PROPEG em diversas oportunidades.

As reuniões com programas de pós-graduação (atreladas às ODS 4 e 17, anteriormente mencionadas), visam o fomento à pesquisa internacional e fortalecimento acadêmico. A Diretriz I (Consolidação da internacionalização da academia) do PDI da UERN, referente à internacionalização, norteia este objetivo, sobretudo referente à ação prevista A1, isto é: agendar visitas e participação nas reuniões do Fórum de Diretores, Fórum de Chefes de Departamentos, dos CONSADs e plenárias departamentais, com a finalidade de sensibilizar seus quanto à importância da internacionalização da academia.

Aplicação de testes TOEFL

Com o intuito de fortalecer a internacionalização, a UERN tem aplicado desde 2018 o *Test Of English as a Foreign Language* – TOEFL, um dos exames de proficiência mais conhecidos no mundo e o mais requisitado no meio acadêmico. No ano de 2024 foram aplicados 44 testes em 05 *campi*: Central, Natal, Patu, Pau dos Ferros e Caicó. Aplicação do TOEFL conecta-se ao ODS 4 (Educação de Qualidade) e ODS 10 (Redução das Desigualdades), permitindo que mais estudantes e docentes adquiram proficiência em línguas estrangeiras.

Está em conformidade, ainda, com o PDI – Diretriz I (Consolidação da internacionalização da academia), Meta B3, permitindo que mais estudantes e docentes adquiram proficiência em línguas estrangeiras e tenham acesso a oportunidades internacionais.

Participação em edital

Com o objetivo de apresentar as ações desenvolvidas e avaliadas por esta diretoria como

exequíveis e replicáveis com efetividade para o fortalecimento da internacionalização na nossa instituição e em outras IES, a DIRI participou de editais e eventos, associando-se à Diretriz I (Consolidação da internacionalização da academia), no item D1 do PDI da UERN.

Selo objetivos de desenvolvimento sustentável - ODS 2024

No ano de 2024, a DIRI submeteu três projetos para a certificação do Selo Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS 2024: “Projeto Rede Idioma sem Fronteiras”; “Fortalecimento da Internacionalização Universitária: um caminho para a educação de qualidade e redução das desigualdades”; UERN – Conexão Global: Inclusão e equidade na Internacionalização do Ensino Superior”. Os projetos submetidos apresentam avanços significativos nos seguintes ODS: ODS 4 – Educação de Qualidade; ODS 5.5 – Igualdade de gênero.

Submissão do projeto de extensão ISF

No Brasil, em resposta a uma parcela das demandas do mercado educacional internacional consoante às necessidades de globalização e internacionalização da Educação Superior, surge em 2011, o Programa Ciências sem Fronteiras com os objetivos de propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência e de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias (Brasil, 2011).

A implantação do referido programa desvelou fragilidades nacionais – e evidenciou as já existentes – relativas à internacionalização do ensino superior, como a ausência de proficiência em língua estrangeira por parte dos estudantes brasileiros, a inexistência de uma política de internacionalização contemplando intercâmbios de discentes de graduação de outros países, bem como questões referentes à formação de professores e língua de instrução, currículos, financiamento e infraestrutura das instituições (Abreu-e-Lima, Moraes Filho, Barbosa, Blum, 2016).

A DIRI submeteu projeto Rede Idiomas sem Fronteiras – Uern através do EDITAL 17/2023 – Institucionalização 2024.1 / 2024.2 (PROEX), cujos objetivos são: promover o desenvolvimento linguístico-discursivo em língua estrangeira das comunidades universitária e externa, por meio de cursos e oficinas com fins específicos, a serem ministrados por licenciandos em Letras – Língua Inglesa; e promover o desenvolvimento acadêmico-profissional de licenciandos em Letras – Língua Inglesa.

O projeto tem duas frentes que se complementam. Trata-se de ação de formação inicial e continuada de professores, com licenciandos e licenciados em Letras – Língua Inglesa, atuando sob a orientação de professores especialistas tutores e trata-se também de promover ações como cursos e oficinas de línguas estrangeiras para fins acadêmicos para atender a demandas da comunidade acadêmica (docentes, discentes e servidores técnicos)”. Ressalte-se que esse programa tem como finalidade prover cursos de línguas na perspectiva da internacionalização. Assim, podem ser oferecidos cursos que objetivem aprimorar a escrita acadêmica (visando, por exemplo,

elaboração de textos em outras línguas), cursos de sensibilização para aspectos culturais, cursos de preparação de apresentações orais em outras línguas, entre outras possibilidades.

O PDI da UERN prevê, no item E1 da Diretriz I, divulgar amplamente, no âmbito da Instituição, o Programa Idioma sem Fronteiras.

Programa Fulbright

Contemplada com o Programa *Fulbright English Teaching Assistants (ETAs)* desde 2018, o Departamento de Letras Estrangeiras da Uern contou com o auxílio de assistentes de ensino norte-americanos no curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Inglesa. O programa tem como objetivo valorizar a formação acadêmica dos profissionais que atuarão como docentes de inglês da educação básica. Em torno de 11 ETAs fizeram mobilidade *in* na UERN, colaborou com docentes e discentes do curso de Letras – Língua Inglesa em suas atividades acadêmicas, visando aprimorar as práticas de ensino e fomentar o desenvolvimento da proficiência linguística dos estudantes. Em 2024, uma assistente de ensino de inglês desenvolveu aulas, minicursos e atividades extracurriculares, promovendo imersão linguística e incentivando o uso da língua inglesa no contexto acadêmico e cultural. Essa experiência proporcionou trocas interculturais enriquecedoras e contribuiu para o fortalecimento da internacionalização no ensino de inglês na UERN.

Tradução de matérias do portal UERN Ciência

A Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DIRI) da UERN colaborou ativamente

com a tradução de conteúdos do portal “UERN Ciência” para os idiomas inglês e espanhol. Esse portal é uma iniciativa de divulgação científica que apresenta as pesquisas desenvolvidas por docentes, técnicos administrativos e estudantes da UERN. Com o objetivo de ampliar o acesso e atrair diferentes públicos, o UERN Ciência busca destacar as inovações produzidas na instituição em áreas como saúde, tecnologia, sociedade, neurologia, física, educação e empreendedorismo, expandindo seu alcance para além dos limites institucionais.

A plataforma é fruto de uma parceria entre a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação e a Agência de Comunicação da UERN, e possui um formato interativo que inclui textos, fotos e vídeos, estimulando o interesse pela ciência, especialmente entre os jovens. Com a tradução desses conteúdos, a DIRI fortalece a internacionalização da UERN, permitindo que a produção científica da universidade alcance um público global e contribua para uma maior visibilidade e impacto do desenvolvimento científico da instituição no cenário internacional. Tradução de materiais acadêmicos está associada ao ODS 4 (Educação de Qualidade) e ODS 17 (Parcerias e Meios de Implementação), ampliando a visibilidade da produção científica da UERN globalmente e facilitando o acesso ao conhecimento.

Conclusão

As ações desenvolvidas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), por meio da Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DIRI), evidenciam que a internacionalização não é uma prática pontual ou acessória, mas um eixo estruturante do

projeto institucional. Alinhada ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2016–2026), à Carta Programa da UERN e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a política de internacionalização tem sido conduzida com intencionalidade, inclusão e impacto concreto na formação da comunidade universitária.

Ao longo de 2024, a DIRI consolidou um conjunto expressivo de iniciativas que atravessam o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão, contribuindo para a formação de cidadãos globalmente conscientes, críticos e comprometidos com a transformação social.

A participação em semanas pedagógicas, a articulação com programas de pós-graduação, a aplicação de testes de proficiência, a promoção de eventos e seminários temáticos, a submissão de projetos e o fortalecimento de parcerias estratégicas são apenas algumas das ações que traduzem o compromisso institucional com uma educação superior de qualidade e conectada aos desafios globais.

Este relato de experiência apresenta apenas um recorte das muitas ações realizadas, destacando aquelas que melhor ilustram o alinhamento entre planejamento estratégico, cooperação internacional e a construção de uma educação para a cidadania global. Nesse processo, a internacionalização se revela como um caminho para fortalecer vínculos institucionais, valorizar a diversidade, ampliar horizontes formativos e consolidar a UERN como um espaço dinâmico de produção e circulação de saberes em escala local e internacional.

Referências

ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B.; BARBOSA, W. J. C.; BLUM, A. O programa Inglês sem Fronteiras e a política de incentivo à internacionalização no Ensino Superior

brasileiro. In: Sarmiento, S.; Abreu-E-Lima, D. M.; Moraes Filho, W. B. **Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p. 19-46.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa Ciência sem Fronteiras: um programa especial de mobilidade internacional em ciência, tecnologia e inovação**. Documento Conjunto CAPES CNPq. Não publicado. 2011b.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development**. New York: United Nations, 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/2030agenda>. Acesso em: 08 de julho de 2025.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN). **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2016–2026**. Aprovado pela Resolução nº 34/2016 – CONSUNI. Mossoró: UERN, 2016.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN). **Plano Estratégico de Internacionalização: 2022–2025**. Mossoró: UERN, 2022.

24 – PROMOÇÃO CULTURAL E INTERNACIONALIZAÇÃO NA UNEAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aldemir Barros da Silva Júnior¹¹²
UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas (AL)

Érica Thereza Farias Abrêu¹¹³
UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas (AL)

Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima¹¹⁴
UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas (AL)

Taline Cristina da Silva¹¹⁵
UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas (AL)

¹¹² Professor Titular da Universidade Estadual de Alagoas. Formado em História Social, com doutorado pela Universidade Federal da Bahia (2016); desenvolve pesquisas sobre cotidiano, territorialidade e educação escolar indígena. **E-mail:** aldemir.barros@uneal.edu.br

¹¹³ Professora Adjunta da Universidade Estadual de Alagoas. Formada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal de Pernambuco, mestrado (2014) e doutorado (2019) pelo PPGL-UFPE. Atua como professora formadora nos cursos de Letras e possui área de concentração em literatura de língua espanhola, Estudos Culturais e Ensino. **E-mail:** erica.abreu@uneal.edu.br

¹¹⁴ Professora Adjunta da Uneal. Formada em Letras: Português/Espanhol pela Universidade Federal de Alagoas. Doutora e Mestre em Linguística – PPGL/UFAL. Atual na área de Fonética e Fonologia, Sociolinguística e Ensino de Línguas. Atual Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. **E-mail:** jeylla.salome@uneal.edu.br

¹¹⁵ Professora Adjunta da Universidade Estadual de Alagoas. Bacharel em Ciências biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), mestrado e doutorado em Botânica pela UFRPE, doutorado sanduíche na Tulane University-USA, Pós-doutorado pela Universidade Estadual da Paraíba. É professora adjunta da Universidade Estadual de Alagoas, é membro do corpo permanente de professores dos Programas de Pós-Graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE) e do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (UNEAL). **E-mail:** taline.cristina@uneal.edu.br

Introdução

A Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) tem buscado fortalecer sua presença nacional e internacional por meio do ensino, da pesquisa, da pós-graduação, da extensão e da gestão. Neste relato, compartilhamos experiências exitosas que demonstram o impacto dessas ações. Ao pensar sobre a internacionalização, compreendemos a universidade como um todo, sendo assim, estamos articulando um planejamento que envolva tanto estudantes, quanto docentes, técnicos e gestores. É desafiante, partindo da nossa própria realidade, sobretudo quando se trata de uma instituição em desenvolvimento e consolidação dentro do cenário regional e nacional. Nossa IES entende a importância do ensino superior, principalmente nos espaços que ocupa, distante dos grandes centros urbanos, onde o fluxo e transferência de conhecimento é menos frenético, se comparado a capitais e grandes centros.

A Uneal é uma instituição multicampi, repleta de idiosincrasias e restrições, possui potenciais e obstáculos. Contudo, a dedicação de forças para a internacionalização pode ser um caminho para o alcance da integração regional e internacional solidária, posto que entendemos a internacionalização como possível saída para reduzir a diferença entre os países, entre as classes sociais de um mesmo país, desenvolvendo as capacidades próprias nacionais e regionais e consolidando a integração que preserva a diversidade cultural, a diversidade linguística, na qual a equidade e o respeito à identidade local são princípios necessários.

Trabalhamos enquanto Universidade para garantir a qualidade da educação superior neste país e percebemos que para essa garantia ser alcançada, é necessário abraçar

a internacionalização, seja na perspectiva da pós-graduação, do ensino, da extensão ou da gestão. A UNEAL vem crescendo, mostrando potencial e se envolvendo com outras IES estabelecendo parcerias e convênios, tornando-se mais global, não apenas no sentido de receber alunos e professores estrangeiros, mas também de infundir uma mentalidade e uma prática internacional em seu currículo, pesquisa e cultura institucional. A seguir, apresentamos alguns relatos de experiências vividas por alguns docentes e discentes da nossa IES.

Experiências no programa institucional de bolsas de iniciação científica – PIBIC

O Projeto de Pesquisa “Todo Índio tem Ciência” surgiu a partir da parceria institucional internacional com Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal. A pesquisa examinou a descolonização dos currículos na educação indígena como um ato de resistência ao epistemicídio, com foco em práticas curriculares e ações pedagógicas que afirmam o conhecimento indígena. O estudo adotou um delineamento de casos múltiplos, fundamentado em uma abordagem êmico-ética, e envolveu duas escolas indígenas no Estado de Alagoas, Brasil. Neste caso, mapeando e analisando as práticas curriculares e iniciativas pedagógicas desenvolvidas nessas escolas.

Os resultados mostraram que tanto as escolas quanto seus atores estão engajados em uma luta contínua para reconstruir e ressignificar seus currículos, reafirmando a premissa de que todo indígena possui ciência. Ao fazê-lo, eles não apenas desafiam as narrativas epistêmicas dominantes, mas também promovem a justiça social e a

emancipação, reconhecendo e valorizando o conhecimento indígena tradicional.

A internacionalização desta pesquisa foi estratégica, visto ser a Universidade do Porto um centro de excelência em educação, sobretudo seus programas, cujas parcerias com países lusófonos permitem construir um amplo panorama sobre o currículo, na América, África e Ásia. O projeto fechou seu primeiro ciclo, apresentando alguns resultados, possibilitados pelo intercâmbio de saberes e experiências, que enriqueceram tanto a formação dos estudantes quanto a produção de conhecimento.

Na UNEAL, o Grupo de Pesquisa TRAMO/Trabalhadores em Movimento abriu duas frentes: pesquisa e extensão. A pesquisa teve financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/FAPEAL (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas), com bolsista e voluntário, apresentando resultados no Simpósio Nacional de História, dentre outros eventos. A equipe de pesquisa foi coordenada pelos professores doutores Aldemir Barros/UNEAL e Paulo Marinho/Universidade do Porto, teve como bolsista uma discente do curso regular de Licenciatura em História e como jovem pesquisador voluntário, um indígena Jiripancó, graduando do CLIND/Curso de Licenciatura Intercultural Indígena.

Experiências na extensão

A extensão universitária segue não muito bem compreendida e assimilada pelas Instituições de Ensino Superior, o fato é que seu surgimento e implementação balançam os muros das instituições, indicando a necessidade de ultrapassá-los. Nesse sentido, a construção e a efetivação de projetos extensionistas pela

universidade, em parceria com unidades escolares, podem promover uma formação acadêmica, processual e orgânica (Reis, 1996). Ainda para o autor, a extensão universitária vem sendo discutida como uma dimensão fundamental na formação docente inicial e continuada, de forma participativa e colaborativa.

Temos na Uneal, coordenado pela Pró-reitoria de Extensão (PROEXT), o Núcleo de Línguas e Culturas – NULIC, considerado um laboratório de atividades linguísticas e culturais, desenvolvidas por todos os Campi da IES. Cada Campus detém de um núcleo menor para desenvolver as habilidades de seus discentes, através de projetos, via edital. O NLC (Núcleo de Línguas e Cultura), situado no Campus IV, na cidade de São Miguel dos Campos, coordenado pelas professoras Dras. Érica Abrêu e Jeylla Salomé Barbosa, objetiva suprir a necessidade imediata – percebida nas aulas de graduação – dos alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas, ao capacitá-los para lidar com o grande número de informações encontradas nas ofertas das línguas oferecidas nesse Campus.

Além disso, o conhecimento e domínio das competências de leitura, escrita, auditiva e oral, tanto em língua materna como em espanhol e/ou inglês, contribuem para o desenvolvimento pessoal integral, na medida em que preparam esses discentes para se tornarem cidadãos mais autônomos, críticos e aptos para atuarem no mundo globalizado, bem como para intercâmbio internacional. Os projetos desenvolvem as línguas estrangeiras e portuguesa, com aulas expositivas, exposição de filmes, realização de eventos culturais e workshops em colaboração e parceria com outras IES, também em parceria com a editora Edinumem e a Consejería de

Educación de España, difundindo, ainda que local ou regionalmente, a cultura alagoana e promovendo o intercâmbio cultural.

Uma experiência exitosa, realizada no final do semestre de 2025 foi uma leitura dramática de obra “Bodas de Sangre”, de Federico García Lorca, realizado por um grupo de alunos do Campus IV, a exposição foi realizada no auditório do Campus, com a presença tanto da comunidade local como da externa. No campus I, há o projeto cultural da França organizado pela professora Maria Lúcia Morais. Neste ano de 2025, o Curso de Francês realizou um Atelier de Langue, Littérature et Culture Françaises, cuja proposta foi incentivar a imersão na língua, na literatura e na cultura francesas com participação das comunidades acadêmica e externa.

O Projeto de Extensão “Todo Índio tem Ciência” surgiu durante o desenvolvimento das pesquisas realizadas nas escolas indígenas, diante da necessidade de se produzir material didático específico para auxiliar os professores indígenas. Devido à importância da oralidade na transmissão do conhecimento nas sociedades indígenas, as comunidades escolares propuseram a produção de curtas-metragens documentais: a Escola Estadual Indígena Pajé Miguel Celestino, localizada na Região Agreste, aldeia Xukuru-Kariri, e Escola Estadual Indígena José Carapina, alto Sertão alagoano, aldeia Jiripancó. Assim, foram produzidos os filmes “Todo índio tem Ciência” e “Jiripancó: escola do nosso Eu”, entregues às escolas e exibidos em diversos festivais e mostras de cinema no Brasil e em Portugal.

Por fim, a UNEAL esteve presente no IV Seminário Internacional CAFTE/ XIV EIFORCEPS, Universidade do Porto/Portugal representada pelo professor coordenador do

projeto, tanto na organização quanto na coordenação de simpósio temático; dois professores indígenas, Xukuru-Kariri e Jiripancó, respectivamente, egressos do PROLIND/UNEAL (programa anterior ao CLIND), como debatedores, fortalecendo a sua política para o egresso, e dois jovens pesquisadores através da apresentação de trabalhos, possibilitando a troca de conhecimentos. Portanto, uma experiência de promoção da integração e da solidariedade entre instituições que, decerto, contribuiu para o aumento da qualidade do ensino superior e para o desenvolvimento na resolução de problemas de pesquisas.

Experiências na pós-graduação

O universo da internacionalização é capaz de abrir horizontes inimagináveis, em especial para quem vem de uma universidade cheia de desafios e obstáculos como a Uneal, mas que é centrada em melhorias para sua comunidade acadêmica.

A internacionalização é vista como um pilar essencial para as universidades modernas que buscam excelência e relevância em um mundo globalizado.

A professora do curso de Ciências Biológicas do Campus III – Palmeira dos Índios da Universidade Estadual de Alagoas, Taline Silva, participou, como representante da UNEAL, em abril de 2025, de uma missão científica no México por meio do projeto Estratégias Adaptativas em Face das Mudanças Climáticas: Uma Análise Tri-Nacional do Conhecimento Ecológico Tradicional. Ela ministrou a palestra “Percepciones Locales sobre los Cambios Ambientales y el Efecto de los Cambios en la Relación entre Personas y la Naturaleza en Brasil”, na Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo. Durante toda a missão, a professora também coletou dados em comunidades locais

sobre mudanças climáticas e contribuiu na elaboração de artigos científicos em parceria com pesquisadores mexicanos.

O projeto foi uma iniciativa da Resiclíma, uma rede interinstitucional de pesquisadores que estudam mudanças climáticas, coordenada por pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade de Pernambuco (UPE), da qual também participaram estudantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UNEAL e ex-alunos da instituição, agora pós-graduandos.

A missão científica foi financiada pelo CNPq e consistiu em uma parceria com pesquisadores do Brasil, Argentina e México. A profa. Dra. Taline Silva relata que a missão científica no México foi uma experiência profissional e pessoal incrível! Foi possível estreitar os laços científicos com pesquisadores do país, com a escrita de 2 artigos científicos, troca de ideias sobre trabalhos etnobiológicos realizados no Brasil e no México.

Considerações finais

Como pudemos ver, a UNEAL está caminhando em várias frentes no processo de internacionalização, seja pela pesquisa, a extensão ou a pós-graduação. Dentro do nosso panorama institucional, são grandes passos que nos direcionam para o expansão e fortalecimento da projeção desta instituição no cenário local, regional, nacional e internacional. Neste breve relato, sinalizamos alguns impactos iniciais dessas ações, visto que essas ações reverberaram a longo prazo, pois é na experiência compartilhada e sinalizada que outros projetos e ações iniciam-se. O movimento aqui descrito indica que a UNEAL demonstra o seu potencial, tanto no envolvimento com

outras IES, órgãos por meio do estabelecimento de parcerias e convênios, com fins de estruturar uma cosmovisão e uma prática internacional, tanto em seu currículo, com ações que promovam o estímulo do conhecimento de línguas e culturas, como da pesquisa, ensino e extensão, levando alunos, professores e gestores a divulgarem ciência, cultura e conhecimentos em diversas esferas.

Referência

REIS, R. H. Histórico, tipologias e proposições sobre a extensão universitária no Brasil. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 2, n. 2, 1996. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2610>. Acesso em: 15 jun. 2025.

25 – A COOPERAÇÃO UNEMAT-SUSE E O AVANÇO DA INTERNACIONALIZAÇÃO SUL-SUL NO ENSINO SUPERIOR

Anderson Marques do Amaral¹¹⁶

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso (MT)

Lúcio José Dutra Lord¹¹⁷

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso (MT)

Mariza Pereira da Silva¹¹⁸

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso (MT)

Dan Xu¹¹⁹

SUSE – Universidade de Ciência e Engenharia de Sichuan (China)

Introdução

A internacionalização do ensino superior, as parcerias Sul-Sul e a parceria econômica entre China e Brasil são temas interconectados e de crescente relevância no cenário global. A globalização impulsiona as instituições de ensino a buscar colaborações além de suas fronteiras. As parcerias Sul-Sul oferecem um modelo distinto de

¹¹⁶ Diretor do Escritório de Relações Internacionais. Docente da Faculdade de Ciências Agrárias e Biológicas e do Programa ProfÁguas. Universidade do Estado de Mato Grosso. **E-mail:** andersonamaral@unemat.br;

¹¹⁷ Diretor de Mobilidade e Intercâmbio. Docente de Sociologia e dos Programas PPGLETRAS e PROFEI. Universidade do Estado de Mato Grosso. **E-mail:** internacionalizacao@unemat.br

¹¹⁸ Mariza Pereira da Silva. Docente da Faculdade de Educação e Linguagem. Universidade do Estado de Mato Grosso. **E-mail:** mariza.silva@unemat.br

¹¹⁹ Dan Xu. Docente de mandarim da Universidade de Ciência e Engenharia de Sichuan (SUSE). **E-mail:** xudan225@gmail.com

cooperação entre os países. A relação estratégica entre Brasil e China, em particular, tem gerado impactos significativos em diversos setores, incluindo a educação superior. Este estudo de caso da parceria entre a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e a Sichuan University of Science and Engineering (SUSE) ilustra como esses conceitos se materializam na prática, contribuindo para a construção de um ambiente acadêmico mais interconectado e inovador.

Internacionalização do ensino superior

A internacionalização do ensino superior é um processo multifacetado que visa aprimorar a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão universitária por meio da colaboração e da troca com outras culturas e sistemas educacionais (Knight, 2004).

Essa intensificação é impulsionada pela globalização, pela comercialização da educação e pelos crescentes investimentos em pesquisa e formação (Altbach, 2004).

Na educação superior, as estratégias para internacionalização incluem parcerias institucionais com diversas iniciativas: intercâmbio de estudantes e professores, projetos de pesquisa colaborativos, transferência de tecnologias e conhecimentos, currículos internacionais, qualificação de pessoas, entre outros. A internacionalização é vital para se alcançar a excelência acadêmica e consolidar-se como polo de produção de ciência, inovação e difusão de tecnologia.

Parcerias sul-sul na educação superior

As parcerias Sul-Sul representam uma modalidade de cooperação crescente e de grande relevância,

especialmente entre países emergentes como o Brasil. Diferente das relações Norte-Sul, que frequentemente se configuram de forma assistencialista e hierárquica, as parcerias Sul-Sul são fundamentadas na horizontalidade, solidariedade e na troca mútua de experiências e conhecimentos entre nações que compartilham desafios e realidades históricas similares (PNUD, 2013).

Essa perspectiva de colaboração é fundamental para o fortalecimento das epistemologias do Sul e a descolonização do conhecimento, conceitos que desafiam a hegemonia epistêmica dos centros tradicionais, conforme amplamente discutido por autores como Santos (2007, 2014) em suas análises sobre a construção de saberes fora dos centros hegemônicos.

Acharya (2014) ressalta a agência e as contribuições do Sul Global para a teoria e prática das relações internacionais, um princípio que se alinha perfeitamente à proposta das parcerias Sul-Sul na academia.

O Brasil, por meio de instituições como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tem fomentado essas iniciativas. Programas como os que impulsionam a mobilidade acadêmica Sul-Sul são cruciais para o desenvolvimento social e econômico, permitindo que países como o Brasil consolidem sua posição como atores importantes no cenário global.

A relevância dessas parcerias é corroborada por relatórios de organismos internacionais, como o PNUD (2013), que celebra o crescimento e a influência do Sul Global, reforçando a ideia de que a cooperação entre países em desenvolvimento é um caminho promissor para o progresso mútuo.

Parceria econômica China-Brasil e seu impacto na educação superior

A parceria econômica entre China e Brasil tem se aprofundado, expandindo-se do comércio de commodities para áreas estratégicas como ciência, tecnologia e inovação e, notavelmente, educação superior. Essa relação, embora por vezes complexa devido à crescente influência chinesa, insere-se de forma proeminente no âmbito da cooperação Sul-Sul. Os impactos dessa parceria na educação superior brasileira são notáveis. Existem mais de 155 acordos acadêmicos em vigor, que impulsionam o intercâmbio de estudantes e pesquisadores e o desenvolvimento de projetos de pesquisa conjuntos (Brasil, 2024). Essa colaboração se estende a áreas de ponta como inteligência artificial, biotecnologia, energias renováveis e saúde, e tem fortalecido significativamente as redes de pesquisa entre os dois países (Andifes, 2025).

A colaboração com a China é uma alavanca para o avanço educacional e científico no Brasil, proporcionando acesso a tecnologias de ponta e aprimoramento do capital humano. A crescente presença global da China e a expansão de seu próprio sistema de ensino superior (Costa; Zha, 2020) a posicionam como um parceiro estratégico fundamental. Para o Brasil, a colaboração com a China é uma alavanca estratégica para o avanço educacional e científico. Ela proporciona acesso a tecnologias de ponta, promove o aprimoramento do capital humano e contribui para o desenvolvimento de capacidades em áreas cruciais.

A parceria UNEMAT-SUSE

A colaboração entre a UNEMAT e a SUSE emerge como um exemplo concreto e dinâmico das parcerias Sul-

Sul no âmbito da internacionalização do ensino superior. Esta cooperação, formalizada por um Acordo de Cooperação Internacional, visa fortalecer as relações acadêmicas, científicas e culturais entre as duas instituições.

Gênese e objetivos da cooperação

O Acordo de Cooperação Internacional entre Universidade do Estado de Mato Grosso e SUSE (Universidade de Ciência e Engenharia de Sichuan) foi estabelecido com o interesse recíproco em desenvolver programas e projetos de mútuo interesse nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

O objetivo principal é promover experiências que contribuam para o fortalecimento das atividades de ensino de idiomas, pesquisa e eventos em ciência e tecnologia na área de engenharia, além de fomentar a difusão cultural e o intercâmbio científico de professores, pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação para estudos e estágios.

As metas específicas da parceria incluem promover a cooperação no ensino e intercâmbio de professores para troca de experiências e atividades conjuntas; desenvolver pesquisas de interesse comum nas áreas de Ciência e Engenharia e publicar os resultados em revistas científicas; participar de congressos, seminários, simpósios, conferências, cursos e reuniões acadêmicas (remotas ou presenciais); cooperar no ensino de idiomas e difusão cultural por meio de cursos (remotos e presenciais) e programas de intercâmbio de curta duração para docentes e discentes; e promover o intercâmbio de estudantes e experiências para fortalecer as atividades de ensino de graduação e pós-graduação.

Áreas de colaboração e resultados iniciais

A parceria UNEMAT-SUSE, apesar de recente, já apresenta resultados tangíveis em diversas frentes:

Mobilidade acadêmica e estudantil

Um dos pilares da cooperação é o intercâmbio de estudantes. A inclusão de seis estudantes chineses da SUSE no programa *Stricto Sensu* (Mestrado) em Linguística da UNEMAT, nas turmas 2025/1 e 2026/1, visa fortalecer as relações interinstitucionais e enriquecer o ambiente acadêmico da UNEMAT com a presença de estudantes internacionais.

Intercâmbio cultural e linguístico

O projeto entendendo a China contemporânea: ensino de língua e cultura chinesa, tem o objetivo de promover uma compreensão abrangente sobre a China e despertar interesse pela língua e cultura chinesas. O ensino da língua é um dos pilares, com cursos introdutórios de mandarim com o objetivo de desenvolver as habilidades de escuta e de comunicação (fala, leitura e escrita). Nesse contexto, foram oferecidas de forma gratuita três turmas do Curso de Língua Chinesa 1 (Iniciante) e uma turma do Curso de Língua Chinesa 2, com 20 vagas por turma, destinadas a estudantes, professores, técnicos e à comunidade em geral.

Espera-se que os participantes possam se comunicar em mandarim em situações cotidianas e compreendam aspectos culturais chineses, fomentando o intercâmbio intercultural. Além das aulas, o projeto integra atividades culturais práticas como oficinas de arte chinesa e escrita de caracteres. Com uma abordagem que une teoria e prática, o projeto busca despertar maior interesse pelo

intercâmbio cultural e o estímulo contínuo pelo estudo da língua e cultura chinesas.

A relação entre a UNEMAT e a SUSE foi marcada por duas visitas de delegações chinesas, que solidificaram a cooperação bilateral. A primeira delegação da SUSE chegou à UNEMAT em outubro de 2023, resultando na celebração de um acordo que estabeleceu as bases da cooperação. Uma segunda delegação visitou a UNEMAT em maio de 2025, aprofundando os laços e demonstrando o compromisso contínuo com a parceria. Tal iniciativa, rara entre as universidades brasileiras via acordos diretos, reforça o papel da UNEMAT como um polo de intercâmbio e evidencia o caráter prático e mutuamente benéfico dessa colaboração internacional.

Desenvolvimento institucional e projetos futuros

A parceria está evoluindo para iniciativas de maior escopo, destaca-se o objetivo de formalizar o apoio institucional para a criação de um Instituto Confúcio em associação com a UNEMAT. A criação de um Instituto Confúcio é um passo significativo para a difusão da cultura e língua chinesas no Brasil, e um marco na internacionalização da UNEMAT. Além disso, um convite para a recepção de uma delegação da UNEMAT na SUSE, em maio de 2026. A visita visa dar sequência às tratativas para intercâmbio de acadêmicos e pesquisadores, bem como para o desenvolvimento de projetos conjuntos.

Conclusão

O estudo de caso da parceria UNEMAT-SUSE ilustra de forma prática os princípios e benefícios da internacionalização do ensino superior no contexto das parcerias Sul-Sul. A colaboração entre as duas

universidades, por meio do intercâmbio de estudantes, a promoção do ensino de idiomas e a iniciativa de criação de um Instituto Confúcio, demonstra um compromisso mútuo com o fortalecimento acadêmico e cultural.

Essa relação se alinha com a crescente parceria econômica e estratégica entre Brasil e China, transformando os objetivos macroeconômicos em ações concretas no âmbito da educação e da ciência. Ao invés de uma mera transferência de conhecimento de nações desenvolvidas para em desenvolvimento, a cooperação UNEMAT-SUSE ressalta a importância da troca horizontal e da solidariedade, onde ambos os lados contribuem e se beneficiam do intercâmbio de saberes e experiências.

A parceria não apenas impulsiona a internacionalização da UNEMAT, permitindo que a instituição alcance padrões de excelência e diversifique seu ambiente acadêmico, mas também fortalece os laços entre o Brasil e a China em áreas cruciais para o desenvolvimento mútuo. Este caso serve como um modelo para futuras iniciativas de cooperação Sul-Sul, evidenciando o potencial da colaboração entre instituições do Sul Global para enfrentar desafios comuns e promover o avanço da educação e da pesquisa em escala global.

Referências

ACHARYA, A. **The end of American world order**. Princeton: Princeton University Press, 2014.

ALTBACH, P. G. Globalisation and the university: Myths and realities in an unequal world. **Higher Education**, v. 47, n. 4, p. 5-29, 2004.

ANDIFES. **Brasil e China reforçam cooperação acadêmica e científica no Fórum de Reitores**. [S.l.]: ANDIFES, 4 jun. 2025. Disponível em:

<https://www.andifes.org.br/2025/06/04/brasil-e-china-reforcam-cooperacao-academica-e-cientifica-no-forum-de-reitores/>. Acesso em: 6 jul. 2025.

BRASIL. **Ministério da Educação. Brasil e China firmam acordos na educação.** Brasília, DF: MEC, 26 nov. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/novembro/brasil-e-china-firmam-acordos-na-educacao>. Acesso em: 6 jul. 2025.

COSTA, M E; ZHA, Q. Brazil and China: towards a mass and universal educational system. **Revista Gestão & Engenharia**, v. 13, n. 4, p. 288-301, 2020. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/rege-12-2020-0155/full/html>. Acesso em: 6 jul. 2025.

KNIGHT, J. **Internationalization of Higher Education: New Directions, New Challenges.** 2. ed. Montreal: Centre for Higher Education Research and Development, 2004.

PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2013: A ascensão do Sul: Progresso Humano num Mundo Diversificado.** Nova York: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2013.

SANTOS, B.S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, B.S. **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2014.

26 – O NÚCLEO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DE MATO GROSSO (NURIMAT) COMO CATALISADOR DA INTERNACIONALIZAÇÃO EM UM CONTEXTO AGROEXPORTADOR

Anderson Marques do Amaral¹²⁰
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso (MT)

Jofran Luiz de Oliveira¹²¹
UFR – Universidade Federal de Rondonópolis (MT)

Rita de Cássia Oliveira Chiletto¹²²
Casa Civil do Governo de Mato Grosso (MT)

Karina Marcondes Colet¹²³
Casa Civil do Governo de Mato Grosso (MT)

Introdução: a dinâmica da internacionalização no desenvolvimento regional

Mato Grosso, um dos pilares do agronegócio brasileiro, tem sua prosperidade ligada à atividade agroexportadora. Contudo, no cenário econômico global dinâmico e competitivo, a exportação de commodities isoladamente não garante o desenvolvimento sustentável.

¹²⁰ Diretor do Escritório de Relações Internacionais. Docente da Faculdade de Ciências Agrárias e Biológicas e do Programa ProfÁguas. Universidade do Estado de Mato Grosso. **E-mail:** andersonamaral@unemat.br

¹²¹ Secretário de Relações Internacionais. Docente de engenharia. Universidade Federal de Rondonópolis. **E-mail:** jofran@ufr.edu.br

¹²² Assessora Especial do Casa Civil do Governo de Mato Grosso. **E-mail:** ritachiletto@casacivil.mt.gov.br

¹²³ Núcleo de Assuntos Internacionais da Casa Civil do Governo do Estado de Mato Grosso. **E-mail:** karinacolet@casacivil.mt.gov.br

Nesse contexto de desafios e oportunidades, a internacionalização emerge como um eixo estratégico multidimensional, que vai além das transações comerciais e busca a inserção em redes globais de conhecimento, pesquisa e inovação. Essa integração é uma necessidade para que o estado impulse sua competitividade e o avanço científico-tecnológico, gerando assim maior valor agregado ao seu robusto setor agropecuário.

A criação do Núcleo de Relações Internacionais de Mato Grosso (NURIMAT) reflete a compreensão de que, para o estado se posicionar efetivamente no cenário global e otimizar seu agronegócio, é essencial fortalecer suas instituições científico-acadêmicas. Para Jesus *et al.* (2024), essa atuação do NURIMAT, caracterizada pelo engajamento de um ente subnacional em atividades diplomáticas e de relações internacionais, alinha-se ao conceito de paradiplomacia, fenômeno que tem ganhado destaque na literatura, para descrever a participação de governos regionais, cidades e universidades na esfera global.

A internacionalização universitária representa uma oportunidade estratégica para estabelecer parcerias e acordos de cooperação científica e cultural, que, por sua vez, impulsionam a inovação tecnológica e a qualificação de pessoas. Essa abordagem de trabalho colaborativo em rede é crucial para a formação de profissionais capazes de enfrentar os desafios complexos de um mundo globalizado. Altbach e Knight (2007) destacam que a internacionalização envolve a integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, nas funções ou na oferta da educação pós-secundária.

O NURIMAT contribui significativamente para o fortalecimento de laços interinstitucionais e o avanço das

instituições de ensino superior em Mato Grosso. Sua atuação catalisa projetos colaborativos, promove a troca de conhecimento, fomenta a mobilidade acadêmica internacional e impulsiona o desenvolvimento de pesquisas avançadas. Adicionalmente, o NURIMAT favorece a diversificação de perspectivas na busca por soluções para os desafios do setor produtivo e estimula a inovação pedagógica no ambiente universitário. Como Knight (2004) enfatiza, a internacionalização não deve ser vista como um fim em si mesma, mas sim como um meio estratégico para aprimorar e elevar a qualidade tanto da educação quanto da pesquisa.

Para as universidades mato-grossenses, a adoção dessa estratégia é crucial para garantir sua inserção global efetiva e para o fortalecimento de redes de colaboração científica. Tal estratégia facilita o acesso a recursos, expertise e oportunidades, o que, por sua vez, promove a excelência acadêmica e a relevância social, retroalimentando positivamente o setor produtivo do estado.

Metodologia: a criação, a governança e a estrutura institucional do NURIMAT

A criação do NURIMAT ocorreu por meio de um Acordo de Cooperação Interinstitucional assinado em 26 de outubro de 2018. A formalização do consórcio evidencia uma estratégia que busca a sinergia e a abrangência, ao congregar instituições públicas de ensino superior e o Governo do Estado: Inicialmente, o consórcio foi composto pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e, como parceiro estratégico, o Governo do Estado de Mato Grosso. Essa composição inicial já

demonstrava o compromisso em reunir os principais atores para a internacionalização acadêmica e governamental.

A estruturação do NURIMAT prosseguiu com a inclusão da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), formalizada por um Termo Aditivo em 30 de setembro de 2021. Essa adição ampliou a base de instituições de ensino e pesquisa. A composição diversificada confere ao NURIMAT uma representatividade significativa, englobando um ecossistema educacional de grande porte: 65.700 estudantes, 4.011 professores, 445 cursos e 38 campi universitários. Mais recentemente, em 24 de fevereiro de 2025, a inclusão da Faculdade de Tecnologia SENAI Mato Grosso (FATEC SENAI MT) por meio de outro Termo Aditivo, trouxe para o consórcio uma valiosa conexão com o setor industrial e a tecnologia aplicada, integrando o universo acadêmico e o setor produtivo.

A missão do NURIMAT definida como: promover iniciativas e desenvolver ações de internacionalização do Estado de Mato Grosso voltadas para as atividades de ensino, pesquisa, extensão, capacitação, desenvolvimento científico e tecnológicas. Esta declaração, serve como diretriz estratégica para todas as suas operações do NURIMAT. A estrutura de governança do NURIMAT opera com uma diretoria administrativa, responsável por receber e organizar as demandas, além de estruturar as pautas de trabalho. Os representantes das instituições associadas se reúnem com regularidade para deliberações e organizar as ações.

Resultados e discussão: ações estratégicas e o impacto das parcerias internacionais

Desde sua fundação, em 2018, o NURIMAT tem implementado um portfólio diversificado de ações

estratégicas, demonstrando por atividade na consolidação da internacionalização de Mato Grosso. As iniciativas se concentram em parcerias com nações estratégicas e na integração regional.

Estratégia de cooperação com a China: foco em agronegócio e inovação

A República Popular da China, como um dos maiores parceiros comerciais do Brasil no agronegócio, figura centralmente na estratégia do NURIMAT para a internacionalização. As colaborações são multifacetadas, visando a cooperação em pesquisa, desenvolvimento tecnológico e intercâmbio cultural.

Adesão do NURIMAT à Aliança China-América Latina de Inovação e Educação Agrícola (CLAERIA) em 2021, visa o desenvolvimento mútuo em educação e pesquisa agrícola. Esta aliança facilita o acesso a uma vasta rede de conhecimento e expertise, otimizando mecanismos de cooperação e compartilhamento de recursos que podem impulsionar inovações no agronegócio mato-grossense, especialmente em biotecnologia, manejo sustentável e tecnologia de alimentos.

O Acordo de Cooperação com a South China Agricultural University (SCAU) (28 de dezembro de 2021) resultou na criação do Centro Brasil-China de Pesquisa em Tecnologia Sustentável e Inovação do Agronegócio de Mato Grosso (BCAgriMT). Sediado em Mato Grosso, o BCAgriMT atuará como um polo de pesquisa e desenvolvimento em áreas críticas para o agronegócio, incluindo agronomia, zootecnia, engenharia agrícola, recursos pesqueiros e florestais, medicina veterinária, ciência e tecnologia de alimentos, e biodiversidade. A relevância desse acordo reside na capacidade de

desenvolver soluções adaptadas às especificidades regionais, aliando a tecnologia da SCAU com a expertise das instituições do NURIMAT. Complementarmente, a parceria inclui a oferta de cursos de Mandarim presenciais na UFMT, promovendo a capacitação linguística e cultural.

O Acordo de Cooperação com a Sichuan University of Science and Engineering (SUSE) (04 de novembro de 2021) foca na cooperação acadêmica, científica e cultural. A iniciativa possibilitou a oferta de cursos de Mandarim e Português (online e presencial). Adicionalmente, discussões para a criação de um Instituto Confúcio em parceria com a UNEMAT indicam um potencial aprofundamento das relações culturais e linguísticas, posicionando Mato Grosso como um centro de estudos chineses no Centro-Oeste brasileiro.

Diversificação geográfica e integração regional

A estratégia do NURIMAT não se limita a um único parceiro, compreendendo a importância da diversificação geográfica e da integração regional. A proximidade geográfica com a Bolívia torna a integração regional um componente natural. O acordo com a Universidade de Aquino Bolívia (UDABOL) visa desenvolver um programa de mútua cooperação, com foco em pesquisa nas áreas de interesse comum, como bacias hidrográficas transfronteiriças e biodiversidade amazônica.

O NURIMAT tem promovido missões internacionais estratégicas como meio para prospectar novas parcerias e fortalecer as existentes. A Missão aos estados de Iowa e Minnesota (EUA) em 2024 é um exemplo. Nesses estados, referências globais em agronegócio e tecnologia agrícola, foram realizadas visitas a instituições de ensino e pesquisa e feiras de tecnologia, buscando expandir a cooperação

científica e promover o intercâmbio de acadêmicos e profissionais.

A atuação do NURIMAT se manifesta também na recepção de delegações estrangeiras em Mato Grosso e na participação em feiras internacionais, como a China International Import Expo (CIEE). Essas atividades servem como plataformas para apresentar as potencialidades do estado, estabelecer novos contatos e fortalecer redes de parceria.

Desafios e perspectivas futuras para a internacionalização

A internacionalização é um processo que demanda a superação de desafios específicos. A manutenção da vigência dos acordos e a renovação das parcerias exige um acompanhamento proativo para garantir a sustentabilidade a longo prazo. Wit e Hunter (2021), ao discutirem tendências e desafios na internacionalização do ensino superior, ressaltam a importância de uma abordagem estratégica e contínua para o sucesso das iniciativas.

A execução de pesquisas, programas de intercâmbio e realização de missões dependem de financiamento robusto. A captação desses recursos é um desafio frequente. Como Altbach (2004) observa, a internacionalização bem-sucedida requer envolvimento institucional amplo e estratégias de financiamento sustentáveis. O NURIMAT precisa fortalecer suas estratégias para acessar os fundos de agências de fomento nacionais e internacionais, bem como atrair investimentos do setor privado, que se beneficiará diretamente dos resultados da pesquisa e inovação.

A ampliação da participação da comunidade acadêmica e do setor produtivo é crucial. A

internacionalização deve ter capilaridade, envolvendo um número maior de professores, pesquisadores, estudantes e empresários. Isso requer esforços contínuos de comunicação, engajamento e capacitação para que as oportunidades de intercâmbio, pesquisa colaborativa e acesso a novos mercados sejam plenamente aproveitadas.

Para o futuro, o NURIMAT deve focar em medir o impacto de suas ações, utilizando métricas claras que incluam publicações conjuntas, mobilidade acadêmica, desenvolvimento tecnológico e aumento de negócios. É essencial também fortalecer a imagem de Mato Grosso como um polo de inovação e tecnologia no agronegócio, por meio de eventos e publicações de alto nível. O NURIMAT precisa explorar novas parcerias, diversificando suas relações para além do sul global, a fim de acessar diferentes ecossistemas de inovação. Por fim, deve fomentar a colaboração entre empresas locais e parceiros internacionais para acelerar o desenvolvimento de soluções e adaptar tecnologias globais às demandas regionais.

Conclusão: o NURIMAT como referência na governança da internacionalização regional

A atuação do NURIMAT é um estudo de caso que evidencia o potencial de Mato Grosso para se tornar um polo internacional de inovação e pesquisa. Graças à sua articulação entre governo e instituições de ensino, uma rede de parcerias estratégicas está sendo construída, promovendo o desenvolvimento de soluções para o agronegócio e o avanço científico e tecnológico do estado.

O NURIMAT busca ser um catalisador de transformação, impulsionando Mato Grosso rumo a um futuro mais interconectado. Sua experiência, baseada na colaboração interinstitucional, tem fornecido valiosos

ensinamentos na otimização de estratégias de inserção global e internacionalização, gerando impactos positivos

Referências

ALTBACH, P. G. Globalization and the University: Myths and Realities in an Unequal World. In: **Higher education in the world 2006: The financing of universities**. Barcelona: Global University Network for Innovation (GUNi), 2004.

ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of Studies in International Education**, Thousand Oaks, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007.

DE WIT, H.; HUNTER, F. Trends, issues and challenges in internationalisation of higher education: where have we come from and where are we going? In: CROSSLEY, M.; SUTER, L. E.; SUTER, T. L. (Org.). **Routledge Handbook of International Education and Development**. New York: Routledge, 2021. p. 3-17.

JESUS, D. F.; MARTINS, J. A. L.O A; OLIVEIRA, C.P. Paradiplomacia e internacionalização do ensino superior: O Núcleo de Relações Internacionais de Mato Grosso (Nurimat). **Jornal de Políticas Educacionais**, Curitiba, v. 18, e95969, dez. 2024. DOI: 10.5380/jpe.v17i0.95969.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, Thousand Oaks, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.

27 – EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE UMA ESPECIALIZAÇÃO INTERNACIONAL ENTRE BRASIL, ANGOLA, ARGENTINA E MOÇAMBIQUE PELAS LENTES DA UNESPAR

Áurea de Andrade Vieira de Andrade¹²⁴

Unespar – Universidade Estadual do Paraná (PR)

Juliane D’Almas¹²⁵

Unespar – Universidade Estadual do Paraná (PR)

Marila Annibelli Vellozo¹²⁶

Unespar – Universidade Estadual do Paraná (PR)

¹²⁴ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá, com pós-doutorado no Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território, UC, PT. Professora Associada da Unespar, campus de Campo Mourão, no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento (PPGSED), membro do Conselho do Escritório de Relações Internacionais (COMINT/ERI), membro do CEGOT e Núcleo Suscita, Coimbra, Portugal. **E-mail:** aurea.viana@unespar.edu.br

¹²⁵ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Realizou estágio de doutorado sanduíche na Texas Tech University, EUA. Professora adjunta do colegiado de Letras Inglês da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus Apucarana. Chefe da divisão de convênios e mobilidade do Escritório de Relações Internacionais (ERI) da Unespar. Orientadora pedagógica do Programa Paraná Fala Inglês (PFI) na Unespar. **E-mail:** juliane.dalmas@unespar.edu.br

¹²⁶ Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Artes e do Bacharelado em Dança. Está Diretora do Escritório de Relações Internacionais da Unespar. Esteve como Assessora de Relações Internacionais na Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Paraná, entre 2022 e agosto de 2023. **E-mail:** marila.velloso@unespar.edu.br

Estrutura e propósitos da especialização internacional

A Especialização Internacional “Conhecimentos e Associações entre Angola, Argentina, Brasil e Moçambique” constitui-se como uma experiência inédita de formação continuada e colaboração intercontinental entre instituições públicas de ensino superior do Sul Global. Fruto de articulações políticas e acadêmicas que reconhecem a potência da diversidade e a urgência da justiça social, o curso representa um marco no fortalecimento da internacionalização crítica e solidária da educação superior.

Em um contexto marcado por profundas desigualdades regionais e por desafios compartilhados entre os países envolvidos, a proposta da especialização emerge como resposta concreta à necessidade de construção de espaços formativos que valorizem saberes plurais, práticas de resistência e alternativas de desenvolvimento local, ancoradas nas realidades vividas pelos povos do hemisfério Sul. Assim, ela é concebida não apenas como uma trajetória acadêmica, mas como um território vivo de trocas, escuta, produção de conhecimento situado e transformação mútua entre os sujeitos participantes.

Nessa perspectiva, o curso de especialização nasceu do desejo coletivo de construir uma experiência formativa internacional que não se limite às lógicas tradicionais da cooperação, mas que abrace os saberes locais, as memórias compartilhadas e as singularidades históricas de cada povo. Com carga horária total de 360 horas, ofertada na modalidade de Educação a Distância, o curso se apresenta como uma iniciativa inovadora, que mobiliza e entrelaça saberes acadêmicos, populares e tradicionais.

Com a participação ativa da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), da Universidade de Luanda (UniLuanda), da Universidade Nacional da Patagônia Austral (UNPA) e da Universidade Licungo (UniLicungo), a especialização se firma como uma experiência de internacionalização Sul-Sul, voltada à formação continuada de profissionais graduados dos quatro países parceiros, oriundos de diferentes áreas do conhecimento. A proposta abrange conteúdos que atravessam a história, a cultura, os processos sociais e econômicos, as territorialidades e os desafios compartilhados por essas nações, com foco na construção de pontes entre saberes, práticas e projetos de desenvolvimento territorial e regional.

O curso tem como objetivo geral habilitar profissionais para compreender, refletir e intervir criticamente sobre as realidades intercontinentais, promovendo trocas formativas, a valorização do conhecimento situado e o estímulo à produção científica comprometida com as realidades locais. Entre os objetivos específicos, destacam-se a promoção de debates culturais e históricos, o incentivo à pesquisa intercontinental colaborativa, o reconhecimento das identidades territoriais e a oferta de uma formação qualificada voltada à internacionalização crítica do ensino superior.

Sua estrutura contempla 7 (sete) módulos obrigatórios e optativos, orientação para os trabalhos de conclusão de curso e atividades formativas realizadas de maneira assíncrona e síncrona. A plataforma tecnológica adotada assegura a acessibilidade aos conteúdos e fomenta a interação entre docentes e discentes dos quatro países, respeitando as especificidades de cada contexto e promovendo um ambiente de aprendizagem verdadeiramente inclusivo e colaborativo.

O processo seletivo para a primeira turma do curso expressou, desde seu início, o forte interesse e a abrangência da proposta: mais de 670 pessoas se inscreveram para a etapa de entrevistas on-line, das quais foram selecionados 250 candidatos para o preenchimento das 50 vagas ofertadas. As entrevistas foram conduzidas por mais de 50 docentes das quatro universidades parceiras, representando diversas áreas do conhecimento e assegurando uma escuta plural e atenta aos diferentes perfis. Esses dados revelam a capilaridade da iniciativa e a demanda latente por formações que promovam o intercâmbio de saberes a partir de perspectivas não hegemônicas.

Atualmente, os estudantes da Especialização estão na fase de conclusão dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), etapa que marca um importante momento de consolidação dos aprendizados construídos ao longo da formação. Para essa etapa final, foi proposto que os trabalhos fossem desenvolvidos em grupos compostos por quatro integrantes, sendo um de cada país participante – Angola, Argentina, Brasil e Moçambique. A proposta pedagógica orienta que os temas escolhidos envolvam, de forma integrada, os contextos dos quatro países, promovendo uma reflexão coletiva, intercontinental e situada, que fortaleça os vínculos formativos e contribua para o aprofundamento da cooperação acadêmica Sul-Sul. A construção dos trabalhos em grupo estimula os estudantes a observar tanto aquilo que os une – como histórias de resistência, desafios sociais comuns e práticas culturais solidárias – quanto as particularidades de cada território, reconhecendo a pluralidade como ponto de partida para a produção de conhecimentos comprometidos com a justiça social, a diversidade epistêmica e a

transformação das realidades locais. Como desdobramento dessa produção coletiva e intercontinental, os artigos resultantes dos TCCs serão publicados em um eBook organizado pela Editora Edunespar, fortalecendo o compromisso do curso com a difusão do conhecimento e a valorização das vozes plurais que o compõem.

Ao final de seu primeiro ciclo de execução, a especialização já apresenta resultados expressivos: integração acadêmica entre os países, fortalecimento das redes institucionais e estímulo ao desenvolvimento de propostas de continuidade, como a possibilidade de criação de um futuro Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* internacional.

Mais do que uma simples oferta de formação, esta é uma política acadêmica comprometida com a superação das assimetrias, na troca de conhecimento e no respeito mútuo.

Participação do escritório de relações internacionais no processo de criação da especialização internacional

O Escritório de Relações Internacionais (ERI) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) teve papel fundamental na articulação dos processos para criação da Especialização em questão. Primeiramente, no que diz respeito aos convênios firmados com as instituições parceiras, em seguida, pelo constante apoio e acompanhamento das etapas de construção da Especialização e, por fim, pela colaboração no processo seletivo e auxílio em demais necessidades.

Compreende-se o quão importante é fortalecer a relação Sul-Sul em termos de internacionalização universitária, por isso, a ideia dessa Especialização surgiu

em momento oportuno para todos os envolvidos. As relações com as universidades parceiras já existiam, como, por exemplo, a UniLuanda já tinha Termo de Cooperação assinado com a Unespar e algumas atividades já haviam sido executadas, tais quais visitas do reitor e equipe à Unespar e realização de um evento em conjunto organizado pelo ERI. Da mesma maneira, já se possuía estreita relação com a UNPA, por meio de vindas de um de seus professores para eventos na Unespar. A UniLicungo passou a integrar a proposta da Especialização a partir do interesse de pesquisa da coordenadora da pós-graduação na Unespar, que já tinha vínculos estabelecidos com seus pesquisadores. Dessa forma, a proposta fortalece as conexões acadêmicas e amplia o intercâmbio entre as instituições envolvidas.

Sendo assim, o ERI teve a missão de formalizar as parcerias com as instituições de Ensino Superior (IES), tramitando Termos de Cooperação (TCs) e Planos de Trabalho para a assinatura de convênios. É interessante salientar que os TCs não foram assinados por necessidade da Especialização, mas por conta de interesses em diversas outras atividades já realizadas e em andamento entre as IES, como já mencionado. Ou seja, é possível perceber que a assinatura de convênios internacionais tem gerado ações extremamente importantes para as universidades envolvidas e não dependem somente da Especialização.

Ainda é salutar pontuar que ter as instituições parceiras como conveniadas da Unespar é um passo indispensável para o processo de internacionalização, uma vez que o registro de ações de internacionalização nem sempre acontece, o que acarreta o não acompanhamento e institucionalização da ação. O convênio ainda possibilita

que outras atividades internacionais aconteçam entre as IES parceiras e que elas pontuem para a inserção das universidades em rankings da educação superior.

Finalizadas as etapas de assinaturas de convênios, as universidades já conversavam sobre a possibilidade da criação da Especialização e, com o apoio das reitorias e o trabalho de um corpo docente engajado, o curso foi ganhando forma, como apresentado na seção anterior.

O ERI esteve presente ainda (ativamente ou nos bastidores) nas etapas de escrita e revisão de documentação para a aprovação do curso e do projeto pedagógico do curso, divulgação do edital de inscrição, de seleção dos estudantes e de início das atividades. Atualmente, o programa caminha sozinho e tem alcançado números e resultados impressionantes com a primeira turma, que está prestes a se formar. Fortalecer a internacionalização entre universidades tão distintas e ao mesmo tempo tão complementares é um diferencial para os estudantes e docentes envolvidos. Indubitavelmente, os estudantes que se formarão por meio desta Especialização se tornarão profissionais e cidadãos mais preparados para agir no mundo globalizado em que estão inseridos. A experiência de estar em uma turma com discentes e docentes de diferentes nacionalidades, culturas e costumes é uma atividade riquíssima, que só tem a contribuir para o desenvolvimento da competência intercultural de seus participantes.

Epistemologias sul-sul e a política de internacionalização da Unespar

A Especialização estruturada a partir dessas universidades situadas na Argentina, Angola, Brasil e Moçambique consolida uma iniciativa de nível elevado de

densidade organizativa, como uma alternativa para a globalização hegemônica. Os vínculos anteriormente estabelecidos entre as universidades, pelos convênios e ações realizadas nos últimos anos, impulsionaram essa proposta através do interesse mútuo de professores, gestores e assessores, resultando numa rede de pesquisa fundamentada na proposta pedagógica de criar grupos interculturais focados em seus contextos e na reflexão coletiva entre os estudantes de cada país. Assim, delineou-se um ambiente de aprendizado e intercâmbio, pautado na convivência de similaridades e diferenças, onde todos podem coexistir ao praticarem uma epistemologia do Sul, que questiona, inclui e dialoga, ao invés de uma epistemologia que tende a ser totalitária e globalizante: “A epistemologia ou pensamento Perspectivado pressupõe um local privilegiado de um único olhar central em que os outros são periféricos a este. Esta epistemologia é uma construção, não é imanente, universal ou absoluta” (BANANA, 2008, p. 6).

Considerando-se que é na biodiversidade da “naturezacultura” que se instala uma ecologia dos saberes, não se trata de querer igualar modelos ou epistemologias entre um hemisfério a outro, e, sim, de desenvolver um Sul autônomo, existindo com sua própria epistemologia.

Nesse sentido, essa cooperação acadêmica Sul-Sul atende a objetivos da Política Institucional de Internacionalização da UNESPAR, determinada pela Resolução N°001/2018– COU/UNESPAR, de 2018, que é o documento que embasa o planejamento estratégico e, portanto, as metas e ações do Escritório de Relações Internacionais (ERI), setor que coordena as Políticas de Internacionalização, conforme estabelecido pela Resolução nº. 005/2016– COU/UNESPAR. O comprometimento com

uma cultura de internacionalização é reafirmado por essa iniciativa institucional da UNESPAR, que dialoga par e passo com a democratização de acesso, reflexão e debate crítico no campo da educação superior. A criação do ambiente para estudar e pesquisar conjuntamente, a partir dessas realidades, articulam outros e possíveis novos discursos, a partir das práticas e saberes desenvolvidos por instituições de ensino superior públicas do Sul Global. Imagina-se que essa confluência abre espaços para a produção de conhecimento por outros modos de perceber desafios e de propor soluções para o presente e futuro de nossas e de outras instituições e países.

Referências

BANANA, A. **Por uma epistemologia Sul**. In: Banana, A; Lobo, C.; Simões, M. (org). **Programa FID 2008 SULREAL por uma epistemologia sul**. Belo Horizonte: FID Editorial, 2008. Disponível em: <https://fid.com.br/wp-content/uploads/2021/11/FID-08-Cata%CC%81logo.pdf> Acesso em: 03 jul. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. Conselho Universitário. **Resolução n.º 005/2016 – COU/UNESPAR**. Aprova adequações ao Regimento Geral da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR e altera os anexos das Resoluções n.º 003/2014 e n.º 014/2014 – Reitoria/UNESPAR. Paranavaí, 15 de maio de 2016. Disponível em: https://eri.unespar.edu.br/sobre-o-eri/copy_of_Resolucao0052016COU.pdf Acesso em: 03 jul. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. Conselho Universitário. Conselho Universitário. **Resolução n.º 001/2018 – COU/UNESPAR**. Estabelece a Política Institucional de Internacionalização da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. Paranavaí, 7 de maio de 2018. Disponível em:

<https://eri.unespar.edu.br/documentos/politica-de-internacionalizacao-resolucao-001-2018-cou-unespar.pdf>
Acesso em: 3 jul. 2025.

28 – COOPERAÇÃO INTERNACIONAL NA AMAZÔNIA: VIVÊNCIAS ESTUDANTIS NO PROJETO GLOBAL TEAMS INTEGRAMAZ

Fabriny Pereira Machado¹²⁷

Unitins – Universidade Estadual do Tocantins (TO)

Lívia Zanholo Santos¹²⁸

Unitins – Universidade Estadual do Tocantins (TO)

Myllena de Souza Medrado¹²⁹

Unitins – Universidade Estadual do Tocantins (TO)

Patricia de Aquino¹³⁰

Unitins – Universidade Estadual do Tocantins (TO)

A Internacionalização da Unitins na Panamazônia

A Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) tem

¹²⁷ Especialista em Comércio Exterior com dupla certificação pela Associação Brasileira de Comércio Exterior e a Massachusetts Institute of Business, Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Professora e Analista de Relações Internacionais da Diretoria de Assuntos Internacionais na Universidade Estadual do Tocantins – Unitins. **E-mail:** fabrinny.pm@unitins.br

¹²⁸ Doutoranda e Mestre em Prestação Jurisdicional e direitos humanos PPGPJDH – UFT / ESMAT. Graduada em Direito (UFMS) e Letras (FAM). Professora na Diretoria de Assuntos Internacionais da Unitins. **E-mail:** livia.zs@unitins.br

¹²⁹ Graduada em Letras – Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). É pós-graduanda no Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. Atualmente, exerce o cargo de assessora na Diretoria de Assuntos Internacionais (DRINT) da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). **E-mail:** myllena.sm@unitins.br

¹³⁰ Bacharel, Mestre e Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo – USP. Professora e Diretora de Assuntos Internacionais da Unitins. **E-mail:** patricia.ap@unitins.br

fortalecido sua atuação no cenário internacional por meio de parcerias estratégicas e experiências formativas que envolvam diretamente seus estudantes. Nesse contexto, a universidade, com posição estratégica na região norte do Brasil e na Amazônia Legal, também tem atuado em diversas frentes para fortalecer a cooperação internacional panamazônica (Alves, 2014), composta por nove países: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa. Um exemplo marcante dessa atuação foi a participação no programa Global Teams IntegrAmaz, promovido pela Universidad Continental (UC), do Peru.

O programa foi idealizado com o intuito de aproximar jovens universitários latino-americanos em torno de um propósito comum: desenvolver soluções sustentáveis para os desafios que afetam a região amazônica, território compartilhado por diversos países e marcado por grandes riquezas naturais, culturais e sociais, mas também por desigualdades históricas.

A iniciativa se insere em um contexto mais amplo de internacionalização do ensino superior, com foco na formação de cidadãos globais e na promoção da cooperação interinstitucional (Knight, 2023). Através da Diretoria de Assuntos Internacionais (DRINT), a Unitins tem buscado não apenas ampliar as oportunidades de mobilidade acadêmica, mas também inserir seus estudantes em redes de colaboração científica e cidadã.

O Global Teams IntegrAmaz utiliza metodologias ativas, como o Design Thinking, para incentivar os alunos a pensar criticamente e de forma criativa sobre os problemas enfrentados por comunidades amazônicas. Com ênfase nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), os projetos desenvolvidos dialogaram diretamente com

questões urgentes da região, como o acesso à água potável, a inclusão digital, a conservação ambiental e a valorização dos saberes tradicionais.

Além disso, o programa vem se consolidando como uma iniciativa transnacional voltada à busca de soluções integradas para os desafios enfrentados na região panamazônica, promovendo a cooperação entre estudantes de diferentes países que compartilham esse território estratégico. Ao identificar problemas comuns, como o desmatamento, a vulnerabilidade social, a exclusão educacional e os impactos das mudanças climáticas, o Global Teams IntegrAmaz estimula o desenvolvimento de propostas colaborativas que respeitam a diversidade sociocultural da região, mas que também podem ser replicadas em diferentes contextos amazônicos, construindo pontes entre saberes locais e soluções sustentáveis globais.

A Unitins participou de duas edições do programa Global Teams IntegrAmaz, nos anos de 2023 e 2024. A articulação da participação da universidade se deu por meio da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), da qual a Unitins é representante da Regional Norte. A proposta chegou por intermédio da Universidad Continental do Peru, com o objetivo de integrar universidades pan-amazônicas a uma experiência colaborativa internacional voltada para o desenvolvimento sustentável e a integração amazônica. Na edição de 2023, participaram a Universidade Estadual do Pará (UEPA) e a Universidade Federal de Roraima (UFRR), além da Unitins. Em 2024, outras instituições brasileiras e tocantinenses também se somaram ao projeto, fortalecendo ainda mais a rede de colaboração internacional.

A dinâmica do projeto envolveu a formação de

grupos internacionais compostos por quatro alunos cada, totalizando aproximadamente 80 estudantes por edição. Em 2023, foram formados 22 grupos e, em 2024, 18 grupos. Os grupos eram compostos por alunos do Brasil e Peru, o que proporcionou uma experiência rica de intercâmbio cultural, acadêmico e linguístico. A seleção dos alunos da Unitins se deu por meio de chamadas internas e convite a estudantes com interesse em temas relacionados à integração regional, sustentabilidade e inovação social. A participação foi gratuita para os estudantes da Unitins, viabilizada por meio de negociação com a Universidad Continental, considerando que os alunos peruanos pagavam, em média, 50 dólares pela participação.

As aulas aconteceram semanalmente, sempre às quintas-feiras, às 18h (horário de Brasília), com adaptação ao fuso horário do Peru. Cada encontro era dividido em dois momentos principais: na primeira parte, um convidado especial, como ministros de economia, professores universitários e especialistas de diversas áreas, ministrava uma palestra sobre um tema específico relacionado à Amazônia, desenvolvimento regional ou inovação social no Peru e na região da Amazônia Legal. Em seguida, os alunos, organizados em seus grupos em salas virtuais via plataforma Zoom, recebiam questionamentos que deveriam ser respondidos com base na aula ministrada e nas discussões internas do grupo.

Essas respostas, semana a semana, compunham a base do trabalho final que seria apresentado ao fim da jornada. Ao longo do programa, os alunos desenvolveram projetos integradores com foco em desafios reais enfrentados pela região amazônica, aplicando os conhecimentos adquiridos nas aulas e nas trocas interculturais. As apresentações finais ocorreram em

sessões online abertas ao público e a avaliadores convidados, o que deu visibilidade aos projetos e valorizou o esforço dos estudantes.

Outro ponto fundamental do projeto foi o acompanhamento por tutores. Cada grupo contava com a supervisão de um tutor, que orientava os estudantes, tirava dúvidas e acompanhava o progresso semanal. Essa tutoria foi essencial para o desenvolvimento dos trabalhos, considerando especialmente as diferenças culturais e linguísticas entre os participantes. O uso da plataforma Zoom e ferramentas colaborativas online também foi determinante para o sucesso da comunicação entre os grupos.

A participação da Unitins no programa Global Teams IntegrAmaz tem sido considerada uma ação estratégica dentro da política de internacionalização curricular da universidade. A experiência proporcionou aos estudantes uma vivência internacional sem sair do país, ampliando suas perspectivas acadêmicas, profissionais e cidadãs. Além disso, fortaleceu os vínculos institucionais entre a Unitins e outras universidades da região pan-amazônica, abrindo caminho para futuras parcerias acadêmicas e projetos em rede.

É importante destacar que o programa contribuiu significativamente para o desenvolvimento de competências globais entre os alunos da Unitins. Ao trabalharem em equipes multiculturais, lidarem com desafios reais e proporem soluções inovadoras para problemas amazônicos, os estudantes ampliaram sua visão de mundo, sua capacidade de trabalhar em equipe e sua compreensão sobre o papel da cooperação internacional no enfrentamento de desafios regionais. A expectativa é de que a Unitins continue participando e fortalecendo essa

iniciativa nos próximos anos. Os estudantes da Unitins se destacaram pela capacidade de articulação entre teoria e prática, trazendo para o debate contribuições relevantes sobre o contexto da Amazônia brasileira, em especial do estado do Tocantins. As discussões envolveram desde aspectos legais e institucionais até práticas comunitárias de resistência e inovação social.

Além da parte técnica dos projetos, o programa valorizou fortemente o desenvolvimento de *soft skills*, como empatia, liderança, trabalho em equipe, comunicação intercultural e resolução de conflitos. A experiência exigiu que os participantes dialogassem em espanhol, o que reforçou ainda mais a importância da formação linguística voltada para a internacionalização.

Um dos grupos com participação da Unitins propôs, por exemplo, uma solução voltada à inclusão digital em comunidades ribeirinhas, com o uso de energia solar para alimentar pontos de acesso à internet e fomentar, por meio da internet, a divulgação de materiais educativos. Outro grupo debateu estratégias para fomentar o empreendedorismo juvenil sustentável nas cidades amazônicas. Os projetos desenvolvidos ao final do processo foram apresentados a uma banca avaliadora composta por professores e profissionais da UC, que destacaram o caráter inovador e socialmente comprometido das propostas. Cada grupo recebeu devolutivas construtivas que poderão servir como base para o aperfeiçoamento das ideias ou mesmo sua implementação futura, com apoio institucional.

Considerações finais

A Unitins vê nessa participação um marco importante de sua política de internacionalização. A

presença de seus alunos nesse tipo de programa contribui diretamente para o fortalecimento de uma formação universitária comprometida com os territórios amazônicos e com a justiça social, além de criar redes de contato que extrapolam as fronteiras nacionais.

O reconhecimento da Universidade Continental, materializado por meio da certificação internacional concedida aos participantes, representa um importante diferencial na trajetória acadêmica e profissional dos estudantes. Essa certificação não apenas valida a participação em uma experiência de intercâmbio internacional, mas também atesta o envolvimento em atividades acadêmicas de qualidade e em contextos multiculturais. Seguindo normativa interna para mobilidade da Unitins, a disciplina internacional é incluída no currículo, agregando valor acadêmico e profissional significativo, demonstrando habilidades como iniciativa, adaptabilidade e competência intercultural, qualidades cada vez mais valorizadas em processos seletivos e no mercado de trabalho global. Além disso, pode abrir portas para futuras oportunidades acadêmicas, como programas de pós-graduação no exterior, bolsas de estudo e inserção em redes internacionais de pesquisa e cooperação.

A Diretoria de Assuntos Internacionais já trabalha na ampliação da participação da Unitins em futuras edições do Global Teams IntegrAmaz, bem como em iniciativas semelhantes de mobilidade virtual e cooperação acadêmica panamazônica. A ideia é envolver mais cursos, professores e campi, promovendo uma cultura institucional de internacionalização inclusiva.

O sucesso da experiência também reforça a importância de ações que integrem ensino, extensão e pesquisa, com foco em problemas reais e na transformação

social. O engajamento dos estudantes da Unitins demonstra que a juventude universitária está disposta a assumir um papel ativo na construção de um futuro mais justo, sustentável e colaborativo.

Ao participar do Global Teams IntegrAmaz, os estudantes da Unitins não apenas ampliaram seus horizontes acadêmicos, mas também se tornaram multiplicadores do conhecimento e do compromisso com a Amazônia. A experiência reafirma que, por meio da cooperação internacional, é possível formar lideranças conscientes e capazes de enfrentar os desafios locais com soluções globais.

Referências

ALVES, J. E. D. População, desenvolvimento e sustentabilidade: perspectivas para a CIPD pós-2014. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 229, jan./jun. 2014.

KNIGHT, J. Updating the definition of internationalization. **International Higher Education**, n. 33, p. 2-3, 2003.

29 – MEDIAÇÕES EM LÍNGUA INGLESA: UMA ESTRATÉGIA MULTIFATORIAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA

Fabriny Pereira Machado¹³¹

Unitins – Universidade Estadual do Tocantins (TO)

Lívia Zanholo Santos¹³²

Unitins – Universidade Estadual do Tocantins (TO)

Myllena de Souza Medrado¹³³

Unitins – Universidade Estadual do Tocantins (TO)

Patricia de Aquino¹³⁴

Unitins – Universidade Estadual do Tocantins (TO)

Mediações em língua inglesa na Unitins

As ações de internacionalização em casa têm crescido, se diversificado e se tornado importantes alternativas para a internacionalização do ensino superior

¹³¹ Especialista em Comércio Exterior (dupla certificação pela Associação Brasileira de Comércio Exterior e a Massachusetts Institute of Business, Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Professora e Analista de Relações Internacionais da Diretoria de Assuntos Internacionais na Unitins. **E-mail:** fabriny.pm@unitins.br

¹³² Doutoranda e Mestre em Prestação Jurisdicional e direitos humanos PPGPJDH – UFT / ESMAT. Graduada em Direito (UFMS) e Letras (FAM). Professora na Diretoria de Assuntos Internacionais da Unitins. **E-mail:** livia.zs@unitins.br

¹³³ Graduada em Letras – Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). É pós-graduanda no Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. Atualmente, exerce o cargo de assessora na Diretoria de Assuntos Internacionais (DRINT) da Unitins. **E-mail:** myllena.sm@unitins.br

¹³⁴ Bacharel, Mestre e Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo - USP. Professora e Diretora de Assuntos Internacionais da Unitins. **E-mail:** patricia.ap@unitins.br

no Brasil. A Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), localizada na Amazônia Legal, tem buscado, através da sua Diretoria de Assuntos Internacionais (Drint), estratégias inovadoras para sua internacionalização interna. Além de exemplos tradicionais como o ensino de idiomas, a aplicação de exames internacionais de proficiência, e práticas de internacionalização de currículo em cursos de graduação; a Unitins desenvolveu, em 2024, a criação do projeto de mediadores linguísticos, em que alunos da universidade atuam em eventos internacionais de grande relevância. Portanto, neste relato de experiência, discorreremos sobre duas ações de mediação linguística vivenciadas por nossa comunidade acadêmica no ano de 2024. Como toda vivência internacional, essas ações foram resultado de um processo com diferentes etapas.

A primeira delas ocorreu na Agrotins, Feira de Tecnologia Agropecuária do Tocantins, considerada a maior Feira de Tecnologia Agropecuária da Região Norte do Brasil, a qual objetiva promover o desenvolvimento do setor agropecuário, e as potencialidades do agronegócio (Secretaria da Agricultura e Pecuária do Tocantins, 2025).

Em maio de 2024, na Agrotins, foram realizadas rodadas de negociações que impulsionaram o setor de bebidas no estado. A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) promoveu encontros entre 16 empresas brasileiras e sete compradores internacionais, gerando expectativa de negócios na ordem de US\$ 1,7 milhão (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, 2025). Para estas rodadas, participaram representantes de cinco países: Moçambique, Portugal, Japão, Peru e Índia. No entanto, para que as rodadas de negociação acontecessem, foram necessárias ações para superar

barreiras linguísticas, já que os representantes se comunicam internacionalmente em língua inglesa, e grande parte dos representantes das empresas tocantinenses não domina completamente este idioma. Foi nesse contexto que surgiu a proposta da mediação linguística, uma ação articulada e multi-institucional, resultado da cooperação entre o Governo do Estado do Tocantins, a Secretaria de Indústria, Comércio e Serviços (SICS), a Federação das Indústrias do Estado do Tocantins (FIETO) e a Unitins. A SICS procurou a universidade com a demanda por suporte linguístico, e, para tanto, a Drint selecionou, preparou e coordenou a participação de nove alunos para atuarem como mediadores linguísticos de inglês.

A tradução e a mediação linguística são práticas que envolvem línguas diferentes, mas têm características distintas. A tradução é o processo de transpor um discurso de uma língua para outra, buscando manter o conteúdo, o estilo e o sentido originais. Já a mediação linguística visa facilitar a comunicação entre pessoas de diferentes línguas e culturas, muitas vezes reformulando a mensagem para torná-la compreensível e culturalmente adequada. Logo, na mediação linguística o enfoque está na comunicação, ou seja, o mediador simplifica as palavras dos diálogos e cria uma comunicação bem-sucedida entre os envolvidos, que, possivelmente, tem outro ponto de orientação intelectual, sociocultural e sociolinguístico (Europarat, 2017, p. 102).

A etapa de seleção dos mediadores ocorreu por meio de uma chamada publicada no site da Unitins. A chamada foi direcionada à comunidade acadêmica da Unitins, com nível de proficiência em língua inglesa a partir de B2. O critério de seleção e classificação foi o desempenho no teste de proficiência *EnglishScore*, prova de proficiência em Língua Inglesa reconhecida

mundialmente e desenvolvida pelo Conselho Britânico (*British Council*). O exame é aplicado de forma remota e acessível por meio de um aplicativo para celular, essa característica é especialmente relevante no contexto da região amazônica, onde barreiras geográficas e altos custos logísticos tornam inviável a realização de exames presenciais. Assim, o uso do *EnglishScore* considera as especificidades da realidade do Norte do Brasil, promovendo maior inclusão e equidade na certificação de proficiência.

A Unitins firmou acordo de colaboração com o *British Council* em 2022 com o propósito de contribuir para a proficiência em Língua Inglesa da comunidade tocantinense. Até o momento, 153 pessoas foram certificadas, as quais puderam utilizar sua certificação para programas de pós-graduação, mobilidade acadêmica, oportunidades profissionais, entre outras. Ademais, o teste também é utilizado em processos seletivos internos, como na situação supramencionada.

Ao todo, 15 alunos foram selecionados no processo seletivo promovido pela universidade, sendo 8 para vagas imediatas e 7 para cadastro reserva. Os estudantes vieram de diferentes regiões do Tocantins: cinco do Câmpus Palmas, três do Câmpus Augustinópolis e um do Câmpus Paraíso. A ação promoveu um processo de internacionalização abrangente e descentralizado, alcançando múltiplos campus da Unitins. A aplicação remota do teste de proficiência possibilitou a participação de estudantes localizados em áreas geográficas distantes, garantindo representatividade regional na iniciativa.

Após a etapa de seleção, iniciamos a preparação linguística dos envolvidos. As professoras da Drint conduziram uma capacitação em língua inglesa

preparatória para a mediação, a qual incluiu tópicos como inglês para negócios e vocabulário específico para a indústria de bebidas. A escolha dos temas foi baseada no contexto do evento alvo para os participantes poderem ter alguma noção do vocabulário e estrutura dos temas a serem utilizados. Ao final da capacitação, foi disponibilizado um glossário impresso com palavras que fossem úteis para as mediações. A capacitação foi elogiada quanto à sua utilidade pelos discentes e participaram dele os selecionados de forma imediata, bem como aqueles que integravam o cadastro reserva.

No dia 17 de maio de 2025, as rodadas de negociações internacionais aconteceram privadamente entre os empresários e os compradores, e objetivavam a inserção de bebidas brasileiras no cenário internacional. Foram realizadas 90 reuniões, que aconteciam simultaneamente em diferentes mesas, cada uma delas contava com a presença de dois alunos mediadores, um comprador internacional e um ou mais empresários da mesma empresa. A mediação durava 15 minutos. Optamos por dividir os alunos em duplas para que pudessem se ajudar, tomar notas e solicitar o apoio das professoras, caso necessário. Inicialmente, os alunos estavam um pouco receosos, pois a maioria deles nunca conversara em inglês com pessoas não brasileiras presencialmente. No entanto, em poucos minutos, os alunos passaram a ter cada vez mais confiança, autonomia e a se engajarem nas negociações. É importante enfatizar que nós, docentes da Drint, monitoramos as mediações, fornecendo o apoio necessário aos estudantes e demais envolvidos.

Houve diferentes retornos relacionados a essa importante ação. Os empresários brasileiros perceberam a importância da aprendizagem de uma língua adicional para

impulsionar seus negócios, bem como o papel econômico e social das universidades públicas. Já os alunos compartilharam algumas percepções: melhora na confiança em relação à comunicação em língua inglesa, já que alguns deles não se autointitulavam fluentes, mas a experiência na Agrotins tornou-os cientes dessa habilidade; percepção de que seu esforço em aprender um idioma beneficia não somente sua vida profissional e acadêmica, mas também a comunidade em seu entorno; perspectiva de uma nova carreira profissional, já que para alguns alunos surgiram oportunidades de atuação como mediadores remunerados de outros eventos internacionais no Tocantins.

Ao final da ação, os alunos foram certificados com o certificado de proficiência *EnglishScore*, gratuitamente oferecido pela universidade, além da certificação pela capacitação e mediação. Dessa forma, a ação contribuiu de três maneiras diferentes para a experiência de internacionalização dos alunos, e todas elas de forma registrada e comprovada. Os alunos saíram dessa experiência com uma certificação atestando seu nível de conhecimento em língua inglesa, e podendo usar essa certificação em sua vida profissional e acadêmica. Além disso, fizeram um curso rápido de inglês para fins específicos, o qual utilizaram na experiência direta da mediação, mas que poderão aplicar em outras instâncias, considerando especialmente o tema inglês para negociações. Finalmente, tiveram a certificação pela experiência de mediação linguística em uma rodada de negociações, contribuindo para a internacionalização de suas vidas profissionais.

Na sequência dessa experiência, em outubro de 2024, uma nova oportunidade de mediação linguística surgiu. A Unitins, por meio do Projeto Gestão das Águas,

coordenado pela Prof^a Dr^a Juliana Mariano, do curso de Engenharia Agrônômica, realizou durante os dias 15 e 16 de outubro o I Seminário Internacional sobre Governança das águas da Bacia do Lago de Palmas. O evento buscou apresentar os resultados do projeto de pesquisa internacional em andamento, e discutir propostas de atuações em políticas públicas a serem desenvolvidas a partir deles. A ação foi realizada pela Unitins, em conjunto com a *Eawag Aquatic Research* (Instituto Federal Suíço de Ciências Aquáticas) e com o Comitê da Bacia Hidrográfica do Lago de Palmas (CBHLP), órgão colegiado da Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh) do Governo do Estado do Tocantins. O evento reuniu profissionais e entidades ligadas à temática das águas para debater estratégias para o bom gerenciamento das problemáticas observadas na Bacia Hidrográfica do Lago de Palmas. Além do seminário, foi realizada a II Oficina Participativa para o Diagnóstico e Design da Governança da Bacia do Lago de Palmas. Durante a programação, o público se organizou em grupos temáticos para discussão, buscando identificar recomendações e propostas de elaboração de novas políticas públicas para os problemas hídricos palmenses.

Para participar do evento, a *Eawag* trouxe dois participantes, que integram o projeto Gestão das Águas, mas se comunicam internacionalmente em língua inglesa. Igualmente, em um processo parecido ao da Agrotins, a Drint selecionou os alunos utilizando o teste de proficiência *EnglishScore*, os capacitou e os acompanhou para que eles pudessem mediar as interações com o objetivo final de permitir que estratégias de gestão das águas tocantinenses fossem aprimoradas. Dessa vez, a capacitação desenvolveu temas relacionados a gestão de bacias

hidrográficas, mudanças climáticas e etapas de negociação.

Nesse contexto, a ação de mediação linguística durante o seminário representou uma oportunidade ímpar de aprendizagem para os alunos da Unitins, que puderam aplicar seus conhecimentos em inglês em um contexto real, técnico e multicultural. Ao atuarem como ponte entre os especialistas suíços e a comunidade local, os estudantes desenvolveram, além de habilidades comunicativas, senso de cidadania e protagonismo. Para os participantes do evento, a presença dos mediadores foi essencial para o pleno intercâmbio de ideias e a construção colaborativa de soluções para os problemas hídricos do Tocantins. Essa experiência contribuiu diretamente para a internacionalização da universidade e para o fortalecimento do diálogo em torno da governança das águas. Além disso, reafirma o papel da mediação linguística como instrumento de democratização das decisões e do desenvolvimento econômico e ambiental regional. Outra vez, a ação deu aos alunos três certificações: o exame de proficiência gratuitamente, a capacitação e a participação na mediação.

Considerações finais

Em muitos momentos, o conceito de internacionalização é resumido ao de mobilidade acadêmica, ou seja, enviar ou receber alunos para/de outros países. No entanto, ações de internacionalização em casa são uma alternativa inclusiva para internacionalizar o ensino superior, por envolverem a integração de diferentes setores da sociedade com a vida acadêmica local.

Essas ações permitiram uma ampliação da atuação social dos processos de internacionalização da universidade, indo para além de seus muros, envolvendo

órgãos governamentais e entidades privadas, que colaboraram para: o desenvolvimento econômico e social sustentável da região amazônica, e a formação integral dos alunos, acrescentando vivência profissionais e acadêmicas práticas, internacionais, sem custo para eles, e sem sair de casa. Ademais, a percepção obtida a partir dessas experiências tem fornecido evidências mais sólidas para a gestão de internacionalização da Unitins tomar decisões relacionadas à proficiência em língua inglesa, a preparação discente para o mercado de trabalho e vida acadêmica internacional.

Referências

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS (ApexBrasil). **Exporta Mais Brasil: após rodada em Tocantins, setor de bebidas deve gerar mais de USD 1,7 milhão.** Disponível em: <https://apexbrasil.com.br/br/pt/conteudo/noticias/exporta-mais-brasil-apos-rodada-em-tocantins-setor-de-bebidas-deve-gerar-mais-de-usd-1-7-milhao.html>. Acesso em: 02 jul. 2025.

EUROPARAT. **Gemeinsamer europäischer Referenzrahmen für Sprachen: Lernen, Lehren, Beurteilen. München: Langenscheidt, 2001.** Disponível em: <http://www.goethe.de/referenzrahmen>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SECRETARIA DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO TOCANTINS (Seagro). **Agrotins.** Disponível em: <https://www.to.gov.br/seagro/agrotins/2cur98lfwlpu>. Acesso em: 01 jul. 2025.

LISTA DE AUTORES E CONTATOS

1 – Adriana Leonidas de Oliveira (UNITAU)	adriana.loliveira@unitau.br
2 – Adriana Reis Monteiro de Oliveira (UESPI)	adrianareis@uespi.br
3 – Aldemir Barros da Silva Júnior (UNEAL)	aldemir.barros@uneal.edu.br
4 – Aline Priscilla Brancalhão Züge (UEM)	apbzuge2@uem.br
5 – Ana Carolina Lima (UEMA)	analima@uema.br
6 – Anderson Marques do Amaral (UNEMAT)	andersonamaral@unemat.br
7 – André Luis Nunes Zogahib (UEA)	zogahib@uea.edu.br
8 – Anelise Copetti Dalla Corte (UNICENTRO)	anelise@unicentro.br
9 – Antonio Rodrigues Ferreira Júnior (UECE)	arodrigues.junior@uece.br
10 – Áurea de Andrade Vieira de Andrade (UNESPAR)	aurea.viana@unespar.edu.br
11 – Bruno Montanari Razza (UEM)	bmrazza@uem.br
12 – Cibele Krause Lemke (UNICENTRO)	cklemke@unicentro.br
13 – Daniel Robson Mendes (UEMG)	daniel.mendes@uemg.br
14 – Dan Xu (UNEMAT)	xudan225@gmail.com
15 – Eneida Soanne Matos Campos de Oliveira (UEFS)	soanne@uefs.br
16 – Érica Thereza Farias Abrêu (UNEAL)	erica.abreu@uneal.edu.br

Boas práticas de Internacionalização nas universidades afiliadas à ABRUEM

17 – Fabiana Andrade Machado (UEM)	amachado@uem.br
18 – Fabiano Burgo (UEM)	fburgo@uem.br
19 – Fabrinny Pereira Machado (UNITINS)	fabrinny.pm@unitins.br
20 – Fábio Henrique Rosa Senefonte (UENP)	fabiosenefonte@uenp.edu.br
21 – Francisca das Chagas da Silva	fcsilva@aluno.uespi.br
22 – Francisco Edmar Pereira Neto (UESPI)	edmar.pereira@uece.br
23 – Gilberto Fisch (UNITAU)	gilberto.fisch@unitau.br
24 – Harumy Mariá Aono da Silva (UEM)	ra139167@uem.br
25 – Isabel Cristina Vollet Marson (UEPG)	imarson@uepg.br
26 – Janaina Viana Norat Porta (UEM)	janainanorat@gmail.com
27 – Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima (UNEAL)	jeylla.salome@uneal.edu.br
28 – Jofran Luiz de Oliveira (UNEMAT)	jofran@ufr.edu.br
29 – Jorge Luis Queiroz Carvalho (UERN)	jorgecarvalho@uern.br
30 – José Celso Freire Junior (UNESP)	jose-celso.freire@unesp.br
31 – José Airton de Freitas Pontes Junior (UCE)	jose.airton@uece.br
32 – Juliane D’Almas (UNESPAR)	juliane.dalmas@unespar.edu.br
33 – Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa (UEFS)	karla@uefs.br

Boas práticas de Internacionalização nas universidades afiliadas à ABRUEM

34 – Karina Marcondes Colet (UNEMAT)	karinacolet@casacivil.mt.gov.br
35 – Kátia do Nascimento Couceiro (UEA)	kcouceiro@uea.edu.br
36 – Ketúcia Mirlene Duarte de Lima (UERN)	ketuciamirlene@uern.br
37 – Keyla Maria Frota Lemos (UERN)	keylafrota@uern.br
38 – Leticia Ayumi Hashimoto (UEM)	ra138165@uem.br
39 – Lígia Barros de Freitas (UEMG)	ligia.freitas@uemg.br
40 – Lilian Fittipaldi Gardin Berdu (UEM)	mobility@uem.br
41 – Lívia Zanholo Santos (UNITINS)	livia.zs@unitins.br
42 – Lowhayne Holmem Tuiller Estevam (UEM)	lowhayne.ht.estevam@gmail.com
43 – Luana Cristina de Oliveira Santos (UEM)	luaoliveirasantos@gmail.com
44 – Luciana Cabrini Simões Calvo (UEM)	lcsimoes@uem.br
45 – Lúcio José Dutra Lord (UNEMAT)	internacionalizacao@unemat.br
46 – Márcia Marcondes Altimari Samed (UEM)	mmasamed@uem.br
47 – Marcio Pascoal Cassandre (UEM)	mpcassandre@uem.br
48 – Marco Antônio Silva Almeida (UESPI)	marcoalmeida@aluno.uespi.br
49 – Marila Annibelli Vellozo (UNESPAR)	marila.veloso@unespar.edu.br
50 – Mariza Pereira da Silva (UNEMAT)	mariza.silva@unemat.br

Boas práticas de Internacionalização nas universidades afiliadas à ABRUEM

51 – Mariza Tulio (UEPG)	mtulio@uepg.br
52 – Mayckel da Silva Barreto (UEM)	msbarreto@uem.br
53 – Monica Franchi Carniello (UNITAU)	monica.carniello@unitau.br
54 – Myllena de Souza Medrado (UNITINS)	myllena.sm@unitins.br
55 – Neiva Maria Jung (UEM)	neiva.jung@gmail.com
56 – Orlando Maurício de Carvalho Berti (UESPI)	berti@uespi.br
57 – Patricia de Aquino (UNITINS)	patricia.ap@unitins.br
58 – Ramon Alves Lima (UEM)	ramonlima103@gmail.com
59 – Renato Leão Rego (UEM)	rlrego@uem.br
60 – Rita Castro (UEFS)	ritacastro@uefs.br
61 – Rita de Cássia Oliveira Chiletto (UNEMAT)	ritachiletto@casacivil.mt.gov.br
62 – Rosenery Loureiro Lourenço (UEMS)	rosenery@uems.br
63 – Sidney Pereira dos Santos (UEFS)	spsantos1@uefs.br
64 – Silas Nogueira de Melo (UEMA)	silasmelo@professor.uema.br
65 – Stefanie Zerba Monteiro (UEMA)	stefaniemonteiro@uema.br
66 – Sulany Silveira dos Santos (UEPG)	sssantos@uepg.br
67 – Valentina Cristine Sampaio Carvalho (UEA)	vcsc.lin22@uea.edu.br
68 – Valeska Virgínia Soares Souza (UNESP)	valeskasouza@ufu.br

Boas práticas de Internacionalização nas universidades afiliadas à ABRUEM

69 – Vanesca Korasaki (UEMG)	vanesca.korasaki@uemg.br
70 – Vanúbia Araújo Laulate Moncayo (UEA)	vmoncayo@uea.edu.br
71 – Viviane Bagio Furtoso (UEL)	viviane@uel.br
72 – Taline Cristina da Silva (UNEAL)	taline.cristina@uneal.edu.br
73 – Zaíra Nakala da Silva Câmara (UERN)	zairanakala@uern.br

Formato: 148 mm X 210 mm

Fonte: Euphemia UCAS, 11, 12, 14 e 18, simples, negrito e itálico.

Papel miolo: alcalino 75 g/m² (a título de comparação impressa)

Papel capa: cartão supremo, 250 g/m²



Boas práticas de Internacionalização nas universidades afiliadas à ABRUEM

Fábio Antonio Neia Martini
Fábio Henrique Rosa Senefonte
Orlando Maurício de Carvalho Berti
(Organizadores)

Nesta nova obra da Câmara de Internacionalização e Mobilidade da ABREUM - Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais - são refletidos, em 29 textos, casos exitosos de internacionalização das afiliadas à Abruem. São estudos de caso e boas práticas que servem de reflexão, inspiração e reverberação sobre o que é, a importância e os rumos da internacionalização das universidades brasileiras.

